

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CINEMA E AUDIOVISUAL

RYAN BRANDÃO BARBOSA REINH DE ASSIS

**A CINEMATOGRAFOMANIA AFETA A PRINCESA DE MINAS:
OS PRIMÓRDIOS DO CINEMA EM JUIZ DE FORA (1897-1910)**

UNIVERSIDADE
FEDERAL
FLUMINENSE

Niterói

Maio de 2024

GHENT UNIVERSITY
FACULTY OF POLITICAL AND SOCIAL SCIENCES
DEPARTMENT OF COMMUNICATION SCIENCES

RYAN BRANDÃO BARBOSA REINH DE ASSIS

**THE CINEMATOGRAPHOMANIA AFFECTS THE PRINCESS OF MINAS:
EARLY CINEMA IN JUIZ DE FORA (1897-1910)**



**GHENT
UNIVERSITY**

Ghent
May 2024

Ryan Brandão Barbosa Reinh de Assis

A cinematografomania afeta a Princesa de Minas:
os primórdios do cinema em Juiz de Fora (1897-1910)

Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal Fluminense (UFF), como exigência para a obtenção do título de Doutor em Cinema e Audiovisual, e à Ghent University (UGent), como exigência para a obtenção do título de Doutor em Ciência da Comunicação.

Orientadores:

Prof. Dr. João Luiz Vieira (UFF)

Prof. Dr. Daniel Biltreyst (UGent)

Niterói

Maio de 2024

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

A848c Assis, Ryan Brandão Barbosa Reinh de
A cinematografomania afeta a Princesa de Minas : os
primórdios do cinema em Juiz de Fora (1897-1910) / Ryan
Brandão Barbosa Reinh de Assis. - 2024.
428 f.: il.

Orientador: João Luiz Vieira.
Coorientador: Daniel Biltereyst.
Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Instituto
de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2024.

1. Exibidores ambulantes. 2. Sedentarização. 3. Juiz de
Fora. 4. Histórias de cinemas. 5. Produção intelectual. I.
Vieira, João Luiz, orientador. II. Biltereyst, Daniel,
coorientador. III. Universidade Federal Fluminense. Instituto
de Arte e Comunicação Social. IV. Título.

CDD - XXX



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL



PPGCINE UFF

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CINEMA E AUDIOVISUAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Ata de Defesa do doutorando **RYAN BRANDÃO BARBOSA REINH DE ASSIS**, na forma em que se segue:

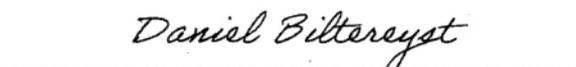
Em 06 (seis) de maio de dois mil e vinte e quatro, sob o regime de cotutela com o Departamento de Comunicação da Universidade de Gent, Bélgica, às 09:30 horas (14:30 horas em Bruxelas), na sede do Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual, Rua Professor Marcos Waldemar de Freitas Reis, bloco J, sala J-10, São Domingos, Niterói, Rio de Janeiro, instalou-se, sob o formato híbrido, a banca examinadora da tese de Doutorado em Cinema e Audiovisual de **RYAN BRANDÃO BARBOSA REINH DE ASSIS**, formada pelos seguintes professores doutores(as): João Luiz Vieira (orientador, UFF), Daniel Biltereyst (orientador, UGent), Rafael de Luna Freire (UFF), Talitha Gomes Ferraz (ESPM/UFF), Alessandra Souza Melett Brum (UFJF) e Philippe Meers (UAntwerpen). Abertos os trabalhos, o presidente da banca passou a palavra ao aluno para que expusesse oralmente o seu trabalho, intitulado: “**A CINEMATOGRAFOMANIA AFETA A PRINCESA DE MINAS: os primórdios do cinema em Juiz de Fora (1897-1910)**”. Feita a exposição, o presidente da banca passou a palavra aos outros membros para que comentassem o trabalho e arguissem o aluno, para a seguir, também comentar o trabalho e as observações feitas pelos professores. Após os comentários, a banca reuniu-se e emitiu o seguinte parecer:

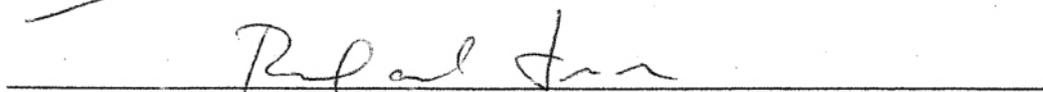
A banca destaca o esforço na revisão da história da exibição cinematográfica em Juiz de Fora no momento de transição para a exibição sedentária e a extensão da pesquisa realizada durante o recente período pandêmico. E sublinha os caminhos abertos pela pesquisa para futuros trabalhos acadêmicos bem como o seu aprofundamento teórico-metodológico, evidenciando sua contribuição para o campo da New Cinema History.

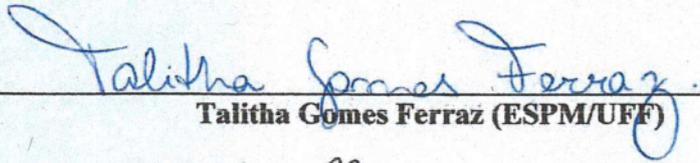
Assim, a banca considerou o aluno **APROVADO (X) NÃO APROVADO ()**.

Nada mais havendo, foram encerrados os trabalhos e nós, João Luiz Vieira e Daniel Biltereyst, lavramos esta ata, que vai por nós assinada e pelos demais membros da banca:

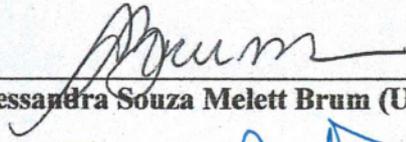

João Luiz Vieira (UFF)


Daniel Biltereyst (UGent)


Rafael de Luna Freire (UFF)



Talitha Gomes Ferraz (ESPM/UFF)



Alessandra Souza Melett Brum (UFJF)



Philippe Meers (UAntwerpen)

Agradecimentos

Finalizar esta pesquisa foi o maior desafio que eu já enfrentei. Porém, ela não foi concluída sozinho. Agradeço a **Deus**, razão de tudo o que sou e faço, por iluminar o meu caminho. À minha mãe, **Regina Brandão Barbosa Reinh de Assis**, por todo o amor, carinho e dedicação. Ao meu pai, **Ronaldo Reinh de Assis**, maior exemplo de honestidade e integridade, por sonhar junto comigo. Ao meu irmão, **Ronaldo Cláudio de Assis**, pelo apoio e amizade. Sem vocês, eu não seria sequer o meu nome! Durante o doutorado, duas tias muito queridas faleceram: **Rita e Regina Reinh de Assis**. A elas, por sempre me receberem com um sorriso no rosto. Vocês estarão eternamente no meu coração!

Agradeço também a **João Luiz Vieira**, meu orientador, pelo estímulo permanente. Ao longo dos últimos anos, tive que superar diversos obstáculos. A sua compreensão e preocupação tornaram o caminho muito mais leve. Obrigado pela leitura minuciosa do meu trabalho. Levarei para a vida todos os ensinamentos compartilhados. Quando menciono João Luiz, incluo necessariamente **Luiz Antônio Coelho**, que deu várias contribuições para esta investigação – sobretudo a respeito da metodologia a ser empregada e como elaborar as considerações finais. Os seus apontamentos aprimoraram a qualidade do meu texto. A **Daniel Biltreyst**, meu coorientador, por ter me acolhido tão bem na Ghent University. Sou muito grato pela sua disponibilidade. Eu espero que a nossa parceria gere outros projetos e que possamos concluir aquele que foi interrompido pela pandemia.

A minha banca examinadora foi composta por **Alessandra Souza Melett Brum**, **Philippe Meers**, **Rafael de Luna Freire** e **Talitha Gomes Ferraz**. Agradeço pela análise cuidadosa da tese. As sugestões feitas foram extremamente construtivas, pois me ajudaram a identificar pontos de melhoria. Vocês não apenas enriqueceram o processo avaliativo, mas também reafirmaram o compromisso com a excelência acadêmica. Eu torço para que as nossas trajetórias se cruzem novamente no futuro. No começo do doutorado, eu frequentei disciplinas incríveis. Além das que foram ministradas por João Luiz, Rafael e Talitha, as de **Fabián Rodrigo Magioli Núñez**, **Fernando Morais da Costa** e **Tunico Amâncio da Silva**. Os cursos foram essenciais para ampliar o meu conhecimento sobre o campo do Cinema e Audiovisual. A eles, a minha gratidão. Desde a sua fundação, o PPGCine foi coordenado por **Mariana Baltar Freire**, **Índia Mara Martins** e **Marina Cavalcanti Tedesco**. Todas elas sempre foram extremamente solícitas quando eu precisei de ajuda para resolver questões administrativas. Obrigado também à discente **Eduarda Andréa Barbosa Campos**, pelo auxílio após a defesa.

Encontrar amigos durante a pós-graduação torna o processo mais divertido. Fico muito feliz por ter compartilhado esse momento com **Livia Maria Gonçalves Cabrera** e **Sancler Ebert**. Suas palavras de encorajamento foram essenciais para a conclusão desta pesquisa. Que venham muitos artigos escritos a seis mãos e que a plataforma “histórias de cinemas” – projeto do qual nós temos muito orgulho – tenha vida longa! Além deles, não posso deixar de citar **Adriano da Costa Bidão**, **Bruno Sérgio Scarpa Monteiro Guedes**, **Filipe Brito Gama** e **Tiago Bravo Pinheiro de Freitas Quintes**, pelas experiências divididas ao longo da jornada. **Fernanda Bonizol Ferrari**, **Fernanda Teixeira Mendes**, **Gabriela Soares Cabral**, **Marcela de Almeida Alvim** e **Raphaela Benetello Marques** nunca permitiram que eu desviasse do meu propósito. Sempre dispostas a ajudar, elas colaboraram significativamente para o sucesso deste trabalho.

Em meio à pandemia, tive que visitar os arquivos de Juiz de Fora. **Antônio Henrique Duarte Lacerda** (do Arquivo Municipal de Juiz de Fora), **Eduardo Faria**, **Fátima de Araújo Aguiar**, **Heliane Casarin Henriques** e **Marília Lopes Guimarães Pedrosa** (da Biblioteca Municipal Murilo Mendes), **Rosane Carmanini Ferraz** e **Sérgio Augusto Vicente** (do Arquivo do Museu Mariano Procópio) tornaram possível o levantamento dos dados. A eles / elas, a minha eterna gratidão. Por fim, eu não poderia deixar de agradecer a **Clare Marie Povey Zambelli**, por me auxiliar com a tradução para o inglês, e a **CAPES**, pela bolsa do PDSE, que me permitiu fazer uma parte do doutorado na Bélgica.

A **CINEMATOGRAFOMANIA**¹ é a doença da moda.
Juiz de Fora, então, é um vasto hospital de cinematografomanos².
Só o tempo, o grande mestre e, quase sempre, o grande médico,
poderá dar alívio a tantos enfermos.
(*O Pharol*, 17 de outubro de 1909, p.1)

¹ A palavra “cinematografomania” é formada pela junção de “cinematógrafo” (projektor fabricado pelos irmãos Lumière) e “mania” (compulsão / obsessão). É a mesma construção empregada em “cleptomania”.

² Com base na nota de rodapé anterior, a palavra “cinematografomanos” designa os indivíduos que foram afetados pela “cinematografomania”. É o mesmo sentido atribuído aos “cleptômanos”.

Resumo

Esta tese almeja reunir informações sobre os primórdios do cinema em Juiz de Fora – cidade situada no estado de Minas Gerais, Brasil. O período analisado vai de 1897 a 1910, momento que se caracterizou pela proliferação de exibidores ambulantes e pela construção das primeiras salas fixas de cinema na sua região central – como, por exemplo, o Cinema Juiz de Fora (1908), o Cinema Pharol (1910) e o Polytheama (1910). Por sua vez, esta investigação se alinha aos objetivos das histórias de cinemas / da New Cinema History que, ao longo das últimas décadas, vêm propondo uma revisão do olhar hegemônico da História do Cinema, no sentido de descentralizar o foco mais tradicional dos estudos sobre os filmes e os seus diretores para uma valorização de outros aspectos relacionados à distribuição, exibição e recepção, nos mais variados contextos econômicos, culturais e sociais.

Palavras-chave: Exibidores ambulantes; Sedentarização; Juiz de Fora; histórias de cinemas; New Cinema History.

Abstract

This doctoral dissertation aims to gather information about the early cinema in Juiz de Fora – a city located in the state of Minas Gerais, Brazil. The period analyzed spans from 1897 to 1910, a time characterized by the proliferation of travelling exhibitors and the construction of the first permanent movie theaters in its central area – such as Cinema Juiz de Fora (1908), Cinema Pharol (1910), and Polytheama (1910). This investigation aligns with the objectives of the stories of cinemas / New Cinema History, which have been proposing a revision of the hegemonic view of Film History over the past few decades, in order to decentralize the more traditional focus on films and their directors to give importance to other aspects related to distribution, exhibition and reception, in a variety of economic, cultural and social contexts.

Keywords: Travelling exhibitors; Sedentarization; Juiz de Fora; stories of cinemas; New Cinema History.

Lista de Figuras

Figura 1	Vista de Juiz de Fora (1890)	22
Figura 2	Encontro da Rua Direita com a Rua da Imperatriz (1890)	23
Figura 3	Colégio Mineiro	23
Figura 4	Fachada do Cine-Theatro Popular	28
Figura 5	Integrantes da Produtora Carriço Film	28
Figura 6	Fachada do Cine-Theatro Central (2024)	29
Figura 7	Interior do Cine-Theatro Central (2024)	29
Figura 8	Fachada do Cine-Theatro Paratodos	30
Figura 9	Mariano Procópio Ferreira Lage	48
Figura 10	Maria Amália Ferreira Lage	48
Figura 11	Frederico Ferreira Lage e Alice Ferreira Lage	49
Figura 12	Alfredo Ferreira Lage	51
Figura 13	Maria Pardos	51
Figura 14	Fachada do Theatro Juiz de Fora	53
Figura 15	Plateia do Theatro Juiz de Fora	54
Figura 16	Palco do Theatro Juiz de Fora	54
Figura 17	Anúncio do espetáculo de Augusto Lenep e do Professor Kij no Theatro São Luís	61
Figura 18	Anúncio do espetáculo do Professor Kij no Theatro Juiz de Fora	64
Figura 19	Anúncio do adiamento do espetáculo do Professor Kij no Theatro Juiz de Fora	64
Figura 20	Anúncio da loja Novidades Americanas	70
Figura 21	Anúncio da primeira apresentação do Professor Kij no Loyd's Pleasure Pier Theatre	71

Figura 22	Anúncio da última apresentação do Professor Kij no Loyd's Pleasure Pier Theatre	71
Figura 23	Fachada do Theatro Municipal João Caetano (1904)	86
Figura 24	Fachada do Theatro Municipal João Caetano (2022)	86
Figura 25	Fachada do Theatro São Salvador	88
Figura 26	Fachada do Theatro Hauer (1913)	92
Figura 27	Estado atual da fachada do prédio onde funcionou o Theatro Hauer, o Cine-Theatro Marabá e o Cine Bristol (2022)	92
Figura 28	O Theatro Álvaro de Carvalho e imediações no final do século XIX	95
Figura 29	Fachada do Theatro Álvaro de Carvalho (2023)	95
Figura 30	Gravura do Theatro Sete de Setembro (1847)	97
Figura 31	Fachada do Theatro 28 de Setembro	98
Figura 32	Fachada do Theatro Treze de Maio (1902)	99
Figura 33	Fachada do Theatro Treze de Maio (2024)	100
Figura 34	Fachada do Theatro São Pedro	102
Figura 35	Fachada do Theatro São Pedro (2023)	102
Figura 36	Fachada do Theatro Municipal de São João Del-Rei (2023)	105
Figura 37	Fachada do Theatro Cassino Fluminense	106
Figura 38	Fachada do Cine-Theatro Alencar na primeira metade do século XX	107
Figura 39	Fachada do Cine-Theatro Alencar (2024)	107
Figura 40	Apolônia Pinto (1870)	112
Figura 41	Apolônia Pinto na capa da Revista <i>Vida Fluminense</i>	112
Figura 42	Apolônia Pinto e Germano Alves são entrevistados por Edmundo Lys no palco do Theatro Fênix (1930)	112

Figura 43	Apolônia Pinto e Germano Alves (1930)	112
Figura 44	Arthur Rockert	118
Figura 45	Anúncio do Salão High-Life no <i>Jornal do Commercio</i>	122
Figura 46	Anúncio do Salão High-Life em <i>O Pharol</i>	122
Figura 47	O Bazar Lion	124
Figura 48	Cartão postal com reprografia colorida do Theatro Melpomene (1906)	136
Figura 49	Folheto da Imperial Companhia Japonesa Kudara distribuído em Juiz de Fora com a programação do primeiro espetáculo	139 a 142
Figura 50	Esquina da Rua Direita com a Rua Halfeld	160
Figura 51	Interior do Cinema Pharol	170
Figura 52	Plateia do Polytheama	171
Figura 53	Palco do Polytheama	171
Figura 54	Conferência do político Ruy Barbosa no Polytheama (1919)	172

Lista de Mapas

Mapa 1	Cidades onde o Professor Kij se apresentou com o Quinetoscópio	72
Mapa 2	Cidades onde o Professor Kij se apresentou com o Vitascópio	72
Mapa 3	Cidades onde a Companhia de Variedades Germano Alves / Empresa Apolônia Pinto se apresentou com o Cinematógrafo	111
Mapa 4	Cidades onde a W. Rockert & Comp. se apresentou	118
Mapa 5	Cidades onde o Salão Novidades foi montado	127
Mapa 6	Cidades onde a trupe contratada por Carlos Alberto Nunes Leal se apresentou	129
Mapa 7	Cidades onde a Empresa Tiradentes se apresentou	132
Mapa 8	Cidades onde a Companhia João Garcia se apresentou	136
Mapa 9	Cidades onde a Imperial Companhia Japonesa Kudara se apresentou	146

Lista de Tabelas

Tabela 1	Percurso da Companhia de Variedades Germano Alves / Empresa Apolônia Pinto pelo Brasil entre os anos de 1897 e 1899	107 - 110
-----------------	---	--------------

Sumário

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I – OS PRIMEIROS SINTOMAS	37
1.1 – O Theatro Juiz de Fora: uma iniciativa dos irmãos Ferreira Lage	47
1.2 – O Professor Kij <i>versus</i> o sistema de iluminação de Juiz de Fora	57
1.2.1 – De prestidigitador a projetcionista: a trajetória do Professor Kij	60
1.3 – As duas temporadas de Apolônia Pinto e Germano Alves em Juiz de Fora	73
1.3.1 – Dos palcos às exibições: a trajetória de Apolônia Pinto e Germano Alves	77
1.4 – O fim dos lanternistas?	113
CAPÍTULO II – A DOENÇA SE ALASTRA	115
2.1 – W. Rockert & Comp.	116
2.2 – Carlos Alberto Nunes Leal	119
2.3 – Companhia João Garcia	134
2.4 – Imperial Companhia Japonesa Kudara	136
2.5 – Ernesto Acton de Sá	147
2.6 – José Werre	148
2.7 – Edouard Hervet	149
2.8 – José Barucci	151
2.9 – Joseph Adams Gott & Cia.	152
2.10 – Theatro Circo Variedades	153
2.11 – Pimenta & Cia.	153
2.12 – A. Romero	154
2.13 – Guimarães & Cia.	154
2.14 – Empresa Brasileira de Cinematógrafo	154
2.15 – Windsor Castle	155
2.16 – William & Cia.	156

CAPÍTULO III – A DOENÇA CRIA RAÍZES	158
3.1 – Cinematógrafo Brasil	159
3.2 – Cinema Pharol (Lussac & Almeida)	160
3.3 – Radium-Grapho-Cinema	162
3.4 – Cinema Pathé	162
3.5 – Cinema Juiz de Fora	163
3.6 – Cinema Paris	165
3.7 – Ideal Cinema	167
3.8 – Cinema-Theatro	167
3.9 – Cinema Pharol (João Evangelista da Silva Gomes)	168
3.10 – Polytheama	170
3.11 – As discussões na Câmara Municipal sobre o imposto do Cinematógrafo	172
CONSIDERAÇÕES FINAIS	175
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	181
REFERÊNCIAS HEMEROGRÁFICAS	193
ANEXOS	220

INTRODUÇÃO

Antes de passar propriamente para a introdução mais formal desta tese, eu gostaria de deixar registrado aqui um depoimento muito pessoal e necessário, que marca especialmente os enormes desafios de um momento histórico que, com toda certeza, diversas pesquisas ao redor do mundo tiveram que enfrentar durante os primeiros anos da década de 2020. Logo, de início, eu apresento um resumo da minha trajetória no doutorado, que foi profundamente impactada pela pandemia do novo coronavírus.

No mês de agosto de 2017, eu ingressei no Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense (UFF). Portanto, eu faço parte da primeira turma de doutorandos. Inicialmente, o meu projeto propunha realizar um mapeamento das salas de cinema situadas nas periferias de Paris que, no pós-Segunda Guerra Mundial, exibiam filmes para audiências de origem norte-africana, além de refletir sobre as práticas de ida ao cinema desses espectadores. O professor João Luiz Vieira foi designado como orientador da pesquisa. Por constituir requisito essencial para a conclusão da pós-graduação, entre o segundo semestre de 2017 e o segundo semestre de 2018, eu cursei todas as disciplinas exigidas. Além disso, no primeiro semestre de 2018, eu realizei o estágio docência no Bacharelado em Cinema e Audiovisual da UFF. Naquela ocasião, eu ministrei a disciplina Estudos em História do Cinema Mundial II (Tema: Cinema-going, Exibição e Recepção: Estudos Multi-metodológicos). A troca com os estudantes, na sala de aula, foi fundamental para o amadurecimento da minha investigação.

Em 26 de fevereiro de 2019, fui comunicado pela coordenação que havia sido selecionado para receber, durante um período de doze meses, a bolsa PDSE / CAPES. Sob a supervisão do professor Daniel Biltreyst, a minha intenção era permanecer na Ghent University (UGent), Bélgica, de setembro de 2019 a agosto de 2020. Por causa disso, eu qualifiquei em 22 de agosto de 2019. A banca foi composta por João Luiz Vieira, Rafael de Luna Freire (UFF) e Alessandra Souza Melett Brum, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Em 1º de setembro de 2019, viajei para a Bélgica. A proximidade com a França permitiu que eu visitasse diversos arquivos públicos e privados do país. A minha pesquisa progredia à medida que coletava novas informações sobre o assunto. Entretan-

to, a partir de março de 2020, o novo coronavírus se disseminou pelas nações europeias e também pelo Brasil. Diante de um cenário pandêmico, a CAPES me deu duas opções. A primeira delas era permanecer residindo na Bélgica até agosto de 2020, quando a minha bolsa terminaria. Essa alternativa não era viável. Em virtude do fechamento da fronteira com a França e da paralisação das atividades dos arquivos por tempo indeterminado, era bastante provável que eu não iria concluir a investigação no prazo. Já a segunda era voltar imediatamente ao Brasil e esperar até que a situação sanitária se normalizasse. Nesse caso, a bolsa seria suspensa durante o período que eu ficasse no meu país. Com o controle da pandemia, ela seria reativada e eu poderia finalizar a pesquisa na França. Depois de conversar com Daniel e João Luiz, nós concordamos que essa era a única escolha possível. Portanto, em 20 de março de 2020, retornei ao Brasil. Na ocasião, eu consegui pegar um dos últimos voos antes do fechamento do Aeroporto de Bruxelas. Fiz duas escalas – em Madri e Lisboa – antes de aterrissar em São Paulo. De lá, foram mais oito horas de ônibus até Juiz de Fora.

Tal como várias pessoas, eu acreditava que, dentro de poucos meses, a crise seria superada. Contudo, não foi isso o que ocorreu. Devido ao atraso da vacinação em massa, consequência da política genocida orquestrada pelo então Presidente da República, recebi a segunda dose somente em 19 de agosto de 2021 – aproximadamente um ano e cinco meses depois do retorno ao meu país. Tendo tomado as duas doses, eu tentei estabelecer uma comunicação com a CAPES, por meio do Sistema Linha Direta, para saber se seria possível terminar a investigação no exterior. Desde o início da pandemia, tive muitas dificuldades para entrar em contato com a agência de fomento que fornecia a minha bolsa. Uma simples dúvida demorava meses para ser respondida por seus técnicos, quando era. Mais uma vez, eu não logrei êxito. Dessa maneira, mesmo tendo tomado as duas doses, a falta de suporte da CAPES num momento tão delicado, as restrições de locomoção entre o Brasil, a Bélgica e a França, que persistiam, e o fato da maior parte dos arquivos parisienses ainda estarem fechados, sem previsão de reabertura, tornavam o meu regresso impossível. Eram vários problemas para lidar. Diante disso, em outubro de 2021, eu e João Luiz conversamos e decidimos mudar o tema da minha tese. Naquele momento, era a única saída. Isso se deu mais de quatro anos depois do meu ingresso no Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual da UFF, quando eu já deveria ter defendido. Daniel concordou que a troca era o melhor a ser feito, pois a situação na Europa ainda era muito crítica e, a cada dia, a imprensa nos alertava sobre o aparecimento de novas variantes do vírus.

Como eu nasci e resido em Juiz de Fora, nada mais lógico do que tentar reconstituir, no novo projeto, uma parte importante da sua história. Portanto, eu sugeri uma análise dos primórdios do cinema no município de Minas Gerais – mais precisamente, do período compreendido entre 1897 e 1910, que foi caracterizado pela passagem de diversos exibidores ambulantes e pela construção das primeiras salas fixas. Daniel gostou do tema e propôs que fosse estabelecida uma cotutela entre a UGent e a UFF. Em 28 de março de 2022, após a conclusão dos procedimentos administrativos, a Secretaria de Relações Internacionais da UFF me enviou um e-mail informando que a cotutela havia sido firmada entre as instituições de ensino. Pelo o que me foi passado, essa foi uma das primeiras cotutelas do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual da UFF. Porém, os problemas para realizar a pesquisa continuavam. Devido à pandemia, o Arquivo da UFJF, o Arquivo do Museu Mariano Procópio, o Arquivo Municipal de Juiz de Fora e a Biblioteca Municipal Murilo Mendes – os mais conhecidos “espaços de memória”³ da cidade – apenas reabriram, de fato, no final do primeiro semestre de 2022. Quando as atividades foram retomadas, os seus funcionários tiveram que lidar com um grande número de solicitações. Como as equipes dos arquivos da cidade são reduzidas, as demandas estavam demorando bastante para serem atendidas. Todavia, ao explicar a minha situação, eu tive a sorte de ser acolhido por profissionais que não pouparam esforços para me ajudar⁴. Dessa forma, pude começar a nova pesquisa, cujos resultados vocês têm em mãos. Esta tese, tal como tantas outras que foram desenvolvidas, ao redor do globo, nos últimos anos, deve ser lida levando em consideração o contexto pandêmico no qual foi produzida. Logo, ela traz resultados que, diante de tantos obstáculos enfrentados, foram os possíveis para o momento.

No Ciclo da Mineração, o Caminho Velho representou, durante bastante tempo, a principal rota utilizada para o transporte de ouro e diamantes entre as regiões produtoras de Minas Gerais e o Rio de Janeiro – então capital do Brasil Colônia. Porém, além de ter

³ Em “Os guardiões da memória: uma reflexão sobre a pesquisa em arquivo no projeto *Minas é Cinema*” – artigo que integra a coletânea “Histórias de cinemas de rua de Minas Gerais” (2021) –, Alessandra Souza Melett Brum utiliza a expressão “espaços de memória” para fazer referência aos arquivos.

⁴ Nos Agradecimentos, eu disse que Antônio Henrique Duarte Lacerda (do Arquivo Municipal de Juiz de Fora), Eduardo Faria, Fátima de Araújo Aguiar, Heliane Casarin Henriques e Marília Lopes Guimarães Pedrosa (da Biblioteca Municipal Murilo Mendes), Rosane Carmanini Ferraz e Sérgio Augusto Vicente (do Arquivo do Museu Mariano Procópio) deram uma enorme contribuição para a realização desta pesquisa. A eles / elas, a minha eterna estima.

diversos obstáculos topográficos, o que tornava o trajeto demorado, o Caminho Velho era perigoso por atrair bandidos que almejavam roubar as mercadorias valiosas. Com a finalidade de deslocar as riquezas de modo mais rápido e seguro, a Coroa Portuguesa ordenou que fosse aberta uma nova rota. Em 1707, o Caminho Novo foi inaugurado. Além de impulsionar os negócios, pelo fato de contar com uma infraestrutura mais apropriada para o traslado de cargas, a implementação dessa passagem teve um impacto significativo na ocupação de várias regiões. É o caso daquela que, tempos depois, daria origem a Juiz de Fora. As pessoas que se estabeleceram ao longo do Caminho Novo dedicavam-se basicamente ao pequeno comércio, à lavoura e à criação de gado. Tais atividades davam suporte aos viajantes, pois garantiam que eles tivessem acesso aos recursos necessários durante o seu deslocamento. A sua expansão – por exemplo, da produção de café – levou à formação de diversos povoados. Conforme eles cresciam em termos de número de habitantes, economia e importância sociopolítica, eram elevados à categoria de vila ou de cidade.

Na obra “Companhia Mineira de Eletricidade” (1994), que foi produto do Projeto Memória da CEMIG, Carlos Alberto Hargreaves – o seu coordenador – ressalta que, naquela época, todos os povoados situados na Região das Matas do Leste se encontravam sob a jurisdição do governo do Rio de Janeiro, que concedeu sesmarias aos seus funcionários mais importantes. O secretário José Antônio recebeu uma sesmaria onde, hoje, se localiza Juiz de Fora. Entretanto, ele nunca tomou posse das terras que lhe foram doadas. Pelo contrário, ele resolveu vendê-las para Luís Forte Bustamante e Sá, que tinha se aposentado da carreira jurídica no cargo de juiz de fora. Essa posição havia sido criada para interferir nos locais onde a justiça ordinária cometia vários erros, principalmente devido à pressão de famílias influentes. Perto da fazenda onde ele residia, foram abertos muitos armazéns. Assim, os moradores dos povoados próximos iam até as imediações do seu lar para fazer as suas compras. Ao se dirigirem para lá, diziam que estavam “indo ao juiz de fora”. Nesse sentido, o personagem legou o nome de seu cargo à futura cidade⁵. Douglas Fazolatto (2001) menciona que, em 1º de outubro de 1828, foi fundado o distrito de Santo Antônio do Juiz de Fora. Na época, ele estava atrelado ao município de Barbacena. A emancipação definitiva foi promulgada somente em 31 de maio de 1850. Desde então, o distrito passou à categoria de vila, sendo denominada de Vila de Santo Antônio do Paribuna. Em 2 de maio de 1856, a vila foi elevada à condição de cidade. Em 1865, por con-

⁵ Christina Ferraz Musse (2008) afirma que um processo semelhante aconteceu com a Rua do Ouvidor, no centro do Rio de Janeiro.

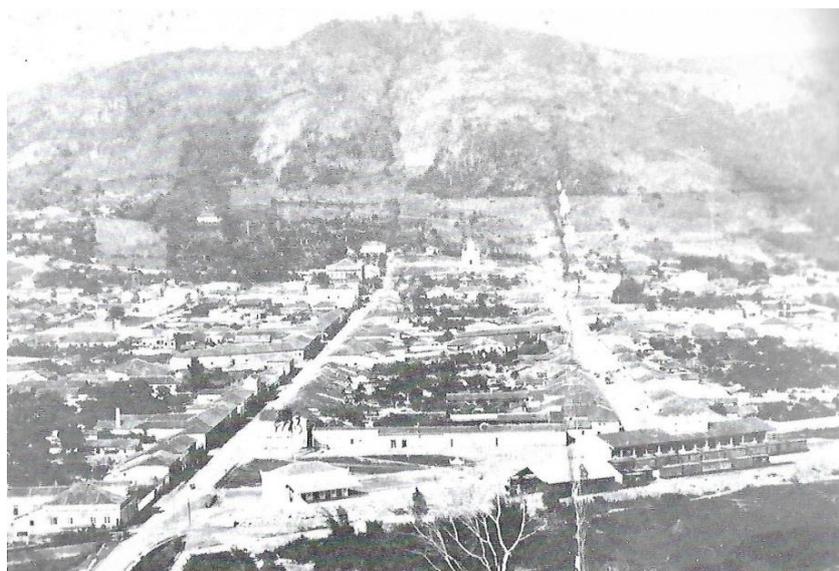
ta de uma sugestão do Barão de São Marcelino – então deputado provincial –, o município voltou a ser conhecido como Juiz de Fora. Dentre as razões para o retorno, o político teria afirmado que o novo nome não caiu nas graças do povo, já que todos continuavam a se referir ao lugar pela antiga denominação. Além disso, o fato de existir dois Paraibunas gerou problemas postais, dificultando bastante o recebimento de cartas.

Juiz de Fora foi impactada pelas transformações socioeconômicas que ocorreram no Brasil a partir da segunda metade do século XIX. Segundo Maraliz Christo (1994), a elite local, procedente do meio rural – sobretudo da produção de café –, foi a responsável por viabilizar, na cidade mineira, um projeto de modernização. Interessada em expandir os seus lucros, ela passa a investir em indústrias – especialmente das áreas alimentícia e têxtil – e em várias atividades culturais. Nesse sentido, é importante frisar que a inauguração, em 23 de junho de 1861, da Estrada de Rodagem União e Indústria, que ligava os municípios de Petrópolis e Juiz de Fora, e, em 30 de dezembro de 1875, de estação da Estrada de Ferro Dom Pedro II – renomeada, no período republicano, para Estrada de Ferro Central do Brasil – ajudaram a alavancar os negócios, pois facilitaram o trânsito de mercadorias e de pessoas. Com a diversificação da economia, que já não se restringia mais à produção de café, o Rio de Janeiro, São Paulo e Goiás se tornaram os principais destinos dos artigos locais. Ao criar relações com outros lugares, Juiz de Fora se afastou temporariamente das suas raízes mineiras. A distância física até a capital – primeiro, Ouro Preto e, depois, Belo Horizonte – acabou estabelecendo, entre elas, barreiras das mais diversas ordens. Por outro lado, devido à proximidade geográfica, é notória a influência exercida pelo Rio de Janeiro naquele momento. A título de exemplo, no tocante à arquitetura, Lola Yazbeck (1999) aponta que o perfil urbano de Juiz de Fora é marcado por construções de estilo neoclássico ou eclético, tais como as encontradas na sede do governo, o que remonta à França. Já a matriz ibérica da arquitetura mineira não se fez presente no traçado do município.

A partir de meados da década de 1880, o processo de modernização foi responsável pela implementação de várias melhorias urbanas em Juiz de Fora. Dentre elas, as instituições de ensino primário e secundário, os serviços de bonde – inicialmente, os de tração animal e, mais tarde, os de tração elétrica –, de telefonia e telégrafo, de iluminação pública e de água encanada para atender as moradias do centro, além da criação de bancos, hospitais, hotéis, jornais e teatros. As Figuras 2 e 3 retratam o progresso. Datada de 1890, a Figura 2 mostra o encontro da Rua Direita – atual Avenida Rio Branco – com a Rua da Imperatriz – atual Rua Marechal Deodoro. Nela, é possível visualizar dois bondes

de tração animal da Ferro Carril Bonds de Juiz de Fora, a redação do periódico *O Pharol* e diversos postes de luz, que asseguravam a iluminação no período noturno. Já a Figura 3 apresenta o Colégio Mineiro. Eu não consegui descobrir o ano da imagem, mas tal instituição de ensino, que se situava na Rua Direita, onde no presente é o Fórum Benjamin Colucci, foi fundada em 1890. Logo, na passagem do século XIX para o XX, Juiz de Fora era vista como um dos centros urbanos mais dinâmicos e prestigiosos da República⁶.

Figura 1 – Vista de Juiz de Fora (1890)



Fonte: AMARAL, Aelson Faria. **Os bondes em Juiz de Fora: imagens eternas.**

Juiz de Fora: Funalfa, 2011, p.16.

⁶ Nos últimos anos do século XIX, exhibições cinematográficas ocorreram em Juiz de Fora. Elas contribuíram para consolidar a imagem da cidade como um dos centros mais efervescentes e ilustres da República. Diversos pesquisadores estudaram a relação entre o Cinema e a Modernidade. Dentre eles, Ben Singer. Em “Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular” – ensaio que integra a coletânea “O cinema e a invenção da vida moderna” (2010), que foi organizada por Leo Charney e Vanessa Schwartz –, tal autor afirma que, no entresséculo XIX-XX, com o crescimento dos municípios, a vida urbana se tornou marcada por um ritmo acelerado e por uma sobrecarga de estímulos visuais e auditivos. Esse ambiente de hiperestímulo, que é resultante das inovações tecnológicas e da intensificação das interações sociais, criou uma demanda por formas de entretenimento que fossem igualmente arrebatadoras e envolventes. Ao oferecer narrativas que capturavam a atenção do público de maneira imediata, o cinema acabou atendendo a essa necessidade.

Figura 2 – Encontro da Rua Direita com a Rua da Imperatriz (1890)



Fonte: AMARAL, Aelson Faria. **Os bondes em Juiz de Fora: imagens eternas.**
Juiz de Fora: Funalfa, 2011, p.14.

Figura 3 – Colégio Mineiro



Fonte: Arquivo de Alberto Surerus Moutinho /
Disponível no site: **Maria do Resguardo** (<https://www.mariadoresguardo.com.br/>)

Em 23 de dezembro de 1960, a UFJF foi criada. Nesse dia, o então Presidente da República Juscelino Kubitschek sancionou a lei nº 3858, que tornou federais as cinco faculdades já existentes no município – Direito, Economia, Engenharia, Farmácia e Odontologia, e Medicina. Por meio desse ato, o patrimônio das instituições de ensino de nível superior passou a pertencer a União, ainda que elas continuassem funcionando com cer-

ta autonomia. A partir de 1971, quando se deu a inauguração do campus e a implantação da reforma universitária, toda a organização e planejamento dos cursos foram centralizados e padronizados, o que estabeleceu o sistema educacional. Atualmente, é possível dizer que a UFJF se tornou um polo de pesquisas, nos mais diversos campos, sobre Juiz de Fora. Tal distinção foi conquistada, ao longo do tempo, com a fundação de cursos de graduação e pós-graduação que produziram excelentes monografias, dissertações e teses sobre a cidade da Zona da Mata mineira. Todavia, até o momento, poucas foram as investigações realizadas sobre cinema de/em Juiz de Fora. Conforme irei demonstrar nos próximos parágrafos, o número fica ainda menor se considerarmos apenas os estudos sobre exibição cinematográfica.

Desenvolvida por mim, Lívia Cabrera e Sancler Ebert – também doutorandos do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual da UFF –, a plataforma “histórias de cinemas” (<https://www.historiasdecinemas.com.br/>) tem o intuito de reunir as pesquisas sobre exibição cinematográfica que foram realizadas nos cursos de pós-graduação *stricto sensu* das Instituições de Ensino Superior públicas e privadas do Brasil. A ideia de criar tal banco de dados surgiu no segundo semestre de 2018, quando nós cursávamos a disciplina História e Teoria da Recepção Cinematográfica (Tema: Histórias de Cinemas, Memórias e Experiências das Audiências), que foi ministrada por João Luiz Vieira e Talitha Gomes Ferraz. O projeto foi fruto da nossa percepção de que, ao longo das últimas décadas, a quantidade de pesquisas sobre exibição cinematográfica havia crescido significativamente no país. Isso acabou refletindo no aumento dos espaços de troca para os interessados no assunto. Por exemplo, entre 2016 e 2022, os encontros da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE) contaram com o Seminário Temático Exibição Cinematográfica, Espectatorialidades e Artes da Projeção no Brasil⁷. Além disso, antes de cada edição da SOCINE, acontece a Pré-SOCINE, evento organizado por João Luiz Vieira que tem como objetivo apresentar a história das salas de cinema localizadas na cidade-sede do congresso, assim como discutir novas metodologias para o campo⁸. Por sua vez, o Grupo de Pesquisa Modos de Ver: Estudo das Salas de Cinema, Exibição e Audiências Cinematográficas (ESPM / CNPq), que é coordenado atualmente por

⁷ No biênio 2016-2017, os coordenadores do Seminário Temático Exibição Cinematográfica, Espectatorialidades e Artes da Projeção no Brasil foram João Luiz Vieira, Márcia Bessa e Wilson Oliveira. Já no biênio 2018-2019, foram João Luiz Vieira, José Cláudio Castanheira e Talitha Gomes Ferraz. Por fim, no biênio 2020-2022, foram João Luiz Vieira, Júlio Bezerra e Wilson Oliveira.

⁸ A Pré-SOCINE já foi realizada em João Pessoa (2017), Goiânia (2018), Porto Alegre (2019), São Paulo (2022) e Foz do Iguaçu (2023). Em 2020 e 2021, o evento não ocorreu por conta da pandemia.

Talitha Gomes Ferraz e Pedro Peixoto Curi, promove encontros, de tempos em tempos, entre acadêmicos que são atraídos pela temática. Esses eventos já contaram com a participação de pesquisadores da área reconhecidos mundialmente. A título de exemplo, Daniel Biltreyst (Ghent University), Daniela Treveri Gennari (Oxford Brookes University), Matthew Jones (De Montfort University) e Philippe Meers (University of Antwerp). Por fim, aconteceu em Juiz de Fora, no dia 17 de maio de 2019, o I Encontro de Pesquisadores em Histórias de Cinemas de Minas Gerais. O evento, que finalizou a segunda etapa do projeto *Minas é Cinema*⁹, reuniu acadêmicos que investigam a história das salas de cinema de Araxá, Juiz de Fora, Patos de Minas, Varginha e Visconde do Rio Branco. Como resultado das apresentações, eu e Alessandra Souza Melett Brum organizamos o *e-book* “Histórias de cinemas de rua de Minas Gerais”, que foi publicado pela Editora da UFJF em 2021.

Ainda que tenha havido um aumento dos espaços de troca, eu, Livia e Sancler acreditávamos que os historiadores da exibição cinematográfica no país dialogavam muito pouco entre si. Portanto, quando lançamos a plataforma – em novembro de 2022, durante a Pré-SOCINE de São Paulo –, nós deixamos bem claro que ela foi pensada para agrupar, em um só local, todas as investigações mapeadas, que são oriundas das mais variadas áreas do conhecimento¹⁰. É importante ressaltar que a dificuldade de acesso a essas pesquisas – sobretudo as que, pelo fato de terem sido realizadas no século XX, raramente apresentavam uma versão digital – fazia com que ótimos estudos não circulassem como deveriam. Muitas vezes, eles acabavam ficando restritos às bibliotecas das instituições nas quais foram desenvolvidos. Logo, o banco de dados surgiu para facilitar a difusão dos trabalhos entre as pessoas interessadas pelo tema, sejam elas acadêmicas ou não. O nosso desejo é que, com o decorrer do tempo, a plataforma estimule novas contribuições para o campo.

Ao planejarmos o banco de dados, optamos por um mapeamento das pesquisas elaboradas somente nas Instituições de Ensino Superior. Isso se deu por dois motivos. Primeiro, por entendermos a importância delas para a Ciência do nosso país. De acordo com

⁹ Iniciado em 2013, o *Minas é Cinema* (<https://minasecinema.com.br/>) é um projeto do Grupo de Pesquisa CPCine: História, Estética e Narrativas em Cinema e Audiovisual (UFJF/CNPq) que tem como finalidade mapear e, posteriormente, disponibilizar informações sobre cinema do estado de Minas Gerais, no que diz respeito à produção, distribuição, exibição, recepção, críticas e publicações.

¹⁰ O nosso mapeamento encontrou pesquisas sobre exibição cinematográfica em Programas de Pós-graduação de Administração, Antropologia, Arquitetura e Urbanismo, Cinema e Audiovisual, Ciências Sociais, Comunicação, Direito, Economia, Educação, Estudos Literários, Geografia, História, Museologia e Patrimônio, Psicologia, Sociologia, dentre outros.

o relatório da empresa Clarivate Analytics (2017), escrito a pedido da CAPES, as Instituições de Ensino Superior Públicas são responsáveis por 95% das publicações científicas brasileiras. Segundo, pela disponibilização organizada dos dados, o que possibilita a realização de uma coleta com rigor científico. Os trabalhos desenvolvidos nos cursos de pós-graduação *stricto sensu* foram encontrados nos acervos das bibliotecas e dos repositórios dos estabelecimentos educacionais, bem como na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, e no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. É fundamental salientar que, para a plataforma, embora tenhamos escolhido mapear as pesquisas feitas em cursos de pós-graduação *stricto sensu*, nós temos o conhecimento da produção de investigações em cursos de graduação, nas monografias. Diferente das pós-graduações, as graduações não possuem, na maior parte das universidades, um padrão de publicação dos trabalhos, o que dificulta sua localização e sistematização. Defendemos, no entanto, que esse recorte merece um mapeamento e análise futura.

Na primeira etapa do projeto, foram coletados os estudos produzidos na Região Sudeste do país – isto é, os oriundos dos estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Para fazer o mapeamento, nós utilizamos como metodologia a revisão sistemática. De acordo com Aldemar Araújo Castro (2001), a revisão sistemática “é planejada para responder uma pergunta específica e utiliza métodos explícitos para identificar, selecionar e avaliar criticamente os estudos, e para coletar e analisar os dados destes estudos” (p.1). No nosso caso, a pergunta foi: “Quais foram as pesquisas sobre exibição cinematográfica feitas nos cursos de pós-graduação *stricto sensu* das Instituições de Ensino Superior públicas e privadas da Região Sudeste?” Nós seguimos os sete passos indicados pela Colaboração Cochrane, organização ligada à área de saúde, mas reconhecida como referência para a elaboração de revisões sistemáticas. São eles: a formulação da pergunta; a localização e seleção dos estudos; a avaliação crítica dos estudos; a coleta dos dados; a análise e apresentação dos dados; a interpretação dos dados e, finalmente, o aprimoramento e atualização da revisão. A escolha dessa metodologia também levou em consideração o seu emprego numa pesquisa da área – a dissertação “Os estudos do som no cinema: evolução quantitativa, tendências temáticas e o perfil da pesquisa brasileira contemporânea sobre o som cinematográfico”, escrita por Bernardo Marquez Alves e defendida, em 2013, no Programa de Pós-graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Universidade de São Paulo (USP).

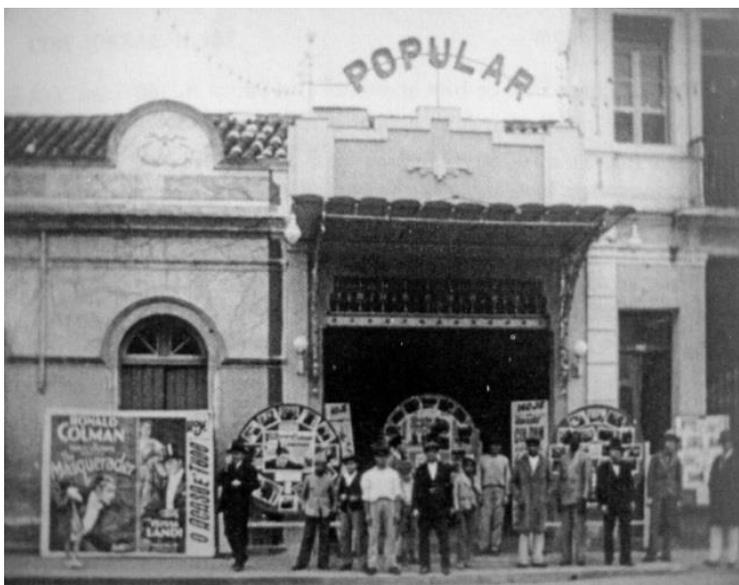
Com o objetivo de descobrir quais pesquisas já haviam sido feitas sobre exibição cinematográfica em Juiz de Fora, eu recorri à plataforma “histórias de cinemas”. Na aba

“Base de Dados”, eu selecionei a opção “Juiz de Fora” no filtro “Cidade do Cinema”. A busca apresentou 12 resultados. Do total, três estudos tratam de João Gonçalves Carriço (1886-1959). Em 1927, ele inaugurou no município o Cine-Theatro Popular. Localizada na Rua 15 de Novembro – atual Avenida Getúlio Vargas –, nº 890, a sala exibia filmes a preços bastante acessíveis. Além disso, entre 1934 e 1959, ele comandou a Carriço Film, produtora especializada em cinejornais e documentários. A investigação mais antiga sobre Carriço data de 1980. É a dissertação “Cinejornalismo e populismo: ciclo da Carriço Film em Juiz de Fora”, que foi escrita por Martha Sirimarco Guedes e defendida no Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRJ. Décadas depois, mais precisamente em 2007, Adriano Medeiros da Rocha defendeu a dissertação “Cinejornalismo brasileiro: uma visão pelas lentes da Carriço Film” no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da UFF. Por fim, no ano passado, o Programa de Pós-graduação em História da UFJF formou mais uma doutora quando Renata Venise Vargas Pereira defendeu a tese “Juiz de Fora e o ‘amigo do povo’: uma biografia de João Gonçalves Carriço”.

Por sua vez, seis estudos recuperam a história de salas de cinema de Juiz de Fora. O Cine-Theatro Central, que se localiza no coração da Rua Halfeld, é objeto da maioria. Em 2007, Daniel Roberto dos Reis Silva defendeu a dissertação “De Cine-Teatro à alma da cidade: o Cine-Teatro Central e a construção dos discursos da categoria patrimônio na cidade de Juiz de Fora” no Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ. Nesse trabalho, o autor avalia o processo de transformação do Cine-Theatro Central de casa de espetáculos para patrimônio cultural. Em 2012, a dissertação “Narrativas preservacionistas na cidade: a trajetória da defesa do patrimônio histórico de Juiz de Fora através de manifestações populares na década de 1980” foi defendida por Fabiana Aparecida de Almeida no Programa de Pós-graduação em História da UFJF. Nessa investigação, a autora analisa os movimentos que ocorreram em nosso município em favor da preservação do patrimônio histórico e cultural durante a década de 1980, quando o Brasil vivenciava os anos finais da Ditadura Militar. Em 2016, Bárbara Moura Dias e Silva defendeu a dissertação “Análise do estado de conservação do patrimônio histórico de Juiz de Fora: estudo de caso – Cine-Theatro Central, Fórum da Cultura e Palacete Santa Malda” no Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído da UFJF. Nessa pesquisa, a autora compara as condições de conservação do patrimônio histórico da cidade por meio da avaliação de três edifícios que marcam a paisagem urbana. Dentre eles, o do Cine-Theatro Central. Por fim, em 2019, a dissertação “Gestão pública de cultura no âmbito da UFJF: o caso do Cine-Theatro Central” foi defendida por Ana Paula de Sant’Anna

no Programa de Pós-graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública da UFJF. O estudo traz propostas elaboradas pela autora para potencializar a atuação do Cine-Theatro, que atualmente é administrado pela UFJF, em prol da cultura.

Figura 4 – Fachada do Cine-Theatro Popular



Fonte: Arquivo de H. Ferreira /

Disponível no site: **Maria do Resguardo** (<https://www.mariadoresguardo.com.br/>)

Figura 5 – Integrantes da Produtora Carriço Film



Fonte: ROCHA, Adriano Medeiros da. **Cinejornalismo brasileiro: uma visão através das lentes da Carriço Film**. Juiz de Fora: Funalfa, 2008, p.48.

Figura 6 – Fachada do
Cine-Theatro Central (2024)



Fotografia:

Ryan Brandão Barbosa Reinh de Assis

Figura 7 – Interior do
Cine-Theatro Central (2024)



Fotografia:

Ryan Brandão Barbosa Reinh de Assis

O Cine-Theatro Central não foi a única sala alvo de investigações. A dissertação “Abrindo passagem para o futuro: a Galeria Pio X”, que foi escrita por Cláudia dos Reis Paiva e defendida, em 2018, no Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído da UFJF discute como se deu o processo de construção da Galeria Pio X, que liga a Rua Halfeld com a Rua Marechal Deodoro. A galeria foi instalada no lugar do Cine-Theatro Paz, que teve de ser demolido. No ano seguinte, um trabalho sobre o Cine Paratodos – a sala que existia no Borboleta, Zona Oeste de Juiz de Fora – foi aprovado no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da UFJF. É a dissertação “Cine Paratodos: imaginários e memórias do cinema no bairro Borboleta”, que foi produzida por Valéria Fabri Carneiro Marques e tem como finalidade analisar as sociabilidades criadas num espaço de exibição fora do centro.

Figura 8 – Fachada do Cine-Theatro Paratodos



Fonte: MARQUES, Valéria Fabri Carneiro. **Cine Paratodos: imaginários e memórias do cinema** no bairro Borboleta. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2019, p.102.

As últimas três pesquisas não se enquadram em nenhuma das duas categorias. A dissertação “Na pegação: encontros homoeróticos masculinos em Juiz de Fora”, que foi escrita por Verlan Valle Gaspar Neto e defendida, em 2008, no Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFF, apresenta o relato etnográfico dos modos pelos quais alguns espaços de uso coletivo em Juiz de Fora foram apropriados de forma relativamente clandestina, por indivíduos do sexo masculino, para a realização de encontros homoeróticos e reconhecidos por eles como pontos de pegação. Dentre eles, o Cine São Luís, um cinema que, durante os seus últimos anos, foi pornô. Já a dissertação “Práticas corporais e diversão em Juiz de Fora/MG: o discurso do jornal *O Pharol* (1876-1915)”, que foi escrita por Priscila Gonçalves Soares e defendida, em 2010, no Programa de Pós-graduação em Educação da UFJF, procurou identificar as práticas corporais e de diversão que fizeram parte do cotidiano da população de Juiz de Fora entre 1876 e 1915. Dentre elas, o cinema, que, segundo a autora, trouxe à cena da cidade novas sensações estéticas. Por fim, a dissertação “Mapeamento dos espaços de exibição de Juiz de Fora: historiografia, mapas interativos e um passeio pela cidade”, que foi escrita por Natália Teles Silva e Fróes e defendida, em 2022, no Programa de Pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens da UFJF, descreve como se deu a criação de um mapa digital dos espaços de exibição ci-

nematográfica de Juiz de Fora, que será usado no projeto *Minas é Cinema*. A partir disso, a autora faz uma reflexão sobre a importância dessa forma de representação para o campo de estudos.

Como eu mencionei anteriormente, a plataforma “histórias de cinemas” reúne as dissertações e teses sobre exibição cinematográfica realizadas nas Instituições de Ensino Superior públicas e privadas brasileiras. Entretanto, para fins de mapear tudo o que já foi feito sobre Juiz de Fora, eu também busquei, na biblioteca e no repositório da UFJF, pelas monografias que tratavam sobre o assunto. Nove investigações foram encontradas. A mais antiga é “A chegada do cinema em Juiz de Fora: uma nova opção de entretenimento no centro cultural de Minas Gerais (1897-1912)”, que foi escrita por Rosane Carmanini Ferraz e apresentada, em 2000, na Faculdade de História. Três anos depois, Glória Kallil Jacob defendeu, na Faculdade de Turismo, “Cine-Theatro Central: potencialidades no contexto da sustentabilidade”. Em seguida, “Cinema aos olhos de Carriço”, que foi escrita por Débora Cristina de Alexandre Bastos e apresentada, em 2007, na Faculdade de História. Três anos depois, Ana Carolina Gouvêa defendeu, na Faculdade de Turismo, “Cine-Theatro Central (Juiz de Fora–MG): visita guiada como meio de interpretação do patrimônio”. A quinta monografia encontrada se intitula “Cine São Luiz: cidade, interatividade, história contemporânea”. Escrita por Fabiana Isabel Cho, o trabalho foi apresentado, em 2012, na Faculdade de Arquitetura. No ano seguinte, Igor Moura de Oliveira defendeu, na Faculdade de Engenharia Civil, “Cine-Theatro Central: edificação, patrimônio histórico e conservação”. Gilberto Faúla Avelar Neto se tornou Bacharel em Comunicação ao apresentar, em 2016, “Sociabilidade e imaginário urbano de Juiz de Fora: um olhar sobre o Cinema São Luiz”. O estudo foi publicado pela Funalfa Edições. A mesma faculdade formou Valéria Fabri Carneiro Marques. Em 2016, ela defendeu “O cinema em outras telas: uma análise da produção da websérie Cinemas de rua em Juiz de Fora”. Por fim, a pesquisa mais recente é “Lazer e cinema: um olhar para a gestão do cinema Santa Cruz Shopping”. Ela foi escrita por Tayná Moura Bretas e apresentada, em 2023, na Faculdade de Turismo. Dentre todos os trabalhos mencionados, é possível estabelecer um diálogo mais direto com a monografia de Rosane Carmanini Ferraz. Ainda que, hoje em dia, eu enxergue problemas na sua investigação, que envolvem, sobretudo, a reprodução de sentidos comuns que já foram questionados por historiadores do cinema, é fundamental destacar o pioneirismo do seu estudo, não apenas para Juiz de Fora, mas para todo o Brasil. Se, atualmente, poucas são as pessoas, ao redor do planeta, que se dedicam à análise

dos primórdios do cinema¹¹, no início do século XXI, tal número era ainda menor. Além disso, naquela época, o acesso às fontes era mais complexo, o que, muitas vezes, dificultava um aprofundamento da pesquisa.

Após criarmos o banco de dados “histórias de cinemas”, eu, Livia e Sancler pudemos comprovar que o crescimento do número de trabalhos sobre exibição cinematográfica, ao longo das últimas décadas, é real¹². Tal ampliação certamente foi possibilitada pelo crescimento do número de Programas de Pós-graduação no Brasil. Segundo Cristiano Lopes (2019), “entre os anos de 2000 e 2017, o número de Programas saltou de 1430 para 3557 – um aumento de 148,7%” (p.9). Por sua vez, o fato de termos cada vez mais investigações sobre o assunto também reforça a ideia de que um campo encontra-se em formação no país. João Luiz Vieira (2021) o chamou de **histórias de cinemas** – daí adveio a inspiração para o nome do banco de dados que criamos. É essencial grafar a terminologia com iniciais minúsculas e no plural, na medida em que a finalidade é realçar as múltiplas trajetórias dos espaços de exibição cinematográfica nacionais. Em seu texto, o autor destaca como referências, primeiro, o trabalho de Douglas Gomery e Robert C. Allen (1985). Eles inauguraram uma história social do cinema, que se preocupava com a localização espacial e temporal das audiências, e se distanciava de concepções mais generalistas sobre o espectador e da centralidade dos sentidos do filme dados pela recepção. As reflexões de Gomery e Allen influenciaram os teóricos vinculados à **New Cinema History**. Por exemplo, Daniel Biltereyst, Philippe Meers e Richard Maltby. Em 2011, eles publicaram “Explorations in New Cinema History: approaches and case studies”. Na introdução do livro, Richard assinala que, ao longo das últimas décadas, havia despontado uma tendência transdisciplinar que, em vez de destacar o texto fílmico, colocava em perspectiva os espaços de exibição cinematográfica e as experiências pessoais e coletivas das

¹¹ Uma das mais recentes publicações sobre o tema é a coletânea “New perspectives on Early Cinema History: concepts, approaches, audiences” (2022). Organizada por Daniel Biltereyst e Mario Slušan, ela propõe uma reinterpretação dos primórdios do cinema. Com uma abordagem multidisciplinar, os autores dos artigos publicados utilizam as metodologias mais atuais para analisar esse período crucial da história cinematográfica. A obra almeja não apenas discutir os avanços técnicos e estéticos trazidos pelas primeiras exibições, mas também examinar a experiência dos públicos. Portanto, ela se destaca por iluminar questões negligenciadas e empregar ferramentas teóricas inovadoras para revisar nossa compreensão sobre o papel histórico do cinema nas sociedades do final do século XIX e começo do XX.

¹² Em junho de 2022, nós publicamos na *Faces da História* – a Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UNESP – o artigo “Mapeamento das pesquisas sobre salas de cinema nos cursos de pós-graduação *stricto sensu* do estado do Rio de Janeiro”. Os estudos foram compilados seis meses antes. No nosso texto, o gráfico nº 2, intitulado “Pesquisas feitas por décadas nas Instituições de Ensino Superior do estado do Rio de Janeiro”, mostra o significativo crescimento da produção acadêmica fluminense sobre exibição cinematográfica. Ao final do século XX, haviam sido realizadas sete investigações (uma tese e seis dissertações). Por sua vez, nas duas primeiras décadas do século XXI, foram redigidos 54 trabalhos (12 teses e 42 dissertações).

audiências. Na Europa, nos Estados Unidos e na Austrália, foi conferido a ela o nome de *New Cinema History*¹³. Esse eixo de investigação se consolidou através da realização de pesquisas que se valiam de métodos da etnografia, história oral, análise do discurso etc., e de cernes quantitativos que articulavam bancos de dados e softwares de mapeamento – como, por exemplo, QGIS – sobre circuitos de exibição e modos de afluência dos públicos. Ao abordar o campo das histórias de cinemas, João Luiz enfatiza, tal como os acadêmicos associados à *New Cinema History*, o quão necessário é desvendar outros aspectos do fenômeno cinematográfico para além do filme. Por exemplo, as diversas práticas de exibição e condições de recepção, nos mais variados contextos culturais, econômicos, sociais e temporais. Tendo em vista o que foi dito, é imprescindível frisar que este trabalho se alinha aos objetivos das histórias de cinemas / da *New Cinema History*.

A maior parte das investigações disponibilizadas na plataforma “histórias de cinemas” aborda a trajetória de salas fixas. São raros os estudos que destacam a atuação dos exibidores ambulantes. Por exemplo, “Eldorado das ilusões: cinema e sociedade em Manaus (1897-1935)”, dissertação escrita por Selda Vale da Costa e defendida, em 1988, no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC-SP, e “Ecos da modernidade: uma análise do discurso sobre o cinema ambulante em São Luís”, tese escrita por Marcos Fábio Belo Matos e defendida, em 2010, no Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP. Outras pesquisas sobre o tema – como é o caso de “Palácios e poeiras: 100 anos de cinema no Rio de Janeiro” (Alice Gonzaga, 1996), “Na triilha dos ambulantes” (Máximo Barro, 2000), “Memória do cinema: os ambulantes no Brasil” (Ary Bezerra Leite, 2011) e “Salas de cinema e história urbana de São Paulo (1895-1930): o cinema dos engenheiros” (José Inácio de Melo Souza, 2016) – foram realizadas no país fora das Instituições de Ensino Superior. Essas investigações reúnem dados sobre as figuras que, nos primórdios do cinema, circulavam de cidade em cidade e tinham que superar constantemente a falta de energia elétrica, a inabilidade de manuseio dos equipamentos e as dificuldades de acesso aos filmes para darem seus espetáculos. Por sua vez, esses estudos ajudaram a preencher a base de dados “Exibidores ambulantes no início do cinema no Brasil”, que pode ser acessada através do site do LUPA/UFF. Tal plataforma é resultado de um projeto de pesquisa colaborativo coordenado por Rafael de Luna Frei-

¹³ A nomenclatura *New Cinema History* surgiu, em dezembro de 2007, durante as discussões da *The Glow in their Eyes: Global Perspective on Film Cultures, Film Exhibition and Cinema-going Conference*, que aconteceu no Centre for Cinema and Media Studies da Ghent University, Bélgica. O evento foi organizado pelo HoMER (History of Movie-going, Exhibition and Reception), uma rede internacional de pesquisadores que, desde 2004, busca compreender os complexos fenômenos da ida ao cinema, da exibição e da recepção a partir de uma perspectiva multidisciplinar.

re que começou durante a pandemia do coronavírus. Sua finalidade foi agregar informações sobre projeções itinerantes em nosso país. Os primeiros resultados dessa iniciativa foram apresentados na IV Jornada de Estudos em História do Cinema Brasileiro. O evento ocorreu na Universidade Anhembi Morumbi (UAM) entre 31 de agosto e 2 de setembro de 2022.

Ao buscar referências para esta tese, não encontrei nenhum texto escrito por brasileiros que propusesse uma categorização dos exibidores ambulantes que deram espetáculos em nosso território. Por causa disso, acabei recorrendo a Deac Rossell. Em “A slippery job: travelling exhibitors in Early Cinema” (2000), o acadêmico inglês se vale da teoria da construção social da tecnologia – elaborada por Bijker, Hughes e Pinch (1989) – para analisar como, ao longo dos últimos anos do século XIX e dos primeiros do XX, os exibidores ambulantes influenciaram a percepção e a incorporação do cinema pela sociedade. Afinal, tal teoria sustenta que a criação e a evolução das tecnologias não dependem apenas de inovações técnicas, mas também de uma complexa rede de interações sociais. Nesse sentido, o autor identifica quatro grupos dentro do universo dos exibidores ambulantes: [1] os exibidores de grandes feiras; [2] os exibidores independentes; [3] os exibidores teatrais e [4] os exibidores efêmeros. Antes de tudo, é preciso destacar que tais categorias são baseadas, sobretudo, na realidade europeia. Logo, adaptações são necessárias. A título de exemplo, enquanto local, as grandes feiras foram muito importantes para a realização de exposições no Velho Continente, mas acerca das quermesses – um possível correspondente no Brasil – quase não existe documentação. De acordo com Deac Rossell, os exibidores independentes podem ser divididos em dois grupos: experientes e novatos. Enquanto o primeiro era formado por lanternistas que visitavam cidades conhecidas com uma nova atração, o segundo incluía aqueles que estavam iniciando no ramo do entretenimento. Já os exibidores teatrais eram, na maioria dos casos, atores / atrizes que adicionaram as projeções fílmicas nos seus espetáculos, geralmente de variedades, embora fosse comum que eles / elas deixassem de realizá-las com o passar do tempo e focassem na interpretação. Por fim, os exibidores efêmeros eram os que desistiam logo depois das primeiras tentativas, caso elas não alcançassem o resultado financeiro esperado.

Dito isso, a partir dos dois principais jornais que circularam, em Juiz de Fora, no entresséculo XIX-XX – o *Jornal do Commercio* e o *Pharol* –, em interseção com outras fontes, esta tese almeja reunir informações sobre os primórdios do cinema na Princesa de

Minas¹⁴. O período analisado vai de 1897 a 1910, momento que se caracterizou pela proliferação de exibidores ambulantes e pela construção das primeiras salas fixas em sua região central. Logo, eu proponho três capítulos para a pesquisa. Diante da vontade que, até então, diversos estudiosos manifestaram de determinar qual foi a primeira projeção fílmica que ocorreu em Juiz de Fora, eu parto, no capítulo inicial, de uma discussão em torno do quão controverso é, atualmente, a estipulação de “primeiras vezes” no Cinema. Além disso, relato como se deu o acesso aos dois periódicos citados, que foram as minhas principais referências. Em seguida, introduzo a história do Theatro Juiz de Fora. Durante o período coberto por esta investigação, o estabelecimento fundado pelos irmãos Frederico e Alfredo Ferreira Lage recebeu a maioria das apresentações realizadas pelos exibidores ambulantes no município mineiro. Posteriormente, examino a passagem do Professor Kij (em março de 1897) e da Companhia de Variedades Germano Alves (entre julho e agosto de 1897) / Empresa Apolônia Pinto (entre dezembro de 1898 e janeiro de 1899) por Juiz de Fora, e trago informações sobre outros espetáculos que eles deram pelo país (e, eventualmente, no exterior). Por fim, destaco que o início das projeções fílmicas na minha cidade-natal não afastou de pronto os lanternistas. Eles continuaram se apresentando lá até, pelo menos, dezembro de 1900 – quando eu achei, na imprensa local, o derradeiro registro de um espetáculo que incorporou lanternas mágicas. No segundo capítulo, abordo, inicialmente, a pandemia de febre amarela que devastou a região central de Juiz de Fora na virada do século XIX para o XX. Graças a isso, muitos artistas se afastaram temporariamente do município mineiro. Quando a crise sanitária foi controlada, as diversões puderam recomeçar. Carlos Alberto Nunes Leal é uma das principais figuras tratadas nesse momento da tese. O português não apenas foi o responsável pelas primeiras tentativas de sedentarização da atividade cinematográfica em Juiz de Fora – os Salões Paris, High Life e Novidades –, mas também esteve atrelado a outras iniciativas importantes, como o Cinema Pharol Reclame, que exibia filmes gratuitamente para as pessoas. Além dele, o segundo capítulo reúne dados sobre W. Rockert & Comp., a Companhia João Garcia, a Imperial Companhia Japonesa Kudara, Ernesto Acton de Sá, José Werre, Edouard Herve, José Barucci, Joseph Adams Gott & Cia., o Theatro Circo Variedades, Pimenta & Cia., A. Romero, Guimarães & Cia., a Empresa Brasileira de Cinematógrafo, Windsor Castle e William & Cia., que, no decorrer da primeira década do século XX, realizaram espetáculos em Juiz de Fora. Quando consigo levantar uma grande quantidade de informações

¹⁴ Escrito por Duque Bicalho e por Lindolfo Gomes, o hino de Juiz de Fora diz: “Viva a Princesa de Minas / Viva a bela Juiz de Fora / Que caminha na vanguarda / Do progresso estrada afora!”.

sobre os exibidores ambulantes que se apresentaram na minha cidade-natal, tento enquadrá-los numa das quatro categorias propostas por Deac Rossell. Contudo, na maioria dos casos, em virtude da escassez de dados, não tive sucesso. Finalmente, no terceiro capítulo, discuto como se deu o surgimento das primeiras salas fixas no município mineiro. Por exemplo, o Cinematógrafo Brasil (1908), o Cinema Pathé (1908), o Cinema Juiz de Fora (1908), o Cinema Paris (1909), o Cinema Pharol (João Evangelista da Silva Gomes) (1910) e o Polytheama (1910). É essencial dizer que a abertura desses espaços não representou o fim das projeções fílmicas realizadas por exibidores ambulantes. Dentre eles, o Cinema Pharol (Lussac & Almeida) (1908) e o Cinema-Theatro (1909). No derradeiro tópico, eu comento que a instalação de salas fixas não somente modificou a paisagem urbana, mas também estimulou, na Câmara Municipal, um debate sobre qual seria o valor do imposto a ser cobrado dos proprietários de cinematógrafos.

Com a sedentarização da atividade cinematográfica, as folhas que circulavam em Juiz de Fora passaram a informar, de maneira mais frequente, a programação dos filmes que seriam projetados nos espaços de exibição da cidade. Nos anexos desta tese, eu listo todas as produções que foram mencionadas nos jornais entre 1897 e 1910. As tabelas estão divididas em: “Data de Exibição”, “Título”, “Gênero”, “Empresa Produtora” e “Fonte”. Na época, os jornais classificavam os filmes de três formas distintas: Drama, Comédia ou Natural – um primeiro nome para o que, no futuro, seria chamado de Documentário. Eu compreendo os problemas que a palavra “Gênero” pode trazer, mas na falta de uma melhor, decidi mantê-la. O objetivo é que essas produções integrem um banco de dados que, nesse momento, está sendo desenvolvido, por mim e Alessandra Souza Melett Brum, para o *Minas é Cinema* com a programação dos espaços de exibição de Juiz de Fora desde os primórdios até a década de 1990. Os primeiros resultados desse mapeamento foram apresentados na V Jornada de Estudos em História do Cinema Brasileiro, que ocorreu, entre 23 e 25 de agosto de 2023, na UFF, e no XII Seminário Interno do Laboratório de História da Arte, que aconteceu, entre 20 e 24 de maio de 2024, na UFJF. Ante o exposto, eu convido o leitor a embarcar comigo numa viagem pela história da projeção fílmica na Princesa de Minas.

CAPÍTULO I – OS PRIMEIROS SINTOMAS

Em “Minas Gerais: ensaio de filmografia” (1983), Márcio da Rocha Galdino ressalta que, no dia 23 de julho de 1897, a Companhia de Variedades Germano Alves realizou em Juiz de Fora a primeira exibição cinematográfica do estado de Minas Gerais. Na ocasião, os espectadores que compareceram ao Theatro Juiz de Fora foram apresentados ao Cinematógrafo dos irmãos Lumière. O autor não menciona a fonte de onde retirou tal informação. Entretanto, na bibliografia, ele aponta que, dentre as coleções de periódicos sistematicamente consultadas para o desenvolvimento do seu livro, acham-se as de duas folhas locais: “*Jornal do Commercio*, Juiz de Fora, 1896/1905” e “*O Pharol*, Juiz de Fora, 1896/1905”. Diante do anseio pelo estabelecimento de um marco inaugural, vários acadêmicos que, no decurso das últimas décadas, se debruçaram sobre a história da exibição cinematográfica em Juiz de Fora unicamente reproduziram a informação trazida por Galdino, sem nunca questioná-la. Por exemplo, Martha Sirimarco Guedes (2005)¹⁵, Adriano Medeiros da Rocha (2007) e Renata Venise Vargas Pereira (2023). No entanto, uma reflexão sobre ela precisa ser feita com bastante prudência. A meu ver, essa análise deve partir justamente do quão controverso é, hoje em dia, a estipulação de “primeiras vezes” no Cinema.

No nosso campo de pesquisa, a eleição de momentos fundadores é muito criticada por Jean-Claude Bernardet. Ao longo da leitura de “Historiografia clássica do cinema brasileiro: metodologia e pedagogia” (1995), esse posicionamento fica explícito quando o teórico reprova a definição de um nascimento para o cinema brasileiro. De acordo com ele, autores como Paulo Emílio Salles Gomes (1980)¹⁶, Paulo Antonio Paranaguá (1981)

¹⁵ Em 1980, Martha Sirimarco Guedes defendeu a dissertação de mestrado “Cinejornalismo e populismo: ciclo da Carriço Film em Juiz de Fora” no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Logo, a sua investigação foi aprovada por uma banca examinadora três anos antes do lançamento de “Minas Gerais: ensaio de filmografia”. Em 2005, ela publicou, através do selo Funalfa Edições, “João Carriço, o amigo do povo”. Apesar do título distinto, o livro é fruto da pesquisa realizada na instituição carioca. Como a defesa tinha ocorrido há um quarto de século, Guedes julgou que, antes de publicar o seu estudo, era necessário atualizá-lo. Portanto, a autora incluiu uma série de novas informações que, ao longo desse período, haviam sido levantadas por diversos investigadores. A título de exemplo, ela acrescentou que o espetáculo oferecido, no dia 23 de julho de 1897, pela Companhia de Variedades Germano Alves em Juiz de Fora foi “a primeira sessão de cinema de Minas Gerais” (p.32). Na medida em que a obra de Galdino foi listada na bibliografia, é provável que tal dado tenha sido retirado de lá.

¹⁶ Em 1980, a Paz e Terra editou “Cinema: trajetória no subdesenvolvimento”. O livro contém três ensaios escritos por Paulo Emílio Salles Gomes: “Panorama do cinema brasileiro: 1896/1966” (de 1966), “Pequeno cinema antigo” (de 1969) e “Cinema: trajetória no subdesenvolvimento” (de 1973). O teórico dissertou a respeito do nascimento do cinema brasileiro no seu texto mais antigo.

e Jurandir Passos Noronha (s/d) aceitaram uma filmagem da Baía de Guanabara, que foi feita por Afonso Segreto no dia 19 de junho de 1898, como a origem do cinema brasileiro. No seu livro, Bernardet salienta que a escolha da data de uma filmagem, ao invés da de uma projeção, é resultado de uma filosofia que, no passado, enxergava o Cinema como sendo sobretudo a realização de filmes. “Pensa-se o cinema até a primeira cópia, depois são outros quinhentos [...]. Chegando à primeira cópia, considera-se que o essencial está feito” (BERNARDET, 1995, pp.26-27). Portanto, em nosso país, o discurso histórico foi, durante muito tempo, orientado pela produção. Ainda que a data escolhida priorizasse a exibição, Bernardet enfatiza que a aplicação do conceito de nascimento ao cinema brasileiro impõe a determinação de um marco inaugural a partir do qual os acontecimentos se sucederiam numa cronologia linear, o que é extremamente problemático. Em “Silent film sound” (2004), Rick Altman afirma que “novas tecnologias sempre nascem sem nome” (p.19)¹⁷. Isso ocorre porque, ao serem inseridas na sociedade, elas são percebidas, a princípio, como uma extensão de algo que já existia. Ao longo dos últimos anos do século XIX e dos primeiros do XX, o que hoje entendemos retrospectivamente como cinema foi chamado, por exemplo, de “teatro elétrico” e de “fotografias animadas”. Portanto, ele foi relacionado a meios que já eram conhecidos pelas pessoas. Durante tal período, muitos projetores foram fabricados. Os nomes que eles receberam eram, na maioria das vezes, constituídos pelos radicais *-grafo* (“o que registra”) ou *-scopio* (“o que faz ver”), que possuem origem grega. No primeiro grupo, é possível citar o Animatógrafo, o Biógrafo e o Cinematógrafo. Já no segundo, o Eidoloscópio, o Mutoscópio, o Quinetoscópio e o Vitascópio. Devido à forte concorrência, os grupos por trás das máquinas buscavam sempre aperfeiçoá-las. Nesse sentido, eles se esforçavam para produzir aparelhos que fossem fáceis de operar, que exibissem imagens nítidas e que contassem com acompanhamentos sonoros atraentes. Porém, foram poucos os projetores que, de fato, obtiveram um sucesso comercial na época. A imensa maioria não suportou a dura competição. No seu livro, Altman destaca que, graças a esse cenário, não é possível definir uma data de nascimento para o cinema. Logo, a própria utilização dessa metáfora é considerada inadequada por ele. Ao invés de fixar uma origem, o autor introduz a noção de crise para dizer que, inicialmente, a identidade do cinema foi colocada em questão. No passado, as tecnologias eram associadas umas às outras a partir das semelhanças entre os seus componentes e as suas configurações. Segundo Altman, “a historiografia da crise assume, ao

¹⁷ Tradução de “new technologies are always born nameless”. Obs: Nesta tese, todas as traduções foram elaboradas pelo próprio autor.

contrário, que a definição de uma tecnologia representacional é tanto histórica como socialmente contingente” (p.16)¹⁸. Assim, ele frisa que um meio não pode ser simplesmente determinado pelos elementos que compartilha com os demais. É imprescindível também levar em conta a maneira como ele é percebido pelos seus usuários. Por sua vez, tal construção não é única nem absoluta. Pelo contrário, ela é múltipla e contínua. Em resumo, o autor apresenta a historiografia da crise como uma intervenção metodológica que refuta a existência de um meio estável que se desenvolve em uma progressão linear. Afinal, conforme já foi mencionado, cada nova tecnologia que desponta atravessa um período no qual seus contemporâneos manifestam uma grande incerteza quanto à sua identidade.

As obras lançadas por Bernardet e Altman foram vitais para que eu elaborasse uma reflexão sobre a informação trazida por Galdino. Com o intuito de designar o “ponto um” da história da exibição cinematográfica em Minas Gerais (e, por consequência, em Juiz de Fora), ele adotou, como critério de organização das projeções fílmicas realizadas no estado, a ordem em que elas ocorreram no tempo. A interpretação do passado a partir de eventos que foram dispostos numa sequência reta – isto é, do mais antigo para o mais recente – requer bastante cautela, pois tal modo de sistematização tende a induzir o pensamento de que o curso da História é marcado por um constante avanço. Essa visão simplista, que precisa ser urgentemente superada, não dá conta de explicar as complexas interações entre diferentes forças que, ao longo dos anos, vão moldando o rumo dos acontecimentos no mundo. No artigo “The New Film History as Media Archaeology” (2004), que foi publicado na *Cinémas*, o postulado evolutivo da história tradicional do cinema é muito criticado por Thomas Elsaesser. O autor menciona que, via de regra, as narrativas que eram fabricadas possuíam ou uma estrutura cronológico-orgânica (infância, maturidade, declínio e renovação) ou uma estrutura cronológico-teleológica (de... para...). Por mais tentadoras que fossem, elas apresentavam falhas. Em 1978, foi realizado na cidade de Brighton o 34º Congresso da Federação Internacional de Arquivos de Filmes (FIAF). Esse evento simbolizou, nos Estados Unidos e na Europa, o início da história revisionista do cinema¹⁹. Conhecido como New Film History, tal movimento agregou pesquisado-

¹⁸ Tradução de “crisis historiography assumes instead that the definition of a representational technology is both historically and socially contingent”.

¹⁹ Em 2012, a conferência da Society for Cinema and Media Studies (SCMS) foi realizada em Boston. Nella, Philippe Gauthier – então vinculado às Universidades de Lausanne / Suíça e de Montreal / Canadá – apresentou a comunicação “The Brighton Congress and Traditional Film History as founding myths of the New Film History”. A sua fala destacou que, ao longo das últimas décadas, o 34º Congresso da Federação

res que, a princípio, buscaram questionar as “verdades” que haviam sido disseminadas a respeito do cinema então chamado de “primitivo” – ou seja, o que foi realizado ao longo dos últimos anos do século XIX e dos primeiros do XX. A análise desse período, que foi beneficiada pelo acesso a arquivos de filmes, levou os estudiosos a condenarem a forma como, até o momento, a história do cinema havia sido escrita. Assim, o uso de relatos lineares decorrentes de supostas origens passou a ser amplamente reprovado por eles. Encorajado pelas descobertas feitas sobre os primórdios do cinema – terminologia que, por não carregar uma conotação pejorativa, substituiu cinema “primitivo” com o transcórreo do tempo –, Elsaesser aponta que, de maneira geral, a história do cinema deve ser entendida “como uma série de histórias paralelas (ou ‘em paralaxe’), organizadas em torno de alguns parâmetros mutáveis que tendem a se repetir periodicamente, muitas vezes manifestando uma relação de desvio à norma, ou a subversão de um padrão” (p.84)²⁰. Logo, o autor alega que, ao invés de um progresso permanente, ela é marcada por conflitos, descontinuidades e rupturas.

Nos dois últimos parágrafos, eu discorri sobre a determinação de marcos inaugurais no Cinema. Hoje em dia, essa é uma questão que já foi superada no debate historiográfico. Portanto, a indicação de “primeiras vezes” no nosso campo de pesquisa – como é o caso da primeira exibição cinematográfica do estado de Minas Gerais – não é mais apropriada. Contudo, mesmo que ainda fosse, a informação trazida por Galdino estaria equivocada. Desde o começo desta investigação, a minha maior preocupação foi explorar os documentos originais. Por exemplo, as edições dos jornais impressas durante o período analisado. O desenvolvimento desta tese apenas foi possível graças à consulta das coleções do *Jornal do Commercio* e *O Pharol*. Ao longo dos últimos anos do século XIX e dos primeiros do XX, essas foram duas das três principais folhas que circularam em Juiz

Internacional de Arquivos de Filmes (FIAF) passou a ser visto por inúmeros acadêmicos como um evento que modificou profundamente e quase que da noite para o dia a historiografia do cinema. Mesmo que não tenha negado o impacto das discussões travadas em Brighton para a emergência da história revisionista do cinema, até porque isso já havia sido comprovado por Tom Gunning (1991), por William Uricchio (2003) e, mais recentemente, por André Gaudreault (2008), Gauthier criticou seus pares pela adoção de uma história “superficial” do cinema, ainda que bastante conveniente. Dito isso, o conferencista lembrou que, antes de 1978, muitas premissas disseminadas pela história tradicional do cinema já haviam sido questionadas em eventos ao redor do mundo. Por exemplo, no 30º Congresso da Federação Internacional de Arquivos de Filmes (FIAF) (Montreal e Ottawa, 1974), no 31º Festival Internacional de Cinema de Edimburgo (Edimburgo, 1977) e na 2ª Conferência Anual de Cinema de Purdue (Purdue, 1977). No entanto, segundo o palestrante, a contribuição dada por tais eventos para o estabelecimento das discussões na área foi praticamente apagada com o decorrer do tempo, o que não deveria ter acontecido.

²⁰ Tradução de “as a series of parallel (or ‘parallax’) histories, organised around a number of shifting parameters which tend to repeat themselves periodically, often manifesting a relation of deviance to norm, or the subversion of a standard”.

de Fora²¹. O retorno às fontes primárias é essencial por dois motivos: a comprovação dos dados anteriormente divulgados e a descoberta de novos dados. Enquanto vasculhava os arquivos, não foram poucas as vezes em que eu pude constatar discrepâncias entre as informações encontradas nos periódicos e as mencionadas por pesquisadores nos seus trabalhos. Além disso, eu localizei nos jornais muitas informações relevantes sobre acontecimentos que, até então, não tinham sido devidamente apreciados. Dentre eles, uma projeção fílmica que foi realizada na cidade antes da relatada por Galdino. Na sua edição de 26 de março de 1897, o *Jornal do Commercio* destacou que, no dia anterior – ou seja, aproximadamente quatro meses antes do espetáculo dado pela Companhia de Variedades Germano Alves –, o Professor Kij apresentou o Vitascópio de Edison e o microfonógrafo aos espectadores que compareceram ao Theatro Juiz de Fora. Esse episódio foi descoberto por Rosane Carmanini Ferraz (2000). Porém, o fato dele ter sido tratado de maneira muito superficial pela autora, que não estimulou uma discussão sobre a sua precedência, fez com que os acadêmicos que, posteriormente, se debruçaram sobre a história da exibição cinematográfica em Juiz de Fora continuassem a validar o dado trazido por Galdino. Se, no mínimo, uma projeção fílmica havia sido realizada em Juiz de Fora antes de 23 de julho de 1897, é bastante possível que espetáculos semelhantes também tenham ocorrido previamente a essa data em outros municípios de Minas Gerais. Assim, diante de tudo o que foi exposto, é essencial que os pesquisadores parem de reproduzir a informação presente no livro “Minas Gerais: ensaio de filmografia” (1983) sobre a primeira exibição cinematográfica do estado da Região Sudeste.

Conforme eu destaquei anteriormente, o *Jornal do Commercio* foi uma fonte importante utilizada no decurso da pesquisa. Heliane Casarin Henriques (2022), ex-funcionária do Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes, assinala que as edições preservadas desse periódico – assim como as de outras folhas – foram fotografadas e arquivadas em mídia digital a partir de 2007. Na época, tal iniciativa foi financiada pelo Fundo Estadual de Cultura, que aprovou o projeto Digitalização do Acervo de Jornais do Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes. O objetivo da instituição juiz-forana era preservar e disponibilizar para a sociedade brasileira uma parcela das su-

²¹ A outra foi o *Correio de Minas*. Fundado por Estevam de Oliveira, tal periódico começou a circular em 15 de maio de 1894. No Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes, seu exemplar preservado mais antigo data de 2 de outubro de 1895. Porém, é importante mencionar que, durante o período coberto por esta investigação, a publicação dessa folha foi interrompida muitas vezes. A paralisação que durou mais tempo aconteceu entre os anos de 1900 e 1903. Graças a isso, a passagem de diversos exibidores ambulantes por Juiz de Fora não foi noticiada. Logo, a maior parte das informações apresentadas nesta tese é proveniente do *Jornal do Commercio* e de *O Pharol*.

as coleções de periódicos, que abrangia o período entre 1880 e 1930. Entretanto, durante os últimos dezessete anos, a promessa de que as folhas poderiam ser consultadas através da Internet não foi cumprida, pois os políticos que assumiram a prefeitura do município mineiro ao longo desse tempo não forneceram um servidor de hospedagem para que o acervo pudesse ser acessado pelas pessoas do local onde elas quisessem. Logo, os jornais apenas podiam ser examinados nos três computadores do Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes. Para facilitar as pesquisas nos periódicos, um software foi desenvolvido e instalado nessas máquinas. Ele seguia o formato determinado pelas Normas Brasileiras de Descrição Arquivística (NOBRADE). O fato da instituição juiz-forana possuir poucos computadores para a análise das folhas dificultava bastante as investigações, pois nem sempre eles estavam disponíveis. Durante a pandemia do coronavírus, que nos afligiu a partir de março de 2020, a situação ficou ainda pior. O fechamento dos arquivos impossibilitou a realização de incontáveis pesquisas ao redor do mundo. Todavia, eu nutro uma esperança de que, no segundo semestre de 2024, o projeto Hemeroteca Digital de Juiz de Fora será lançado. Planejada por Jefferson de Almeida Pinto, que é docente do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais (IF Sudeste MG), a iniciativa pretende disponibilizar na Internet os jornais do Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes que foram digitalizados. Dentre eles, o *Jornal do Commercio*. Ao facilitar a consulta a uma parcela das coleções de periódicos da instituição juiz-forana, a nova plataforma certamente contribuirá para o desenvolvimento de várias investigações sobre o nosso país.

Fundado por Vicente de Leon Annibal, o *Jornal do Commercio* entrou em circulação em 20 de dezembro de 1896. O Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes preservou quase todas as edições publicadas durante o período contemplado por este estudo. Como não havia a possibilidade de utilizar a tecnologia de Reconhecimento Óptico de Caracteres para um exame mais aprofundado em cada um dos exemplares que foram conservados, o tamanho da coleção dessa folha fez com que a minha análise sobre ela priorizasse o conteúdo da seção “Onde se diverte”. Nesse espaço, os redatores reuniam as informações a respeito das atividades de lazer que iriam acontecer na cidade. A título de ilustração, os espetáculos cinematográficos, circenses, musicais e teatrais. A primeira notícia sobre a presença do Professor Kij em Juiz de Fora foi localizada na edição de 20 de março de 1897 do *Jornal do Commercio*. Durante o processo de digitalização, a fotografia tirada da página 2, na qual a seção “Onde se diverte” havia sido publicada, ficou bastante desfocada. O teor das notícias não estava nítido. Apesar disso, ao dar *zoom*

na imagem, identifiquei um nome: “Kij”. Devido à leitura prévia de José Inácio de Melo Souza (2016), eu achei que poderia se tratar do exibidor ambulante que, nos meses anteriores, tinha apresentado o Vitascópio de Edison e o microfonógrafo em São Paulo. Esse pressentimento foi comprovado quando vasculhei as edições subsequentes do periódico. O projetorista itinerante também foi citado nas edições de 21, 23, 25 e 26 de março, e 1º de abril de 1897 do *Jornal do Commercio*. A digitalização desses originais não apresentou problemas. Nenhuma das fotografias tiradas havia ficado desfocada, o que me possibilitou levantar uma série de informações sobre a passagem do Professor Kij por Juiz de Fora. Todavia, a edição de 20 de março de 1897 era a que aparentemente reunia a maior quantidade de dados acerca do exibidor ambulante. Com a finalidade de descobrir o que havia sido publicado naquele dia, solicitei à funcionária do Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes a versão impressa da folha. Inicialmente, meu pedido foi negado. A justificativa dada foi que a coleção do periódico não tinha mais condições de ser manuseada. Diante da minha insistência, a direção da instituição juiz-forana liberou a consulta ao documento algumas semanas depois. Dessa maneira, eu tive acesso ao teor da primeira notícia sobre a presença do Professor Kij na minha cidade, que será apresentado posteriormente.

Além do *Jornal do Commercio*, outra fonte importante utilizada ao longo da pesquisa foi *O Pharol*. Heliane Casarin Henriques (2022) revela que as edições preservadas desse periódico foram microfilmadas a partir de 1988 pela Biblioteca Nacional²². Inclusive, na época, ela foi a responsável por transportar, um pouco de cada vez, os exemplares da coleção de Juiz de Fora para o Rio de Janeiro. Em abril de 2006, a Biblioteca Nacional lançou a BNDigital. De acordo com Vinícius Pontes Martins (2017), inicialmente, o seu acervo possuía cerca de três mil documentos oriundos de projetos temáticos de digitalização realizados pela instituição nos anos anteriores. Esses primeiros esforços foram fundamentais, na medida em que levaram ao acúmulo de conhecimento que viabilizou a instalação de um modelo de biblioteca digital conduzido por normas e padrões internacionalmente utilizados. O autor relata que a missão da BNDigital é preservar a memória documental da nação e possibilitar o acesso múltiplo, simultâneo e sem fronteiras às informações contidas no seu acervo. A transposição do papel para o digital tem dimi-

²² Sediada no Rio de Janeiro, a Biblioteca Nacional lançou, em 1978, o Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros. A iniciativa, que contou com a parceria da Fundação Casa de Rui Barbosa, tinha como objetivos localizar, recuperar e preservar o acervo hemerográfico do país. Foi o maior projeto de uma instituição pública direcionado, exclusivamente, para a salvaguarda dos jornais que circularam no nosso território.

nuído distâncias, poupado tempo e permitido a ampliação do escopo de pesquisas historiográficas. Em 2011, a BNDigital estabeleceu uma parceria com a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para promover a digitalização sistemática do seu acervo hemerográfico que já se encontrava em domínio público. O objetivo era que, em até dois anos, dez milhões de páginas estariam disponíveis *online* para consulta. Assim, em julho de 2012, a Hemeroteca Digital Brasileira foi lançada. O conteúdo do novo portal de pesquisa é fruto, principalmente, da digitalização do acervo microfilmado de publicações seriadas da Biblioteca Nacional. Uma parcela menor adveio de originais. Isso ocorreu porque a captura dos microfilmes era bem mais fácil, rápida e econômica do que a das respectivas versões impressas. Por exemplo, os responsáveis pelo procedimento não precisavam manusear os originais que, em função do tempo, muitas vezes se encontravam em péssimas condições. Além disso, é importante destacar que, devido ao êxito alcançado pelo Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros, o acervo microfilmado era mais completo do que o impresso. Afinal, no momento em que a iniciativa foi lançada, a finalidade era que o primeiro preenchesse as lacunas do segundo. Logo, *O Pharol* foi uma das folhas disponibilizadas na Hemeroteca Digital Brasileira²³.

Fundado por Thomaz Cameron, *O Pharol* entrou em circulação em 11 de setembro de 1866. Inicialmente, o jornal era produzido em Paraíba do Sul. Em 8 de janeiro de 1870, a sua redação já havia se transferido para Juiz de Fora²⁴, onde ele foi publicado até 1939. O portal de pesquisa possui quase todos os exemplares editados ao longo do período abrangido por esta investigação. A consulta ao conteúdo da coleção pode ser feita mediante palavras-chave. Isso é possível graças à utilização da tecnologia de Reconhecimento Óptico de Caracteres, que proporciona uma busca mais otimizada. Assim, ao analisar *O Pharol*, eu não precisei priorizar uma seção específica – como aconteceu com o *Jornal do Commercio*. Porém, é fundamental mencionar que, nesse periódico, a seção “Diversões” reunia a maior quantidade de informações sobre as atividades de lazer que

²³ Os exemplares do jornal *O Pharol* oriundos do Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes representam a maior parcela da coleção encontrada na Hemeroteca Digital Brasileira. O seu conteúdo foi complementado com edições provenientes do Arquivo Público Mineiro, que se localiza em Belo Horizonte.

²⁴ Na Hemeroteca Digital Brasileira, o exemplar mais antigo do jornal *O Pharol* data de 10 de fevereiro de 1876. Em 2005, um pesquisador que utilizava o Arquivo Municipal de Juiz de Fora encontrou, por acaso, a edição de 8 de janeiro de 1870. O seu cabeçalho dizia que ela havia sido publicada em Juiz de Fora. Isso é suficiente para desmentir a informação apresentada por Almir de Oliveira (1981) de que *O Pharol* passou a circular no município mineiro em abril de 1871.

eram realizadas na cidade. Dentre elas, os espetáculos cinematográficos. Por causa de uma reorganização interna da folha, que assumiu uma linha editorial profundamente conservadora²⁵, *O Pharol* não circulou entre os dias 1º de janeiro e 5 de abril de 1897. Logo, ele não noticiou a passagem do Professor Kij por Juiz de Fora. Nesse momento, é válido lembrar que Galdino não indica a fonte de onde retirou a informação de que, em 23 de julho de 1897, por intermédio da Companhia de Variedades Germano Alves, foi realizada na cidade a primeira exibição cinematográfica de Minas Gerais. Durante a elaboração da sua obra, o autor consultou sistematicamente tanto a coleção de *O Pharol* quanto à do *Jornal do Commercio*. Como *O Pharol* não foi editado nos meses iniciais de 1897, a projeção fílmica promovida pela Companhia de Variedades Germano Alves foi a primeira a ser noticiada pelo periódico naquele ano. Já no caso do *Jornal do Commercio*, é possível que, mesmo que tenha encontrado os exemplares que mencionavam a presença do Professor Kij em Juiz de Fora, Galdino ignorasse o fato de que o Vitascópio de Edison também era um aparelho que reproduzia imagens em telas. Durante o século XX, os franceses tomaram para si o posto de criadores do Cinema. “Para tanto, basta pensar nos festejos dos 100 Anos do Cinema, em que a efeméride não foi a primazia das invenções que foram várias e em diversos países, mas sim a primeira exibição pública e paga de filmes dos Lumière” (SCHVARZMAN, 2007, p.24). Portanto, o aparelho que, historicamente, recebeu o maior destaque foi o Cinematógrafo. Nesse sentido, é preciso dizer que Galdino era um pesquisador independente. Em 1983, a sua investigação venceu, na categoria Ensaio, o Prêmio de Literatura Cidade de Belo Horizonte. Por esse motivo, ela foi publicada. A comissão julgadora – composta por Aires da Mata Machado Filho, Délcio Monteiro de Lima e Francisco Iglésias –, ao laureá-la, enfatizou o seu pioneirismo dentro do campo ao qual ela se relaciona. A minha pesquisa não conseguiu descobrir muitas informações sobre o autor. No entanto, foi constatado que, no ano de 1971, ele se formou em Direito na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e que, além de “Minas Gerais: ensaio de filmografia” (1983), também editou “O cinéfilo anarquista: Carlos Drummond de Andrade e o cinema” (1991). Assim, ele não tinha uma formação na área, o que pode justificar o seu desconhecimento quanto a outros equipamentos destinados à exibição cinematográfica.

²⁵ Na sua edição de 6 de abril de 1897, *O Pharol* se posicionou contra todo e qualquer movimento insurrecional que atente contra a ordem pública do país – sobretudo os guiados por ideais anarquistas, que gradativamente iam ganhando força entre os operários. A finalidade do periódico era ajudar na preservação do princípio da autoridade, que resguarda os direitos e garante as liberdades.

Neste primeiro capítulo, eu abordo, antes de qualquer outro assunto, a história do Theatro Juiz de Fora. A sua construção foi providenciada pelos irmãos Frederico e Alfredo Ferreira Lage. Ao longo dos últimos anos do século XIX e dos primeiros do XX, esse ambiente recebeu a maior parte das apresentações feitas pelos exibidores ambulantes que passaram pela cidade mineira. Como mencionei anteriormente, em 1897, o Professor Kij e a Companhia de Variedades Germano Alves deram espetáculos lá. Para além do *Jornal do Commercio* e de *O Pharol*, as informações sobre o Theatro Juiz de Fora foram levantadas depois de algumas visitas, entre março e abril de 2022, ao Arquivo do Museu Mariano Procópio. Na época, eu tive bastante dificuldade para agendar as minhas idas ao local. Isso se deu não somente devido à pandemia, mas também pelo fato de que o Museu Mariano Procópio estava, desde 2007, fechado para reformas. Em 31 de maio de 2023 – aniversário de 173 anos de Juiz de Fora –, ele foi totalmente reaberto ao público. Com aproximadamente 53 mil itens, a instituição guarda o segundo maior acervo do Brasil Império. Uma coleção de valor inestimável que merece ser vista por todos os brasileiros.

Em seguida, eu analiso a passagem do Professor Kij e da Companhia de Variedades Germano Alves / Empresa Apolônia Pinto pelo município mineiro a partir das informações contidas no *Jornal do Commercio* e em *O Pharol*. O Professor Kij se apresentou em Juiz de Fora em março de 1897. Já a Companhia de Variedades Germano Alves, entre julho e agosto de 1897. Em abril de 1898, depois de realizar espetáculos em Porto Alegre, a trupe se dissolveu. No entanto, Germano Alves e Apolônia Pinto – a sua companheira – continuaram a exhibir o Cinematógrafo Lumière em várias cidades. Entre dezembro de 1898 e janeiro de 1899, quando se apresentaram novamente em Juiz de Fora, foram identificados pelos jornais como Empresa Apolônia Pinto, o que fazia mais sentido, na medida em que, naquele momento, ela era uma das mais importantes atrizes da nação. Além de analisar a passagem desses exibidores ambulantes pelo município mineiro, busco mapear os espetáculos que eles deram pelo país (e, eventualmente, também no exterior). Para atingir esse objetivo, a Hemeroteca Digital Brasileira teve um papel fundamental. Através dela, pude reconstituir suas trajetórias por cidades como Belém, Campos dos Goytacazes, Curitiba, Florianópolis, Fortaleza, Niterói, Olinda, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, Santos, São Luís e São Paulo. Infelizmente, nem todos os periódicos que circularam ao longo dos últimos anos do século XIX e dos primeiros do XX foram digitalizados. Portanto, para preencher lacunas, tive que recorrer aos arquivos físicos. Nesse sentido, não posso deixar de destacar a boa vontade dos funcionários desses “espaços de memória” – em especial, dos situados nos estados de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul

– quando entrei em contato pedindo ajuda, seja por e-mail, telefone ou presencialmente. Pelo fato do Brasil ser uma nação de dimensões continentais, o deslocamento entre municípios é um desafio. Isso é potencializado quando pensamos que este trabalho foi feito durante a pandemia. Assim, o desenvolvimento desta investigação não seria possível se eu não tivesse sido amparado por muitas pessoas, a quem reitero o meu eterno agradecimento.

Por fim, eu demonstro que o começo das projeções fílmicas em Juiz de Fora não afastou de imediato os lanternistas da cidade. Eles continuaram se apresentando até, pelo menos, dezembro de 1900 – quando eu encontrei, na imprensa local, o último registro de um espetáculo que incluísse lanternas mágicas. Logo, nesse tópico, eu discorro sobre dois indivíduos e uma empresa que, entre 1897 e 1900, exibiram esse aparelho óptico em Juiz de Fora: João Ferreira Esteves, Gabriel Galanti e Hass & Co.

1.1 – O Theatro Juiz de Fora: uma iniciativa dos irmãos Ferreira Lage

Nascido em Barbacena, Mariano Procópio Ferreira Lage (1821-1872) foi o engenheiro responsável pela criação da primeira rodovia macadamizada²⁶ do Brasil. A Estrada de Rodagem União e Indústria, que ligava as cidades de Petrópolis e Juiz de Fora, foi inaugurada pelo Imperador Dom Pedro II em 23 de junho de 1861. Além disso, ele ocupou, ao longo de sua vida, importantes cargos públicos, como o de Diretor da Estrada de Ferro Dom Pedro II – renomeada, no período republicano, para Estrada de Ferro Central do Brasil – e o de Diretor das Docas da Alfândega. Membro do Partido Conservador, ele foi eleito deputado por Minas Gerais em duas ocasiões – na décima primeira (entre 1861 e 1863) e na décima quarta (entre 1869 e 1872) legislaturas da Assembleia Geral do Império. O seu matrimônio, celebrado em 14 de agosto de 1851 com Maria Amália Machado Coelho (1834-1914), que passou a assinar Maria Amália Ferreira Lage, levou ao nascimento de sete crianças. Dentre os filhos, Frederico Ferreira Lage (1862-1901) e Alfredo Ferreira Lage (1865-1944).

²⁶ O macadame é um tipo de pavimento para estradas desenvolvido pelo engenheiro escocês John Loudon McAdam – daí o seu nome – por volta de 1820. Quando os veículos motorizados apareceram, a poeira se tornou um grave problema em vias de macadame. Ao se locomoverem rapidamente, o vácuo gerado pelos automóveis suga o pó da superfície das estradas. Por sua vez, isso faz com que nuvens de poeira sejam levantadas, o que destrói o pavimento. Esse problema apenas foi solucionado mais tarde, quando o alcatrão foi pulverizado nas vias, dando origem ao tarmac (alcatrão sobre macadame).

Figura 9 – Mariano Procópio Ferreira Lage



Figura 10 – Maria Amália Ferreira Lage



Fonte das figuras: Acervo do Museu Mariano Procópio

Falecido precocemente aos 39 anos, Frederico Ferreira Lage teve seu nome atrelado a relevantes iniciativas locais nas últimas décadas do século XIX. Ele foi um dos acionistas fundadores da Companhia Mineira de Eletricidade. Durante a assembleia geral

de inauguração, que aconteceu em 7 de janeiro de 1888, foi um dos três membros eleitos para seu Conselho Fiscal. Além disso, foi subscritor de ações da Sociedade Anônima Academia de Comércio de Juiz de Fora. Criada em 30 de março de 1891, a instituição foi a primeira, na América do Sul, a oferecer formação comercial em nível superior. Os cursos eram desenvolvidos nos moldes dos encontrados na Escola de Altos Estudos Comerciais de Paris. Frederico também foi nomeado Presidente da Companhia Organização Agrícola Mineira, entidade que, de acordo com o artigo 2º do Decreto nº 560, de 24 de setembro de 1891, tinha como objetivos implantar estabelecimentos destinados à instrução agrícola – tanto teórica quanto prática –, promover a utilização de tecnologias no campo e organizar o fornecimento dos gêneros produzidos. O seu matrimônio, celebrado em 22 de novembro de 1888 com Alice Lecocq de Oliveira (1864-1914), que passou a assinar Alice Ferreira Lage, levou ao nascimento de três crianças – os únicos netos que Mariano Procópio e Maria Amália tiveram.

Figura 11 – Frederico Ferreira Lage e Alice Ferreira Lage



Fonte: Acervo do Museu Mariano Procópio

Por sua vez, enquanto esteve vivo, Alfredo Ferreira Lage era enxergado, pela população local, como benemérito, na medida em que se envolveu com vários projetos em favor do município da Zona da Mata, como o que permitiu a ampliação da Avenida Rio Branco dos arredores da Rua Floriano Peixoto até as margens do Rio Paraibuna. Assim

como o seu irmão mais velho, ele também integrou o quadro de acionistas fundadores da Companhia Mineira de Eletricidade. Além disso, na última década do século XIX, atuou como Diretor do jornal *O Pharol*, um dos mais importantes periódicos do estado naquela época. Alfredo se destacou como um dos principais colecionadores de peças artísticas e históricas do Brasil. O seu feito mais notório foi a criação, em 1921, do Museu Mariano Procópio, que se localiza na antiga residência da sua família²⁷. Para tal instituição, ele doou todos os itens do seu acervo. Dentre eles, as telas, as indumentárias, as pratarias, as medalhas, as cerâmicas, as porcelanas, os cristais e os livros. Nas palavras de Rogério Rezende (2008), quando o museu foi inaugurado, a coleção de Alfredo tinha 5050 peças. Em 1944, ano do seu falecimento, o número havia subido para 13345. Devido ao crescimento do acervo ao longo do tempo, as instalações da instituição tiveram que ser ampliadas para comportar todos os objetos. Durante sua vida, Alfredo teve como companheira Maria Pardos (?-1928). A espanhola chegou ao Brasil em 9 de novembro de 1890²⁸. É provável que a sua vinda ao nosso país tenha sido motivada por um convite que recebeu para participar das apresentações da Companhia Italiana de Óperas Cômicas e Operetas, que era dirigida por G. Gargano. No entanto, depois de uma temporada no Rio de Janeiro, ela se desvinculou do grupo, que seguiu para outras cidades. Valéria Fasolato (2014) destaca que isso possivelmente ocorreu porque, nessa mesma época, Maria teria se envolvido com Alfredo, o que a levou a fixar residência na então capital federal²⁹. Porém, a relação pouco convencional do casal não era vista com bons olhos pelo restante da família Ferreira Lage. Apesar de oficialmente nunca terem contraído matrimônio, após o óbito de Maria, Alfredo passou a se declarar viúvo. Quando ele doou o Museu Mariano

²⁷ A inauguração do Museu Mariano Procópio recebeu uma ampla cobertura da imprensa nacional. O jornal *O Paiz*, ao trazer a notícia, cobrou do governo federal uma iniciativa semelhante à de Alfredo Ferreira Lage em prol da história brasileira. “Ideia luminosa esta. Várias vezes *O Paiz* se tem referido ao valor dos museus históricos e, especialmente, à necessidade de fundar o governo o Museu Histórico Brasileiro, que nos prestaria serviços inestimáveis. É verdade que nos achamos mal colocados no mundo civilizado quando pretendemos estabelecer paralelos no terreno da cultura. Uma prova disto é justamente a falta de tradições e de amor ao passado que se nota às vezes em nosso povo” (*O Paiz*, 22 de junho de 1921, p.3). Portanto, o periódico fluminense destacou a importância do empreendimento juiz-forano para uma nação que queria se apresentar ao mundo como ilustrada.

²⁸ *O Paiz*, 10 de novembro de 1890, p.2.

²⁹ Segundo a autora, uma correspondência de Alfredo para Manoel Costa, seu afilhado, indica quando começou o relacionamento com Maria. “Venho acusar suas duas cartas com datas de 23 e 24 recebidas hoje. Muito agradeço as suas palavras de consolo pela perda que acabo de passar da minha companheira de 37 anos. Foi um golpe bem doloroso. Resta-me o consolo de haver tudo feito para aliviar seus últimos dias e poupar os grandes sofrimentos causados por essa terrível moléstia” (Alfredo Ferreira Lage, 25 de maio de 1928 *apud* Fasolato, 2014, p.28). O trecho da mensagem afirma que o casal esteve junto por 37 anos. Como ela foi escrita em 1928, depois do falecimento da espanhola, o início do romance aconteceu em 1891.

Procópio ao município de Juiz de Fora, em 29 de fevereiro de 1936, determinou na escritura que uma das salas da instituição deveria receber o nome da espanhola, pois ela tinha colaborado bastante para a sua criação.

Figura 12 – Alfredo Ferreira Lage



Figura 13 – Maria Pardos



Fonte das figuras: Acervo do Museu Mariano Procópio

Juntos, Frederico e Alfredo fundaram um dos mais modernos teatros brasileiros do período. O Theatro Juiz de Fora, que se localizava na Rua Espírito Santo³⁰, onde antes se situava o Theatro Perseverança³¹, foi inaugurado em 28 de fevereiro de 1889. A edição de 27 de fevereiro de 1889 do jornal *Diário de Minas* afirmou que a casa de diversões havia sido construída pelo empreiteiro Camillo Gomes Teixeira. O imóvel possuía 15m de frente, 37m de fundos e 13m de altura. O seu palco apresentava 14m de largura e 13m de profundidade. O espaço dedicado para a orquestra comportava 20 músicos, além do regente. Os artistas tinham à sua disposição quatro camarins para se prepararem para as sessões. A plateia, que media 11m de comprimento e 10m de largura, acomodava 156 pessoas. As cadeiras seguiam o modelo americano, ou seja, os seus assentos podiam ser levantados quando não estivessem ocupados. Debaixo deles, um espaço seguro para os homens guardarem seus chapéus, sem que corressem o risco de sujar ou amarrutar. O periódico ressaltou que, no tocante à qualidade das poltronas, o único teatro brasileiro que poderia rivalizar com o erguido em Juiz de Fora era o Theatro Santa Isabel, localizado em Recife. Além da plateia, o primeiro pavimento da casa de diversões mineira contava também com uma varanda que comportava mais 122 espectadores. Por sua vez, o segundo andar possuía um salão luxuosamente mobiliado com três sacadas para a rua, dois banheiros, uma galeria com capacidade para acomodar 150 pessoas e 18 camarotes espaçosos e arejados, que possuíam cinco cadeiras cada. Do total de camarotes, um era reservado para a família Ferreira Lage, um para a imprensa e um para as autoridades po-

³⁰ Naquele tempo, a maioria dos municípios brasileiros não tinha um padrão de numeração eficaz. Não foi possível identificar o número da casa de diversões no logradouro. Porém, no lançamento do Imposto Predial de 1906, existe uma cobrança para uma propriedade de Alfredo Ferreira Lage na Rua Espírito Santo, nº 7779. Na medida em que a via não comporta uma numeração tão elevada, é provável que tenha havido, por parte do tipógrafo, um erro durante a composição. Ele deve ter incluído um “7” a mais ou um “9” indevido. Nesse sentido, o Theatro Juiz de Fora deveria se situar, por exemplo, onde hoje é o nº 779. Existem fontes não muito precisas que apontam que, após a sua demolição, o local abrigou uma guarnição do Corpo de Bombeiros e, mais tarde, um lactário.

³¹ Na edição de 9 de novembro de 1910 do jornal *O Pharol*, Lúcio d’Alva destacou, em sua coluna sobre a história do teatro na cidade mineira, que em 1867, por iniciativa de Carlos Otto Halfeld e Antônio Amálio Halfeld, foi criada a Sociedade Progresso de Juiz de Fora. O objetivo da entidade era a “construção de um teatro que tivesse igualmente acomodações precisas para bailes, partidas, reuniões musicais, de beneficência e outras, bem como para qualquer divertimento honesto e lícito” (p.1). De acordo com Paulino de Oliveira (1966), o estabelecimento já existia em 1871. Ele havia sido erguido na Rua Espírito Santo, num terreno cedido por Carlos. Foi nomeado de Theatro Perseverança devido à obstinação de seus fundadores em levar o projeto adiante. Naquela época, Juiz de Fora contava com o Theatro Misericórdia. Localizada no Bairro Alto dos Passos, essa casa de diversões foi construída pelo Barão da Bertioga, provavelmente em 1859. A sua renda ajudava na manutenção da Santa Casa de Misericórdia. Com a fundação do Theatro Perseverança na região central de Juiz de Fora, o Theatro Misericórdia acabou sendo preterido pela população local. Entretanto, o novo empreendimento não apresentava instalações seguras. Em 1872, o delegado Antônio Luiz de Miranda Ribeiro endereçou um ofício à Câmara Municipal. No documento, ele apontou que os seus camarotes e galerias, em virtude de sua má construção, ameaçavam ruir. O órgão público foi então obrigado a tomar providências para evitar os desabamentos.

liciais. A edição de 2 de março de 1889 do jornal *Diário de Minas* assinalou que a renda obtida na inauguração do Theatro Juiz de Fora foi completamente revertida para a Santa Casa de Misericórdia. Frederico e Alfredo convidaram Afonso Celso de Assis Figueiredo – o Visconde de Ouro Preto – para proferir um discurso em defesa da caridade cristã. Afonso era um dos políticos mais importantes da nação. Ele já tinha sido eleito senador, deputado federal (quatro mandatos) e deputado estadual (dois mandatos) por Minas Gerais. Em 7 de junho de 1889, ele passaria a presidir o Conselho de Ministros do Império – naquela época, o cargo mais alto do Poder Executivo. Logo, a sua presença na abertura do Theatro Juiz de Fora reforçava ainda mais o prestígio do estabelecimento. O debute da casa de diversões contou também com vários números musicais. Aos 24 anos de idade, Alfredo realizou sua primeira apresentação pública como pianista e foi muito elogiado. Já Alice, sua cunhada, impressionou os presentes com a sua interpretação para diversas canções. O espetáculo foi finalizado com uma tômbola³² dos prêmios que haviam sido previamente doados.

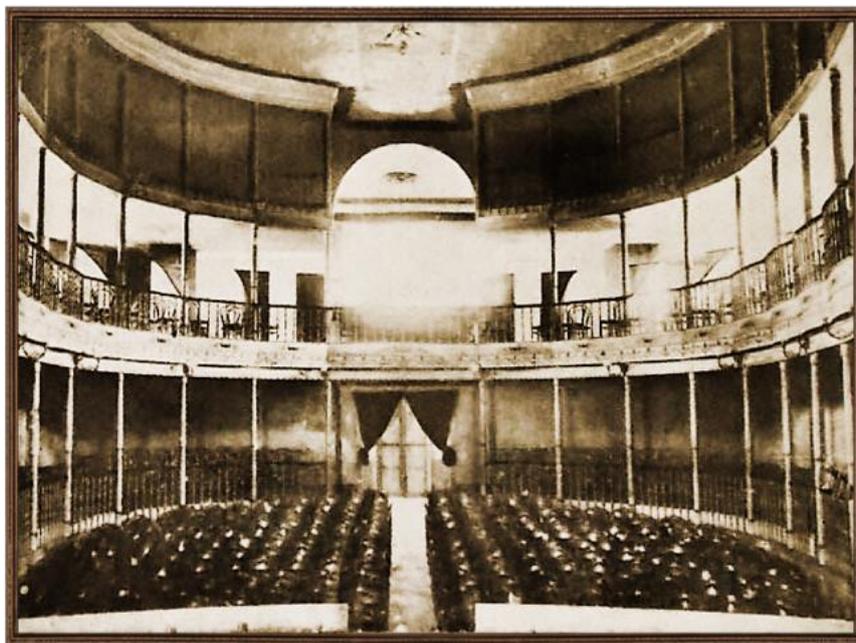
Figura 14 – Fachada do Theatro Juiz de Fora



Fonte: ESTEVES, Albino. **Álbum do município de Juiz de Fora**.
Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1915, p.216.

³² Jogo de azar em que, para ganhar, o participante precisa preencher toda a cartela de números. No Brasil, é mais conhecido como bingo.

Figura 15 – Plateia do Theatro Juiz de Fora



Fonte: ESTEVES, Albino. *Álbum do município de Juiz de Fora*.
Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1915, p.216.

Figura 16 – Palco do Theatro Juiz de Fora



Fonte: ESTEVES, Albino. *Álbum do município de Juiz de Fora*.
Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1915, p.217.

Entre 7 e 10 de agosto de 1890, o ator italiano Ermete Novelli (1851-1919) se apresentou no Theatro Juiz de Fora com a sua companhia. Em virtude do prestígio do in-

térprete, que recebeu calorosos aplausos em várias capitais da Europa, a sua chegada ao município de Minas Gerais ganhou uma ampla cobertura da imprensa. “Todos são acordados em reconhecer que a vinda de Novelli será a consagração do progresso, do adiantamento e da civilização de Juiz de Fora, já exuberantemente demonstrados por numerosas iniciativas puramente locais” (*O Pharol*, 6 de agosto de 1890, p.1). Depois do seu último espetáculo, Ermete foi surpreendido com uma manifestação de apreço de Frederico e Alfredo. Os donos do Theatro Juiz de Fora disseram que, a partir de então, a casa de diversões seria conhecida como Theatro Novelli³³. Antes de regressar para o Rio de Janeiro, o ator italiano prometeu que, assim que fosse possível, retornaria à cidade com a sua companhia. Ao longo da década de 1890, os periódicos locais empregaram as duas denominações quando tratavam do estabelecimento. Todavia, Ermete nunca mais se apresentou em Juiz de Fora. Então, com o passar do tempo, Theatro Novelli deixou de ser utilizada. A passagem do intérprete pelo município de Minas Gerais foi resultado do esforço dos irmãos Ferreira Lage. Segundo Rogério Rezende (2008), era comum que Frederico e Alfredo assumissem todas as despesas relativas à vinda de artistas a Juiz de Fora. Muitas vezes, eles amargavam prejuízo financeiro, pois os espetáculos não davam o retorno esperado. Por sua vez, a imprensa reconhecia tal empenho. De acordo com a edição de 12 de agosto de 1890 do jornal *O Pharol*, ao trazerem o ator italiano e a sua companhia, os dois “deram um eloquente testemunho da estima que votam a esta cidade” (p.1). Para agradecer as pessoas que fizeram com que Ermete tivesse em Juiz de Fora uma recepção digna da sua reputação artística, os irmãos Ferreira Lage serviram, naquele dia, um banquete no Hotel Rio de Janeiro³⁴.

Durante a sua existência, o Theatro Juiz de Fora colocou o município mineiro na rota das apresentações das companhias líricas, teatrais e de variedades. Na época, as turnês começavam no Rio de Janeiro, seguiam para Juiz de Fora e, de lá, rumavam para São João Del-Rei e Ouro Preto. Além disso, ele também foi palco de atividades comerciais e científicas, atos políticos, bailes carnavalescos, formaturas, homenagens e reuniões de operários. Em 1919, Alfredo concedeu uma entrevista na qual manifestou sua intenção de demolir o Theatro Juiz de Fora. No terreno, ele pretendia erguer moradias³⁵. O motivo era a concorrência com as novas casas de espetáculos que, ao longo da década de 1910, a-

³³ *O Pharol*, 10 de agosto de 1890, p.1.

³⁴ *O Pharol*, 13 de agosto de 1890, p.1.

³⁵ *O Dia*, 21 de setembro de 1919, p.1.

pareceram na cidade. Porém, ele desistiu da ideia. De acordo com *O Pharol*, até 19 de setembro de 1923, o estabelecimento ainda estaria funcionando. Nessa data, o drama sacro “Esther” seria apresentado³⁶. Em 24 de outubro de 1923, tal periódico publicou uma notícia sobre um possível arrendamento do Theatro Juiz de Fora. Caso isso se concretizasse, o casarão da Rua Espírito Santo seria completamente remodelado. Todavia, foi a Câmara Municipal que, no ano seguinte, resolveu adquiri-lo com o propósito de deixá-lo maior e mais confortável para a população³⁷. Por causa da burocracia, a compra foi concluída, pela quantia de cem contos, só em 1925³⁸. Apesar da expectativa dos juiz-foranos, o órgão legislativo não cumpriu com sua promessa de reformar o espaço de diversões. Isso gerou questionamentos por parte da imprensa. Em sua edição de 30 de junho de 1925, *O Pharol* apresentou como manchete: “E o novo Theatro, quando sai? Estará a Câmara esperando que ele caia do céu, prontinho e acabado?” Meses depois, tal folha reportou que o edifício estava ameaçando ruir e pediu que fossem tomadas providências³⁹. No entanto, o órgão legislativo apenas se manifestou a favor da reparação da casa de espetáculos em março de 1926⁴⁰. A despeito da vontade, ela não foi adiante. No mês seguinte, o então vereador Luiz Penna disseminou, entre os seus pares, uma proposta de construção de um novo teatro na cidade. Segundo *O Pharol*, tal medida progressista seria aprovada pela Câmara Municipal⁴¹. Dias depois, o político apresentou à consideração do órgão legislativo um projeto de lei que autorizava o agente executivo municipal a realizar as operações de crédito que fossem necessárias para custear as obras⁴². Na época, isso significou que o casarão da Rua Espírito Santo não seria aproveitado, mesmo tendo sido adquirido há pouco tempo. *O Brasil* publicou um comentário de um periódico local sobre a decisão tomada em Juiz de Fora:

A nós – comenta um jornal de Juiz de Fora – sempre nos pareceu que o ex-Novelli, mesmo totalmente reformado, já não pode corresponder às necessidades e ao progresso

³⁶ *O Pharol*, 9 de setembro de 1923, p.1.

³⁷ *A Noite*, 11 de março de 1924, p.3.

³⁸ *A Noite*, 27 de fevereiro de 1925, p.9.

³⁹ *O Pharol*, 6 de outubro de 1925, p.1.

⁴⁰ *O Pharol*, 22 de março de 1926, p.1.

⁴¹ *O Pharol*, 22 de abril de 1926, p.1.

⁴² *O Brasil*, 30 de abril de 1926, p.7.

locais por ser muito pequeno e não poder ser aumentado, como desejava o Sr. Presidente da Câmara, por causa do córrego da Independência, que atravessa os fundos do teatro. Por outro lado, embora contrariando a opinião de alguns dos nossos confrades, sempre entendemos que o teatro estava mal localizado na Rua do Espírito Santo, que é, hoje, uma rua exclusivamente de residências particulares, de famílias. Em que pese ainda aos que entendem poder uma casa de diversões desse gênero ficar situada numa via pacata, sem vida noturna e afastada do centro, o teatro deve ficar localizado na Avenida Rio Branco, trecho central, ou então na Rua Halfeld (*O Brasil*, 30 de abril de 1926, p.7).

Esse foi o último registro do Theatro Juiz de Fora encontrado por mim. É provável que ele tenha sido demolido no final da década de 1920. Nessa mesma época, a Companhia Central de Diversões iniciou a construção do Cine-Theatro Central, que se tornaria, ao longo do século XX, a sala de cinema mais representativa do município. Por esse motivo, eu suponho que a Câmara Municipal também tenha desistido de levantar um novo teatro. Apesar do seu triste fim, o espaço de diversões fundado pelos filhos de Mariano Procópio teve uma importância desmedida na história da exibição cinematográfica em Juiz de Fora. Afinal, conforme foi pontuado, durante a sua existência, ele recebeu diversos exibidores ambulantes. Dito isso, nos próximos tópicos, eu analisarei a passagem de dois deles pela cidade: Professor Kij e Companhia de Variedades Germano Alves / Empresa Apolônia Pinto.

1.2 – O Professor Kij *versus* o sistema de iluminação de Juiz de Fora

No livro “Salas de cinema e história urbana de São Paulo (1895-1930): o cinema dos engenheiros” (2016), José Inácio de Melo Souza apresenta, entre as páginas 65 e 67, um quadro com as exibições cinematográficas que aconteceram, entre os anos de 1895 e 1906, na capital paulista. De acordo com o autor, entre os dias 27 de janeiro e 9 de fevereiro de 1897⁴³, o Professor Kij, ao lado do seu auxiliar Joseph, deu uma série de espetá-

⁴³ A data da última apresentação do Professor Kij e de Joseph no salão de concertos da Confeitaria Pauliceia gera um questionamento. Em “Salões, circos e cinemas de São Paulo” (1981), Vicente de Paula Araújo reproduz a seguinte notícia publicada na seção “Palcos e salões” da edição de 7 de fevereiro de 1897 do jornal *O Commercio de São Paulo*: “Por se ter quebrado uma das peças do Vitascópio, deixa de funci-

culos no salão de concertos da Confeitaria Pauliceia, estabelecimento de propriedade de Domingos José Coelho e que se localizava na Rua 15 de Novembro, nº 38, Bairro da Sé. Na ocasião, foram mostrados ao público o Vitascópio de Edison e o microfonógrafo. Após essa temporada em São Paulo, é provável que as próximas projeções realizadas pelo ambulante – dessa vez, sem a companhia de Joseph – tenham ocorrido em Juiz de Fora. Como mencionei anteriormente, a primeira notícia sobre a presença do Professor Kij no município mineiro foi identificada na seção “Onde se diverte” da edição de 20 de março de 1897 do *Jornal do Commercio*. O Vitascópio – ou fotografia animada – foi apontado como a última novidade na América do Norte e Europa⁴⁴. Segundo o periódico, o aparelho era mais aperfeiçoado que o Quinetoscópio⁴⁵, também criado pelo Edison. “O Vitascópio reproduz as cenas vivas tomadas do natural, como, por exemplo, um *boulevard* de Paris, com todo o seu movimento de carros, de velocípedes, etc.; o mar, com o fluxo e o refluxo das ondas; a chegada de um trem de ferro, o desembarque dos seus passageiros, etc.” (p.2). Por sua vez, a edição seguinte⁴⁶ comunicou que a intenção do ambulante era realizar os dois primeiros espetáculos no Theatro Juiz de Fora e as apresentações posteriores no antigo salão de bilhares, que se localizava na Rua Direita – atual Avenida Rio Branco –, em frente ao Jardim Municipal⁴⁷. De acordo com o periódico, o antigo salão de bilhares se adequava perfeitamente ao funcionamento do Vitascópio, na medida em que

onar temporariamente naquele salão o engenhoso aparelho de Edison que ali esteve exposto durante esta última quinzena” (p.2).

⁴⁴ Com essa informação, o *Jornal do Commercio* busca despertar o interesse de seus leitores. Na verdade, o Vitascópio nunca chegou a ser um sucesso na Europa. O projetor teve um *boom* somente no mercado estadunidense.

⁴⁵ De acordo com Jorge Capellaro e Paulo Roberto Ferreira (1996), o tcheco Frederico Figner foi o responsável por introduzir o Quinetoscópio no Brasil no ano de 1894. “Um novo invento do célebre eletricitista Edison desperta sempre grande curiosidade, por isso prevemos que o *Kinetoscope*, a sua última descoberta, será muitíssimo apreciado pelo público que terá ocasião de vê-lo à Rua do Ouvidor, nº 131, onde ele se acha exposto” (*O Paiz*, 8 de dezembro de 1894, p.2). Além do Brasil, o ambulante apresentou o equipamento em outros países da América Latina, como, por exemplo, no Chile (Santiago e Valparaíso) e no Uruguai (Montevideú). A diferença básica que existia entre o Quinetoscópio e o Vitascópio era que o primeiro era um aparelho que possibilitava a visão individual das imagens em movimento. A inserção de uma moeda acionava a fita no interior do equipamento e, por meio de um visor, o espectador assistia a curta narrativa que se desenrolava. Já o segundo projetava as imagens em movimento na tela, o que gerava um lucro maior para os exibidores, na medida em que cada sessão comportava uma grande quantidade de pessoas.

⁴⁶ *Jornal do Commercio*, 21 de março de 1897, p.2.

⁴⁷ Jardim Municipal era o antigo nome dado ao Parque Halfeld. No ano de 1901, o coronel Francisco Mariano Halfeld se ofereceu para dirigir e custear as obras de remodelação do Jardim Municipal. De acordo com Paulino de Oliveira (1966), as modificações incluíam o “levantamento de canteiros, abertura de ruas, fechamento de outras, um pavilhão central, uma casa para o guarda do jardim, repuxos, lagos, pontes e casas rústicas, reforma do gradil e demais embelezamentos do referido logradouro” (p.189). Diante disso, o governo municipal resolveu homenageá-lo e deu o seu nome ao local.

era dotado de luz elétrica, tal como o Theatro Juiz de Fora⁴⁸. No entanto, o que se constatou nos dias que se seguiram foi que a energia se tornou um verdadeiro empecilho para as exposições do Professor Kij na cidade mineira. O ambulante não conseguiu realizar o primeiro espetáculo, que estava marcado para 23 de março de 1897, às 20 horas, devido a problemas no sistema de iluminação do estabelecimento, ainda que, nesse mesmo dia, mais cedo, ele tenha apresentado o Vitascópio para alguns jornalistas locais, que ficaram encantados com o aparelho⁴⁹. A estreia ocorreu dois dias depois, em 25 de março de 1897, às 20 horas. Tal e qual nas exposições feitas em São Paulo, o Professor Kij também mostrou ao público o microfonógrafo. Este equipamento era acoplado ao projetor criado por Edison. Sentados na plateia ou nos camarotes, os espectadores conseguiam escutar os sons transmitidos sem a necessidade de tubos auditivos, o que, por sua vez, representou um aperfeiçoamento do antigo fonógrafo⁵⁰. É provável que esse espetáculo –

⁴⁸ Sob o pseudônimo Lúcio d’Alva, Albino Esteves assinou uma coluna no jornal *O Pharol* sobre a história do teatro na cidade mineira. Na edição de 2 de março de 1911, ele mencionou que, quando o Theatro Juiz de Fora foi enfim inaugurado, em 28 de fevereiro de 1889, o estabelecimento era iluminado por 18 lâmpadas belgas de grande foco e o salão contava com um elegante lustre de cristal. Contudo, o jornalista apontou que, naquela época, o edifício fora projetado levando em consideração que, em breve, a energia elétrica seria implantada em Juiz de Fora, o que, de fato, ocorreu poucos meses depois, graças à determinação de Bernardo Mascarenhas. Em 3 de março de 1887, o industrial do setor têxtil passou a deter a concessão do serviço de iluminação pública no município, após adquiri-la por três contos e novecentos mil réis do engenheiro Maurício Arnade, que tinha explorado a atividade ao longo dos últimos 29 anos. Em 11 de outubro de 1887, Bernardo Mascarenhas pediu à Câmara Municipal uma modificação no contrato de fornecimento da iluminação. Ela deixaria de ser a gás e passaria a ser elétrica. Essa alteração foi aceita pelo órgão em 21 de janeiro de 1888. Duas semanas antes da aprovação da mudança, em 7 de janeiro de 1888, o empresário já havia inclusive promovido a reunião de fundação da Companhia Mineira de Eletricidade, que tinha como acionistas os irmãos Ferreira Lage, futuros proprietários do Theatro Juiz de Fora. No entanto, a obra “Companhia Mineira de Eletricidade” (1994), coordenada por Carlos Alberto Hargreaves para o Projeto Memória da CEMIG, ressalta que a demora para que todos os equipamentos destinados à implementação da energia elétrica chegassem dos Estados Unidos e a falta de profissionais devidamente capacitados para o manuseio dessas máquinas acabaram atrasando a iniciativa. Superados os problemas iniciais, Bernardo Mascarenhas ainda teria que lidar com obstáculos inesperados. Após comunicar a Câmara Municipal de que já seria possível a Companhia Mineira de Eletricidade começar o fornecimento de energia elétrica, ele foi surpreendido por uma matéria publicada na edição de 16 de agosto de 1889 do jornal *Diário de Minas*, que alarmava a população sobre os possíveis riscos gerados pelo novo sistema de iluminação e exigia a realização de uma vistoria técnica por profissionais de renome. Diante disso, o empresário procurou, nas páginas do próprio periódico, sanar todas as dúvidas relacionadas à energia elétrica, de modo a acalmar os locais. Em 22 de agosto de 1889, às 21 horas, o industrial desenvolveu a primeira experiência de iluminação pública. Entretanto, a inauguração oficial ocorreu em 5 de setembro de 1889. De acordo com Nelson Lage Mascarenhas (1954), “às 7 horas da noite, em frente à Tecelagem Mascarenhas, onde se aglomerava a multidão de populares, Bernardo ligou a luz e franqueou ao público o estabelecimento inteiramente iluminado. Logo após formou-se um cortejo imenso, tendo à frente a diretoria da Companhia Mineira de Eletricidade, que percorreu as ruas da cidade, todas iluminadas, enquanto vários fogos de artifício rabiscavam no ar” (p.149). Contudo, após terminarem as celebrações, Bernardo Mascarenhas passou a enfrentar diversas dificuldades para manter o novo sistema funcionando. Eram constantes as interrupções no fornecimento de energia elétrica, o que gerou críticas da imprensa naquela época.

⁴⁹ *Jornal do Commercio*, 25 de março de 1897, p.2.

ocorrido aproximadamente onze meses após a mítica sessão efetuada, em 23 de abril de 1896, no Koster and Bial Music Hall, localizado na Rua 34, em Nova York⁵¹ – tenha sido o único do Professor Kij em Juiz de Fora. Ao mencionar a partida do ambulante para São Paulo, a edição de 1º de abril de 1897 do *Jornal do Commercio* destacou que ele foi infeliz na cidade mineira, na medida em que o sistema de iluminação local não se prestou ao funcionamento do Vitascópio.

1.2.1 – De prestidigitador a projetorista: a trajetória do Professor Kij

Diante da passagem do Professor Kij por Juiz de Fora, uma análise mais aprofundada acerca da sua trajetória se faz necessária. Nos jornais, o registro mais antigo da sua atuação no país foi encontrado na edição de 14 de agosto de 1889 de *O Liberal do Pará*. A folha destacou que, três dias antes, o vapor Finance atracou no porto de Belém trazendo, dentre os passageiros, o prestidigitador Professor Kij. Na ocasião, ele estava acompanhado do citarrista⁵² Augusto Lennep. O debute dos artistas ocorreu em 21 de agosto de 1889. O espetáculo foi realizado no salão da Assembleia Paraense. A temporada na “metrópole da Amazônia” foi encerrada em 11 de setembro de 1889⁵³. Apesar da pouca concorrência na última apresentação, os números executados pela dupla foram muito aplaudidos pela audiência que compareceu⁵⁴. Depois de Belém, Kij e Lennep se dirigiram para São Luís, capital do Maranhão. Ary Bezerra Leite (2011) salienta que os espetáculos aconteceram no Theatro Tivoly⁵⁵. No entanto, como indicou a edição de 21 de setembro

⁵⁰ Vicente de Paula Araújo (1981) reproduz uma notícia publicada na edição de 2 de fevereiro de 1897 do jornal *O Commercio de São Paulo* que diz que, nas exibições realizadas na capital paulista, o microfonógrafo possuía um “magnífico e variado repertório de cantos, em seis línguas diferentes” (p.3).

⁵¹ É importante destacar que Juiz de Fora foi apresentada ao Vitascópio antes mesmo de muitas cidades dos Estados Unidos. Na obra “The emergence of cinema: the American screen to 1907” (1990), Charles Musser aponta, por exemplo, que Phoenix, capital do estado do Arizona, só foi ter a primeira exibição do projetor desenvolvido por Edison em maio de 1897.

⁵² O termo cítara é empregado para nomear qualquer cordofone que tenha cordas esticadas sobre o corpo do instrumento. Via de regra, o corpo é a própria caixa de ressonância. Apoiadas nos cavaletes, as cordas são distendidas acima dela.

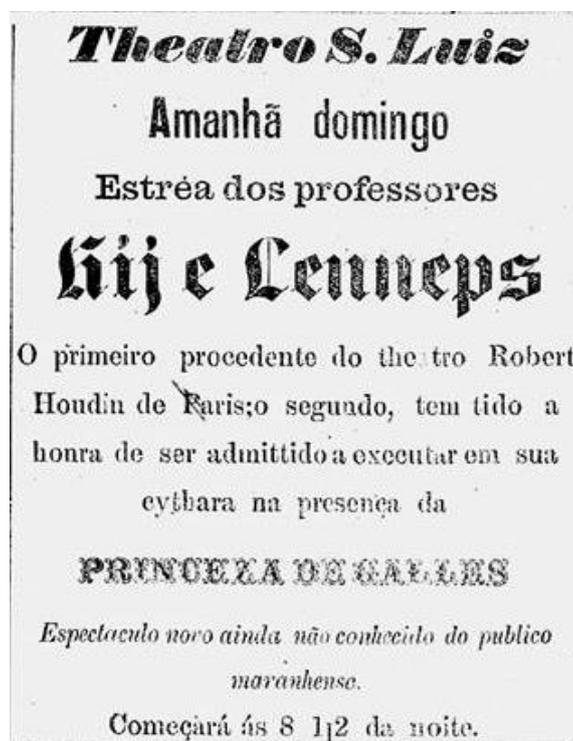
⁵³ *O Liberal do Pará*, 11 de setembro de 1889, p.2.

⁵⁴ *O Liberal do Pará*, 13 de setembro de 1889, p.3.

⁵⁵ Nas minhas pesquisas, eu não localizei nenhum estabelecimento na capital maranhense conhecido como Theatro Tivoly. Do mesmo modo, nada indica que esse era um nome alternativo do Theatro São Luís.

de 1889 de *O Globo*, eles foram efetuados no Theatro São Luís – atual Teatro Arthur Azevedo. Nesse mesmo exemplar, o periódico apontou que as apresentações dadas no Pará haviam sido bem avaliadas pela imprensa. *O Globo* assinalou que, como músico, a fama de Lennep já era bastante conhecida e que ele tocava com gosto e perfeição. Em contrapartida, provavelmente por se tratar da primeira vez de Kij em São Luís, o jornal afirmou que iria comentar sobre a qualidade do seu desempenho apenas depois de assistir aos seus números.

Figura 17 – Anúncio do espetáculo de Augusto Lennep e do Professor Kij no Theatro São Luís⁵⁶



Fonte: *O Globo*, 21 de setembro de 1889, p.1.

A estreia ocorreu no dia 22 de setembro de 1889. O periódico enfatizou que a apresentação dos artistas foi muito aplaudida pelo público presente e a recomendou para os maranhenses que não haviam comparecido ao teatro no debut. “Quem quiser afinar as cordas mais sensíveis do coração e deliciar a vista com o que a magia branca possui de mais moderna, habilite-se que talvez tão cedo não encontre outra ocasião” (*O Globo*, 24 de setembro de 1889, p.3). O segundo e último espetáculo da dupla em São Luís aconte-

⁵⁶ O anúncio assinalou que o Professor Kij era proveniente do Theatro Robert-Houdin – estabelecimento em Paris dedicado, principalmente, à apresentação de ilusionistas – e que Augusto Lennep teve a honra de tocar na presença da Princesa de Gales. Na época, esse título pertencia à Alexandra da Dinamarca.

ceu quatro dias depois da estreia. Apesar das críticas positivas, a audiência foi pequena. A folha acentuou que os locais perderam a oportunidade de testemunhar a interpretação de um artista como Lennep para clássicos de Edmond Audran, Franz Schubert e Hubert Parry, além dos números de prestidigitação de Kij que, mesmo sem se valer de muitos apetrechos, eram dignos de figurar nos melhores salões do país⁵⁷.

A parceria entre os dois iria continuar por mais alguns meses. Na sua edição de 6 de outubro de 1889, o *Libertador* informou que, no dia anterior, a bordo do Maraós, Kij e Lennep tinham chegado em Fortaleza, capital do Ceará. A primeira apresentação ocorreu em 8 de outubro de 1889⁵⁸. O espetáculo foi realizado no salão do Club Iracema, às 20h30⁵⁹. A concorrência foi numerosa e os artistas foram bastante aplaudidos. Ambos fizeram mais duas apresentações no município, uma em 15 de outubro de 1889⁶⁰ e a outra, que foi em benefício da classe militar, cinco dias após⁶¹. O Club Cearense foi o palco escolhido para a despedida. Por sua vez, conforme a edição de 6 de novembro de 1889 do *Diário de Pernambuco*, Kij e Lennep estreariam, no salão do Club Internacional – situado em Recife –, dali a três dias. Já o segundo e último espetáculo seria efetuado no Theatro Santa Isabel em 15 de novembro de 1889⁶². Depois de se exibirem na capital de Pernambuco, eles partiram para Olinda, no interior do estado⁶³. Lá, as apresentações aconteceram no salão do Paço da Câmara Municipal. O jornal informou que haveria trens de ida e volta para os municípios vizinhos, o que demonstra a importância conferida aos artistas. A derradeira função foi realizada no Theatro Santo Antônio em 24 de novembro de 1889⁶⁴. Cinco dias depois, eles se dirigiram para o sul no vapor Pará⁶⁵. Com isso, estava finalizada a turnê pelas Regiões Norte e Nordeste do Brasil.

⁵⁷ *O Globo*, 27 de setembro de 1889, p.3.

⁵⁸ *Libertador*, 7 de outubro de 1889, p.3.

⁵⁹ *Libertador*, 8 de outubro de 1889, p.1.

⁶⁰ *Libertador*, 12 de outubro de 1889, p.2.

⁶¹ *Libertador*, 18 de outubro de 1889, p.2.

⁶² *Diário de Pernambuco*, 13 de novembro de 1889, p.2.

⁶³ *Diário de Pernambuco*, 19 de novembro de 1889, p.3.

⁶⁴ *Diário de Pernambuco*, 23 de novembro de 1889, p.2.

⁶⁵ *Diário de Pernambuco*, 29 de novembro de 1889, p.2.

Na edição de 14 de dezembro de 1889, o *Jornal do Commercio* (RJ)⁶⁶ relatou que, depois da temporada em Pernambuco, Kij e Lennep aportaram no Rio de Janeiro. Na então capital federal, os artistas se apresentaram em três locais distintos. Primeiro, no Club Beethoven. Depois, no Hotel Vista Alegre, que se localizava em Santa Teresa⁶⁷. Por fim, no Theatro Sant'Anna⁶⁸. Após esses espetáculos, a dupla se encaminhou para São Paulo. Lá, eles realizaram os seus números no salão do Club Germânia⁶⁹. Esse é o último registro encontrado de uma função que reuniu o prestidigitador e o citarrista. Dali em diante, os artistas seguiram trajetórias diferentes. Depois de São Paulo, Kij foi para Juiz de Fora. A edição de 25 de fevereiro de 1890 de *O Pharol* traz, pela primeira vez, uma menção à sua nacionalidade. O periódico afirmou que ele era colombiano. Além disso, mencionou que, em várias folhas da Venezuela, dos estados do Norte e da capital federal, foram feitas boas referências ao seu trabalho. A primeira apresentação no município mineiro ocorreu em 4 de março de 1890⁷⁰. Ela foi efetuada em um dos salões do Hotel Rio de Janeiro. O programa incluía a execução de duas peças numa cítara americana, que ele tocava com gosto⁷¹. É provável que, enquanto excursionavam juntos, Kij tenha aprendido a tocar o instrumento com Lennep. O jornal declarou que é de se esperar que o prestidigitador faça uma exibição no Theatro Juiz de Fora, onde não faltarão público e aplausos. Após passar um período em Ouro Preto e em São João Del-Rei, ele retornou, em 18 de abril de 1890, para a principal cidade da Zona da Mata com a intenção de dar mais espetáculos⁷². Dessa vez, os seus números seriam desempenhados, em 24 de abril de 1890, no espaço de diversões fundado pelos irmãos Ferreira Lage. Entretanto, por causa do mau tempo, a apresentação foi adiada dois dias⁷³. Ao avaliar a atuação do prestidigitador, *O Pharol* teceu muitos elogios ao “Baile dos Esqueletos”. “Assim como outras sortes, produziu grande surpresa, causando extraordinária admiração a limpeza com que o distinto

⁶⁶ Durante o desenvolvimento da minha pesquisa, foram coletados dados em dois periódicos que tinham o mesmo nome (*Jornal do Commercio*). Um circulava em Juiz de Fora e o outro no Rio de Janeiro. Para diferenciá-los, foi colocada, entre parênteses, a sigla “RJ” quando o jornal fluminense é mencionado.

⁶⁷ *Jornal do Commercio* (RJ), 21 de dezembro de 1889, p.2.

⁶⁸ *Jornal do Commercio* (RJ), 26 de dezembro de 1889, p.4.

⁶⁹ *Correio Paulistano*, 30 de janeiro de 1890, p.2.

⁷⁰ *O Pharol*, 28 de fevereiro de 1890, p.1.

⁷¹ *O Pharol*, 6 de março de 1890, p.1.

⁷² *O Pharol*, 19 de abril de 1890, p.1.

⁷³ *O Pharol*, 25 de abril de 1890, p.1.

artista fazia a escamoteação dos diversos objetos com os quais trabalhava” (*O Pharol*, 29 de abril de 1890, p.1).

Figura 18 – Anúncio do espetáculo do Professor Kij no Theatro Juiz de Fora

THEATRO JUIZ DE FORA

Quinta-feira 24 de abril de 1890 Quinta-feira

GRAND SOIRÉE MAGIQUE

Beneficio da Santa Casa de Misericordia

Sorprehendentés e divertidas sortes
de prestidigitação, magia branca, magnetismo, espiritismo
simulado e illusões cabalísticas

Catirata de sorprezas e novidades! Chuva de gargalhadas!

PELO CELEBRE MAGICO SUL-AMERICANO

PROFESSOR KIJ

Procedente do theatro Robert-Houdin, de Paris, e que tantos triumphos tem alcançado, pela originalidade de seus trabalhos, tanto na Capital Federal, como nos diversos paizes que tem visitado.

PROGRAMMA

Primeira parte.—1.º Ouvertura pe'a orchestra. 2.º Os objectos em viagem do theatro ao hotel Rio de Janeiro. 3.º A grande sorte de LES GOBELERS 4.º Uma des:arga a tempo. 5.º Magia branca e magia preta. 6.º Um prisioneiro que foge.

Segunda parte.—1.º Ouvertura pela orchestra. 2.º As cartas encantradas. 3.º Virtude dos pò: de parlampampam. 4.º A moderna culinaria. 5.º Uma grande metamorphose. 6.º Evoluções de Belz:buth.

Terminará o espectáculo com o applaudido e engraçado

BAILE DOS ESQUELETOS

em que o professor KIJ executará diversas arias nacionaes e estrangeiras em sua maviosissima e delicada

CITHARA AMERICANA

instrumento desconhecido deste publico.

PREÇOS: Camarotes, 10\$; cadeiras, 2\$; geraes, 1\$000.

A's 8 1/2 horas em ponto.

Fonte: *O Pharol*, 22 de abril de 1890, p.3.

Figura 19 – Anúncio do adiamento do espetáculo do Professor Kij no Theatro Juiz de Fora

THEATRO JUIZ DE FORA

GRANDE SOIRÉE MAGIQUE

SABBADO 26 do corrente SABBADO

Em beneficio

da Santa Casa de Misericordia

Pelo celebre magico sul-americano

PROFESSOR KIJ

Pela inclemencia do céo, que ás 6 horas da tarde de hontem começou a obsequiar-nos com torrentes de agua e musica de trovoadas, o prestidigitador, que não se julga capaz de escamotear a chuva, achou melhor adiar o seu espectáculo para a noite de amanhã.

Fonte: *O Pharol*, 25 de abril de 1890, p.1.

O Professor Kij voltou à capital paulista em meados de 1890. Na sua edição de 5 de julho de 1890, *O Estado de São Paulo* informou que, naquele dia, o prestidigitador faria uma exibição no teatro do Congresso Ginástico Português⁷⁴. O programa da estreia era composto, dentre outros números, por “A varinha do faquir”, “Um prisioneiro que foge”, “As viagens aéreas”, “Uma grande metamorfose” e “O prognóstico: experiência de hipnotismo simulado”. No entanto, apesar dos elogios da imprensa, a apresentação atraiu pouco interesse⁷⁵. Kij ainda deu, em 13 de julho de 1890, mais uma função em São Paulo, em benefício do Club Voluntários da Pátria. Como agradecimento por sua iniciativa, ele recebeu da instituição o diploma de sócio benemérito⁷⁶. O próximo registro encontrado da atuação do prestidigitador data de 28 de setembro de 1890. Nesse dia, ele estava em Santos, onde pretendia dar espetáculos no Theatro Guarany⁷⁷.

Diante da escassez de fontes digitalizadas, é um desafio reconstituir a trajetória, no Brasil, de figuras como o Professor Kij. Após a passagem por Santos, novas informações sobre ele foram localizadas nos periódicos apenas em 21 de agosto de 1891. Naquela ocasião, *O Pharol* apontou que o prestidigitador estava se exibindo em Muriaé, na Zona da Mata mineira. Meses depois, Tiago Quintes (2022) descobriu um registro da sua atuação em Campos dos Goytacazes. Na cidade fluminense, Kij se apresentou no Theatro São Salvador. A imprensa indicou que ele era “um moço em pleno vigor da idade, de olhar vivo, fronte larga e inteligente” que, recentemente, deu espetáculos “perante seletos auditórios, em Santa Teresa, na capital federal” (*Monitor Campista*, 20 de novembro de 1891, p.1). No ano seguinte, mais uma vez, os moradores de São Paulo tiveram a oportunidade de assistir aos seus números. Em 15 de junho de 1892, *O Estado de São Paulo* publicou que Kij iria participar de algumas apresentações da Companhia Arthur Ferreira no Theatro São José. A folha ressaltou que o prestidigitador tinha realizado espetáculos em São Paulo dois anos antes, quando foi muito aplaudido pelo público que compareceu ao Theatro Minerva. Nesse sentido, fica a dúvida se esse era o atual nome do teatro do Congresso Ginástico Português ou se, na época, ele também havia se apresentado em outros espaços do município e os jornais simplesmente não divulgaram para os seus leitores.

⁷⁴ A edição de 8 de julho de 1890 do *Correio Paulistano* se referiu ao espaço como Theatro Provisório.

⁷⁵ *O Estado de São Paulo*, 7 de julho de 1890, p.1.

⁷⁶ *Correio Paulistano*, 13 de julho de 1890, p.1.

⁷⁷ *Correio Paulistano*, 28 de setembro de 1890, p.1.

Em 11 de agosto de 1892, o Professor Kij subiu a bordo de uma embarcação que ia do Rio de Janeiro a Porto Alegre. O destino final era a Argentina, onde supostamente se radicou por alguns anos. Em Buenos Aires, o prestidigitador debutou, em 13 de outubro de 1892, no Theatro Zarzuela. No espetáculo, teve a companhia do casal Max O'Kill (ventríloquo) e Madame Tusini (cantora). Ele conheceu ambos ainda no Brasil, pois seus nomes também faziam parte da lista de passageiros que partiram em direção à capital do Rio Grande do Sul⁷⁸. Antes da estreia, os periódicos locais acentuaram a capacidade dos artistas. O *La Tribuna*, por exemplo, salientou que, enquanto Max O'Kill tinha sido bem sucedido nos teatros de Londres e Paris, o Professor Kij havia se destacado nos de Nova York⁷⁹. No entanto, depois do debute, enquanto a apresentação do ventríloquo foi muito aclamada pela imprensa argentina, a do prestidigitador teve uma recepção mista. Dentre as críticas negativas, a do *El Nacional* que, após citar ilusionistas famosos – como, por exemplo, Alexander Herrmann –, disse que os locais não admitiam taumaturgos ruins⁸⁰. Não foi possível encontrar, nas folhas portenhas, outros espetáculos realizados por ele em Buenos Aires. Porém, de acordo com Ary Bezerra Leite (2011), em uma edição publicada em novembro de 1892, o *La Prensa* ressaltou que o prestidigitador aceitava, em sua residência – localizada na Avenida Rivadavia, nº 644 –, convites para apresentações em casas de família, clubes e colégios.

Raimundo Fonseca (2002) descobriu que, anos depois, em 31 de janeiro de 1895, o *Jornal de Notícias* comunicou que, em breve, o Professor Kij chegaria a Salvador. Ele vinha de Nova York, a bordo do navio Caribe Prince, e trazia consigo o Quinetoscópio e o fonógrafo, que eram considerados as últimas novidades da época⁸¹. A estreia aconteceu em 5 de fevereiro de 1895. Dentre as imagens exibidas, uma briga de galos e uma bailarina espanhola dançando⁸². Os espetáculos na capital da Bahia perdurariam até o início de março. Depois da temporada em Salvador, o próximo registro da sua atuação foi encontrado nos jornais de São Paulo. Na capital paulista, ele exibiu os dois aparelhos, primeira-

⁷⁸ *O Paiz*, 12 de agosto de 1892, p.4.

⁷⁹ *La Tribuna*, 13 de outubro de 1892. Informação retirada de: Leite, 2011, p.20.

⁸⁰ *El Nacional*, 21 de outubro de 1892. Informação retirada de: Leite, 2011, p.20.

⁸¹ *Jornal de Notícias*, 31 de janeiro de 1895, p.1.

⁸² *Jornal de Notícias*, 4 de fevereiro de 1895, p.1.

mente, no salão de concertos da Confeitaria Pauliceia⁸³. O debute ocorreu em 23 de abril de 1895. Dois dias antes, o *Correio Paulistano* afirmou que a ilusão do movimento gerada pelo Quinetoscópio é fruto da sucessão instantânea de várias fotografias, que mostram as pessoas ou os animais reproduzindo todas as etapas de uma determinada atividade. O periódico evidenciou também a utilidade do equipamento, na medida em que ele serviria para preservar momentos históricos tais como aconteceram⁸⁴. Após a estreia, que incluiu em sua programação um acrobata realizando um giro no trapézio e um duelo⁸⁵, o *Correio Paulistano* enfatizou o mérito de Edison, porque o norte-americano havia sido o responsável pela criação de uma máquina que transmitia nitidamente a voz humana (o fonógrafo) e um dispositivo que expunha satisfatoriamente o movimento de qualquer indivíduo (o Quinetoscópio). Segundo a folha, a tendência natural seria que, no futuro, os dois aparelhos fossem combinados em apenas um⁸⁶. Isso, de fato, acabou acontecendo com o desenvolvimento do Quinetofone⁸⁷. Na edição seguinte, o *Correio Paulistano* explicou como funcionava o equipamento apresentado pelo Professor Kij em São Paulo. As fotografias eram impressas numa tira adequada, que tinha um aspecto gelatinoso e que percorria várias rodas que lhe conferiam movimento – como se fosse uma correia de máquina passando por roldanas. As imagens eram posicionadas em intervalos simétricos umas das outras, de modo que elas caíam sob uma ocular de aumento, que estava atrelada a uma fresata exterior, de vidro, através da qual os indivíduos acompanhavam a narrativa que se de-

⁸³ De acordo com José Inácio de Melo Souza (2016), Antônio Salles Barreto intermediou as apresentações efetuadas pelo Professor Kij no estabelecimento. No dia 22 de abril de 1895, o agente paulistano pagou ao Tesouro Municipal a quantia de trinta mil réis para a exibição dos dispositivos desenvolvidos por Edison.

⁸⁴ *Correio Paulistano*, 21 de abril de 1895, p.2.

⁸⁵ *O Estado de São Paulo*, 24 de abril de 1895, p.2.

⁸⁶ *Correio Paulistano*, 24 de abril de 1895, p.1.

⁸⁷ Segundo Laurent Mannoni (2003), a união de imagens e sons sempre fora uma vontade de Edison. Em 1895, o inventor lançou o Quinetofone – um Quinetoscópio com um fonógrafo embutido. O cilindro do fonógrafo reproduzia os sons simultaneamente à sucessão das imagens. Isso possibilitava um acompanhamento musical, que podia ser escutado por meio de tubos de borracha postos nos ouvidos. Porém, Gordon Hendricks (1966) evidencia que, naquele momento, foram produzidos e comercializados somente 45 Quinetofones. As primeiras exposições do novo aparelho na Europa foram feitas em Paris (maio de 1895) e em Bruxelas (agosto de 1895). Na capital da Bélgica, elas aconteceram no *hall* do Theatro de Alcazar e foram exaltadas pelas publicações locais. “O Quinetoscópio hoje está ultrapassado. Edison inventou o Quinetofone. Não apenas podemos ver a dança serpentina, mas ouvir a música que a acompanha. Vemos a dança do ventre e ouvimos essa lânguida melopeia que implacavelmente nos persegue na Exposição da Antuérpia. Vemos Napoleão desfilar perante trinta ou mais pessoas, todas agitando-se e debatendo-se ao som de marchas retumbantes e canções patrióticas. O Quinetofone Edison obteve grande sucesso como novidade. E verdadeiramente a variedade de espetáculos que vimos e ouvimos, e a perfeição artística com que tudo isso é apresentado são calculadas para despertar espanto, admiração e deslumbramento” (*Hélios Illustré*, 15 de agosto de 1895, p.127 *apud* Mannoni, 2003, pp.395-396). A despeito da aclamação, não é possível afirmar que o novo equipamento de Edison se tornou um sucesso comercial.

senrolava dentro da caixa. Ao passarem por baixo da lente, uma lâmpada elétrica iluminava as imagens, realçando-as nitidamente para quem assistia⁸⁸.

Na sua edição de 1º de maio de 1895, o *Correio Paulistano* publicou que, devido a um revés imprevisto, o Quinetoscópio não funcionaria nos próximos dez dias. Isso pode ter ocorrido por duas razões: defeito em alguma das peças do dispositivo ou impasse no fornecimento de energia elétrica. Entretanto, as exibições apenas foram retomadas no mês seguinte. Dessa vez, no salão do Club dos Fenianos, que ficava na Rua São Bento, nº 31, Bairro da Sé. O debutê dos dois aparelhos de Edison no novo estabelecimento ocorreria em 5 de junho de 1895. Contudo, o Quinetoscópio teve outro problema e, nessa data, só o fonógrafo foi apresentado⁸⁹, tendo alcançado grande sucesso⁹⁰. Ao que tudo indica, o empecilho foi rapidamente solucionado, na medida em que, poucos dias depois, o *Correio Paulistano* informou que o Quinetoscópio estava sendo exibido no local entre 19 e 23 horas. Nessa mesma edição, o jornal trouxe outras informações sobre o equipamento, principalmente acerca da energia necessária para sua operação. Ela era fornecida por uma bateria com quatro acumuladores. Cada máquina requeria quatro *volts* e consumia uma corrente contínua que variava entre seis e oito *ampères*⁹¹. O Professor Kij realizou espetáculos no salão do Club dos Fenianos, pelo menos, até 16 de junho de 1895 – última data em que a sua atuação é mencionada, pelos periódicos, na cidade de São Paulo⁹². Depois da temporada na capital paulista, o ambulante apresentou os dois dispositivos em Santos. As exibições aconteceram, a partir de 29 de agosto de 1895, na Confeitaria Cascata⁹³. Possivelmente, durante o mês de setembro, o Quinetoscópio parou de funcionar. Os próximos registros localizados informam que, a partir de então, o Professor Kij expôs somente o fonógrafo nos lugares que visitou. Foi assim em Jundiaí⁹⁴ e em São José do Rio

⁸⁸ *Correio Paulistano*, 25 de abril de 1895, p.1.

⁸⁹ *Correio Paulistano*, 6 de junho de 1895, p.2.

⁹⁰ Segundo *O Commercio de São Paulo*, “ouvimos cinco peças, em francês, inglês e português, e todas elas de uma nitidez admirável. Não se perde uma sílaba, um som, uma nuance, por menor que seja. Até se ouve a respiração humana. Um homem do século XVI que ressuscitasse agora e ouvisse o fonógrafo de Edison havia de acreditar em artes do diabo. Nós acreditamos apenas em arte humana, o que não obsta que admiremos o gênio assombroso do inventor americano” (*O Commercio de São Paulo*, 6 de junho de 1895, p.1).

⁹¹ *Correio Paulistano*, 9 de junho de 1895, p.1.

⁹² *Correio Paulistano*, 16 de junho de 1895, p.1.

⁹³ *Santos Comercial*, 30 de agosto de 1895, p.2.

⁹⁴ *O Commercio de São Paulo*, 6 de outubro de 1895, p.1.

Pardo⁹⁵. A sua passagem pelo município onde o escritor Euclides da Cunha desenvolveu a obra *Os sertões* (1902) foi o único dado levantado sobre ele nas folhas de 1896. Nesse ano, ele embarcou para os Estados Unidos. De lá, trouxe o Vitascópio de Edison e o microfônografo, que foram apresentados em São Paulo e Juiz de Fora em 1897⁹⁶, conforme pontuado anteriormente.

Ary Bezerra Leite (2011) salienta que, nos meses de junho e de julho de 1897, o Professor Kij, auxiliado pelos senhores Fernandes e Queiroz, exibiu os dois equipamentos em Santos. Todavia, não foi possível encontrar nos jornais nenhuma informação que comprove isso. Caso seja verdade, é provável que, em agosto, tal e qual ocorrera aproximadamente dois anos antes com o Quinetoscópio, o Vitascópio também tenha parado de funcionar. As subseqüentes notícias localizadas atestam que, daí em diante, o ambulante apresentou, nos municípios por onde passou, só o fonógrafo. Foi assim em Descalvado⁹⁷ e em Itu, na Confeitaria Ituano⁹⁸. De acordo com a edição de 7 de julho de 1899 do *Correio Paulistano*, o Professor Kij inaugurou na Rua do Rosário, nº 8, a Novidades Americanas, uma loja de produtos importados. O estabelecimento tinha anexo uma oficina destinada ao concerto de fonógrafos e um laboratório voltado para a fabricação de fonogramas. Dentre os aparelhos anunciados, uma máquina que imprimia dinheiro verdadeiro⁹⁹. Como o ambulante teve que se fixar em uma única cidade, é possível afirmar que a abertura da Novidades Americanas representou, para ele, o início de um processo de sedimentação. Em 2022, quando estive em São Paulo para participar do XXV Encontro da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE), consultei o arquivo da Junta Comercial do estado para levantar dados a respeito da loja de produtos importados, mas não tive sucesso na minha busca. Além do novo empreendimento, o Professor

⁹⁵ *O Commercio de São Paulo*, 7 de fevereiro de 1896, p.1.

⁹⁶ O Professor Kij não foi o primeiro a apresentar o Vitascópio de Edison no Brasil. Antes, J. M. Killelea – ou M. J. Killelea – realizou uma série de espetáculos com o aparelho no Theatro da Paz, localizado na cidade de Belém. A estreia aconteceu em 24 de dezembro de 1896 (*Folha do Norte*, 24 de dezembro de 1896, p.3). Nos jornais paraenses, Killelea afirmava que era o único representante do inventor norte-americano na América do Sul. A programação de 3 de janeiro de 1897 era composta por “Ataque de cavalaria”, “Briga de galos”, “Dança de indígenas”, “Dança do sol”, “Lutadores”, “Namorados interrompidos”, “O beijo”, “Salvamento de vidas em um incêndio”, “Uma criança guardando galinhas”, “Uma oficina de carpinteiro em movimento”, “Uma praia em Nova York” e “Um jardim” (*Diário de Notícias*, 3 de janeiro de 1897, p.2). Depois da temporada em Belém, o ambulante se apresentou em Recife (*Jornal do Recife*, 30 de janeiro de 1897, p.4).

⁹⁷ *A Nação*, 7 de setembro de 1897, p.1.

⁹⁸ *Correio Paulistano*, 5 de maio de 1898, p.2.

⁹⁹ *O Commercio de São Paulo*, 2 de setembro de 1899, p.3.

Kij voltou a realizar, esporadicamente, espetáculos de prestidigitação. As apresentações encontradas aconteceram no Eden Club – associação situada na Rua Florêncio de Abreu, nº 22 – nos dias 22 de julho de 1899¹⁰⁰ e 27 de janeiro de 1900¹⁰¹. O derradeiro registro da sua presença no Brasil foi descoberto na edição de 11 de maio de 1900 do *Correio Paulistano*. Nessa data, o Professor Kij partiu para a Europa a bordo do navio Città di Genova. O seu objetivo era trazer para a sua loja as maiores novidades da Exposição de Paris. Contudo, depois do embarque, não foi possível localizar nas folhas brasileiras nenhuma outra menção a ele¹⁰².

Figura 20 – Anúncio da loja Novidades Americanas¹⁰³



Fonte: *Correio Paulistano*, 19 de dezembro de 1899, p.3.

¹⁰⁰ *Correio Paulistano*, 21 de julho de 1899, p.2.

¹⁰¹ *Correio Paulistano*, 27 de janeiro de 1900, p.1.

¹⁰² Juliana Pérez González (2022) afirma que Gustavo Figner adquiriu a Novidades Americanas em 1900. A loja da Rua do Rosário ganhou o nome de Casa de Fonógrafos e Novidades. Enquanto isso, no Rio de Janeiro, Frederico Figner abriu as portas da Casa Edison. Indo bem nos negócios, os dois e Emílio Figner criaram, em São Paulo, a firma Figner & Irmãos. A sociedade incluía os dois estabelecimentos. Em 1901, ela decidiu fechar a Casa de Fonógrafos e Novidades para fundar a filial paulista da Casa Edison. O novo empreendimento foi inaugurado no dia 27 de outubro e se situava na Rua Quinze de Novembro, nº 29-A.

¹⁰³ O anúncio assinalou que a loja Novidades Americanas tinha recebido recentemente uma nova remessa do fonógrafo “Joia”, desenvolvido por Edison. De acordo com o reclame, esse modelo, que valia cem mil réis, era o ideal para as casas de família. Além disso, a publicidade apontou que o estabelecimento do Professor Kij contava com um seletto repertório de fonogramas de canto, música e prosa, de origem nacional e estrangeira.

Em 23 de maio de 1915 – isto é, aproximadamente quinze anos depois do último registro da sua presença no Brasil –, o periódico texano *Corpus Christi Daily Herald* publicou o anúncio de uma apresentação do Professor Kij, que foi denominado “The Great Brazilian Wizard Magician”. É interessante notar que, nos Estados Unidos, ele disse que era brasileiro, e não colombiano. Os seus números seriam desempenhados, a partir do dia seguinte, no Loyd’s Pleasure Pier Theatre. Além do Professor Kij, o espetáculo iria contar com as cantoras e dançarinas Ethel Eddlemon e May Dupree, o hipnotista The Great Gilbert e um programa atrativo de filmes. Ao que tudo indica, pela primeira vez, uma fotografia do artista foi divulgada nos jornais. De acordo com a Figura 22, a temporada no Loyd’s Pleasure Pier Theatre foi encerrada em 30 de maio de 1915.

Figura 21 – Anúncio da primeira apresentação do Professor Kij no Loyd’s Pleasure Pier Theatre

PAGE FOUR CORPUS CHRISTI CALLER AND DAILY HERALD SUNDAY, MAY 23, 1915

LOYD'S PLEASURE PIER THEATRE
Entire Week, Beginning Monday, May 24th

THREE ACTS
HIGH CLASS VAUDEVILLE

“Professor Kij” The Great Brazilian Wizard Magician

“Ethel Eddlemon and May Dupree”
In High Class Singing and Dancing

“The Great Gilbert” Celebrated Hypnotic Scientist

Also an Attractive Program of Moving Pictures

Curtain Rises 8:30 P. M. Admission 10c and 20c

THE GREAT GILBERT

PROF. KIJ THE WIZARD

Fonte: *Corpus Christi Caller and Daily Herald*, 23 de maio de 1915, p.4.

Figura 22 – Anúncio da última apresentação do Professor Kij no Loyd’s Pleasure Pier Theatre

DON'T FAIL TO SEE

THE GREAT GILBERT (Hypnotist)
and
PROF. KIJ (Brazilian Wizard)
Who have been entertaining you
for the past week will give a
Special Farewell Performance
AT
LOYD'S PIER TONIGHT
Free Admission to the Pier After Seeing This Performance

Fonte: *Corpus Christi Caller and Daily Herald*, 30 de maio de 1915, p.2.

Mapa 1 – Cidades onde o Professor Kij se apresentou com o Quinetoscópio¹⁰⁴



Mapa 2 – Cidades onde o Professor Kij se apresentou com o Vitascópio¹⁰⁵



Por fim, é necessário comentar que, dentre as quatro categorias de exibidores ambulantes identificadas por Deac Rossell (2000), o Professor Kij está inserido na dos exibidores independentes experientes. Apesar de não ter sido um lanternista, durante vários a-

¹⁰⁴ Todos os mapas presentes nesta tese foram desenvolvidos com a ajuda de Marcela de Almeida Alvim, a quem agradeço imensamente.

¹⁰⁵ Ary Bezerra Leite (2011) menciona que o Professor Kij exibiu o Vitascópio em Santos. Porém, não foi possível localizar nos periódicos nenhuma informação que comprove isso. Portanto, eu optei por deixar o nome do município em azul.

nos, ele atuou como prestidigitador. Daí adveio a sua vasta experiência no setor do entretenimento. Quando o Professor Kij chegou ao Brasil com o Quinetoscópio e, tempos depois, com o Vitascópio, ele optou por exhibir as novas atrações em lugares que já conhecia. Assim, ele revisitou, por exemplo, Juiz de Fora. Como eu pontuei, é provável que os aparelhos tenham deixado de funcionar, o que, infelizmente, impediu a realização de espetáculos em mais municípios.

1.3 – As duas temporadas de Apolônia Pinto e Germano Alves em Juiz de Fora

Após a breve passagem do Professor Kij, não demorou muito para que outras exhibições cinematográficas fossem realizadas em Juiz de Fora. Na sua edição de 11 de julho de 1897, o *Jornal do Commercio* informou que uma companhia de operetas, comédias e zarzuelas dirigida por Apolônia Pinto – na época, uma das mais respeitadas atrizes brasileiras – chegaria à cidade. Onze dias depois, a folha publicou que os espetáculos da companhia incluíam também a apresentação de vários animais adestrados e do Cinematógrafo Lumière, que tem conquistado plateias¹⁰⁶. De acordo com *O Pharol*, tal projetor era o maior sucesso na Espanha, na França e em Portugal. Por meio dele, Henri Picolet iria exhibir, com o auxílio de luz elétrica, quadros do comprimento do pano de boca do Theatro Juiz de Fora, sem a menor oscilação. A companhia se comprometeu a variar diariamente os quadros mostrados pelo aparelho, pois detinha em torno de 180 títulos distintos¹⁰⁷. É importante mencionar que, apesar da fama de Apolônia ter sido usada, pelos periódicos, como chamariz quando eles noticiaram a vinda da trupe ao município, foi o nome de Germano Alves – seu companheiro – que foi dado à companhia. Nos anúncios que traziam a programação das funções, ela era identificada como Companhia de Variedades Germano Alves. A estreia ocorreu em 23 de julho de 1897. Ela foi dividida em quatro partes. Inicialmente, Benito, Cifuentes, Gregoria Duran, Justa Santos e Salvadora del Valle representaram a zarzuela “Ya somos tres”. Depois, foi a vez dos cães adestrados da Grande Companhia Zoológica. Conduzidos por Giovanni Volpi, os animais realizaram difíceis números de ginástica e equilíbrio nas escadas. Em seguida, o Cinematógrafo Lumière exibiu os filmes: “Chegada do comboio de Recreio e Sintra”, “Barco de pilotos em Paço de Arcos

¹⁰⁶ *Jornal do Commercio*, 22 de julho de 1897, p.2.

¹⁰⁷ *O Pharol*, 22 de julho de 1897, p.3.

(Lisboa)”, “Os mergulhadores na África portuguesa”, “Partida de um batalhão espanhol para Cuba”, “Os bombeiros voluntários do Porto”, “Irrigação do Passeio da Estrela (Lisboa)”, “Corridas de sacos no Campo Grande (Lisboa)” e “Corrida de touros em Sevilha”. Por fim, Benito, Cifuentes e Salvadora del Valle retornaram ao palco, dessa vez acompanhados de Farina, para representar a zarzuela “Picio, Adan & Comp.”¹⁰⁸. Quando avaliou o primeiro espetáculo dado pela Companhia de Variedades Germano Alves, a imprensa local teceu elogios, sobretudo, ao projetor desenvolvido pelos irmãos Lumière.

Com regular concorrência, fez anteontem a sua estreia a Companhia de Variedades, empresa do Sr. Germano Silva. O espetáculo agradou, sendo dignos de menção os trabalhos dos animais e o Cinematógrafo, aparelho realmente muito curioso. Vale a pena ir ao teatro, pelo menos para ver o Cinematógrafo, que é perfeito, apresentando cenas ao vivo e cheias de movimento (*Jornal do Commercio*, 25 de julho de 1897, p.2).

O Cinematógrafo tem sido nestas duas noites nota de sucesso no nosso teatro. O espetáculo de ontem, apesar das chuvas da tarde, teve concorrência regular, exibindo-se a trupe da melhor forma. Hoje haverá espetáculo variado, sendo de se esperar que haja enchente à cunha, visto que o Cinematógrafo já está conhecido do nosso público como uma verdadeira maravilha do fim do século (*O Pharol*, 25 de julho de 1897, p.1).

Estreou anteontem em nosso teatro havendo regular concorrência de espectadores a grande Companhia de Variedades Germano Alves [...] Sobrepujou, porém, a todos os trabalhos do Cinematógrafo Lumière, pela perfeição e beleza dos quadros exibidos. Destacamos dentre eles a touxada [“Corrida de touros em Sevilha”, adição nossa], que teve de ser bisada, e “Os mergulhadores na África portuguesa” (*Correio de Minas*, 25 de julho de 1897, p.2).

Na sua edição de 27 de julho de 1897, ao anunciar a quarta apresentação da Companhia de Variedades Germano Alves, *O Pharol* aproveitou para, em nome dos espectadores, solicitar aos responsáveis pela trupe que colocassem o Cinematógrafo Lumière na primeira parte da função, pois o aparelho era bastante apreciado pelas crianças. O jornal

¹⁰⁸ *Jornal do Commercio*, 23 de julho de 1897, p.2 e p.4.

frisou que nem sempre elas resistiam ao sono e conseguiam aguardar o momento em que os filmes seriam exibidos. Conforme eu mencionei, no debute, o equipamento ocupou a terceira parte do espetáculo. Já na segunda e terceira apresentação, a última. A demanda foi atendida. Em 3, 7 e 8 de agosto de 1897 – data em que a temporada foi encerrada em Juiz de Fora –, o Cinematógrafo Lumière projetou filmes tanto no início quanto no final da função¹⁰⁹. Após analisar as folhas, constatei que a Companhia de Variedades Germano Alves deu dez espetáculos no município¹¹⁰. No Anexo I desta tese, disponibilizei uma tabela com os filmes que foram reproduzidos em cada um deles. Ao todo, contabilizei 41 títulos diferentes – número muito abaixo dos 180 que tinham sido previamente anunciados. “Os banhistas na Figueira da Foz” foi a obra passada mais vezes. Ela integrou a programação de cinco apresentações da trupe. Dois outros filmes exibidos pela Companhia de Variedades Germano Alves incitam um comentário: “Jogos de malabares em Lourenço Marques” e “Os mergulhadores na África portuguesa”. No livro “Os moçambicanos perante o cinema e o audiovisual: uma história político-cultural do Moçambique colonial até a República de Moçambique (1896-2010)” (2011), Guido Convents alega que não existem informações precisas sobre o momento em que as câmeras chegaram a Moçambique para capturar imagens do país. Entretanto, por conta do filme “Jogos de malabares em Lourenço Marques”, que foi projetado, em Juiz de Fora, nos dias 24 e 25 de julho de 1897, ele declara que, já em 1897, um cineasta estava produzindo por lá. Ademais, o autor ressalta que, provavelmente, “Os mergulhadores na África portuguesa”, que foi projetado, em Juiz de Fora, nos dias 23 e 27 de julho, e 5 de agosto de 1897, também tem origem moçambicana. Porém, Convents adverte que não há nenhuma menção aos diretores ou às empresas produtoras desses títulos em nenhum registro ou publicação até então localizado. Na realidade, ele diz que não é possível atestar nem se as obras foram feitas por portugueses, mesmo que essa seja a maior possibilidade. De acordo com o autor, alguns dos primeiros filmes produzidos em Moçambique, assim como em outras nações africanas que falam o português, tinham a finalidade de justificar a exploração das então colônias para o restante da Europa, que ainda lutavam por esses territórios. Na época, Portugal receava perder os seus domínios para outros países. A maior parte dos 41 títulos exibidos, em Juiz de Fora, pela Companhia de Variedades Germano Alves foi realizada em nações europeias. Dentre elas, Espanha (p. ex. “Baile espanhol na rua” e “Corrida de tou-

¹⁰⁹ *O Pharol*, 3 de agosto de 1897, p.2 / *O Pharol*, 7 de agosto de 1897, p.3 / *O Pharol*, 8 de agosto de 1897, p.3.

¹¹⁰ As apresentações foram efetuadas em 23, 24, 25, 27, 29 e 31 de julho, e 3, 5, 7 e 8 de agosto de 1897.

ros em Sevilha”), França (p. ex. “Batalha de neve em Lyon” e “O czar em Paris”), Inglaterra (p. ex. “O patinador grotesco em Londres”) e Portugal (p. ex. “Chegada do comboio de Recreio e Sintra” e “Temporal nas Berlengas”). Assim, o fato de algumas obras terem sido gravadas em Moçambique é um dado bastante relevante, pois adiciona novas camadas a esta investigação.

Apolônia e Germano retornariam a Juiz de Fora no fim de 1898. Na sua edição de 22 de dezembro daquele ano, o *Jornal do Commercio* noticiou que o Theatro Juiz de Fora receberia a companhia dirigida pela atriz brasileira. O seu repertório incluía a apresentação de peças de teatro e a exibição do Cinematógrafo Lumière. Cinco dias depois, a trupe chegou de São João Del-Rei, onde estava dando espetáculos¹¹¹. O debute ocorreu em 31 de dezembro de 1898. Ele foi dividido em três partes. Inicialmente, a farsa “Ir buscar lá... Vir tosquiado” foi encenada. Em seguida, o projetor reproduziu os filmes: “A chegada de Félix Faure a Paris (volta da Rússia)”, “Chegada do comboio de Recreio e Sintra”, “Exercício de tiro”, “Irrigação do Passeio da Estrela (Lisboa)”, “O banho dos cavalos” e “Partida de um batalhão espanhol para Cuba”. Por último, os artistas J. Vianna e Julieta Vianna desempenharam o engraçado *vaudeville* “Batizado e casamento”¹¹². Os anúncios que traziam a programação das funções indicavam que a trupe integrava a Empresa Apolônia Pinto. Como estratégia para angariar mais espectadores, a identificação da empresa por meio do nome da atriz, ao invés do de seu companheiro, fazia mais sentido, na medida em que, na época, ela era nacionalmente reconhecida pelo seu trabalho nos palcos. No entanto, dessa vez, a passagem de Apolônia e Germano por Juiz de Fora não foi bem sucedida. Devido às chuvas que sempre afetam a cidade mineira em janeiro, a empresa conseguiu dar apenas cinco apresentações¹¹³. Na sua edição de 14 de janeiro de 1899, o *Jornal do Commercio* comunicou que, graças ao mau tempo, mesmo quando as funções foram efetuadas, elas tiveram pouca concorrência. No Anexo II desta tese, disponibilizei uma tabela com os filmes que foram reproduzidos em cada um dos espetáculos realizados. Ao todo, contabilizei 28 títulos diferentes. “O banho dos cavalos” e “Um banho inesperado” foram as únicas obras que integraram a programação de duas apresentações da trupe. Quando comparamos os Anexos I e II, é possível perceber que, na segunda passagem de Apolônia e Germano por Juiz de Fora, o Cinematógrafo Lumière projetou alguns filmes

¹¹¹ *Jornal do Commercio*, 28 de dezembro de 1898, p.2.

¹¹² *Jornal do Commercio*, 31 de dezembro de 1898, p.3.

¹¹³ Os espetáculos foram realizados nos dias 31 de dezembro de 1898, e 1º, 6, 7 e 12 de janeiro de 1899.

que não haviam sido exibidos na primeira. Dentre eles, “A chegada de Félix Faure a Paris (volta da Rússia)” e “A praia de Copacabana no Rio de Janeiro”. Além disso, a máquina reproduziu os retratos do “Dr. Campos Salles”, do “General Carlos Telles” e do “Marechal Machado Bittencourt”.

1.3.1 – Dos palcos às exibições: a trajetória de Apolônia Pinto e Germano Alves

“Apolônia Pinto e seu tempo” foi o título conferido por José Jansen Ferreira para a sua biografia sobre a atriz maranhense. Publicada, em 1953, pelo Serviço Nacional de Teatro, em sua Coleção Dionysos, a obra representou o pontapé inicial para as comemorações do seu centenário de nascimento¹¹⁴. Ela é fruto da reunião, ao longo de décadas, de uma vasta quantidade de informações por parte do autor. De acordo com ele, muitos dados foram obtidos a partir de conversas com a própria Apolônia, enquanto esteve viva, e com os seus contemporâneos. Na Introdução, José Jansen Ferreira aponta que o objetivo do livro era não relegar ao esquecimento uma figura tão importante do teatro brasileiro, como outras haviam sido. No catálogo da Exposição Comemorativa do Primeiro Centenário de Apolônia Pinto, Aldo Calvet – então Diretor do Serviço Nacional de Teatro – afirma que o propósito foi atingido. “Com ‘Apolônia Pinto e seu tempo’, o professor José Jansen Ferreira não presta tão só culto à memória da insigne Artista. Situa-a na História. Define-a na Sociedade. Dá aos artistas de ontem, de hoje e de amanhã, a fé e a esperança no reconhecimento de seus legítimos méritos” (CALVET, 1954, p.3).

A biografia relata que, na noite de 21 de junho de 1854, o Theatro São Luís – localizado na capital do Maranhão – recebia a peça “O tributo das cem donzelas”, um drama em cinco atos escrito por José da Silva Mendes Júnior. Dentre as atrizes, a portuguesa Rosa Adelaide Marchezy, que representava o papel de uma mulher ingênua. Filha de Nicola Marchezy, que teve, durante muitos anos, um botequim na Praça Dom Pedro IV, em Lisboa, Rosa era casada com o ator Feliciano da Silva Pinto, que também fazia parte do elenco da companhia. Grávida, ela começou a sentir as contrações características do parto entre o segundo e o terceiro ato da peça. Em virtude disso, ela não conseguiu fina-

¹¹⁴ Além da biografia, José Jansen Ferreira foi o responsável pela organização da Exposição Comemorativa do Primeiro Centenário de Apolônia Pinto, que ocorreu na Biblioteca Nacional em 1954. De acordo com o seu catálogo, o público que compareceu à instituição teve acesso a livros – por exemplo, “Atores e atrizes” (Eduardo Victorino, 1937) – e reportagens – por exemplo, as publicadas na edição de 15 de junho de 1872 da *Vida Fluminense* e na edição de 22 de julho de 1876 da *Revista Illustrada* – que mencionam a intérprete maranhense, além de fotografias e roteiros de algumas peças em que ela atuou.

lizar sua participação no espetáculo daquela noite. No camarim nº 1 do teatro, Rosa deu à luz uma menina. Nos dias que se seguiram, Apolônia Fragoso – ilustre dama da sociedade maranhense – concedeu ao casal diversas manifestações de apreço. Para retribuir o carinho, eles não somente a convidaram para ser a madrinha da sua filha, mas também a registraram com o seu nome. Rosa e Feliciano decidiram que, nos primeiros anos de sua vida, Apolônia Pinto viveria em São Luís com a sua madrinha e Augusto Fragoso, o seu esposo. “Fez-se mesmo um vago projeto de orientar aquela vida que começava em outro sentido que não fosse o teatro [...]. Não lhe convinha seguir aquela vida nômade de viagens contínuas, sem pouso, sem lar, quase sem teto” (FERREIRA, 1953, pp.11-12). Rosa e Feliciano somente reencontraram a sua filha seis anos depois, quando eles regressaram para a capital maranhense após o encerramento de uma temporada em Lisboa, onde se apresentaram no Theatro Dom Fernando. O convívio com Apolônia não era constante, pois a companhia que o casal integrava se juntava frequentemente para dar uma série de espetáculos ao redor e fora do país.

Entretanto, desde cedo, Apolônia manifestou interesse pela interpretação. Ela teve o seu primeiro contato com o público em 1866, exatamente no dia em que completou doze anos. A empresa de Vicente Pontes de Oliveira e Manuela Lucci precisou substituir uma atriz que, devido ao nascimento do seu filho, estava impossibilitada de trabalhar. Diante da semelhança entre as histórias, os proprietários da companhia se lembraram de Apolônia imediatamente. A verossimilhança com que ela encarnou a personagem na peça “A cigana de Paris”, um drama em cinco atos escrito por Gustave Lemoine e Charles Paul de Kock, foi tão elogiada que não demorou muito tempo para que ela ganhasse papéis em outras produções da empresa. Apesar do futuro incerto, Rosa e Feliciano não se opuseram e deixaram que a filha seguisse com a sua carreira nos palcos. Dentro de pouco tempo, São Luís ficou pequena para o seu imenso talento. No fim da década de 1860, Apolônia partiu para o Rio de Janeiro. Todavia, entre a primeira apresentação e a chegada na então capital federal, dois episódios marcaram a vida da atriz maranhense: a morte do pai, no Pará, por causa da febre amarela e o casamento com o ator José Maria Jordani. Ao se mudar para o Rio de Janeiro, Apolônia teve a companhia do esposo, da mãe, do irmão e da irmã, que tinha graves problemas de saúde. Porém, o seu matrimônio não durou muito, pois José Maria faleceu logo após a família se estabelecer na cidade.

O debute da intérprete nos palcos cariocas ocorreu em 1º de janeiro de 1870. Ao lado de Furtado Coelho e Ismênia dos Santos – atores que, na época, eram reconhecidos pela sua excelência –, Apolônia integrou o elenco da peça “A morgadinha de Val-flor”,

um drama em cinco atos escrito por Manuel Joaquim Pinheiro Chagas. Na produção, fez o papel de Mariquinhas. O seu trabalho agradou bastante ao público que a assistiu. Com o passar dos anos, ela foi construindo uma respeitável carreira no país. Apesar da ascendente trajetória profissional, Apolônia se sentia cada vez mais sozinha. No fim da década de 1870, ela perdeu a irmã e, logo em seguida, o irmão. Contudo, um acontecimento inesperado preencheu um pouco do vazio deixado pela morte dos seus familiares. De acordo com a edição de 25 de outubro de 1881 do jornal *O Mequetrefe*, uma recém-nascida foi abandonada na porta da sua casa. Sensibilizada com a situação, Apolônia resolveu adotá-la. A atriz maranhense a registrou com o nome de Conceição. Durante a década de 1880, Apolônia se consolidou como uma das principais intérpretes do Brasil. Nesse período, ela representou alguns dos seus mais notórios papéis. Por exemplo, o de Luísa Praxedes na peça “As doutoras”, uma comédia em quatro atos escrita por Joaquim José da França Júnior. Como fazia muitas viagens pelo país, Apolônia contava com a ajuda da mãe para cuidar de Conceição. No entanto, com o falecimento de Rosa, em 1885, a atriz maranhense perdeu a sua maior apoiadora.

Desde que enviuvou, Apolônia havia tido poucos relacionamentos. Certa vez, após uma apresentação, ela recebeu em seu camarim algumas pessoas que queriam parabenizá-la por seu desempenho no palco. Dentre elas, Germano Alves da Silva. Logo que se conheceram, os dois iniciaram um romance. No início da década de 1890, já estavam morando juntos em uma casa situada na Rua Riachuelo. É importante dizer que as informações levantadas sobre o ator português antes de a sua trajetória cruzar com a de Apolônia são escassas e, às vezes, contraditórias. Por exemplo, Ary Bezerra Leite (2011) salienta que ele nasceu em 19 de outubro de 1850, ou seja, era aproximadamente três anos e oito meses mais velho do que ela. Em contrapartida, José Jansen Ferreira (1953) aponta, na biografia que escreveu sobre a intérprete, que Germano era dez anos mais novo do que Apolônia. O ator português se apresentou no país desde, pelo menos, 1881. O registro mais antigo da sua participação em um espetáculo foi identificado na edição de 14 de maio de 1881 do jornal *Monitor Campista*. O periódico revelou que, no início de junho, a companhia que, naquele momento, ocupava o Theatro Recreio Dramático – localizado no Rio de Janeiro –, da qual Germano era integrante, chegaria a Campos dos Goytacazes para fazer uma curta temporada no Theatro São Salvador. Essa foi uma das únicas menções ao ator português que foram encontradas nas folhas publicadas durante a década de 1880, o que pode sugerir que, naquele período, ele ainda não era tão conhecido pelo público brasileiro que frequentava os teatros.

Onze anos depois, o jornal *O Tempo* publicou, na sua edição de 19 de outubro de 1892, um perfil artístico de Germano, que foi escrito por V. de Algerana – um dos pseudônimos usados pelo carioca José Caetano de Alvarenga Fonseca. De acordo com a matéria, o seu nome completo era Germano Alves da Silva Antunes Cardoso Castellão Ferreira e Arvellos. No Theatro Recreio Dramático, onde ele trabalhava, o ator português era apelidado de “Sossego”, devido ao seu temperamento calmo. Por achá-lo um profissional criterioso e que dispunha de uma boa voz, o jornalista lastimava que, no decurso da sua carreira, Germano tenha sido obrigado a interpretar vários personagens insignificantes. Por exemplo, na peça “O comissário de polícia”, uma comédia em quatro atos escrita por Gervásio Lobato, ele representou o papel de Rolinho, que era somente o ajudante do personagem-título. V. de Algerana afirmou que, quando o ator português havia trabalhado na companhia de Luís Braga Júnior, ele recebia papéis que eram compatíveis com o seu talento. Portanto, ele já tinha demonstrado a sua competência nos palcos. Quando a matéria foi veiculada, Apolônia e Germano já estavam dividindo o mesmo teto. “Apolônia esforçava-se para fazer de Germano um artista aceitável, mas faltavam a ele qualidades indispensáveis. A voz tonitruante e a gesticulação inexpressiva prejudicavam bastante a boa impressão que a sua bela figura pudesse causar” (FERREIRA, 1953, p.111). Dado o empenho da atriz maranhense para torná-lo relevante, é possível supor que a publicação, no jornal *O Tempo*, de um perfil artístico que destacava o desempenho de Germano como intérprete tenha sido parte da sua estratégia. Todavia, o relacionamento passou por um momento complicado quando Apolônia descobriu que havia sido traída com Berta Celestini, outra figura dos palcos. Em razão disso, ela e Conceição deixaram a casa em que viviam com Germano. Porém, o casal não ficou muito tempo separado. Diante do arrependimento do ator português, Apolônia lhe deu uma nova chance. Quando finalmente eles superaram esse episódio, Conceição foi acometida por uma grave doença e não resistiu. O óbito da filha abalou tanto a atriz maranhense que, por algum tempo, ela deixou de se apresentar.

Durante a década de 1890, Apolônia constatou que estava perdendo a audição, o que representaria o fim da sua carreira. Como carecia de tratamento médico, ela decidiu utilizar o dinheiro que estava juntando para a compra de uma casa para custear uma viagem à Europa. A sua intenção era ir para Portugal e, em seguida, para a França, onde esperava encontrar algum especialista que tratasse do problema de saúde que a atormentava. Os nomes do casal compunham a lista de passageiros de um navio que, em 26 de se-

tembro de 1896, saiu do Rio de Janeiro com destino a Bordeaux¹¹⁵. Quando ele fez escala em Lisboa, Apolônia e Germano desembarcaram. Os dois foram tão bem recepcionados pelos seus amigos que viviam em Portugal que, com o passar dos meses, eles desistiram da ideia de ir para a França. No país ibérico, Apolônia marcou uma consulta com um especialista, mas ele não foi capaz de reverter o seu quadro de saúde. Mesmo assim, a viagem foi importante para animá-la após tantas provações que encarou. Depois de anos vivendo juntos no Brasil, Germano pôde enfim mostrar as belezas da sua terra natal para a companheira. Os passeios planejados por ele faziam com que Apolônia se esquecesse, mesmo que momentaneamente, da doença auditiva que poderia abreviar a sua ilustre carreira nos palcos.

A edição de 15 de junho de 1897 do *Jornal do Brasil* destacou que, durante a estadia do casal em Portugal, o Real Colyseu de Lisboa – espaço de diversões fundado em 24 de dezembro de 1887 e localizado na Rua da Palma, Zona do Intendente – apresentou ao seu público o Cinematógrafo Lumière¹¹⁶. Apolônia e Germano ficaram muito impressionados com o projetor, que era considerado a última novidade na Europa. “O novo invento (...) não só apresenta as figuras em tamanho natural, mostrando-as nítidas e perfeitas, como também não tem os inconvenientes da oscilação da luz, nem as fagulhas elétricas que ofendem a vista e prejudicam a movimentação” (p.2). O periódico salientou que, em razão do sucesso do aparelho, a empresa de seus criadores, que era sediada em Lyon, recebia uma grande quantidade de propostas para exibi-lo nas principais cidades do continente. Confiantes de que iriam proporcionar aos brasileiros uma das mais recentes descobertas, Apolônia e Germano entraram em contato com um dos representantes da companhia dos irmãos Lumière e adquiriram um exemplar do Cinematógrafo. A folha revelou que, em breve, o dispositivo seria apresentado em um dos teatros do Rio de Janeiro. A

¹¹⁵ *Jornal do Brasil*, 27 de setembro de 1896, p.3.

¹¹⁶ É importante dizer que, antes do Cinematógrafo Lumière, o Real Colyseu de Lisboa já tinha apresentado ao seu público outro projetor: o Teatrógrafo. Isso se deu em 18 de junho de 1896, graças à iniciativa do empresário Antônio Manuel dos Santos Júnior. Desenvolvido por Robert William Paul – um dos pioneiros do cinema na Inglaterra – o aparelho foi anunciado pela imprensa lusitana como Animatógrafo (p. ex. *Diário Ilustrado*, 15 de junho de 1896, p.2). Natural de Budapeste, Edwin Rousby foi o ambulante responsável pelas projeções no país europeu. Amândio Videira Santos (1990) aponta que a estreia do dispositivo aconteceu “em um dos intervalos da representação de uma opereta de costumes populares (intitulada ‘O comendador ventoinha’) e nem sequer provocou alteração nos preços do cartaz” (SANTOS, 1990, p.57). De acordo com a edição de 19 de junho de 1896 do jornal *O Século* (*apud Ibidem*, p.61), os filmes mais apreciados pelos espectadores foram “Dança guerreira”, “Bailes parisienses” e “A ponte nova de Paris”. A previsão inicial era que a temporada no Real Colyseu de Lisboa fosse finalizada em 22 de junho de 1896 (*Diário Ilustrado*, 21 de junho de 1896, p.2). Entretanto, diante do enorme sucesso do Animatógrafo, Edwin Rousby permaneceu na capital portuguesa até 15 de julho de 1896. Depois, o ambulante se dirigiu para o Porto (*Diário Ilustrado*, 15 de julho de 1896, p.1), onde se apresentou no Theatro Príncipe Real.

previsão era de que o Chili – nome da embarcação que, naquele momento, estava trazendo o casal e, provavelmente, Henri Picolet¹¹⁷ para o Brasil – aportaria na então capital federal em 20 de junho de 1897, ou seja, dali a apenas cinco dias.

Depois que regressaram ao país, os atores fundaram uma Companhia de Variedades. Dentre as atrações, o Cinematógrafo Lumière. O debute no Rio de Janeiro aconteceu em 15 de julho de 1897¹¹⁸. Os espetáculos foram realizados no Theatro Lucinda, que se localizava na Rua do Espírito Santo – atual Rua Pedro I –, nº 24, Centro. Inaugurado em 3 de junho de 1880, a construção desse espaço de diversões foi viabilizada pelo ator Furtado Coelho. Ao nomeá-lo, ele decidiu homenagear sua esposa – a atriz Lucinda Simões. Quando o projeto foi elaborado, Furtado decidiu que o salão destinado às apresentações seria erguido entre jardins e, para eles, teria muitos acessos. O objetivo do intérprete era melhorar a circulação de ar no estabelecimento. Dessa maneira, mesmo durante o verão carioca, quando as temperaturas aumentam, as pessoas suportariam assistir a longos espetáculos. “Tem o teatro doze camarotes, além do imperial, uma galeria nobre que toma todo o fundo (o que é, diga-se de passagem, o melhor lugar para os espectadores), cadeiras de primeira e de segunda classe, sem contar que do jardim e dos botequins que o cercam vê-se e ouve-se tão bem como do salão” (*Gazeta de Notícias*, 3 de junho de 1880, p. 2). Em 8 de fevereiro de 1888, foi instalada a luz elétrica no edifício¹¹⁹. Vicente de Paula Araújo (1976) afirma que o sistema usado era o elaborado por Edmund Julien. Ele era movido por um pequeno gerador a vapor. A última apresentação da Companhia de Variedades Germano Alves no Rio de Janeiro ocorreu em 20 de julho de 1897¹²⁰. Depois das funções realizadas na então capital federal, ela foi para Juiz de Fora. Conforme foi mencionado anteriormente, o Cinematógrafo Lumière foi exposto, entre 23 de julho e 8 de agosto de 1897, no Theatro Juiz de Fora.

¹¹⁷ Anteriormente, foi mencionado que Henri Picolet era o operador do Cinematógrafo Lumière nos espetáculos dados, em Juiz de Fora, pela Companhia de Variedades Germano Alves. Mais adiante, será destacado que o francês também atuou como projetorista em outros municípios pelos quais a empresa organizada pelos atores passou. Todavia, não foi possível levantar informações sobre Henri Picolet antes da sua chegada ao Brasil. Mesmo a obra de Jacques Rittaud-Hutinet (1985), que faz um inventário dos operadores que trabalharam para os irmãos Lumière, não traz muitos dados a seu respeito. Ela só cita a sua passagem pelo Rio de Janeiro. Aqui, foi empregada a palavra “provavelmente”, pois a edição de 15 de junho de 1897 do *Jornal do Brasil* não fez nenhuma referência à chegada do francês. Da mesma forma, não foi possível recuperar a lista de passageiros do Chili para saber se ele estava a bordo. Logo, o projetorista pode ter vindo ou não para o país no mesmo navio que Apolônia e Germano.

¹¹⁸ *A Notícia*, 15/16 de julho de 1897, p.3.

¹¹⁹ *O Paiz*, 8 de fevereiro de 1888, p.2.

¹²⁰ *Jornal do Commercio* (RJ), 20 de julho de 1897, p.8.

Após passar pela cidade mineira, a Companhia de Variedades Germano Alves se dirigiu para Niterói. Na terra de Arariboia¹²¹, a estreia do projetor aconteceu em 12 de agosto de 1897¹²². As apresentações foram efetuadas no Theatro Municipal Santa Tereza – atual Theatro Municipal João Caetano –, que se localiza na Rua Quinze de Novembro, nº 35, Centro. De acordo com Emmanuel de Macedo Soares (1983), o edifício existe, pelo menos, desde 1827. No início, era uma casa de espetáculos gerenciada pela Sociedade Dramática da Praia Grande – depois conhecida por Sociedade Filodramática de Niterói. Em 2 de dezembro de 1832, o espaço recebeu a Companhia Dramática Nacional, que foi formada pelo ator e diretor João Caetano dos Santos. Na ocasião, o seu elenco encenou a peça “O príncipe amigo da liberdade, ou A independência da Escócia”¹²³. A montagem desse drama foi considerada, por diferentes historiadores, como o nascimento do Teatro Brasileiro, na medida em que, até o momento, todas as companhias que haviam se apresentado no país eram estrangeiras. A Sociedade Filodramática de Niterói explorou o local até agosto de 1842. Nesse momento, o próprio João Caetano adquiriu o edifício por quatro contos de réis. O ator e diretor sempre almejou ter um teatro. Após a compra, o imóvel passou por uma reforma. Em 25 de dezembro de 1842, foi inaugurado o Theatro Provincial Santa Tereza. O nome escolhido para o lugar foi uma homenagem para a esposa do Imperador Dom Pedro II, que só chegaria ao Brasil no ano seguinte. João Caetano administrou a casa de espetáculos até 24 de agosto de 1863, quando ele faleceu. Estela Sezefreda – a sua viúva – não quis seguir adiante com o empreendimento, pois ele demandava muita responsabilidade. Portanto, o teatro foi abandonado. Com o passar do tempo, o prédio foi se deteriorando.

Em 1875, o maestro italiano Felice Fortunato Tati, que estava radicado há vários anos em Niterói, assumiu a dura tarefa de reconstruí-lo. Porém, as obras começaram so-

¹²¹ Arariboia chefiou a tribo dos temiminós, grupo indígena tupi que, no século XVI, habitou o litoral brasileiro. Em 1567, ele ajudou os portugueses na conquista da Baía de Guanabara frente aos franceses. Como recompensa, os portugueses lhe cederam uma região na entrada da baía que, tempos depois, daria origem à cidade de Niterói.

¹²² *Jornal do Brasil*, 12 de agosto de 1897, p.2 e p.4.

¹²³ Emmanuel de Macedo Soares (1983) e José Dias (2012) afirmam que o espetáculo ocorreu em 2 de dezembro de 1833. Edwaldo Cafezeiro e Carmem Gadelha (1996) e João Roberto Faria (2012) não mencionam o dia e o mês, mas também apontam que ele foi realizado um ano depois. Contudo, a edição de 1º de dezembro de 1832 do *Diário do Rio de Janeiro* destaca que o Theatro da Villa Real da Praia Grande – naquele momento, o nome da casa de diversões de Niterói – iria abrigar, no dia seguinte, a primeira apresentação da Companhia Dramática Nacional. O espetáculo integrou as celebrações de aniversário do Imperador Dom Pedro II. Além disso, todos os autores citados alegam que a peça encenada se chamava “O príncipe amante da liberdade, ou A independência da Escócia”. Mais uma vez, eu optei pela informação trazida pelo jornal (no lugar de “amante”, “amigo”). Edwaldo Cafezeiro e Carmem Gadelha (1996) informam que Camilo José do Rosário Guedes é, provavelmente, o seu autor, mas não foi possível checar esse dado.

mente três anos depois. Isso ocorreu por causa da dificuldade para levantar a quantia necessária. Carlos e Abílio Amand – os responsáveis pela reforma do estabelecimento – fizeram um péssimo trabalho. Uma comissão técnica constatou a má qualidade dos materiais empregados por eles. Diante da negligência dos construtores, foi instaurada uma ação judicial, o que atrasou ainda mais a reabertura da casa de espetáculos. Quando foi anunciada, a sentença se mostrou inútil, pois o patrimônio dos encarregados, se leiloado, não daria sequer para realizar as primeiras correções. Portanto, para deixar o local seguro para o público, foi preciso arrumar mais dinheiro. Em 8 de agosto de 1884, o Theatro Provincial Santa Tereza foi enfim reinaugurado em Niterói. Todavia, nos dias que se seguiram, foram espalhados pelo município panfletos que alertavam para o risco de desabamento do edifício. Felice Fortunato Tati teve que providenciar um novo laudo técnico para desmentir o perigo. Isso não foi suficiente. Receosa de que uma tragédia pudesse ocorrer, a população passou a evitar a casa de espetáculos. A Província do Rio de Janeiro¹²⁴, que havia emprestado um montante significativo para a realização da reforma, optou por cobrar o que lhe era devido. Sem uma grande bilheteria, não foi possível efetuar o pagamento, o que fez com que o estabelecimento fosse levado para hasta pública. Porém, nos quatro leilões que foram organizados, ninguém se interessou pela compra do imóvel. Logo, em 12 de novembro de 1887, o Theatro Provincial Santa Tereza acabou sendo entregue para a Província do Rio de Janeiro. Graças ao esforço do deputado Luís Carlos Fróes da Cruz, o edifício foi submetido a novas obras. Em 31 de julho de 1889, os niteroienses presenciaram a reabertura da casa de espetáculos. Desde então, ela foi cedida para o Club Dramático Kean, que encenou muitas peças. Contudo, em 1892, a agremiação se dissolveu, pois Alberto Vítor – o seu principal integrante – faleceu. No ano seguinte, o Brasil vivia o ápice da Revolta da Armada¹²⁵. Pelo fato de se localizar próximo ao litoral, o es-

¹²⁴ Izabel Pimentel da Silva (2015) diz que, durante o Império (1822-1889), o território do país era dividido em províncias. Elas eram administradas por um presidente. Por sua vez, na Primeira República (1889-1930), as províncias passaram a ser chamadas de estados. No tocante ao título concedido ao seu dirigente, enquanto alguns estados mantiveram o de presidente, outros adotaram o de governador. Entretanto, com o decorrer dos anos, o título de governador se consolidou como o atribuído ao chefe do Poder Executivo estadual.

¹²⁵ A Revolta da Armada foi um levante organizado pela Marinha entre os anos de 1891 e 1894. Na época, os marinheiros reivindicavam uma maior participação na República, que havia sido proclamada em 1889. O fato dos dois primeiros presidentes – Deodoro da Fonseca (1889-1891) e Floriano Peixoto (1891-1894) – serem oriundos do Exército fez com que os membros dessa instituição fossem privilegiados. O momento mais violento do conflito teve início em 13 de setembro de 1893. Neste dia, a Marinha começou a bombardear os fortes militares controlados pelo Exército no litoral de Niterói. As investidas acabaram atingindo também muitas edificações da cidade. Diante da ameaça, em 20 de fevereiro de 1894, a sede do governo estadual foi transferida de lá para Petrópolis, na serra, fora do alcance dos canhões. Niterói apenas voltaria a ser a capital do estado do Rio de Janeiro em 20 de junho de 1903.

tabelecimento foi bombardeado, o que o deixou parcialmente destruído. Quando o confronto se encerrou, Maurício de Abreu – o então Governador do Estado do Rio de Janeiro – não quis reformá-lo. Com a finalidade de arrecadar dinheiro para os cofres públicos, o político determinou que ele fosse leiloado. Em 30 de junho de 1896, a Câmara de Vereadores de Niterói o adquiriu por 45 contos de réis. Assim, o imóvel acabou sendo transferido do patrimônio estadual para o municipal. Depois da compra, novas obras foram efetuadas. Em 1º de janeiro de 1897, o Theatro Municipal Santa Tereza foi mais uma vez reaberto. Ele possuía 38 camarotes, sendo 18 de 1ª ordem e 20 de 2ª ordem. A sua plateia contava com 18 poltronas, que foram instaladas na fileira mais próxima do palco, 154 cadeiras de 2ª ordem e 152 cadeiras de 3ª ordem. Ele também tinha 24 galerias nobres. Ademais, a sua torrinha comportava cerca de 400 espectadores¹²⁶. O palco media 10m de largura e era iluminado por 150 bicos de gás. Os camarins foram dotados de um sistema de distribuição de água¹²⁷. A decoração da casa de espetáculos ficou por conta do artista F. Roma. Já os cenários e o pano de boca foram pintados por Orestes Coliva¹²⁸. No debutte, a Companhia Dias Braga encenou as peças “Capricho feminino” e “Portugueses à direita”. Meses depois, seria a vez da Companhia de Variedades Germano Alves ocupar o estabelecimento. A edição de 14 de agosto de 1897 do jornal *O Fluminense* revela que a primeira apresentação da Companhia de Variedades Germano Alves no município – realizada, como já foi mencionado, dois dias antes – atraiu poucas pessoas. Rafael de Luna Freire (2012) sugere que isso aconteceu “talvez pelo público ter confundido a companhia com um ‘tiro’ (isto é, um espetáculo comercial, barato e de baixa qualidade), quiçá por conta do programa de zarzuelas e animais adestrados” (FREIRE, 2012, p.20), o que abalaria a sua reputação de povo culto. Em Niterói, a última exibição da Companhia de Variedades Germano Alves ocorreu em 15 de agosto de 1897¹²⁹. A concorrência pequena foi, provavelmente, o motivo da curta temporada no Theatro Municipal Santa Tereza. No entanto, é fundamental destacar que, no dia seguinte à despedida, o estabelecimento receberia a Companhia Ismênia dos Santos¹³⁰. Portanto, é possível que o Cinematógrafo

¹²⁶ *O Fluminense*, 17 de dezembro de 1896, p.1.

¹²⁷ *O Fluminense*, 24 de dezembro de 1896, p.1.

¹²⁸ *Gazeta de Notícias*, 28 de dezembro de 1896, p.2.

¹²⁹ *O Paiz*, 15 de agosto de 1897, p.3 e p.8.

¹³⁰ *O Fluminense*, 15 de agosto de 1897, p.3.

Lumière não tenha sido apresentado por mais tempo na cidade devido à agenda do espaço de diversões.

Figura 23 – Fachada do Theatro Municipal João Caetano¹³¹ (1904)



Figura 24 – Fachada do Theatro Municipal João Caetano (2022)



Disponíveis no site: **Cultura Niterói** (<http://culturaniteroi.com.br/>)

¹³¹ No dia 24 de julho de 1900, a Câmara Municipal de Niterói alterou o nome da casa de espetáculos para Theatro Municipal João Caetano.

Depois de Niterói, a turnê da Companhia de Variedades Germano Alves chegou a Campos dos Goytacazes. Lá, a estreia aconteceu em 20 de agosto de 1897¹³². As exposições foram feitas no Theatro São Salvador, que se localizava no encontro da Rua Formosa – atual Rua Tenente Coronel Cardoso – com a Rua Direita – atual Rua Treze de Maio. Tiago Quintes (2022) destaca o esforço empregado, principalmente, por Tomé José Ferreira Tinoco na fundação da casa de espetáculos. Advogado e jornalista, ele formou uma sociedade com os seus familiares – Os Seis Tinocos – que tinha como propósito implantar uma loteria. O montante arrecadado por ela seria destinado à construção de um teatro na cidade. Porém, Godofredo Tinoco (1975) revela que essa primeira tentativa fracassou. Longe de desistir, Tomé constituiu a Sociedade Promotora do Estabelecimento do Novo Teatro. A reunião inaugural de seus acionistas ocorreu em 8 de janeiro de 1837, às 10h, na Igreja de Nossa Senhora do Carmo¹³³. Nela, foi definido que, além de Tomé, a sua diretoria seria composta por Custódio José Coelho de Almeida, Francisco de Paula da Silva Pacheco e Joaquim Pinto Neto dos Reis. Em 27 de maio de 1837, o terreno onde a casa de espetáculos seria erguida foi escolhido¹³⁴. Todavia, obstáculos financeiros fizeram com que a sua compra fosse concluída apenas em 5 de abril de 1838¹³⁵. O engenheiro Amélio Francisco Nicolau Pralon foi contratado para conduzir as obras do espaço de diversões. Em virtude das dificuldades econômicas, o assentamento da primeira pedra do edifício se deu somente em 7 de setembro de 1839¹³⁶. No decorrer da pesquisa, eu encontrei poucas edições de periódicos campistas que foram publicadas na década de 1840. A última notícia sobre a construção do Theatro São Salvador a que eu tive acesso diz que a sua cumeeira foi colocada em 23 de janeiro de 1841¹³⁷. Segundo Godofredo Tinoco (1975), a inauguração da casa de espetáculos aconteceu em 7 de setembro de 1845. O autor menciona que a estreia foi marcada por um grande susto. Enquanto se apresentava, Luiz Montani – um dos principais dançarinos da companhia que ocupava o espaço de diversões – foi atingido na cabeça pelo pano de boca, que havia sido pintado por Luiz Gonzaga Cony. Por esse motivo, ele teve que deixar o palco para receber atendimento médico. Apesar do

¹³² *Gazeta do Povo*, 21 de agosto de 1897, p.1.

¹³³ *O Recopilador Campista*, 7 de janeiro de 1837, p.3.

¹³⁴ *O Recopilador Campista*, 27 de maio de 1837, p.5.

¹³⁵ *O Monitor*, 5 de fevereiro de 1840, p.1.

¹³⁶ *O Monitor*, 4 de setembro de 1839, p.3.

¹³⁷ *O Monitor Campista*, 26 de janeiro de 1841, p.6.

incidente, o debute foi considerado um sucesso pelos presentes. Múcio da Paixão (1919) relata que o Theatro São Salvador possuía 21 camarotes – sendo que um deles era exclusivo da sua diretoria –, 100 varandas, 350 cadeiras e 200 entradas para as galerias. A última notícia sobre o funcionamento da casa de espetáculos a que eu tive acesso foi publicada na edição de 21 de fevereiro de 1919 do periódico *A Noite*. No dia seguinte, a pianista Judith Morisson e o violinista Frederico de Almeida iriam se apresentar no local. De acordo com Horácio Sousa (2014), o espaço de diversões foi demolido nesse mesmo ano, pois a Prefeitura de Campos dos Goytacazes resolveu alargar a então Rua Formosa. Por sua vez, José Dias (2012) aponta que o Theatro São Salvador foi derrubado entre 1920 e 1921. Dada à dificuldade de localizar as edições das folhas que circularam no município fluminense nessa época, não foi possível fornecer uma informação mais precisa a respeito da sua destruição.

Figura 25 – Fachada do Theatro São Salvador¹³⁸



Fonte: Arquivo Público Municipal Waldir Pinto de Carvalho

Conforme já foi dito, a temporada da Companhia de Variedades Germano Alves em Campos dos Goytacazes teve início em 20 de agosto de 1897. A última apresentação

¹³⁸ Ao analisar a fotografia, Tiago Quintes (2022) observou que ela foi feita durante uma Exposição Regional. De acordo com o autor, esse evento só aconteceu duas vezes em Campos dos Goytacazes. Ele foi realizado em 1910 e em 1916. Assim, a imagem da fachada do Theatro São Salvador data de um desses anos.

aconteceu em 12 de setembro de 1897¹³⁹. Tiago Quintes (2022) afirma que, durante esse período, foram realizados 15 espetáculos no município. No total, foram projetados 42 títulos diferentes. O filme mais programado foi “Corrida de touros em Sevilha”. Ele foi exibido, pelo menos, seis vezes. O autor diz que, inicialmente, o Cinematógrafo Lumière ocupava um único ato do show. Todavia, em razão do sucesso, a partir de 7 de setembro de 1897, a atração passou a preencher mais de um – geralmente, o terceiro e o quinto –, o que fez com que duplicasse o número de produções mostradas por dia no Theatro São Salvador. Diferente do que ocorreu em Niterói, a nova invenção agradou bastante ao público campista, embora a edição de 21 de agosto de 1897 da *Gazeta do Povo* tenha criticado o tamanho dos quadros apresentados. O periódico mencionou que, ao contrário do que havia sido anunciado antes do debut¹⁴⁰, eles não tinham o comprimento do pano de boca. Eram menores. “O tamanho dos quadros dependia da potência da fonte luminosa, da lente utilizada no aparelho e da distância desse em relação à tela” (QUINTES, 2022, p. 78). Naquela época, os projetores eram instalados nos teatros de modo improvisado. Logo, dependendo da disposição do espaço, o resultado das exposições poderia ser insatisfatório. Provavelmente, foi isso o que aconteceu em Campos dos Goytacazes. Entretanto, como eu revelei antes, a observação feita pela *Gazeta do Povo* sobre o tamanho dos quadros não impediu o êxito dos espetáculos. No desfecho deste capítulo, ficará comprovado que, durante os anos em que a Companhia de Variedades Germano Alves se apresentou no Brasil, a temporada realizada no município fluminense foi a que possuiu a maior extensão – pelo menos dentre as que tiveram as suas datas de início e de término encontradas. Além disso, é fundamental enfatizar que, nos próximos destinos da turnê da empresa criada pelo casal de artistas, o nome de Henri Picolet deixaria de ser citado nos programas dos shows publicados nos periódicos, o que talvez indique que o operador tenha decidido retornar para a Europa depois de poucos meses trabalhando no país. Dessa maneira, a partir de então, outra pessoa pode ter assumido a função de projetorista.

Após passar por Campos dos Goytacazes, a Companhia de Variedades Germano Alves retornou ao Rio de Janeiro¹⁴¹. Em 3 de outubro de 1897, ela partiu da então capital federal com destino a Curitiba¹⁴². Na cidade paranaense, a estreia ocorreu em 9 de outo-

¹³⁹ *Gazeta do Povo*, 14 de setembro de 1897, p.1.

¹⁴⁰ *Gazeta do Povo*, 18 de agosto de 1897, p.3.

¹⁴¹ *Jornal do Brasil*, 18 de setembro de 1897, p.2.

¹⁴² *Cidade do Rio*, 4 de outubro de 1897, p.2.

bro de 1897¹⁴³. As exposições foram realizadas no Theatro Hauer, que se localizava no encontro da Rua Treze de Maio com a Rua do Assungui – atual Rua Mateus Leme. A notícia mais antiga sobre o espaço de diversões a que eu tive acesso foi publicada na edição de 15 de agosto de 1890 do jornal *A República*. Naquela oportunidade, o periódico mencionou que, tal como o Salão André Petrelli, o Salão Luiz Grunnt e o Salão Tivoli, ele havia sido escolhido para abrigar uma das seções eleitorais do município. Durante a investigação, não fui capaz de descobrir quando ele foi inaugurado. A sua construção foi uma iniciativa de Joseph Hauer. O folder da Exposição 150 Anos da Família Hauer no Brasil, que aconteceu no Museu Paranaense em 2013, diz que, em meados do século XIX, muitas regiões do que viria a ser a Alemanha encararam profundas transformações econômicas, políticas e sociais. Por causa disso, milhares de pessoas deixaram suas terras em busca de uma vida mais digna. Quando tinha 22 anos, Joseph Hauer atravessou o Oceano Atlântico. Em agosto de 1863, depois de dois meses e meio de viagem, ele chegou na Colônia Dona Francisca – atual município de Joinville –, destino de vários imigrantes de origem alemã. Pouco tempo depois, ele subiu a serra até Curitiba, onde abriu uma selaria. Nas décadas seguintes, quando passou a se dedicar à exportação e importação de mercadorias, Joseph Hauer se tornaria um dos maiores empresários do estado. Aneliese Nacke, Maria José Reis e Neusa Maria Sens Bloemer (2002) salientam que, em maio de 1898, ele obteve a concessão do serviço de iluminação da cidade. Com o propósito de aumentar a oferta de energia, a sua companhia – nomeada como Joseph Hauer & Filhos – deu início, no mesmo ano, à construção da Usina Termelétrica de Curitiba. Lançada em 1901, ela ficava na Avenida Capanema, às margens do Rio Belém, onde atualmente se localiza a Estação Rodoferroviária. No Paraná, ela foi a primeira a produzir energia a partir do calor gerado pela queima de combustíveis fósseis. Portanto, o empresário foi o responsável por projetos pioneiros no estado.

Quando a Companhia de Variedades Germano Alves passou por Curitiba, o Theatro Hauer era o principal ponto de encontro da elite do município. Conforme já foi dito, a temporada na capital paranaense da empresa criada pelos atores teve início em 9 de outubro de 1897. O último espetáculo foi realizado em 17 de outubro de 1897¹⁴⁴. Em 1904, Ludovico Carlos Egg se tornou o novo proprietário do Theatro Hauer. O estabelecimen-

¹⁴³ *A República*, 8 de outubro de 1897, p.3.

¹⁴⁴ *A República*, 16 de outubro de 1897, p.4.

to foi vendido por Joseph Hauer pelo valor de 48 contos de réis¹⁴⁵. Apesar da transação, seu nome foi mantido, o que pode ser comprovado na Figura 26. A última notícia sobre o funcionamento da casa de espetáculos a que eu tive acesso foi publicada na edição de 7 de junho de 1941 do *Diário da Tarde*. Nesse dia, uma agremiação iria promover um baile no lugar. No final da década de 1940, a Empresa Cinematográfica Sul-Brasileira, que administrava os Cines Avenida e Ritz, decidiu instalar um teatro em Curitiba. O edifício que abrigou o Theatro Hauer foi o local escolhido para o novo projeto. Em 12 de julho de 1949, o Teatro Marabá foi fundado¹⁴⁶. No ano seguinte, o espaço de diversões foi adaptado para atuar também como cinema. Em 16 de março de 1950, foi exibido o primeiro filme no Cine-Teatro Marabá¹⁴⁷. A partir da análise dos periódicos que circularam na capital paranaense na segunda metade do século XX, é possível afirmar que, ao longo da sua existência, o estabelecimento operou mais como cinema do que teatro. Até 11 de setembro de 1975, as folhas locais trouxeram a programação dessa sala¹⁴⁸. Logo, ela funcionou mais de 25 anos. Elton L. Barz (1989) revela que, anos antes de encerrar as suas atividades, a casa de espetáculos tinha sido adquirida pela Fama Filmes. No seu melhor momento, a empresa administrava 11 dos cinemas de Curitiba¹⁴⁹. Ao perceber que, com o passar do tempo, o número de pessoas que frequentava o Cine-Teatro Marabá reduzia cada vez mais, Arnaldo Zonari – o seu diretor-presidente – decidiu reformar o local. Ele acreditava que as mudanças trariam o público de volta. Com o término das obras, o Cine Bristol foi inaugurado. “Confirmado: dia 22 [de maio de 1976], sábado, Curitiba ganha um novo cinema – o Bristol [...] O cinema não muda apenas de nome, mas também de aspecto: de 900 para 600 poltronas, permitindo maior conforto, sistema de ar condicionado, nova decoração, uma sofisticada sala de espera e, o que é fundamental, a mais selecionada programação” (*O Estado do Paraná*, 15 de maio de 1976, n.p.). Até 31 de dezembro de 1992, as folhas locais trouxeram a programação dessa sala¹⁵⁰. Logo, ela funcionou mais de 16 a-

¹⁴⁵ *Diário da Tarde*, 29 de setembro de 1904, p.2.

¹⁴⁶ *Diário da Tarde*, 12 de julho de 1949, p.6.

¹⁴⁷ *Diário da Tarde*, 16 de março de 1950, p.4.

¹⁴⁸ *Diário da Tarde*, 11 de setembro de 1975, p.2.

¹⁴⁹ *O Estado do Paraná*, 17 de janeiro de 1974, p.14.

¹⁵⁰ *Correio de Notícias*, 31 de dezembro de 1992, p.22.

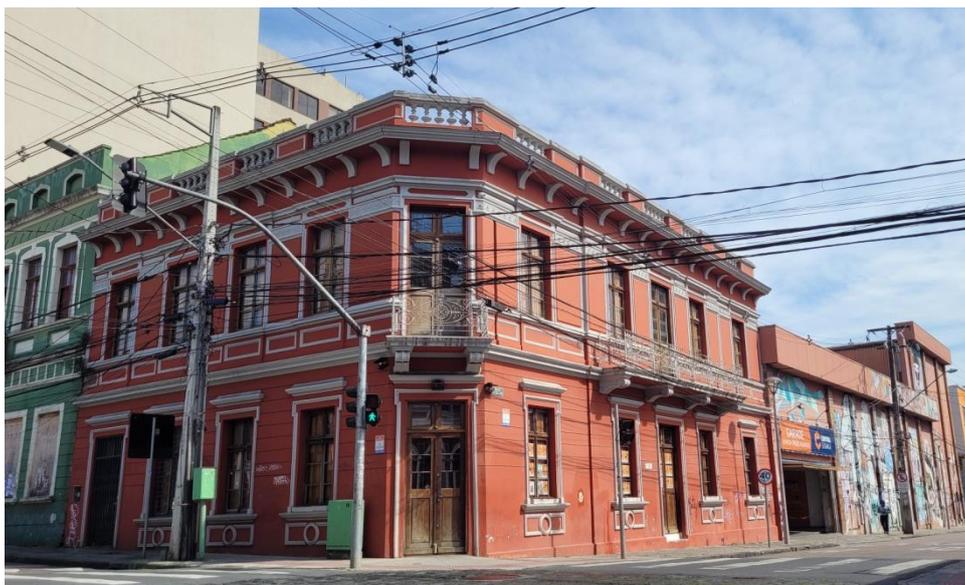
nos. Em 1995, o prédio abrigava o Bristol Golden Bingo¹⁵¹. Roberto Requião iniciou seu mandato como Governador do Paraná em 2003. Uma das medidas mais polêmicas da sua gestão foi a proibição de diversos jogos de azar no estado. Dentre eles, o bingo. Por causa disso, o estabelecimento acabou sendo fechado. Desde 2013, o edifício é ocupado por um restaurante que prepara apenas pratos veganos.

Figura 26 – Fachada do Theatro Hauer (1913)



Fonte: Fundação Cultural de Curitiba

Figura 27 – Estado atual da fachada do prédio onde funcionou o Theatro Hauer, o Cine-Teatro Marabá e o Cine Bristol (2022)



Fotografia: Tamara Fernanda Carneiro Evangelista

¹⁵¹ Nicolau, n° 57, 1995, p.24.

Depois de Curitiba, a Companhia de Variedades Germano Alves se dirigiu a Florianópolis. Na capital catarinense, o debute ocorreu em 28 de outubro de 1897¹⁵². Os espetáculos foram dados no Theatro Álvaro de Carvalho, que se localiza na Rua Marechal Guilherme, nº 26, Centro. Paulo Clóvis Schmitz (2005) destaca que, em 8 de outubro de 1854, aconteceu a primeira reunião dos acionistas da Sociedade Empreendedora. Ela foi criada com a finalidade de arrecadar fundos para a construção de um teatro amplo e moderno em Florianópolis. Quando ficasse pronto, ele seria batizado de Theatro Santa Isabel. O nome escolhido para o local seria uma homenagem para a filha do Imperador Dom Pedro II. Em 29 de julho de 1857, a primeira pedra do edifício foi assentada¹⁵³. Todavia, desde o começo das obras, a Sociedade Empreendedora teve dificuldades para conseguir os recursos necessários para erguer o espaço de diversões, na medida em que muitos dos seus acionistas atrasavam os pagamentos que lhes cabiam fazer. Isso fez com que os trabalhos fossem frequentemente paralisados. O progresso das obras apenas foi possível devido aos empréstimos concedidos pela Província de Santa Catarina, que não foram saldados. A edição de 7 de fevereiro de 1871 do jornal *O Despertador* informou que, por causa da não quitação da dívida – na época, seis contos de réis –, a Sociedade Empreendedora tinha sido executada. Dessa maneira, o Theatro Santa Isabel passou a integrar o patrimônio da Província de Santa Catarina. Com o intuito de vendê-lo, ela organizou um leilão. No entanto, não apareceram interessados na compra do imóvel. Após muitas discussões sobre o seu futuro, ficou estabelecido, através da promulgação da Lei nº 642, de 22 de abril de 1871, que as obras do espaço de diversões seriam concluídas pela própria Província de Santa Catarina. Apesar de inacabado, o Theatro Santa Isabel foi utilizado, pela primeira vez, em 8 de junho de 1871. Na sua edição de 22 de agosto de 1874, o jornal *O Conservador* reproduziu o conteúdo da Lei nº 736, de 16 de maio de 1874. O seu artigo 1º dava autorização para João Tomé da Silva – o então Presidente da Província de Santa Catarina – contratar associação, empresa ou pessoa para terminar a construção da casa de espetáculos. No mês seguinte, foi firmado um acordo com o tenente-coronel José Feliciano Alves de Brito¹⁵⁴. Depois de vários percalços, o Theatro Santa Isabel foi finalmente inaugurado em 7 de setembro de 1875. Na última década do século XIX, Santa Catarina passou por um período político turbulento. Em abril de 1893, o governador Manoel Joa-

¹⁵² *República*, 27 de outubro de 1897, p.3.

¹⁵³ *O Mensageiro*, 2 de agosto de 1857, p.2.

¹⁵⁴ *O Conservador*, 24 de junho de 1874, p.3.

quim Macedo aderiu à Revolução Federalista¹⁵⁵. Ao longo dos meses que se seguiram, o político recebeu o apoio de diversos integrantes da Assembleia Legislativa do seu estado. Diante do fortalecimento do motim, Floriano Peixoto reagiu. O Presidente da República remeteu para Florianópolis o coronel Antônio Moreira César. Ele desembarcou na cidade à frente de 500 homens do 7º e 23º Batalhões de Infantaria. O grupo realizou prisões e fuzilamentos sumários de federalistas e simpatizantes da monarquia. Muitos espaços públicos – como é o caso do Theatro Santa Isabel – foram adaptados para abrigar os detidos. Com o objetivo de apagar qualquer vestígio da monarquia, a Resolução nº 1201, de 2 de julho de 1894, modificou o nome do Theatro Santa Isabel. Em homenagem ao primeiro dramaturgo catarinense, que faleceu em Buenos Aires no ano de 1865, por causa de uma doença que foi contraída na Guerra do Paraguai, o espaço de diversões passou a ser chamado de Theatro Álvaro de Carvalho. Conforme já foi dito, a temporada em Florianópolis da Companhia de Variedades Germano Alves iniciou em 28 de outubro de 1897. Essa informação foi localizada na edição de 27 de outubro de 1897 do *República*. Tanto na Hemeroteca Digital Brasileira quanto na Hemeroteca Digital Catarinense, não foi possível encontrar outros periódicos que tenham circulado, nessa mesma época, na capital de Santa Catarina. Ao acessar a coleção do *República*, eu pude constatar que as edições publicadas entre 28 de outubro e 6 de novembro de 1897 não foram preservadas, o que impediu a descoberta de vários dados sobre a passagem da Companhia de Variedades Germano Alves por Florianópolis. A título de exemplo, a quantidade de espetáculos que foram dados na cidade. Por sorte, a edição de 7 de novembro de 1897 do *Republica* trouxe o anúncio da última apresentação da trupe liderada pelo casal de atores, que seria promovida naquele mesmo dia. Assim, foi possível determinar, pelo menos, a duração da temporada na capital de Santa Catarina. Entre as décadas de 1930 e 1950, o Theatro Álvaro de Carvalho abrigou duas salas de cinema. De acordo com a edição de 27 de dezembro de 1933 do jornal *O Estado*, na véspera, foram feitas as primeiras experiências com o proje-

¹⁵⁵ A Revolução Federalista foi um levante ocorrido na Região Sul do Brasil entre os anos de 1893 e 1895. A insurreição, que teve início no Rio Grande do Sul e, com o passar do tempo, chegou a Santa Catarina e ao Paraná, opôs dois grupos que divergiam sobre a maneira como o Estado deveria ser organizado. De um lado, estavam os chimangos. Liderados por Júlio de Castilhos – o então governador do Rio Grande do Sul –, eles defendiam a centralização do poder nas mãos do Presidente da República. Quando o confronto começou, tal cargo era ocupado por Floriano Peixoto (1891-1894). Do outro, estavam os maragatos. Liderados pelo político Gaspar Silveira Martins, eles queriam que os estados desfrutassem de uma maior autonomia, o que dificultaria a formação de futuros governos autoritários. Os maragatos afirmavam que essa era uma das principais características das gestões de Deodoro da Fonseca (1889-1891) e de Floriano Peixoto – ambos oriundos do Exército. Em 1894, Prudente de Moraes foi eleito Presidente da República. O paulista foi o primeiro civil a assumir o cargo. No ano seguinte, ele elaborou o acordo de paz que pôs fim ao violento conflito. No documento, que foi assinado na cidade de Pelotas, os maragatos reconheceram a sua derrota em troca da concessão de anistia.

tor do Cine Royal, que estrearia dentro de pouco tempo. Devido ao término do contrato, as exibições foram suspensas em 5 de outubro de 1938¹⁵⁶. Meses depois, o Cine Odeon já ocupava o espaço. A sua transferência da Rua Padre Miguelinho, onde funcionava desde 1933, para a Rua Marechal Guilherme foi um acontecimento invulgar, já que não há memória de uma concorrência tão elevada a uma casa de espetáculos¹⁵⁷. Nos últimos dias de sua existência, o Cine Odeon contava com uma aparelhagem deficientíssima, que deturpou a qualidade do filme “A morte do caixeiro viajante” (Stanley Kramer, 1951)¹⁵⁸.

Figura 28 – O Theatro Álvaro de Carvalho e imediações no final do século XIX



Fonte: SCHMITZ, Paulo Clóvis. **Pequena história do Teatro Álvaro de Carvalho**. Florianópolis: Editora Insular, 2005, p.113.

Figura 29 – Fachada do Theatro Álvaro de Carvalho (2023)



Fotografia: Edu Lyra

¹⁵⁶ *O Estado*, 5 de outubro de 1938, p.6.

¹⁵⁷ *A Notícia* (FLN), 19 de abril de 1939, p.5. Durante o desenvolvimento da minha pesquisa, foram coletados dados em dois periódicos que tinham o mesmo nome (*A Notícia*). Um circulava no Rio de Janeiro e o outro em Florianópolis. Para diferenciá-los, foi colocada, entre parênteses, a sigla “FLN” quando o jornal catarinense é mencionado.

¹⁵⁸ *O Estado*, 4 de julho de 1954, p.7.

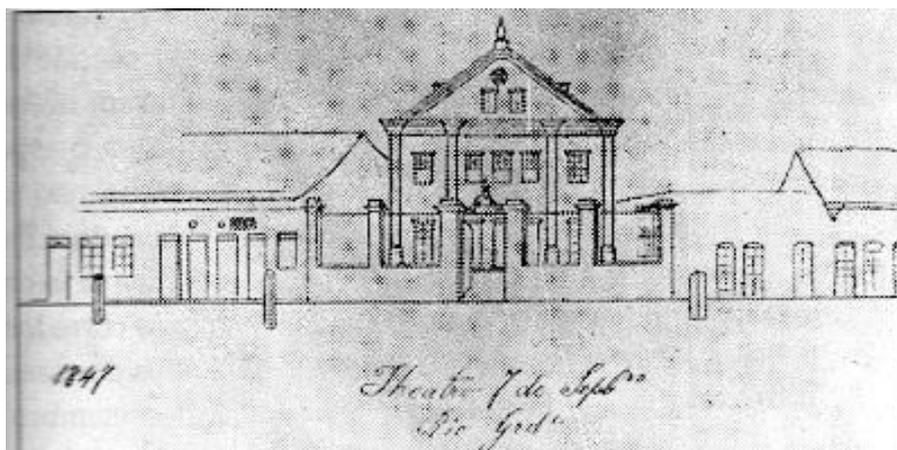
Após percorrer os estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná e Santa Catarina, a Companhia de Variedades Germano Alves chegou, em novembro de 1897, ao Rio Grande do Sul. Nos meses que se seguiram, a trupe realizou espetáculos em diversas cidades do estado. A primeira delas foi Rio Grande. Lá, a estreia ocorreu em 14 de novembro de 1897. Antes do debute, foi organizada uma sessão para a imprensa. Os jornalistas disseram que, dada à nitidez dos quadros, o Cinematógrafo Lumière era superior aos demais aparelhos que eles já conheciam. O Theatro Sete de Setembro, que se localizava na Rua Direita – atual Rua General Bacelar –, fundos para a Praça da Quitanda – atual Praça Júlio de Castilhos –, foi o local escolhido para as apresentações no município¹⁵⁹. De acordo com Ezio Bittencourt (1999), tal casa de espetáculos foi a primeira a ser construída em alvenaria no Rio Grande do Sul. A Sociedade Sete de Setembro foi formada com o intuito de arrecadar fundos para a realização do empreendimento. Através da venda de ações a cem mil réis, o montante necessário foi alcançado. A escritura da compra do terreno, que pertencia ao cônego Francisco Ignácio da Silveira, foi lavrada em 31 de outubro de 1831. Com isso, as obras foram iniciadas. Pouco mais de um ano depois, em 7 de dezembro de 1832, o Theatro Sete de Setembro foi inaugurado. Naquele momento, o novo espaço de diversões atendia aos anseios da população abastada de Rio Grande, que estava ávida por cultura. O edifício foi registrado apenas em uma gravura. Datada de 1847, a sua autoria é desconhecida. O traçado do/a artista revela as características externas, possivelmente ainda originais, da casa de espetáculos, que foi demolida no fim da década de 1940. A temporada da Companhia de Variedades Germano Alves foi finalizada em 7 de dezembro de 1897¹⁶⁰. Ao todo, foram contabilizados 12 espetáculos na cidade. Rio Grande foi o segundo município com o maior número de apresentações. Ficou atrás somente de Campos dos Goytacazes. A bordo do vapor Juncal, a trupe liderada pelo casal de atores partiu em 9 de dezembro de 1897 para Jaguarão¹⁶¹.

¹⁵⁹ *Diário do Rio Grande*, 13 de novembro de 1897, p.2.

¹⁶⁰ *Diário do Rio Grande*, 7 de dezembro de 1897, p.2.

¹⁶¹ *Diário do Rio Grande*, 8 de dezembro de 1897, p.2.

Figura 30 – Gravura do Theatro Sete de Setembro (1847)



Fonte: **Aspectos brasileiros**: meados do século XIX.

Rio Grande: Edição da Biblioteca Rio-grandense, 1937.

A passagem da Companhia de Variedades Germano Alves pelo Rio Grande do Sul possui várias lacunas. Por não ter localizado nenhuma folha que, em dezembro de 1897, circulou em Jaguarão, não foi possível determinar as datas de início e término da temporada na cidade gaúcha, muito menos o local onde os espetáculos foram dados. É provável que o grupo de artistas tenha ficado em Jaguarão até janeiro de 1898. Em “O cinematographo no Rio Grande do Sul no século XIX” (1999), Antonio Jesus Pfeil menciona que essa foi a conclusão a que Pedro Henrique Caldas chegou nas suas pesquisas. Além disso, ele também destacou que as apresentações ocorreram no Theatro Esperança. Porém, como disse, eu não consegui confirmar tais informações.

De acordo com a edição de 6 de fevereiro de 1898 do *Jornal do Commercio* (RJ), o *Correio Mercantil de Pelotas* havia noticiado, na sua edição de 13 de janeiro de 1898, que, no dia anterior, a Companhia de Variedades Germano Alves se apresentou no Theatro 28 de Setembro, em Bagé. O espetáculo integrou a programação da recepção do General Carlos Telles no município gaúcho, após o fim da Guerra de Canudos¹⁶². O retrato

¹⁶² A Guerra de Canudos (1896-1897) originou-se da tentativa das forças de segurança, primeiro da Bahia e depois da União, de dismantlar uma comunidade camponesa de caráter místico e messiânico que havia se estabelecido no interior do estado mais extenso e populoso da Região Nordeste. Muitos indivíduos em situação de miséria deixaram as fazendas nas quais viviam para se juntarem a Antônio Conselheiro, o líder que proclamava o fim do mundo e propunha a construção de uma sociedade igualitária, fundamentada em princípios religiosos e sem as adversidades terrenas. Com o crescimento do Arraial de Canudos, no início da década de 1890, difundiu-se a notícia de que se tratava de um movimento contra a República recém implantada, pois Conselheiro a criticava e era contra a separação entre Igreja e Estado promovida pelo novo regime. Além disso, a corrida migratória para a região onde a comunidade tinha se instalado impactou significativamente o fornecimento de mão de obra e as dinâmicas de poder entre os fazendeiros, o clero regular e os camponeses que eram tradicionalmente explorados. As três primeiras expedições militares contra Canudos foram derrotadas. Porém, o arraial não resistiu à quarta investida. A vitória das tropas comanda-

do militar foi projetado pelo Cinematógrafo Lumière, o que levou a audiência ao delírio. Em “Inventário cultural de Bagé: um passeio pela história” (2005), Elizabeth Macedo de Fagundes ressalta que a Sociedade 28 de Setembro foi criada durante o Segundo Reinado por militantes do Partido Liberal. Ela surgiu com o objetivo de arrecadar fundos para construir um teatro na cidade. O nome atribuído à casa de espetáculos foi uma homenagem à data que promulgou, em 1871, a Lei do Ventre Livre¹⁶³. O nascimento dessa norma reacendeu, no Rio Grande do Sul, a campanha abolicionista. Logo, o teatro serviu de instrumento aos ideais desse movimento humanitário. Em 10 de junho de 1917, durante uma exibição cinematográfica, um incêndio destruiu totalmente o edifício. Ele foi provocado por um operador que aproximou um rolo de fita de um foco de luz elétrica. As pessoas que assistiam ao filme, juntamente com os funcionários, saíram sem ferimentos. Atualmente, o terreno pertence à Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

Figura 31 – Fachada do Theatro 28 de Setembro



Fonte: LEMIESZEK, Cláudio de Leão. **Bagé**: relatos de sua história.

Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

Depois de Bagé, a Companhia de Variedades Germano Alves foi para Santa Maria. Romeu Beltrão reproduz, em “Cronologia histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho” (1979), a notícia que foi publicada na edição de 16 de fevereiro de 1898 do jornal *O Estado* sobre o primeiro espetáculo dado pela trupe na cidade. E-

das pelo General Artur Oscar de Andrade Guimarães, em outubro de 1897, deixou mais de 20 mil sertanejos mortos.

¹⁶³ A Lei do Ventre Livre determinou que, a partir de 28 de setembro de 1871, as mulheres que haviam sido escravizadas dariam à luz somente bebês livres. Dessa maneira, nenhum escravizado nasceria mais em solo brasileiro.

le ocorreria no dia seguinte no Theatro Treze de Maio. Nomeado em homenagem à data que promulgou, em 1888, a Lei de Abolição da Escravatura, o espaço de diversões foi inaugurado em 1890. Luiz Gonzaga Binato de Almeida (2016) destaca que, aproximadamente dez anos antes, a Sociedade Dramática Fênix Familiar adquiriu um terreno na esquina da Praça Saldanha com a Rua Venâncio Aires com o intuito de construir uma casa de espetáculos. Todavia, devido à falta de recursos, o projeto não foi levado adiante. Ao longo da década de 1880, o terreno acabou sendo ocupado pela antiga Igreja Matriz. Entretanto, pelo fato de não possuir condições mínimas de segurança, o prédio foi declarado impróprio para uso e, posteriormente, colocado em hasta pública. Em 1888, o empresário João Daudt Filho arrematou o terreno por 205 mil réis. Em seguida, ele levantou 500 mil réis por subscrição popular para demolir e remover os destroços da antiga Igreja Matriz. Em 27 de janeiro de 1889, os interessados em erguer um teatro em Santa Maria se reuniram em uma assembleia. Nela, foi estabelecida a Sociedade Treze de Maio, que recebeu 20 contos de réis para concluir as obras – somente um terço da quantia necessária. Após o término do espaço de diversões, foi formada a Sociedade Indenizadora do Theatro Treze de Maio, que possuía como objetivo abater os débitos provenientes da sua construção. Graças ao produto dos espetáculos públicos, todas as dívidas contraídas acabaram sendo sanadas. Desde a sua inauguração, inúmeros artistas passaram pelo seu palco. Por exemplo, os que integravam a Companhia de Variedades Germano Alves. Na sua edição de 7 de março de 1898, o *Cidade do Rio* informou que a trupe ainda se achava em Santa Maria. Infelizmente, eu não consegui descobrir quando a temporada foi encerrada no município, nem o número de apresentações efetuadas.

Figura 32 – Fachada do Theatro Treze de Maio (1902)



Fonte: Acervo da Casa de Memória Edmundo Cardoso

Figura 33 – Fachada do Theatro Treze de Maio (2024)



Fotografia: Tânia Meinerz

No livro “Entre lanternas mágicas e cinematógrafos: as origens do espetáculo cinematográfico em Porto Alegre (1861-1908)” (2010), Alice Dubina Trusz ressalta que a Companhia de Variedades Germano Alves também se apresentou em Rio Pardo. A autora descobriu tal informação quando analisou a edição de 1º de abril de 1898 do periódico *A República*, que circulou em Porto Alegre¹⁶⁴. Tal folha não está disponível na Hemeroteca Digital Brasileira, assim como nenhuma outra que, nessa época, tenha sido publicada em Rio Pardo. Eu acredito que, depois de passar por Santa Maria, a trupe tenha se dirigido para lá, onde permaneceu até os primeiros dias de abril de 1898. Em seguida, a turnê chegou a Porto Alegre. Trusz indica que, na capital do Rio Grande do Sul, a estreia ocorreu em 9 de abril de 1898. Os espetáculos foram realizados no Theatro São Pedro. De acordo com Renata Bastos Dellaméa Ferraz (2019), a partir da segunda metade do século XIX, o fortalecimento do processo de urbanização levou a um aumento da quantidade de distrações em Porto Alegre. A título de exemplo, foram abertos novos cafés e confeitarias. Porém, devido à sua infraestrutura precária, os teatros que existiam não conseguiam atrair um grande público. Em 1833, 12 cidadãos, subscrevendo cada um dez ações, num total de 120 contos de réis, solicitaram a Manuel Antônio Galvão – o então Presidente da Província do Rio Grande do Sul – a cessão de um terreno para construir um teatro. O requerimento mencionava que a iniciativa proporcionaria um divertimento sadio para a população local que, na época, contava com cerca de 12 mil pessoas. Os rendimentos paga-

¹⁶⁴ Durante o desenvolvimento da minha pesquisa, foram coletados dados em dois periódicos que tinham o mesmo nome (*A República*). Um circulava em Curitiba e o outro em Porto Alegre.

riam o investimento feito pelos associados e os excedentes seriam revertidos para a Santa Casa de Misericórdia. Diante da proposta, o político doou um terreno na Praça da Matriz. Sob a direção de João Batista Soares da Silva e Souza, as obras começaram em 1834. Todavia, elas foram suspensas no ano seguinte, quando teve início a Revolução Farroupilha¹⁶⁵. Em 1845, depois do término do conflito gaúcho, uma nova sociedade encabeçada por Antônio Joaquim da Silva Mariante assumiu a árdua tarefa de levantar o edifício. Ele conseguiu recursos com Luís Alves de Lima e Silva – o então Presidente da Província do Rio Grande do Sul. No entanto, logo em seguida, a sociedade desistiu do projeto. Nesse momento, apenas os alicerces do prédio estavam prontos. Em 1848, Francisco José de Sousa Soares de Andréa foi nomeado para o cargo provincial mais poderoso. Com a finalidade de erguer a casa de espetáculos, ele tentou convencer os deputados a concederem uma subvenção, mas não obteve uma resposta positiva. Por sua vez, José Antônio Pimenta Bueno – o seu sucessor – obteve dois empréstimos junto aos cofres públicos para serem usados no empreendimento: o primeiro de 16 e o segundo de 30 contos de réis. Além disso, o político arranhou outro subsídio da Assembleia de Deputados na forma de uma loteria. Depois de enfrentar muitos obstáculos, em 27 de junho de 1858, o teatro finalmente abriu suas portas. Na estreia, a Companhia Ginásio Dramático Rio-Grandense, do empresário João Ferreira Bastos, representou o drama “Recordações da mocidade”. Cerca de 40 anos depois, seria a vez da Companhia de Variedades Germano Alves passar por lá. Como eu apontei, a estreia aconteceu em 9 de abril de 1898. De acordo com a edição de 12 de abril de 1898 do *Correio do Povo*, após os primeiros espetáculos, inúmeros frequentadores do Theatro São Pedro reclamaram do número reduzido de quadros exibidos por noite e também da duração de cada um deles. Isso me leva a pensar que, por

¹⁶⁵ A Revolução Farroupilha (1835-1845) foi uma das revoltas provinciais que ocorreram no país durante o Período Regencial. Ela foi motivada, sobretudo, pela insatisfação dos estancieiros gaúchos com a política fiscal do governo brasileiro. No século XIX, o charque (a carne-seca) era o principal produto fornecido pela Província do Rio Grande do Sul. Ele compunha a alimentação dos escravos que eram explorados nas Regiões Nordeste e Sudeste do Brasil. Os estancieiros, que vendiam a carne bovina usada na fabricação do charque, criticavam os impostos requeridos pelo governo sobre a sua produção. A carne-seca gaúcha recebia uma taxa superior a da carne-seca estrangeira, oriunda da Argentina e Uruguai. Isso tornava o produto da Província do Rio Grande do Sul menos competitivo no mercado. Dentre outras causas do conflito, é possível apontar o descontentamento com a negativa do governo em assumir os prejuízos gerados por uma praga de carrapatos que atacou o gado em 1834, o desagrado com a criação da Guarda Nacional, a inconformidade com a centralização do governo e a falta de autonomia das províncias, e a proliferação dos ideais federalistas e republicanos. Em setembro de 1836, ocorreu a primeira grande batalha envolvendo as tropas do governo e os farrapos. Liderados pelo General Netto, os farrapos venceram. Animados com essa vitória, eles declararam a separação do Estado e proclamaram a República Rio-grandense. Nesse momento, o conflito tomou formas revolucionárias. Os líderes farrapos determinaram que os escravizados que se alistassem nas tropas seriam libertos, o que aumentou o contingente de soldados. Em 1842, Duque de Caxias foi nomeado pelo Império para pôr fim ao movimento. Após três anos de batalhas, a guerra finalmente chegou ao fim.

Porto Alegre, já haviam se apresentado exibidores com programas maiores e mais duradouros. Graças a isso, Germano resolveu adicionar, às funções, quatro retratos de políticos importantes que foram oferecidos pelo fotógrafo Virgílio Callegari. Assim, foram acrescentadas, às projeções de vistas animadas, as vistas fixas de Campos Salles, Júlio de Castilhos, Marechal Floriano Peixoto e Prudente de Moraes. Contudo, a exibição desses retratos acabou inflamando os ânimos de parcela do público, por conta das divergências políticas com algumas das figuras mostradas. É provável que essas vistas fixas sejam algumas das que foram apresentadas em Juiz Fora na segunda passagem da trupe. Depois de dar tantas funções pelo Brasil, a Companhia de Variedades Germano Alves se dissolveu em 25 de abril de 1898¹⁶⁶. No entanto, o casal de artistas continuou a exhibir o projetor nos próximos municípios por onde passou.

Figura 34 – Fachada do Theatro São Pedro



Fonte: Acervo / Fundação Theatro São Pedro

Figura 35 – Fachada do Theatro São Pedro (2023)



Fotografia: Ryan Brandão Barbosa Reinh de Assis

¹⁶⁶ *Correio Mercantil*, 29 de abril de 1898, p.2.

Depois de se apresentarem na capital do Rio Grande do Sul, Apolônia e Germano levaram o Cinematógrafo Lumière para São Leopoldo¹⁶⁷. Infelizmente, eu não consegui descobrir as datas de início e término da temporada na cidade, muito menos o local onde os espetáculos foram realizados. Em seguida, o casal se dirigiu para Pelotas¹⁶⁸. Antonio Jesus Pfeil (1999) menciona que lá a estreia estava programada para 26 de maio de 1898. Todavia, por causa das chuvas, ela foi adiada para o dia seguinte. Os filmes foram exibidos no município até 12 de junho de 1898, provavelmente na sede da Sociedade Ginástica Alemã¹⁶⁹. Essa foi a última cidade gaúcha pela qual os atores passaram. Segundo Ary Bezerra Leite (2011), em 7 de julho de 1898, eles estavam apresentando o Cinematógrafo Lumière em Santos. O autor destaca que o operador se chamava Manoel Jorge. No entanto, eu não encontrei nenhum periódico da época que comprove essas informações.

Após passarem por esses municípios, Apolônia e Germano retornaram para o Rio de Janeiro. O navio no qual eles estavam aportou na então capital federal em 6 de agosto de 1898¹⁷⁰. No mês seguinte, a imprensa noticiou que o casal iria organizar uma companhia para trabalhar nos estados de Minas Gerais e de São Paulo¹⁷¹. Contudo, diferente do previsto inicialmente, nessa nova etapa, a trupe excursionou pelos estados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. A primeira cidade visitada foi Belo Horizonte. Na sua edição de 17 de setembro de 1898, o *Minas Geraes: orgam official dos poderes do estado* informou que, naquela data, a Empresa Apolônia Pinto¹⁷² estrearia por lá. Entretanto, o debute teve que ser adiado para o dia posterior, na medida em que os cenários não haviam sido concluídos a tempo¹⁷³. Em setembro de 1898, a trupe deu cinco funções em Belo Horizonte. Elas aconteceram nos dias 18, 20, 24, 25 e 28. Porém, o Cinematógrafo Lumière não integrou a programação desses espetáculos. A máquina foi apresentada, pela primeira vez, em 1º de outubro de 1898¹⁷⁴. O projetor também foi exibido nas outras seis funções rea-

¹⁶⁷ *Correio Mercantil de Pelotas*, 3 de maio de 1898. Informação retirada de: Pfeil, 1999, p.58.

¹⁶⁸ *Correio Mercantil de Pelotas*, 24 de maio de 1898. Informação retirada de: Pfeil, 1999, p.58.

¹⁶⁹ *Diário Popular de Pelotas*, 28 de maio de 1898. Informação retirada de: Pfeil, 1999, p.58.

¹⁷⁰ *Jornal do Commercio* (RJ), 7 de agosto de 1898, p.5.

¹⁷¹ Por exemplo, *Jornal do Brasil*, 5 de setembro de 1898, p.2.

¹⁷² Conforme foi notado nos periódicos, a partir da passagem pela capital mineira, o nome da atriz maranhense passou a ter mais destaque nos jornais do que o de seu companheiro.

¹⁷³ *Minas Geraes: orgam official dos poderes do estado*, 18 de setembro de 1898, p.7 e p.8.

¹⁷⁴ *Minas Geraes: orgam official dos poderes do estado*, 1º de outubro de 1898, p.8.

lizadas, em outubro de 1898, na capital de Minas Gerais. Elas aconteceram nos dias 2, 6, 8, 9, 15 e 16. O sucesso foi imediato. No espetáculo do dia 2, “a concorrência de espectadores foi tanta que a polícia achou conveniente mandar suspender as entradas, visto estar inteiramente preenchida a lotação do pequeno teatro” (*Minas Geraes: orgam official dos poderes do estado*, 4 de outubro de 1898, p.7). O espaço de diversões a que a citação faz referência é o Theatro Variedades¹⁷⁵. Infelizmente, não consegui encontrar informações a seu respeito. Em 18 de outubro de 1898, pelo expresso, a Empresa Apolônia Pinto deixou Belo Horizonte com destino a Sabará¹⁷⁶. De lá, a trupe iria seguir para Ouro Preto¹⁷⁷. Por não ter localizado nenhuma folha que, em outubro e novembro de 1898, circulou em Sabará e Ouro Preto, não foi possível determinar as datas de início e término das temporadas nos municípios mineiros, muito menos os locais onde os espetáculos foram efetuados. Na sua edição de 18 de novembro de 1898, *A Imprensa* comunicou que, dentro de alguns dias, chegaria em São João Del-Rei a Empresa Apolônia Pinto. As funções seriam realizadas no Theatro Municipal, que se localiza na Rua Hermílio Alves, nº 170. Em 9 de maio de 1891, a Intendência do Município de São João Del-Rei aprovou sua planta, que foi elaborada pelo engenheiro Pedro Fomagni. Menos de dois anos depois, em 2 de fevereiro de 1893, a casa de espetáculos foi inaugurada. Coincidentemente, a estreia também contou com a apresentação de Apolônia Pinto. Junto com Furtado Coelho, ela encenou a peça “Dalila”. A construção do espaço de diversões foi feita por meio de donativos particulares que foram revertidos para o poder público. Para poderem se apresentar no lugar, Apolônia e Germano tiveram que lutar contra as chuvas que assolavam a cidade. Dezembro de 1898 chegou e eles ainda não haviam conseguido realizar o primeiro espetáculo. A expectativa é de que isso aconteceria em 1º de dezembro de 1898¹⁷⁸. Como o periódico *O Resistente*, que circulou em São João Del-Rei, era publicado quinzenalmente, não foi possível identificar o início e o final da temporada, muito menos quantas apresentações foram efetuadas no total. Em 27 de dezembro de 1898, a trupe deixou o município com destino a Juiz de Fora. Segundo o periódico, não é possível dizer que a companhia havia sido feliz em São João Del-Rei¹⁷⁹. Conforme pontuei anteriormente, a temporada

¹⁷⁵ *Minas Geraes: orgam official dos poderes do estado*, 8 de outubro de 1898, p.7.

¹⁷⁶ *Minas Geraes: orgam official dos poderes do estado*, 19 de outubro de 1898, p.5.

¹⁷⁷ *Correio de Minas*, 21 de outubro de 1898, p.2.

¹⁷⁸ *O Resistente*, 1º de dezembro de 1898, p.2.

¹⁷⁹ *O Resistente*, 29 de dezembro de 1898, p.1.

em Juiz de Fora ocorreu, entre 31 de dezembro de 1898 e 12 de janeiro de 1899, no Theatro Juiz de Fora.

Figura 36 – Fachada do Theatro Municipal de São João Del-Rei (2023)



Fotografia: Ryan Brandão Barbosa Reinh de Assis

Depois de se apresentar em cinco municípios de Minas Gerais, a Empresa Apolônia Pinto cruzou a fronteira com o estado do Rio de Janeiro e chegou a Petrópolis. Na cidade imperial, a temporada foi curtíssima. A primeira apresentação ocorreu em 1º de fevereiro de 1899¹⁸⁰. Já a última, três dias depois¹⁸¹. Elas foram efetuadas no Theatro Cassino Fluminense. Inaugurado em 1897, esse espaço de diversões foi um dos primeiros a receberem filmes em Petrópolis. Ele se localizava na Avenida Quinze de Novembro, onde hoje fica o Edifício Profissional. Em meados de abril de 1899, o casal estava em Nova Friburgo. Infelizmente, não descobri o espaço de exibição onde se apresentaram. Todavia, eles não conseguiram ter sucesso nas exibições do Cinematógrafo Lumière. Os preços eram 15\$ camarote, 3\$ cadeira e 1\$ entrada geral. No Domingo de Ramos, foram obrigados a transferir o espetáculo porque, às 21h, só haviam entrado 40\$ na bilheteria¹⁸².

¹⁸⁰ *O Paiz*, 1º de fevereiro de 1899, p.1.

¹⁸¹ *Gazeta de Petrópolis*, 4 de fevereiro de 1899, p.4.

¹⁸² *A Notícia* (RJ), 17/18 de abril de 1899, p.2.

Figura 37 – Fachada do Theatro Cassino Fluminense

Fonte: Museu Imperial / Ibram / MinC

Os últimos registros de Apolônia e Germano com a máquina foram encontrados em municípios mineiros de pequeno porte. Em 8 de junho de 1899, eles apresentaram o projetor fílmico em Leopoldina¹⁸³. A função aconteceu no Theatro Alencar, principal casa de espetáculos da cidade, que foi inaugurado em 1883. Os atores ficaram lá durante o mês de junho. O final da temporada se deu no dia 25¹⁸⁴. Em julho, Apolônia e Germano passaram por Cataguases¹⁸⁵. Infelizmente, não foi possível apontar o lugar onde as exibições foram dadas. Por fim, em 9 de agosto de 1899, eles estavam em Rio Novo¹⁸⁶. Essa foi a última menção descoberta, nos periódicos, de apresentações da dupla que incluíam o Cinematógrafo Lumière dentre as atrações. A partir daí, os jornais só noticiaram o trabalho de ambos nos palcos. O fato de, nesse momento, eles decidirem visitar cidades menores – como Leopoldina, Cataguases e Rio Novo – é um sinal de que o projetor fílmico que haviam adquirido, na Europa, dois anos antes, não estava fazendo mais sucesso nos grandes centros. É possível que a competição com novos dispositivos, que exibiam imagens mais nítidas, tenha causado isso.

¹⁸³ *Gazeta de Leopoldina*, 11 de junho de 1899, p.2.

¹⁸⁴ *Gazeta de Leopoldina*, 24 de junho de 1899, p.1.

¹⁸⁵ *Diário de Minas*, 15 de julho de 1899, p.1.

¹⁸⁶ *O Pharol*, 9 de agosto de 1899, p.1.

Figura 38 – Fachada do Cine-Theatro Alencar na primeira metade do século XX



Fonte: Acervo de Henrique Frade da Cruz

Figura 39 – Fachada do Cine-Theatro Alencar (2024)



Fotografia: Vítor Campanha

Tabela 1 – Percurso da Companhia de Variedades Germano Alves / Empresa Apolônia Pinto pelo Brasil entre os anos de 1897 e 1899

Cidade	Local	Período	Número de Espetáculos
Rio de Janeiro	Theatro Lucinda	15 de julho de 1897 a 20 de julho de 1897	6
Juiz de Fora	Theatro Juiz de Fora	23 de julho de 1897 a 8 de agosto de 1897	10
Niterói	Theatro Municipal Santa Tereza	12 de agosto de 1897 a 15 de agosto de 1897	3

Campos dos Goytacazes	Theatro São Salvador	20 de agosto de 1897 a 12 de setembro de 1897	15
Curitiba	Theatro Hauer	9 de outubro de 1897 a 17 de outubro de 1897	6
Florianópolis	Theatro Álvaro de Carvalho	28 de outubro de 1897 a 7 de novembro de 1897	Pelo menos 2
Rio Grande	Theatro Sete de Setembro	14 de novembro de 1897 a 7 de dezembro de 1897	12
Jaguarão	Provavelmente, no Theatro Esperança	Provavelmente, entre dezembro de 1897 e janeiro de 1898	Não foi possível determinar
Bagé	Theatro 28 de Setembro	Janeiro de 1898	Pelo menos 1
Santa Maria	Theatro Treze de Maio	17 de fevereiro de 1898 a Não foi possível determinar	Não foi possível determinar
Rio Pardo	Não foi possível determinar	Entre março e abril de 1898	Não foi possível determinar
Porto Alegre	Theatro São Pedro	9 de abril de 1898 a Não foi possível determinar	Não foi possível determinar
São Leopoldo	Não foi possível determinar	Maio de 1898	Não foi possível determinar

Pelotas	Não foi possível determinar	27 de maio de 1898 a 12 de junho de 1898	Não foi possível determinar
Santos	Não foi possível determinar	Julho de 1898	Não foi possível determinar
Belo Horizonte	Theatro Variedades	18 de setembro de 1898 a 16 de outubro de 1898	A Empresa Apolônia Pinto deu 12 espetáculos, mas o Cinematógrafo Lumière foi uma atração em apenas 7 deles (os realizados no mês de outubro)
Sabará	Não foi possível determinar	Outubro de 1898	Não foi possível determinar
Ouro Preto	Não foi possível determinar	Novembro de 1898	Não foi possível determinar
São João Del-Rei	Theatro Municipal de São João Del-Rei	Dezembro de 1898	Pelo menos 1
Juiz de Fora	Theatro Juiz de Fora	31 de dezembro de 1898 a 12 de janeiro de 1899	5
Petrópolis	Theatro Cassino Fluminense	1º de fevereiro de 1899 a 4 de fevereiro de 1899	3
Nova Friburgo	Não foi possível determinar	Abril de 1899	Não foi possível determinar

Leopoldina	Theatro Alencar	8 de junho de 1899 a 25 de junho de 1899	Pelo menos 4
Cataguases	Não foi possível determinar	Julho de 1899	Não foi possível determinar
Rio Novo	Não foi possível determinar	Agosto de 1899	Não foi possível determinar

De acordo com Deac Rossell (2000), Apolônia Pinto e Germano Alves deveriam ser enquadrados na categoria de exibidores teatrais. Eram atores / profissionais do meio teatral que anexaram as exibições cinematográficas aos seus espetáculos, geralmente de variedades, mas que, na maioria das vezes, abandonaram a prática e voltaram a seus afazeres iniciais. Como destaquei, a partir de Rio Novo, os periódicos só mencionaram a atuação dos artistas nos palcos. Não há mais nenhuma menção ao Cinematógrafo. É importante apontar que, diferente do Professor Kij, o casal se apresentou nos principais (e, muitas vezes, únicos) teatros das cidades por onde passou, o que reforça a sua importância. O Professor Kij, conforme vimos, durante o tempo em que atuou como exibidor, se apresentou em confeitarias, como a Pauliceia (em São Paulo) e a Cascata (em Santos), além de ter a intenção de realizar, em um salão de bilhar, a maioria dos espetáculos dados em Juiz de Fora. Ao longo do século XX, a relevância de Apolônia e Germano para o teatro brasileiro ficou cada vez mais clara, pois eles integraram diversas companhias e encarnaram vários papéis. Com a chegada da velhice, eles decidiram pela mudança para o Retiro dos Artistas, que se localiza no Rio de Janeiro. Enquanto Germano faleceu em 27 de dezembro de 1936, Apolônia viveu até 24 de novembro de 1937. Na ocasião, ela tinha 83 anos de idade. Ante o exposto nesse subcapítulo, é possível dizer que eles são pioneiros da exibição cinematográfica no Brasil.

Mapa 3 – Cidades onde a Companhia de Variedades Germano Alves /
 Empresa Apolônia Pinto se apresentou com o Cinematógrafo¹⁸⁷



¹⁸⁷ Na medida em que eu não pude comprovar, através de fontes hemerográficas, a passagem dos artistas por Jaguarão e por Santos, que foram respectivamente informadas por Pedro Henrique Caldas – de acordo com Antônio de Jesus Pfeil (1999) – e por Ary Bezerra Leite (2011), eu optei por deixar as duas cidades indicadas em azul.

Figura 40 – Apolônia Pinto (1870)



Figura 41 – Apolônia Pinto na capa da Revista *Vida Fluminense*

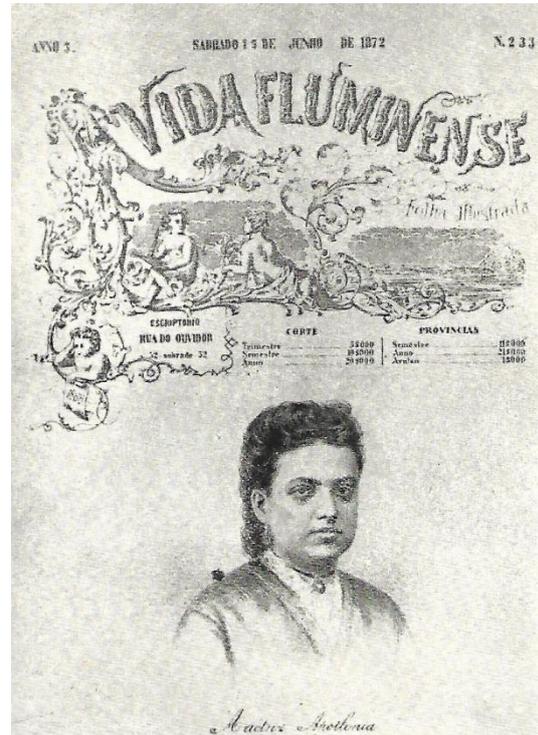


Figura 42 – Apolônia Pinto e Germano Alves são entrevistados por Edmundo Lys no palco do Theatro Fênix (1930)



Figura 43 – Apolônia Pinto e Germano Alves (1930)



Fonte das Figuras 40, 41, 42 e 43: FERREIRA, José Jansen. **Apolônia Pinto e seu tempo.**

Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1953

1.4 – O fim dos lanternistas?

Para concluir esse capítulo, eu gostaria de ressaltar que o início das exibições cinematográficas em Juiz de Fora não afastou de imediato os lanternistas do município. Eles continuaram realizando espetáculos até, pelo menos, dezembro de 1900 – quando eu encontrei, na imprensa local, o último registro de uma apresentação que contou com lanternas mágicas. É possível citar três exemplos. Na sua edição de 24 de outubro de 1897, o *Jornal do Commercio* comunicou que, naquele dia, iria acontecer no salão do Grêmio Apollo, em Juiz de Fora, a estreia da companhia brasileira de prestidigitação, ilusão mecânica e canções dirigida por João Ferreira Esteves. O periódico destacou que a trupe já tinha passado pela Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai e Peru, sempre fazendo muito sucesso. Além disso, ela foi homenageada no Rio de Janeiro. A segunda função da companhia foi promovida em 30 de outubro de 1897. Nessa data, o seu programa incluiu a exibição de uma lanterna mágica¹⁸⁸.

Já na sua edição de 9 de março de 1898, o *Jornal do Commercio* informou que o agente executivo concedeu licença para funcionar, durante quinze dias, com isenção do pagamento do imposto respectivo, uma lanterna mágica pertencente a Gabriel Galanti, desde que o produto dos espetáculos fosse revertido em benefício da Santa Casa de Misericórdia. Por fim, segundo a edição de 22 de dezembro de 1900 de *O Pharol*, Hass & Co. comunicou que, no dia seguinte, exibiria a lanterna de Aladim e o zonofone. Eles seriam apresentados no Salão Mineiro, que se localizava na Rua da Imperatriz¹⁸⁹. A função começaria às 20h30min. Portanto, nos últimos anos do século XIX, os jornais continuaram noticiando a presença desses aparelhos ópticos no município. Todavia, após a passagem de Hass & Co. por Juiz de Fora, eu não encontrei, nas folhas, outros registros de espetáculos que incluíram lanternas mágicas em seus programas, o que parece indicar um predomínio dos projetores a partir do século XX. De qualquer maneira, a presença de equipamentos ópticos na cidade é um assunto que ainda merece uma pesquisa mais aprofundada.

¹⁸⁸ *Jornal do Commercio*, 29 de outubro de 1897, p.2

¹⁸⁹ Persiste uma dúvida sobre qual seria o número do estabelecimento, 55 ou 58. O *Jornal do Commercio*, na sua edição de 23 de dezembro de 1900, diz 55. Já *O Pharol*, na sua edição de 23 de dezembro de 1900, diz 58.

No próximo capítulo, eu continuarei apresentando os exibidores ambulantes que passaram por Juiz de Fora. Dentre as figuras que serão mencionadas, eu gostaria, de antemão, de destacar uma: a do português Carlos Alberto Nunes Leal, que foi responsável pelas primeiras tentativas de sedentarização da atividade cinematográfica na cidade – os Salões Paris, High Life e Novidades –, além de idealizador do Cinema Pharol Reclame, que exibia filmes gratuitamente para a população.

CAPÍTULO II – A DOENÇA SE ALASTRA

Na última década do século XIX, Juiz de Fora enfrentou uma série de epidemias. Elaine Aparecida Laier Barroso (2017) afirma que, entre 1894 e 1895, o município foi simultaneamente atingido pela cólera e pela varíola. Já em 1896, foi a vez da febre amarela, sobretudo na região do Morro da Gratidão – atual Morro da Glória –, da febre tifoide e da febre palustre. Três anos depois, ocorreu uma segunda onda do surto de febre amarela. Porém, dessa vez, o vírus assolou o centro comercial da cidade, exatamente a área que a Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora (SMCJF) buscava preservar através da inserção de medidas profiláticas e de preceitos higiênicos. Portanto, em 1899, as vias mais conhecidas viraram antros de transmissão dessa doença. Dentre elas, a Rua Halfeld, a Rua do Commercio – atual Rua Batista de Oliveira – e a Rua da Imperatriz. A dificuldade para derrotar a febre amarela acabou afastando muitas companhias líricas, teatrais e de variedades de Juiz de Fora, pois quando elas se apresentavam no município, ocupavam lugares situados na sua região central, como a casa de espetáculos fundada pelos irmãos Ferreira Lage. A falta de diversões na cidade foi apontada pelo *Jornal do Commercio*. Na sua edição de 21 de junho de 1899, o periódico mencionou que a seção “Onde se diverte” há bastante tempo tinha desaparecido das suas páginas. Isso aconteceu porque, diante de tantas perdas, Juiz de Fora estava tomada pela tristeza. No entanto, com a adoção de diretrizes de segurança sanitária, a vida começava a voltar ao normal. Assim, naquela data, a folha optou por reintegrá-la, com a esperança de vê-la publicada muitas vezes, sem grandes intermitências. Na volta da seção “Onde se diverte”, o *Jornal do Commercio* informou que, em 24 de junho de 1899, o elegante Club Myosotis reabriria seus salões, prometendo aos sócios e convidados uma excelente noite. Conforme a febre amarela era controlada, o município também voltou a receber artistas de fora. Dentre eles, os exibidores ambulantes. Neste capítulo, continuarei a apresentá-los. Carlos Alberto Nunes Leal é uma das principais figuras que serão abordadas. Ele não apenas foi o responsável pelas primeiras tentativas de sedentarização da atividade cinematográfica na Princesa de Minas – os Salões Paris, High Life e Novidades –, logo nos primeiros anos do século XX, bem como esteve vinculado a outras iniciativas importantes, como o Cinema Pharol Reclame, que exibia filmes gratuitamente para as pessoas. Até então, eu procurava organizar os acontecimentos de modo cronológico. Porém, pelo fato do nome dele aparecer frequentemente nos jornais ao longo da primeira década do século XX, optei por agrupar as

informações a seu respeito em um só subcapítulo, de modo a facilitar o entendimento sobre a sua figura, que é tão importante para a história da exibição cinematográfica em Juiz de Fora, mas pouco conhecida e valorizada. Nesse momento da tese, além de Carlos Alberto Nunes Leal, eu reúno dados sobre W. Rockert & Comp., a Companhia João Garcia, a Imperial Companhia Japonesa Kudara, Ernesto Acton de Sá, José Werre, Edouard Herve, José Barucci, Joseph Adams Gott & Cia., o Theatro Circo Variedades, Pimenta & Cia A. Romero, Guimarães & Cia., a Empresa Brasileira de Cinematógrafo, Windsor Castle e William & Cia., que realizaram espetáculos na minha cidade-natal nos anos iniciais do século XX. De antemão, eu gostaria de dividir que, diferentemente do que aconteceu no capítulo anterior, quando eu trouxe várias informações sobre o Professor Kij e a Companhia de Variedades Germano Alves / Empresa Apolônia Pinto, dessa vez as fontes a que tive acesso não forneceram muitos dados acerca de diversos exibidores ambulantes mencionados acima, o que pode indicar uma curta carreira. Relembrando os quatro grupos identificados por Deac Rossell (2000), talvez muitos deles possam ser definidos como exibidores efêmeros, isto é, aqueles que desistiam logo após realizarem as primeiras tentativas, caso elas não atingissem o resultado financeiro esperado.

2.1 – W. Rockert & Comp.

Na sua edição de 15 de junho de 1900, *O Pharol* comunicou que, em breve, a empresa W. Rockert & Comp. viria a Juiz de Fora para apresentar aos locais um Cinematógrafo de Edison¹⁹⁰. Na mesma data, o *Jornal do Commercio* informou que o projetor seria operado pelo próprio W. Rockert e que as funções seriam realizadas no Theatro Juiz de Fora¹⁹¹. Quatro dias depois, *O Pharol* publicou que cartazes tinham sido afixados em diversos pontos da cidade. Eles diziam que Juiz de Fora receberia um Cinematógrafo de Edison, que extasiaria os frequentadores do elegante Novelli¹⁹². Eu suponho que os cartazes estivessem fazendo referência ao aparelho da W. Rockert & Comp.. Essa foi a última notícia sobre a empresa trazida pelas folhas que circulavam no município. Os periódicos

¹⁹⁰ Cinematógrafo de Edison foi o nome atribuído, pela imprensa, ao projetor da W. Rockert & Comp. Na História do Cinema, o Cinematógrafo foi associado aos irmãos Lumière, enquanto o Vitascópio a Edison. Portanto, a junção que foi feita na época é vista, atualmente, como equivocada.

¹⁹¹ *Jornal do Commercio*, 15 de junho de 1900, p.2.

¹⁹² *O Pharol*, 19 de junho de 1900, p.2.

não divulgaram nada sobre as datas / a programação dos espetáculos, nem sobre a recepção do público a eles. Diante disso, é possível especular, inclusive, que ela tenha desistido de se apresentar em Juiz de Fora.

É provável que W. Rockert seja Waldemar Rockert. Antes de realizar exibições, ele era alferes da Guarda Nacional¹⁹³. Tiago Quintes (2022) afirma que as primeiras projeções efetuadas por ele ocorreram, entre 11 e 21 de maio de 1899, no Theatro São Salvador, em Campos dos Goytacazes. Na sua edição de 5 de maio de 1899, o *Monitor Campista* comunicou que o Cinematógrafo de Edison, aparelho que, dias depois, estrearia na cidade, era oriundo de Buenos Aires, Argentina. Os anúncios das funções diziam que os ingressos estavam sendo vendidos na residência de Arthur Rockert – o irmão de Waldemar Rockert. Daí, o “& Comp.” pode indicar uma sociedade familiar. Na estreia, a falta de experiência ao lidar com o projetor foi notada pelos presentes. Por causa disso, o exibidor recebeu suporte técnico da empresa importadora. De acordo com Ary Bezerra Leite (2011), a primeira exibição fora de Campos dos Goytacazes aconteceu, em 27 de maio de 1900, no município de Itapetininga, estado de São Paulo. Nas minhas pesquisas, eu não localizei nenhum registro da sua passagem por lá. Pelas datas, é muito provável que, após Itapetininga, Juiz de Fora tenha sido visitada por Waldemar Rockert.

Empresário radicado em Campos dos Goytacazes, Arthur Rockert atuou em vários ramos, inclusive o de diversões. Em 1905, foi o responsável pela primeira experiência de sedentarização da atividade cinematográfica na cidade. Na sua edição de 6 de janeiro de 1905, *A Capital* comunicou que, nos fundos do Café Moulin Rouge, que se localizava na Rua Treze de Maio, nº 81, havia sido montado um elegante teatrinho. Lá, um bom cinematógrafo já estava funcionando. No ano seguinte, em parceria com Victor di Maio, ele exibiu um cinematógrafo quando o Circo Salvini passou pelo município fluminense. Arthur Rockert faleceu em 29 de agosto de 1910¹⁹⁴. Aproximadamente três anos e meio depois, na sua edição de 20 de fevereiro de 1914, o *Jornal do Brasil* publicou um convite da família do finado Waldemar Rockert para a celebração de uma missa em sua intenção.

Dito isso, de acordo com Deac Rossell (2000), os membros da W. Rockert & Co. poderiam ser identificados como exibidores independentes novatos. Afinal, as projeções efetuadas com o Cinematógrafo de Edison foram as primeiras experiências deles no setor

¹⁹³ *A Notícia*, 8/9 de março de 1899, p.2.

¹⁹⁴ *Revista da Semana*, 2 de outubro de 1910, p.12.

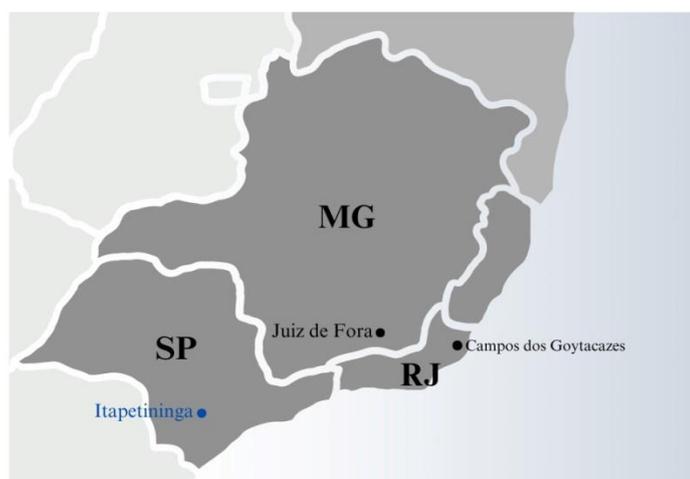
do entretenimento. Eles não tinham um conhecimento prévio. Nos primórdios do cinema, pessoas que laboravam em outros ramos passaram a encarar tal diversão como uma maneira de aumentar os seus ganhos. A maioria desistia quando percebia que os lucros não eram tão elevados quanto imaginavam. Arthur Rockert agia diferente. Segundo a edição de 3 de setembro de 1910 do *Monitor Campista*, ele sempre trazia novidades para Campos dos Goytacazes, ainda que elas não dessem retorno financeiro.

Figura 44 – Arthur Rockert



Fonte: *Revista da Semana*, 2 de outubro de 1910, p.12.

Mapa 4 – Cidades onde a W. Rockert & Comp. se apresentou¹⁹⁵



¹⁹⁵ Como eu não pude comprovar, através de fontes hemerográficas, a passagem da W. Rockert & Comp. por Itapetininga, que foi apontada por Ary Bezerra Leite (2011), eu optei por deixar a cidade indicada em azul.

2.2 – Carlos Alberto Nunes Leal

Em 2004, Ruy do Brasil Leal publicou o livro “Portugueses em Juiz de Fora e suas descendências”. A obra lista diversos imigrantes portugueses que, após se estabelecerem em Juiz de Fora, contribuíram para o desenvolvimento do município mineiro. Dentre as figuras que foram mencionadas, Carlos Alberto Nunes Leal. Filho de Francisco de Paula Nunes Leal e de Angelina Mesquita, ele nasceu em Horta do Douro – freguesia de Vila Nova de Foz Côa –, no dia 7 de setembro de 1858. Em 1874, quando tinha 16 anos, ele imigrou sozinho para o Brasil. Nos jornais, o primeiro registro que eu localizei da sua presença no país foi publicado duas décadas depois. Em 1º de setembro de 1894, ele e Joaquim da Cunha Soares formaram uma sociedade comercial, sob a firma Leal & Soares, para a compra e venda de molhados por atacado¹⁹⁶. Ambos negociavam, por exemplo, o azeite de Valongo e o vinho do Porto. O estabelecimento se localizava na Rua da Imperatriz, nº 27-A¹⁹⁷. O português demonstrou um interesse por fotografia no início de 1897. Nessa época, ele publicou um anúncio na folha *O Paiz*, que circulava no Rio de Janeiro, pedindo a indicação e o preço de equipamentos¹⁹⁸.

Desde que se estabeleceu em Juiz de Fora, Carlos Alberto Nunes Leal fez muitas amizades. A título de exemplo, com o tenente Alfredo Amaral. Em “Salvo erro ou omissão: gente juiz-forana” (1979), José Procópio Filho afirma que Amaral foi o responsável por colocar as primeiras placas padronizadas nas ruas e praças da cidade. Além disso, ele sempre esteve atrelado a iniciativas culturais. Fundou a Sociedade de Concertos Sinfônicos de Juiz de Fora e foi o cenógrafo do Clube Grafos Carnavalescos. Junto com Leal, inaugurou um velódromo para corrida de bicicletas. Em 1900, a dupla organizou uma sociedade com o propósito de exibir, aos locais, diversões de gêneros variados. A principal seria o Cinematógrafo. Para esse fim, Leal encontrou um amplo salão na Rua Halfeld¹⁹⁹. O projetor foi adquirido no estado de São Paulo²⁰⁰. O empreendimento foi muito aplaudido pela imprensa juiz-forana, na medida em que, depois de passar por uma grave epide-

¹⁹⁶ *O Pharol*, 5 de setembro de 1894, p.2.

¹⁹⁷ *O Pharol*, 20 de setembro de 1895, p.3.

¹⁹⁸ *O Paiz*, 3 de janeiro de 1897, p.5.

¹⁹⁹ *Jornal do Commercio*, 2 de outubro de 1900, p.2.

²⁰⁰ *O Pharol*, 2 de outubro de 1900, p.2.

mia que afastou diversas companhias, o município carecia de divertimentos públicos²⁰¹. Após as primeiras notícias, a abertura do estabelecimento não demorou muito para acontecer. Em 17 de outubro de 1900, Leal e Amaral fizeram experiências com o Cinematógrafo. O aparelho operou com regularidade e reproduziu com firmeza as vistas, cuja coleção era bastante variada²⁰². No dia seguinte, o Salão Paris foi inaugurado. Montada na Rua Halfeld, nº 109, a casa de espetáculos continha, além de um projetor, um grafofone, que tinha sido adquirido para dar mais graça à função. No debute, que começou às 18h e foi até às 22h, foram exibidas as fitas “Brincadeira entre amigos”, “Chegada do comboio a Lisboa”, “Exposição de Paris 1900”, “Hotel fantástico”, “Mulheres equilibristas” e “Um duelo”²⁰³. *O Pharol* destacou que, na estreia, o Salão Paris não encheu. O periódico desejou que, nos próximos espetáculos, o espaço atraísse mais pessoas, pois o Cinematógrafo e o grafofone agradaram os que estavam presentes²⁰⁴. Apostando na iniciativa, Leal e Amaral requereram uma licença para que o Salão Paris pudesse funcionar todos os dias em Juiz de Fora, o que foi concedido pelo delegado de polícia²⁰⁵.

No Anexo III desta tese, eu disponibilizei uma tabela com filmes que foram projetados no Salão Paris. Sobre os títulos, eu gostaria de destacar dois pontos. O primeiro é que eu percebi que existiam muitas fitas que remetiam à nudez. Por exemplo, “Negros no banho em Lourenço Marques” – outra produção gravada em Moçambique – e “Uma parisiense no banho”. Geralmente, os periódicos traziam apenas o nome dos filmes que seriam exibidos. Eles não apresentavam uma sinopse. Contudo, na sua edição de 28 de outubro de 1900, o *Jornal do Commercio* revelou que a obra “Casamento de um velho” era digna de atenção, pois representava a entrada de noivos (um velho e uma moça), pela primeira vez, no quarto de dormir. De acordo com a folha, essa produção tinha obtido muito sucesso nos salões do Rio de Janeiro e de São Paulo. Isso pode nos levar a pensar que, em Juiz de Fora, esses filmes tenham sido consumidos por uma audiência majoritariamente masculina. Além disso, quando eu observo a programação durante outubro de 1900, constato uma grande repetição de fitas, o que me leva a crer que o Salão Paris não

²⁰¹ *O Pharol*, 2 de outubro de 1900, p.2.

²⁰² *O Pharol*, 18 de outubro de 1900, p.2.

²⁰³ *Jornal do Commercio*, 18 de outubro de 1900, p.2.

²⁰⁴ *O Pharol*, 19 de outubro de 1900, p.2.

²⁰⁵ *O Pharol*, 19 de outubro de 1900, p.1.

possuía uma diversidade tão grande. Por causa disso, Leal partiu para o Rio de Janeiro a fim de trazer novos títulos²⁰⁶.

Em dezembro de 1900, menos de dois meses depois da inauguração do Salão Paris, *O Pharol* publicou que o Cinematógrafo e o grafafone passaram a funcionar num salão de bilhares. Uma esplêndida sala havia sido ornamentada no local. Nela, era possível assistir confortavelmente às sessões que eram realizadas todas as noites²⁰⁷. Após dez dias, o *Jornal do Commercio* deu mais detalhes sobre o novo espaço. O periódico informou que o grafafone estava instalado num elegante sobrado em frente à Confeitaria Rio de Janeiro²⁰⁸. No início de 1901, as folhas que circulavam no município trouxeram anúncios do Salão High-Life. Descrito como um estabelecimento para a prática de bilhares e de tiro ao alvo, ele ocupava o nº 144 da Rua Halfeld. As duas máquinas estavam operando lá. Porém, ao invés de grafafone, os periódicos utilizaram o nome “fonógrafo-concerto”. O *Jornal do Commercio* disse que o ambiente era um ponto de inocente distração e atraente passatempo das excelentíssimas famílias da cidade²⁰⁹. Já *O Pharol* relatou que, à imitação do Rio de Janeiro e de São Paulo, onde existiam salões desse gênero, Carlos Alberto Nunes Leal resolveu abrir, em Juiz de Fora, uma casa de diversões nas mesmas condições. Além disso, ele mencionou que a aceitação e a concorrência da população têm animado seu proprietário a fazer encomendas de novos filmes, dentre eles alguns de assuntos religiosos²¹⁰.

²⁰⁶ *Jornal do Commercio*, 6 de novembro de 1900, p.2.

²⁰⁷ *O Pharol*, 9 de dezembro de 1900, p.2.

²⁰⁸ *Jornal do Commercio*, 19 de dezembro de 1900, p.2.

²⁰⁹ *Jornal do Commercio*, 1º de janeiro de 1901, p.6.

²¹⁰ *O Pharol*, 1º de janeiro de 1901, p.9.

Figura 45 – Anúncio do Salão High-Life no *Jornal do Commercio*

SALÃO HIGH-LIFE
 RUA HALFELD 144 - em frente á CONFEITARIA
 Bilhares, Tiro ao Alvo e Bebidas

Casa especial de diversões ponto de innocente distração, e attrahente passa-tempo das Exmas. familias, creanças e cavalheiros, E' AQUI! neste estabelecimento de RECREIO que se achia installado o prodigioso aparelho invenção fim de seculo—O CYNEMATOGRAFHO que apresenta admiravelmente quadros importantes, com vistas surprehenderes e pilhericas com todo o movimento ao natural, e tambem o inegualavel e verdadeiro PHONOGRAPHO-CONCERTO, proprio para grandes Salões e Theatros, ultima invenção do immortal e incomparavel «EDISON».

A machina mais perfeita e nunca vista igual.

VER PARA CRER
Altas Novidades

Fonte: *Jornal do Commercio*, 1º de janeiro de 1901, p.6

Figura 46 – Anúncio do Salão High-Life em *O Pharol*

O PHAROL - Terça-feira, 1 de Janeiro de 1901

SALÃO HIGH-LIFE
 ESTABELECIMENTO DE BILHARES, TIRO AO ALVO E BEBIDAS
 Unico salão especial de divertimentos e recreio
 RUA HALFELD 144 JUIZ DE FORA

Acha-se tambem installado neste salão elegante the tribho onde se dão todas as noites exhibições de Cinematographo com admiraveis e surprehenderes vistas animadas. A imitação da capital federal e da capital de S. Paulo, onde se achiam muitos salões deste genero, á que o proprietario deste estabelecimento pretendeu tambem inaugurar nesta adelantada e prospera cidade mineira um divertimento nas mesmas condições.

Junctamente com o Cinematographo, que é uma maravilha extraordinaria do seculo, o publico terá occasião de apreciar o verdadeiro Phonographo-Concerto, proprio para grandes salões e theatros. A ultima e a mais importante invenção do immortal «Edison»—unica machina que fala em alta voz com a mesma fidelidade de amestradas orquestras, bandas e solos instrumentes e vocaes.

VER PARA CRER AS MARAVILHAS DO SEculo FINDo

Brevemente outras novidades! e novas vistas á chegar do Paris. A accellção e concurrencia de respeitaveis familias e cavalheiros a este divertimento têm animado seu proprietario a fazer encomenda de novas vistas, entre ellas algumas de assumpto religioso.

HOJE! PROGRAMMA VARIADO! HOJE!
Festas! Hoje! Dez vistas e novas peças no PHONOGRAPHO CONCERTO
 HOJE! PRIMEIRO DIA DE ANNO BOM! HOJE
 AO SALÃO! HIGH-LIFE! ENTRADA \$000 EM CADA SESSÃO
 O proprietario, **CARLOS LEAL**

Fonte: *O Pharol*, 1º de janeiro de 1901, p.9

É possível dizer que essas foram as primeiras tentativas de sedentarização da atividade cinematográfica em Juiz de Fora. No entanto, elas não foram bem sucedidas. Em janeiro de 1901, as projeções fílmicas foram suspensas. A ideia era que o Cinematógrafo retornasse quando novas vistas chegassem de Paris²¹¹. Nesse mesmo mês, o seu proprietário fez duas viagens para Petrópolis. A primeira ocorreu no dia 8²¹² e a segunda no dia 28²¹³. Junto com Joaquim Gomes da Silveira²¹⁴, ele inaugurou na, cidade imperial, o Salão Novidades, no qual seriam exibidas as vistas do Cinematógrafo e ouvidos os concertos do grafafone. Tais máquinas foram as mesmas utilizadas em Juiz de Fora. Como elas agradaram ao público do município mineiro, a expectativa era que também fariam sucesso em Petrópolis²¹⁵. Eu acredito que, mesmo que a intenção inicial fosse permanecer em Juiz de Fora, a ida para Petrópolis deve-se ao fato de que eles não possuíam mais tantas fitas diferentes para apresentarem para a população. É provável que, por causa das repetições, a cada noite, a quantidade de público fosse caindo. Assim, naquele momento, a sedentarização não era uma alternativa viável. Diante da mudança para outra cidade, o Salão High-Life foi posto à venda. Ao que tudo indica, Oldemar de Andrade adquiriu a casa de diversões e passou a ser o seu novo proprietário²¹⁶.

Em meados de março de 1901, o *Jornal do Commercio* informou que Leal havia arrendado, temporariamente, o salão do antigo Bazar Lion para exibir seu Animatógrafo e seu fonógrafo-concerto, que, na época, estavam em Barbacena. Ao invés de Cinematógrafo, pela primeira vez a imprensa juiz-forana utilizou o nome “Animatógrafo”. Segundo a folha, o proprietário dos aparelhos havia afirmado que tinha muitas novidades para expor. Dentre elas, as vistas da Paixão de Cristo²¹⁷. O Bazar Lion ficava na Rua Halfeld, nº 25. O estabelecimento passou a ser conhecido como Salão Novidades – tal como a casa de diversões fundada por Leal era chamada em Petrópolis e, possivelmente, em Barba-

²¹¹ *Jornal do Commercio*, 5 de janeiro de 1901, p.2.

²¹² *O Pharol*, 8 de janeiro de 1901, p.2.

²¹³ *O Pharol*, 29 de janeiro de 1901, p.1.

²¹⁴ Joaquim Gomes da Silveira era o operador do Cinematógrafo. De acordo com a edição de 21 de abril de 1901 do *Jornal do Commercio*, ele era conhecido como Tiradentes, pseudônimo que adotou quando competia como ciclista no Velódromo Mineiro. Silveira acompanhou Leal não só em Petrópolis, mas também em outras cidades de Minas Gerais onde o Cinematógrafo foi apresentado.

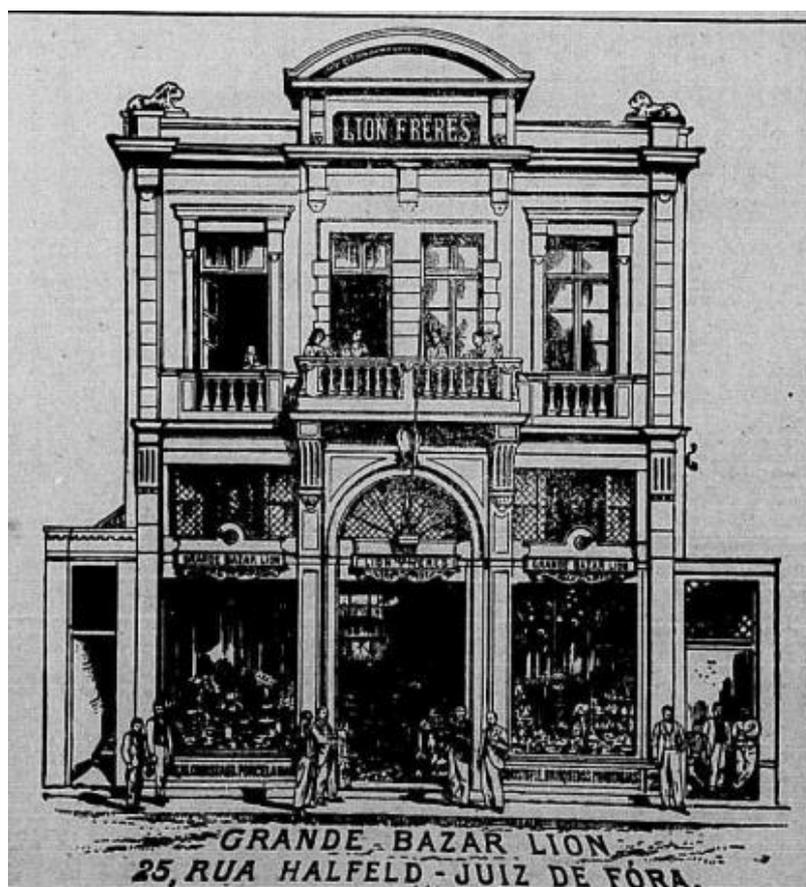
²¹⁵ *Jornal do Commercio*, 29 de janeiro de 1901, p.2.

²¹⁶ *Jornal do Commercio*, 12 de maio de 1901, p.2.

²¹⁷ *Jornal do Commercio*, 13 de março de 1901, p.2.

cena. A estreia aconteceu no dia 21 de março de 1901. O espetáculo teve início às 19h e custou 1\$000. Dentre os filmes projetados, “Amores africanos”, “Dança russa”, “Entrada da quadrilha”, “Exercício a bordo de um vaso de guerra”, “Gatos acrobatas”, “Guerra do Transvaal”, “O prestidigitador Herrmann”, “Uma tourada em Madri” e “Um carvoeiro caipora”²¹⁸. A imprensa reagiu positivamente ao novo local de espetáculos. De acordo com o *Jornal do Commercio*, o Salão Novidades estava elegantemente enfeitado e mobiliado. Ele era vasto, espaçoso e iluminado. O periódico também apontou que Leal tinha uma grande quantidade de vistas, cada uma mais bela e atraente do que a outra²¹⁹. O Salão Novidades funcionou em Juiz de Fora até o final de abril / começo de maio de 1901, quando foi temporariamente fechado²²⁰. Eu creio que o encerramento das suas atividades também tenha sido causado pela falta de material inédito para ser projetado para a população.

Figura 47 – O Bazar Lion



Fonte: *O Pharol*, 24 de julho de 1897, p.2

²¹⁸ *Jornal do Commercio*, 21 de março de 1901, p.2.

²¹⁹ *Jornal do Commercio*, 22 de março de 1901, p.2.

²²⁰ *Jornal do Commercio*, 2 de maio de 1901, p.2.

Poucos dias depois, ele transportou os aparelhos para Rio Novo, onde pretendia realizar uma série de apresentações²²¹. Lá, a temporada não durou muito tempo. No dia 16 de maio de 1901, o exibidor já havia regressado para Juiz de Fora²²². Contudo, novas projeções na Princesa de Minas só voltariam a acontecer em 29 de junho de 1901. Nesse intervalo de tempo, Leal aproveitou para dar alguns espetáculos em Valença e Rio Preto, onde alcançou grande sucesso com o Animatógrafo e o grafafone²²³. Em Juiz de Fora, o Salão Novidades foi reaberto, mas funcionou só nos últimos dias de junho e nos primeiros de julho. Em 7 de julho de 1901, o espaço de diversões foi novamente fechado, pois a empresa resolveu trabalhar mais uma vez em Barbacena²²⁴. Quatro dias depois, Leal já havia partido para lá²²⁵. A intenção do exibidor era que, após Barbacena, o Animatógrafo fosse levado para Queluz²²⁶. Diante da dificuldade de reconstituir as rotas percorridas pelos ambulantes, a próxima notícia encontrada data de 21 de setembro de 1901. No dia seguinte, os aparelhos seriam apresentados em Belo Horizonte²²⁷. A temporada na capital do estado durou, pelo menos, até 5 de outubro de 1901. Após sua conclusão, o desejo de Leal era dar espetáculos no Theatro de Sabará²²⁸. Em 28 de novembro de 1901, depois de excursionar por várias cidades mineiras, Leal retornou a Juiz de Fora prometendo apresentar o Cinematógrafo e o fonógrafo-concerto para o público local²²⁹. Todavia, a reabertura do Salão Novidades demorou mais de um mês para ocorrer. Eu suponho que isso se deu pela dificuldade de se encontrar um estabelecimento adequado para a exibição do Cinematógrafo. Ele acabou sendo instalado na Rua Halfeld, nº 125 ou 128²³⁰. A reinau-

²²¹ *Jornal do Commercio*, 5 de maio de 1901, p.2.

²²² *Jornal do Commercio*, 17 de maio de 1901, p.2.

²²³ *Jornal do Commercio*, 27 de junho de 1901, p.2.

²²⁴ *O Pharol*, 7 de julho de 1901, p.2.

²²⁵ *O Pharol*, 11 de julho de 1901, p.2.

²²⁶ *O Pharol*, 17 de julho de 1901, p.2.

²²⁷ *Jornal do Commercio*, 21 de setembro de 1901, p.2.

²²⁸ *Jornal do Commercio*, 5 de outubro de 1901, p.2.

²²⁹ *Jornal do Commercio*, 28 de novembro de 1901, p.2.

²³⁰ Nesse momento, surge uma dúvida sobre o número do prédio do Salão Novidades. Enquanto o *Jornal do Commercio*, na sua edição de 1º de janeiro de 1902, destaca que o número era o 125, *O Pharol* afirma, nas suas edições de 12 de janeiro e 27 de fevereiro de 1902, que o número era o 128.

guração ocorreu em 1º de janeiro de 1902²³¹. O programa contou com a apresentação da comédia “As cólicas de Mateus” e da farsa “O preto Thomé”, além de ter tocado a estudante Carlos de Faria²³². Na nova passagem do Salão Novidades por Juiz de Fora, conseguiu mapear projeções fílmicas até o início de março de 1902, mais precisamente no dia 2. O espetáculo realizado nessa data não teve uma boa concorrência²³³. Isso pode ter feito o exibidor fechá-lo novamente e partir para outros municípios de Minas Gerais. No Anexo IV desta tese, eu disponibilizei uma tabela com filmes que foram projetados no Salão Novidades.

A próxima notícia localizada sobre Carlos Alberto Nunes Leal data de dezembro de 1902. O exibidor requereu licença junto à Câmara Municipal para armar um pequeno circo de cavalinhos de pau no Salão Novidades²³⁴. Todavia, Almeida Novaes – um dos vereadores – pediu para que o assunto não fosse discutido até que fosse votado o projeto que ele havia apresentado sobre circos de cavalinho de pau, que funcionam sem motor, lanternas mágicas, cinematógrafos e outros congêneres, no qual ele sugere o imposto fixo de 200\$000 por ano ou 50\$000 por trimestre²³⁵. A Câmara concordou e Leal teve que adiar os seus planos. Eu não consegui mapear que fim levou esse projeto, mas me parece que não seguiu adiante. Como eu demonstrarei no último tópico desta tese, esse não era o valor do imposto sobre o cinematógrafo.

²³¹ *O Pharol*, 2 de janeiro de 1902, p.2.

²³² *O Pharol*, 3 de janeiro de 1902, p.2.

²³³ *O Pharol*, 4 de março de 1902, p.2.

²³⁴ *Jornal do Commercio*, 17 de dezembro de 1902, p.2.

²³⁵ *O Pharol*, 17 de janeiro de 1903, p.2.

Mapa 5 – Cidades onde o Salão Novidades foi montado

Nos últimos meses de 1902, a trajetória de Leal se cruzará com a de outra figura importante de Juiz de Fora no início do século XX: Nicola Porró. Em 30 de novembro, o *Jornal do Commercio* publicou uma notícia de que Porró iria inaugurar no salão do Eden Gambrinus – restaurante de sua propriedade que se situava na Rua Halfeld, nº 110 – um café-concerto. Para isso, um palco foi construído no estabelecimento²³⁶. O pano de boca, cujo motivo é a cena final de *O Trovador*, bem como toda a pintura cenográfica, foi um trabalho do hábil artista local Carlos Bastos²³⁷. A iluminação era toda a luz elétrica²³⁸. A estreia aconteceu em 3 de janeiro de 1903. Dentre as atrações programadas, os célebres duetistas italianos Rossi, a cantora espanhola Blanche Coral, a cançonetista italiana Senhorita Amélia, o ator e transformista Costa Maia, além de um Cinematógrafo Lumière, que possuía vistas novas²³⁹. O debute teve grande concorrência. Os números foram bastante aplaudidos²⁴⁰. Leal estava envolvido no empreendimento do Eden Gambrinus. Ele era o responsável pelas projeções fílmicas. Após a inauguração, a imprensa local pontuou que o espaço veio suprir a falta de diversões na cidade. Segundo o *Jornal do Commercio*, até então, o movimento em Juiz de Fora era notado apenas na hora da passagem dos trens. Com a abertura do café-concerto, a folha observou que “à noite, nota-se um boni-

²³⁶ *Jornal do Commercio*, 6 de dezembro de 1902, p.2.

²³⁷ *Jornal do Commercio*, 24 de dezembro de 1902, p.2.

²³⁸ *Jornal do Commercio*, 31 de dezembro de 1902, p.2.

²³⁹ *Jornal do Commercio*, 3 de janeiro de 1903, p.3.

²⁴⁰ *Jornal do Commercio*, 4 de janeiro de 1903, p.2.

to movimento, embora não seja o elegante teatrinho da Rua Halfeld um centro digno do aplauso das senhoras nossas conterrâneas, devido à característica das canções ali cantadas... Mesmo assim, ele é um magnífico ponto de reunião” (*Jornal do Commercio*, 24 de janeiro de 1903, p.1). No trecho destacado, nota-se uma ressalva a uma das partes da função. O Cinematógrafo Lumière, que ocupava a última parte do espetáculo, também foi alvo de críticas. Muitas pessoas pediram aos empresários para não exibirem mais os quadros “frescos” mostrados no dia 27 de janeiro de 1903. Segundo elas, mesmo no Rio de Janeiro, onde o deboche é excessivo, a polícia não permitiria que eles fossem projetados. *O Pharol* afirmou que, no futuro, o Eden Gambrinus poderia se tornar uma excelente casa de espetáculos, frequentada por famílias. Logo, não precisava dessas “pimentas” que, como tudo aquilo que é excitante, acabarão por enjoar. Nesse sentido, o periódico diz que é fundamental buscar um meio termo, pois, do contrário, o espectador exigirá que as cenas do Cinematógrafo também sejam representadas ao vivo²⁴¹. Porém, a máquina não operou durante muito tempo no Eden Gambrinus. Em 6 de março de 1903, o ator e transformista Costa Maia, que em Juiz de Fora conquistou vários admiradores ao se apresentar no café-concerto, partiu para a cidade de Palmira²⁴². Com ele, Joaquim Gomes da Silveira, que iria exibir o Cinematógrafo de Leal²⁴³. Dois dias depois, num elegante teatrinho armado no espaçoso salão do Hotel Romano de Palmira, eles estrearam com grande concorrência²⁴⁴. As excursões pelo interior de Minas Gerais continuaram. Leal resolveu contratar Maia, além de Blanche Coral, para uma temporada em Ouro Preto, no Theatro Ouro-pretano. A trupe foi para lá em 19 de abril de 1903²⁴⁵. No mês seguinte, *O Pharol* destacou que eles continuavam fazendo sucesso na cidade. Além dos artistas, o Cinematógrafo integrava a programação dos espetáculos, sempre na parte final²⁴⁶. Depois de Ouro Preto, os artistas foram para São João Del-Rei²⁴⁷. Lá, eles se apresentaram em 7 de ju-

²⁴¹ *O Pharol*, 29 de janeiro de 1903, p.2.

²⁴² Palmira era o nome atribuído, naquela época, ao município de Santos Dumont.

²⁴³ *Jornal do Commercio*, 6 de março de 1903, p.2.

²⁴⁴ *Jornal do Commercio*, 10 de março de 1903, p.2.

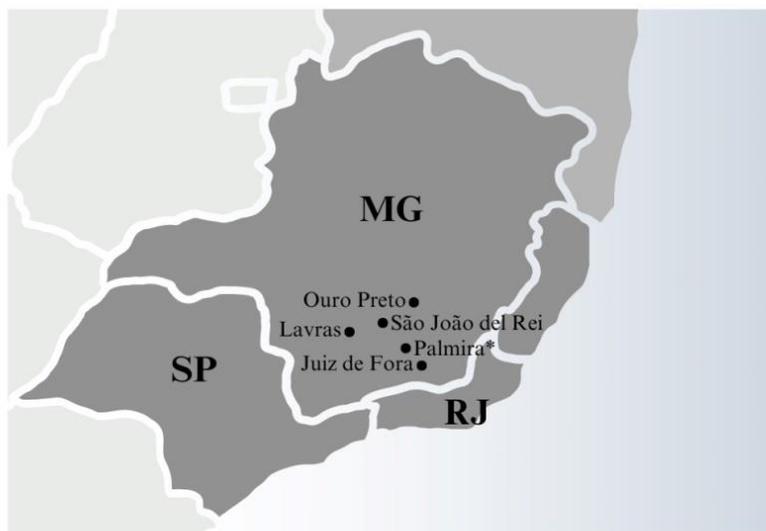
²⁴⁵ *O Pharol*, 18 de abril de 1903, p.2.

²⁴⁶ *O Pharol*, 8 de maio de 1903, p.2.

²⁴⁷ *O Pharol*, 10 de maio de 1903, p.2.

nho de 1903²⁴⁸. A turnê seguiu para Lavras, onde a trupe montada por Leal realizou espetáculos, no teatro do município, a partir de 5 de julho de 1903²⁴⁹.

Mapa 6 – Cidades onde a trupe contratada por Carlos Alberto Nunes Leal se apresentou



Depois dessa passagem por Lavras, só encontrei novamente o nome de Leal nos jornais em 19 de março de 1905, ou seja, quase dois anos depois. Ao meio-dia, foi inaugurado o Salão Floresta, café do qual era proprietário. O estabelecimento se localizava na Rua Halfeld, nº 109. Ele dispunha de duas confortáveis salas e um espaço que era destinado ao tiro ao alvo²⁵⁰. Com o desejo de proporcionar, aos juiz-foranos, novo centro de diversões, o português resolveu instalar numa das salas o engenhoso Cinematógrafo Falante²⁵¹, que apresentava vistas da cidade e retratos dos seus principais moradores²⁵². Além do tiro ao alvo e do projetor fílmico, o Salão Floresta prendia a atenção dos seus frequentadores com o jogo da bagatela romana, que dava prêmios²⁵³. No entanto, o empreendimento não ficou aberto durante muito tempo. Em 14 de setembro de 1905, Leal de-

²⁴⁸ *Jornal do Commercio*, 4 de junho de 1903, p.2.

²⁴⁹ *O Pharol*, 11 de julho de 1903, p.2.

²⁵⁰ *Jornal do Commercio*, 21 de março de 1905, p.2.

²⁵¹ *Jornal do Commercio*, 25 de março de 1905, p.2

²⁵² *O Pharol*, 25 de março de 1905, p.2.

²⁵³ *Jornal do Commercio*, 9 de abril de 1905, p.2.

clarou, às praças de Juiz de Fora e do Rio de Janeiro, que havia vendido o Salão Floresta para Castro e Gaspar, livre e desembaraçado de qualquer ônus²⁵⁴.

Em 14 de dezembro de 1905, *O Pharol* comunicou que a Empresa Tiradentes, dirigida por Leal, encontrava-se hospedada no Hotel Romano, em Palmira. O primeiro espetáculo na cidade foi realizado naquele dia. A sua renda foi revertida para a Santa Casa de Misericórdia²⁵⁵. A Empresa Tiradentes chegou a Juiz de Fora no ano seguinte. Em 10 de março de 1906, no Theatro Juiz de Fora, ela exibiu um aperfeiçoado Cinematógrafo, cujos filmes haviam sido encomendados recentemente de Paris²⁵⁶. As projeções fílmicas foram bastante concorridas. As vistas mostradas eram nítidas e quase todas desconhecidas. Por ter uma grande duração, o que dificultava uma repetição rápida, a penúltima delas fez com que alguns espectadores, que não foram satisfeitos no pedido de bis, causassem uma confusão no estabelecimento²⁵⁷. Ao invés de funcionar todos os dias, a Empresa Tiradentes optou por operar apenas aos sábados e domingos²⁵⁸. É possível que isso tenha ocorrido tanto por causa da quantidade de vistas inéditas para exibir para a sua audiência quanto pela disponibilidade do Theatro Juiz de Fora. O espaço de diversões criado pelos irmãos Ferreira Lage foi utilizado pela Empresa Tiradentes apenas no mês de março de 1906. A partir de então, ela alugou o Salão Floresta, que, conforme eu pontuei, já não pertencia mais a Leal, para realizar os seus espetáculos. Devido à mudança de local, o valor do ingresso foi reduzido a cinco tostões²⁵⁹. Lá, a estreia ocorreu em 7 de abril de 1906²⁶⁰, tendo atraído muitas pessoas²⁶¹. Em 2 de maio de 1906, *O Pharol* comunicou a decisão da Empresa Tiradentes de fazer uma excursão pelo interior de Minas Gerais²⁶². Em razão disso, quatro dias depois, ela fez a última apresentação na cidade. A sua renda

²⁵⁴ *Jornal do Commercio*, 14 de setembro de 1905, p.2.

²⁵⁵ *O Pharol*, 14 de dezembro de 1905, p.2.

²⁵⁶ *O Pharol*, 10 de março de 1906, p.1.

²⁵⁷ *O Pharol*, 13 de março de 1906, p.2.

²⁵⁸ *O Pharol*, 20 de março de 1906, p.2.

²⁵⁹ *O Pharol*, 6 de abril de 1906, p.2.

²⁶⁰ *O Pharol*, 7 de abril de 1906, p.2.

²⁶¹ *O Pharol*, 8 de abril de 1906, p.2.

²⁶² *O Pharol*, 2 de maio de 1906, p.2.

foi revertida para a Associação dos Empregados do Comércio²⁶³. Em 9 de maio de 1906, ela partiu para São João Del-Rei. Quando voltasse para Juiz de Fora, a Empresa Tiradentes pretendia organizar uma garagem de automóveis cujas vagas seriam postas à disposição do público mediante aluguel²⁶⁴. Na terra onde os sinos falam²⁶⁵, as projeções fílmicas fizeram sucesso²⁶⁶. A próxima notícia encontrada sobre Carlos Alberto Nunes Leal data de julho de 1907. Naquele momento, o exibidor estava em Matias Barbosa. Pela falta de um local apropriado, ele havia improvisado um teatro num rancho. Numa das noites, logo no começo do espetáculo, desconcertou-se o Cinematógrafo, ficando ele impossibilitado de operar. Foi o bastante para que o público que compareceu ateasse fogo ao barracão²⁶⁷. No final do mês, a Empresa Tiradentes seguiu para Ouro Preto prometendo exibir filmes até então desconhecidos no município. Lá, ela estrearia no dia 27²⁶⁸. Poucos meses depois, por ocasião da chegada do escritor Arthur Azevedo, ela se achava novamente em Juiz de Fora. Ia aproveitar a oportunidade para fazer um registro no Largo da Estação²⁶⁹. No Anexo IX desta tese, eu disponibilizei uma tabela com filmes que foram exibidos, pela Empresa Tiradentes, na minha cidade-natal.

²⁶³ *O Pharol*, 5 de maio de 1906, p.2.

²⁶⁴ *O Pharol*, 9 de maio de 1906, p.2.

²⁶⁵ São João Del-Rei é conhecida como “a terra onde os sinos falam”. Lá, os sinos tocados dia e noite pelas igrejas não informam somente as horas. As badaladas comunicam eventos específicos para as pessoas, como missas, enterros e festividades. A linguagem dos sinos se tornou patrimônio nacional após o reconhecimento do Iphan.

²⁶⁶ *O Pharol*, 23 de maio de 1906, p.2

²⁶⁷ *O Pharol*, 8/9 de julho de 1907, p.1

²⁶⁸ *O Pharol*, 22/23 de julho de 1907, p.2.

²⁶⁹ *O Pharol*, 4 de setembro de 1907, p.1.

Mapa 7 – Cidades onde a Empresa Tiradentes se apresentou

Carlos Alberto Nunes Leal seria um dos responsáveis por outra importante iniciativa na cidade. O Cinema Pharol Reclame é resultado da união de forças com Francisco Carneiro. Instalado na fachada do edifício de *O Pharol*, que ficava na Rua Direita, a iniciativa projetaria anúncios e filmes, que o povo teria a oportunidade de assistir, gratuitamente, da Praça Coronel Halfeld²⁷⁰. A estreia do Cinema Pharol Reclame ocorreu em 1º de maio de 1909, a partir das 18h30min²⁷¹. Na inauguração, a afinada banda musical Lyra Guarany abrilhantou a função²⁷². Caso quisessem contratar anúncios, os comerciantes deveriam procurar por Leal ou Geraldo Índio do Brasil²⁷³. O empreendimento operava às quartas-feiras, aos sábados e aos domingos²⁷⁴. A última função ocorreu em 11 de setembro de 1909. Foram exibidas 20 filmes, sem anúncios intercalados²⁷⁵. Com o término do Cinema Pharol Reclame, a imprensa local discutiu sua importância para a cidade durante o período em que ele funcionou. No artigo “A gratidão dos pequenos”, *O Pharol* destacou que, entre a multidão que ficava à noite, três vezes por semana, na frente da redação, para ver os anúncios e os filmes, havia frequentadores assíduos aos quais o Cinema Pharol Reclame proporcionou o ensejo de verem, pela primeira vez, um cinematógrafo.

²⁷⁰ *O Pharol*, 22 de abril de 1909, p.2.

²⁷¹ *O Pharol*, 1º de maio de 1909, p.1.

²⁷² *O Pharol*, 2 de maio de 1909, p.1.

²⁷³ *O Pharol*, 7 de maio de 1909, p.1.

²⁷⁴ *O Pharol*, 29 de maio de 1909, p.1.

²⁷⁵ *O Pharol*, 10 de setembro de 1909, p.1.

A folha apontou que, na última sessão, a multidão era mais numerosa. Ela encheu toda a largura da Rua Direita, desde o Colégio Mineiro até a Rua Halfeld. Os bondes mal podiam circular nesse trecho. A maioria dos espectadores eram crianças. Elas olhavam atentas para o pano branco que servia de tela para as projeções fílmicas, aplaudiam com entusiasmo cada filme exibido ou reclamavam impacientes quando havia alguma demora na substituição²⁷⁶. No Anexo XX desta tese, eu disponibilizei uma tabela com filmes que foram exibidos no Cinema Pharol Reclame.

A trajetória de Leal se cruzou com a do Circo Pathé em meados de 1909. Entretanto, antes de analisar como se deu tal intersecção, é essencial recuperar a história desse espaço de exibição cinematográfica. Dirigido pela firma Camões & Cia, o Circo Pathé foi montado na Rua Fonseca Hermes em junho de 1908²⁷⁷. O debute ocorreu no dia 9²⁷⁸. O local foi instalado com bastante capricho. O seu interior estava bem iluminado, tendo no centro dois arcos voltaicos²⁷⁹. O Circo Pathé retornou a Juiz de Fora em dezembro de 1908. Dessa vez, ele foi armado na Rua São João. O delegado de polícia, acompanhado de escrivão e peritos, realizou no dia 15 uma vistoria no estabelecimento²⁸⁰. Com a aprovação, ele pôde funcionar. Os seus artistas se apresentaram no município até janeiro de 1909. Por sua vez, a terceira passagem do Circo Pathé pela Princesa de Minas começou em 17 de julho de 1909. Novamente, ele foi montado na Rua São João. De grandes proporções, ele dispunha de oito arquibancadas, que o cercavam completamente. No centro, as cadeiras de 1ª classe. Havia duas entradas para os seus frequentadores²⁸¹. Diferente de outras casas de diversões, o Circo Pathé sofria com a chuva. Por causa dela, vários espetáculos tiveram que ser cancelados, o que influenciava na renda²⁸². Carlos Alberto Nunes Leal tornou-se dono do estabelecimento antes da sua terceira passagem por Juiz de Fora. A sua empresa – Carlos Aberto & Comp. – tinha um grande estoque de filmes. Eles integravam a programação do Circo Pathé. Em 27 de janeiro de 1910, *O Pharol* relatou que a firma pretendia fazer uma turnê por diversas cidades do estado. O primeiro destino se-

²⁷⁶ *O Pharol*, 14 de setembro de 1909, p.1.

²⁷⁷ *O Pharol*, 5 de junho de 1908, p.2.

²⁷⁸ *O Pharol*, 9 de junho de 1908, p.2.

²⁷⁹ *O Pharol*, 13 de junho de 1908, p.2.

²⁸⁰ *O Pharol*, 16 de dezembro de 1908, p.2.

²⁸¹ *O Pharol*, 17 de julho de 1909, p.2.

²⁸² *O Pharol*, 9 de dezembro de 1909, p.1.

ria Paraíba do Sul. Portanto, mais uma temporada em Juiz de Fora chegou ao fim. Meses depois, essa folha comunicou que o Circo Pathé estava dando seus últimos espetáculos em Palmira, de onde seguiria para São João Del-Rei²⁸³. Lá, ele estreou em 7 de agosto de 1910²⁸⁴. No mês seguinte, Leal se tornou sócio de Custódio Antônio da Costa no empreendimento. A quarta passagem do Circo Pathé pela Princesa de Minas começou em 17 de setembro de 1910. Dessa vez, ele foi armado na Rua 15 de Novembro, nº 75²⁸⁵. Essa temporada se estendeu até o final do ano. No Anexo XIII desta tese, eu disponibilizei uma tabela com filmes que foram exibidos no Circo Pathé.

Se pensarmos nas categorias que foram propostas por Deac Rossell (2000), Carlos Alberto Nunes Leal pode ser considerado um exibidor independente novato – tal como os membros da família Rockert. Enquanto atuou como ambulante, ele optou por circular somente por Minas Gerais e, eventualmente, por algumas cidades do Rio de Janeiro, mais próximas, o que o diferencia daqueles que se apresentaram em várias regiões do país. Em 1918, ele atuou como intermediário quando João de Araújo Franco Leal – seu sobrinho – comprou uma padaria. Juntos, montaram um bar na Avenida Rio Branco, nº 2261. Casou-se com a brasileira Titinha, mas não deixou nenhum descendente. Faleceu em Valença no dia 25 de julho de 1935.

2.3 – Companhia João Garcia

Em 25 de junho de 1901, o *Jornal do Commercio* relatou que, vinda de São Paulo, onde estava trabalhando, a Companhia dirigida por João Garcia iria chegar no dia seguinte a Juiz de Fora. Ao visitar a redação da folha, o exibidor comentou que o Biógrafo Lumière – aparelho utilizado nas projeções da companhia – tinha recebido um prêmio na Exposição de Paris de 1900, por ser o aparelho mais aperfeiçoado visto até então. O debate aconteceu, no Theatro Juiz de Fora, em 29 de junho de 1901²⁸⁶. Na programação, os filmes “A guerra da China”, “Exposição de Paris 1900” e “Joanna d’Arc”, que obtiveram

²⁸³ *O Pharol*, 17 de julho de 1910, p.2.

²⁸⁴ *O Pharol*, 10 de agosto de 1910, p.2.

²⁸⁵ *O Pharol*, 17 de setembro de 1910, p.2.

²⁸⁶ *Jornal do Commercio*, 27 de junho de 1901, p.2.

um grande sucesso quando foram exibidos em Buenos Aires e São Paulo²⁸⁷. Na estreia, a concorrência foi regular. Contudo, o espetáculo proporcionou, aos que compareceram à casa de diversões fundada pelos irmãos Ferreira Lage, momentos de alegria²⁸⁸. Ao longo da temporada, que foi encerrada em 7 de julho de 1901, depois de cinco apresentações²⁸⁹, o número de espectadores cresceu significativamente. Em sua despedida, João Garcia afirmou que voltaria a Juiz de Fora. Por ora, iria para o Rio de Janeiro e, de lá, para a Argentina²⁹⁰. Porém, nos dias que se seguiram, ele acabou mudando seus planos. De acordo com o *Commercio do Espírito Santo*, João Garcia – apontado pela folha como representante da Sociedade Geral dos Biógrafos de Paris – chegou a Vitória no paquete Espírito Santo para exhibir o Biógrafo Lumière no Theatro Melpomene. O primeiro espetáculo foi agendado para o dia 8 de agosto de 1901²⁹¹. A folha destacou que, diferente de outros projetores fílmicos que passaram pela cidade, o Biógrafo Lumière fixava as imagens de modo que o público conseguisse acompanhar o que estava sendo exibido²⁹². No total, a Companhia dirigida por João Garcia deu três espetáculos em Vitória. Porém, devido ao mau tempo, a máquina somente operou em dois deles, o que me leva a pensar que havia outras atrações. A temporada na capital do Espírito Santo foi encerrada em 11 de agosto de 1901²⁹³. Infelizmente, eu não localizei nos jornais a passagem desse exibidor por outros municípios brasileiros, nem descobri mais informações sobre suas origens. Por conta disso, classificá-lo de acordo com os tipos propostos por Deac Rossell (2000) é arriscado. No Anexo V desta tese, eu disponibilizei uma tabela com filmes que foram exibidos pela Companhia João Garcia.

²⁸⁷ *Jornal do Commercio*, 28 de junho de 1901, p.2.

²⁸⁸ *Jornal do Commercio*, 30 de junho de 1901, p.2.

²⁸⁹ *Jornal do Commercio*, 7 de julho de 1901, p.2.

²⁹⁰ *O Pharol*, 10 de julho de 1901, p.2.

²⁹¹ *Commercio do Espírito Santo*, 7 de agosto de 1901, p.1.

²⁹² *Commercio do Espírito Santo*, 10 de agosto de 1901, p.1.

²⁹³ *Commercio do Espírito Santo*, 13 de agosto de 1901, p.1.

Figura 48 – Cartão postal com reprografia colorida do Theatro Melpomene (1906)



Fonte: Coleções Especiais da Biblioteca Central da UFES,
Acervo Fotográfico Mário Aristides Freire, p.20, foto 297.

Mapa 8 – Cidades onde a Companhia João Garcia se apresentou



2.4 – Imperial Companhia Japonesa Kudara

Em 17 de abril de 1903, o *Jornal do Commercio* mencionou que, com o objetivo de fazer algumas apresentações, a Imperial Companhia Japonesa Kudara pretendia vir a Juiz de Fora no próximo mês. Na mesma data, *O Pharol* completou a informação dizendo que, no dia anterior, Mario Cattaruzza – o secretário da companhia – tinha escrito pa-

ra Costa Braga – o administrador do Theatro Juiz de Fora – para saber sobre as condições de aluguel do estabelecimento, pois eles queriam dar os espetáculos no espaço de diversões criado pelos irmãos Ferreira Lage. Naquele momento, a trupe estava se apresentando no Theatro São Pedro de Alcântara, que ficava no Rio de Janeiro. O escritor Arthur Azevedo, que publicava uma coluna sobre teatro no jornal fluminense *A Notícia*, afirmou que, no seu gênero, os japoneses eram perfeitos artistas. Ele relatou que o Cinematógrafo que trouxeram encantava, principalmente, as crianças²⁹⁴. Resolvida a questão do Theatro Juiz de Fora, a previsão era de que a Imperial Companhia Japonesa Kudara chegaria à Princesa de Minas em 5 de maio de 1903²⁹⁵. A princípio, a trupe daria somente dois espetáculos na cidade, nos dias 6 e 7 de maio de 1903²⁹⁶. Quanto ao preço dos ingressos, os camarotes custariam 25\$000, as cadeiras e as galerias nobres 5\$000, as varandas 4\$000 e a geral 1\$500²⁹⁷. O *Jornal do Commercio* destacou como era significativo para Juiz de Fora antecipar São Paulo na visita de artistas de grande valor²⁹⁸. Na véspera do debute, já não havia mais disponíveis camarotes, galerias nobres e varandas, restando só poucas cadeiras. A Imperial Companhia Japonesa Kudara se apresentava como uma companhia de variedades do Teatro Kabuki de Tóquio. Eles estavam fazendo uma turnê pelo Brasil, Argentina e Chile. O espetáculo de estreia teria 3 atos. Ele começaria às 20h30 e terminaria às 23h30²⁹⁹. Em 8 de maio de 1903, *O Pharol* deu mais detalhes sobre a estreia. De acordo com o periódico, a *mise-en-scène* e o guarda-roupa da Kudara eram magníficos, de luxo verdadeiramente oriental. Apesar de, em sua maioria, serem conhecidos dos espectadores desse gênero de diversões, os trabalhos foram executados com maestria e perfeição. A primeira parte do espetáculo foi composta pelos seguintes números:

Ordem	Número	Artista
1º	Jogos Satzinos	Warima Otake

²⁹⁴ *O Pharol*, 18 de abril de 1903, p.2.

²⁹⁵ *Jornal do Commercio*, 23 de abril de 1903, p.2.

²⁹⁶ *Jornal do Commercio*, 2 de maio de 1903, p.2.

²⁹⁷ *O Pharol*, 28 de abril de 1903, p.2.

²⁹⁸ *Jornal do Commercio*, 3 de maio de 1903, p.2.

²⁹⁹ *Jornal do Commercio*, 6 de maio de 1903, p.2.

2º	Jogos dos Grandes Kalabares / Exercício dos Archotes Luminosos	Gorkura Sawada
3º	Trabalho Kiasitka, com a grande cuba de 2m pesando 60 kg	Yanah Okhyo / O pequeno Hyde
4º	A Escada Barathada	Yoshan Kishizuna / O menino Nowbu

Já a segunda parte do espetáculo foi preenchida com a projeção de dez fotografias coloridas pelo aparelho L'Alster. Dentre elas, os retratos de Rodrigues Alves – então Presidente da República – e Plácido de Castro – o general que libertou o Acre. Além disso, ocorreu a exibição de “Viagem à lua” pelo Bioscópio Farragut. O filme era composto por 30 cenas e foi um verdadeiro sucesso quando foi mostrado no Theatro Olimpia de Paris. Por fim, na terceira parte, houve duas alterações no programa. Os trabalhos previamente programados de Equilíbrio da Taça de Cristal e da Plataforma de Barissa foram substituídos. Logo, ela consistiu nos seguintes números:

Ordem	Número	Artista
1º	Piões de Oxaka	Yoshan Kishizuna
2º	Trabalho de Equilíbrio com os Pés	Warima Otake
3º	Escada Dupla	Yoshan Kishizuna / O pequeno Hyde
4º	Os Três Ícaros Acrobatas	Tanko Tamekicki / Mura Nowbu / Tokichi Kawamura

Figura 49 – Folheto da Imperial Companhia Japonesa Kudara distribuído em Juiz de Fora com a programação do primeiro espetáculo³⁰⁰

THEATRO JUIZ DE FORA
 Empresa MAX ROSENTAHL
 Grande Tournée **BRAZIL, ARGENTINA E CHILE**
 pela importante Companhia do
THEATRO KABUKI DE TOKIO (Japão)
A IMPERIAL COMPANHIA JAPONESA KUDARA
 a mais completa Companhia Japonesa de Variedades que tem vindo a America do Sul

4.^a FEIRA, 6 de Maio--Grandioso espectáculo de Estréa



Os artistas MISS YANAH OKHYO - MENSINO HIDE e Sr. KISHIZUNA não se acham no grupo acima, tendo chegado recentemente da America do Norte.

SO' 2 ESPECTACULOS

³⁰⁰ Esse folheto é um documento inédito. Ele foi descoberto, por acaso, dentro de um dos livros do Arquivo do Museu Mariano Procópio.

IMPERIAL COMPANHIA JAPONEZA KUDARA

Empreza **MAX ROSENTHAL**

◆ ELENCO ◆

Miss OKIKU KIMURA
Miss WARIMA OTAKE
Sr. YOSAKU KUDARA
Sr. L. KUDARA

Sr. YOSHAN KISHIZUNA
Sr. ARIS MATSUMOTO.
Miss YANAH OKHYO
Sr. SAWADA.

Sr. TANKO TAMEKITCHI
Sra. MURA NOWBU
Sr. OTOKICHI KAVAMURA.
Menino—HIDE

Ao illustrado Publico:

A IMPERIAL COMPANHIA JAPONEZA DE VARIEDADES KUDARA, da qual exclusivamente fazem parte artistas de primeira ordem e merito real comprovado, vem pela primeira vez á America do Sul. Da sua excursão artistica pelas principaes cidades Norte Americanas, como S. Francisco de California, Chicago, S. Luiz, Boston, Philadelphia, Buffalo, Charleston e New-York, os Imperiaes Japonezes deixaram as mais gratas recordações, sendo a imprensa unanime em tercer-lhes honrosas referencias. A Companhia, cujo compromisso firmado no Rio da Prata obrigam-na a acelerar a sua excursão, fará nesta Capital **APENAS 2 ESPECTACULOS.**

A EMPREZA

**A mais importante Companhia de Variedades
de genuinos artistas Japonezes
que tem vindo a AMERICA DO SUL**

1.º

1.º ACTO

MISS OTAKE — Jogos satzinos, no sempre applaudido trabalho do tonel volante.

2.º

SR. GORKURA SAWADA

Exibirá os jogos dos grandes Kalabares, concluindo pelo exercicio dos **ARCHOTES LUMINOSOS**

3.º

MISS YANAH OKHYO e o artista prodigio **HYDE**

no brillante trabalho **KIASITKA** com a grande cuba de 2 metros pesando 60 kilos

4.º

SR. KISHIZUNA e o menino **NOWBU**

Bellissimas evoluções aereas **A ESCADA BARATHADA**

ENTREACTO DE 15 MINUTOS

2.º ACTO

Pelo possante projector electrico **L'ALSTER** será apresentada pela 1ª vez nesta Capital uma serie de

10 PHOTOGRAPHIAS DE COR

Genial descoberta do professor LIPMANN, da Academia de Sciencias de Paris, e pelo mesmo apresentada na Grãde Sorboña em 10 de Outubro passado, causando a profunda sensação que a Imprensa relatou. (A Empreza leva ao conhecimento do Publico que as PHOTOGRAPHIAS DE COR não são coloridas nem pintadas artificialmente. O processo de sua confecção deriva de manipulações chemicas que produzem as cores e tons reaes dos objectos expostos á camara especial do famoso inventor.

UNICOS SPECIMENS NA AMERICA DO SUL

Utopia do seculo passado !! --- A maravilhosa realidade do seculo XX

A Empreza tem a honra de apresentar os retratos de S. Ex. o Dr. **RODRIGUES ALVES**, Presidente da Republica e o do Coronel **PLACIDO DE CASTRO**, o heroico brasileiro, libertador do Acre, vencedor dos combates de Volta da Empreza e de Puerto Alonso.

2 minutos de intervallo

Vistas animadas pelo novo Bioscope de Farragut O CAPTOTRICON

(Concessão exclusiva para a America do Sul)
ABSOLUTA NOVIDADE COMO BELLUZA E FIXIDEZ DAS VISTAS
IDEIAS DE SUICIDIO A FADA FANTASTICA

A VIAGEM A LUA

Phantasia extraordinaria cinematographica em 30 scenas surprehendes - Successo do theatro Olympia de Paris
TEXTO EXPLICATIVO DAS SCENAS:

- N. 1 — O CONGRESSO SCIENTIFICO AO «ASTRONOMIC CLUB» — Os astrónomos se acham reunidos na sala de honra repleta de telescópios e instrumentos astronómicos. Entra o presidente e mais membros da corporação. Entra dos 7 pagens, trazendo os telescópios dos astrónomos. O presidente occupa a tribuna. Os telescópios dos astrónomos transformam-se em bancos. O presidente explica ao congresso o seu projecto de uma viagem a Lua, e apresenta a demonstração do quadro preto. Aclamado por alguns congressistas o projecto é vivamente combatido por um dos membros do Club, que trava com o presidente uma discussão... acalorada. O presidente como argumento do peso, lança-lhe á cabeça os livros, notas e actas da mesa da assembleia. O congressista turbulento é expulso sob uma vaim memoravel nos annos do Club.
- N. 2 — A VOTAÇÃO PARA A VIAGEM — OS PAGENS — A DESPEDIDA — A viagem proposta pelo presidente é votada unanimemente por aclamação, porém em vespere da partida... Ninguém tem a coragem de acompanhá-lo. O presidente furioso declara que partirá só quando 5 sábios do congresso resolverem partir com elle; decisão aclamada com delirio pela assembleia. Os pagens trazem as vestes de viagem. Os 6 astrónomos despem os trajes de gala e vestem a roupa de viagem.
- N. 3 — OS ATELIERS DE CONSTRUÇÃO DO PROJECTIL. O presidente Barbenfouilles, acompanhado dos 5 collegas: Nostradamus, Alcoribas, Omégas, Micromégas e Parafaragaran us vão visitar os ateliers de construção do projectil destinado a levar-os á lua.
- A comitiva entra nos ateliers onde se acham trabalhando ferreiros, serralheiros, mechanicos, carpinteiros, etc., na construção do grande projectil. Micromégas cae por descuido em uma tina d'acido nitrico. A visita terminada, um operario desce das torres e previne os Astrónomos que um esplendido espectáculo os espera, se quiserem subir ao terraco — a fundição do grande canhão. Os astrónomos precipitam-se na escada e sobem ao terraco.
- N. 4 — A FUNDIÇÃO, AS FORJAS, FUNDIÇÃO DO CANHÃO COLGSSAL. Os Astrónomos chegam ao terraco dos ateliers. Ao longe se chamusca das usinas lançam ao ar torrentes de fumo. De repente o presidente manda lpar uma bandeira, e o aço em fusão precipita-se incandescente na fossa que contém o molde do canhão. Da fossa despendem-se nuvens de vapor e chamas rubras. Os Astrónomos, entusiasmados, cotregam-se a ruidosas manifestações.
- N. 5 — O EMBARQUE DOS ASTRÓNOMOS. Sobre os tetos dos mais altos edificios da cidade um grande andalme é construído; o obus acha-se prompto a receber os illustres viajantes. Estes chegam, agradecem as manifestações do povo e entram no obus. Os artilheiros da marinha fecham a portinhola.
- N. 6 — OS ARTILHEIROS CARREGAM O CANHÃO. Os artilheiros lançam o obus na culatra do canhão (cujá parte posterior é só visível).
- N. 7 — O CANHÃO MONSTRO! REVISTA GERAL DOS ARTILHEIROS DE MARINHA. FOGO! SAUDAÇÃO DAS BANDEIRAS. Nesta scena o canhão é inteiramente visível em perspectiva, acha-se carregado, a culatra cerrada. Espera-se apenas o signal para dar o tiro na hora fixada para a partida dos illustres sábios. Chegam os artilheiros comindados por um official de marinha. A bandeira é erguida, tocam os clarins. O official dá o signal; um tenente d'artilheiros chega ao morro e o tiro parte. A multidão corre para ver o obus perder-se no espaço.
- N. 8 — A LUA APROXIMA SE! Por entre nuvens vê-se a Lua ao longe. O obus se acerca de minuto em minuto, o astro da noite augmenta progressivamente e acaba por attingir proporções colossaes. A Lua apresenta-se finalmente sob a forma d'uma cabeça viva, grotesca e sorrindo zombeteiramente.
- N. 9 — ZAS! NO OLHO. Com a rapidez de um raio, o obus cêe sobre a Lua ficando encurvado n'um dos olhos. A cabeça estontada pela visita de-cortez, começa a fazer a caretas horríveis, enquanto da ferida jorram lagrimas enormes.
- N. 10 — A QUEDA DO OBUS NA LUA. A CLARIDADE DA TERRA. A vista transforma-se. Vê-se as enormes planicies da Lua com os seus mares, eraséras e montanhas. O obus cae com o estampido. Os astrónomos saem pela portinhola e ficam deslumbrados ante uma paisagem para elles nova, enquanto no horizonte a Terra eleva-se lentamente no espaço illuminando a scena com um clarão phantastico.
- N. 11 — A PLANICIE DAS CRATERAS. ERUPÇÕES VULCANICAS. Os astrónomos vêm crateras por toda a parte. Um d'elles propõe descerem ao interior de uma, mas quando todos se approximam, rebenta uma erupção e os desgraçados são lançados aos trambolhões uns sobre os outros.
- N. 12 — O SONHO! OS METEOROS. A GRANDE URSA PHOEBÉ. AS ESTRELLAS DUPLAS. SATURNO. Os Astrónomos sentem-se fatigados da excursão cheia de accidentes. Deitam-se e adormecem no chão. Sonhando, elles vêm atravessar o espaço meteoros, cometas, etc., 7 estrellas gigantes representando a Grande-Ursa mostram-se lentamente, d'estas estrellas saem cabeças de moças que parecem furiosas com a presença dos intrusos na Lua; em seguida as estrellas vão marchando gradualmente no espaço e são substituídas pela deliciosa visão de Phoebé sobre o crescente; de Saturno no globo cercado do anel luminoso e de encantadoras jovens suspendendo uma estrella. Todos discutem sobre a presença na Lua dos habitantes da Terra e resolvem puall-os com severidade exemplar.
- N. 13 — A BORRACA DE NEVE. Por ordem de Phoebé a neve começa o cair, cobrindo o solo com um manto branco; os Astro-

nomos, sentindo o frio encolhem-se sob os cobertores, fazendo contorções comicas.

N. 14 — 40° ABAIXO DE ZERO — DESCIDA A UMA CRATERA DA LUA. O frio torna-se demasiado. Os desgraçados - Astrónomos despertam quasi gelados e resolvem, sem demora, hieser ao interior d'uma cratera, na qual, um a um, desapparecem. A neve cae com abundancia.

N. 15 — NO INTERIOR DA LUA — A CAVERNA DOS COGUMELOS GIGANTESCOS. Os Astrónomos chegam ao interior d'uma caverna curiosa, repleta de cogumelos enormes de todas as especies. Um d'elles abre o seu guarda-chuva para comparar a altura com um cogumelo, quando o guarda-chuva toma raizes e se transformá tambem em cogumelo, crescendo até attingir proporções colossaes.

N. 16 — ENCONTRO COM OS SELENITAS — COMBATE ENCARNIÇADO. Os Astrónomos avistam de repente os bizarros habitantes da Lua, que saem das florestas de cogumelos, fazendo estranhas contorções. São os Selenitas. Estes seres phantasticos precipitam-se sobre um Astrónomo que defer-de-se com o guarda-chuva, matando um Selenita que rebenta em mil pedacos. Os Selenitas chegam numerosos. Os Astrónomos fogem espavoridos, perseguidos pelos habitantes da Lua.

N. 17 — PRISIONEIROS! Os Astrónomos são vencidos, presos e amarrados, sendo conduzidos ao palacio do Rei dos Selenitas.

N. 18 — O REINO DA LUA — O EXERCITO DOS SELENITAS. N'um throno maravilhoso, cercado de estrellas vivas, vê-se sentado Sua Magestade o Rei dos Selenitas, que ordena que sejam conduzidos á sua presença os habitantes da Terra que osaaram penetrar nos seus Estados, e propõe que sejam massacrados em presença das tropas formadas. Os Astrónomos, desesperados podem livrar-se das cordas que os amarravam. O presidente Barbenfouilles lança-se sobre o Rei dos Selenitas e joga com elle no chão. O Rei estoura como uma bomba. Os Astrónomos fogem no auge da confusão geral. O exercito dos Selenitas vai-lhes no encalço.

N. 19 — A FUGA. Correndo vertiginosamente, os Astrónomos põem-se em fuga, não sem parar repetidas vezes para reduzir a poeira os seus perseguidores mais audaciosos.

N. 20 — PERSEGUIÇÃO ENCARNIÇADA. O numero dos Selenitas augmentando consideravelmente, os Astrónomos fogem a toda a pressa, atravessando velozes, montes e vales do mais pittoresco effeito; e sempre perseguidos pelos Selenitas, que perecem massacrados em grande numero.

N. 21 — OS ASTRÓNOMOS ENCONTRAM NOVAMENTE O OBUS — EMBARQUE PARA A TERRA. Os Astrónomos, tendo novamente encontrado o obus, fecham-se nelle hermeticamente. Um dos Astrónomos, o presidente, porém, chega em átrazo, cercado de perto por dois Selenitas. Com um socco na cabeça elle mata o primeiro e com um ponta-pé magistral, o segundo é lançado nos ares e faz explosão. Em seguida o presidente atira-se a um coria pendente do obus e obriga-o com o impulso a deslizar da ponta do rochedo no espaço. Um Selenita que nesta occasião tinha subido á parte superior do obus é obrigado a fazer a viagem... involuntariamente.

N. 22 — QUEDA VERTICAL NO ESPAÇO. O obus cae vertiginosamente. O presidente Barbenfouilles pendurado na corda tenta por elle subir ao obus, enquanto que o desgraçado Selenita, morto de medo, agarra-se como um desesperado para não cair no vacuo.

N. 23 — EM PLENO OCEANO. Vê-se o mar ao longe, as vagas espumantes. O obus, de um rubro incandescente pela Trição do ar, na sua queda vertiginosa, cae no meio das ondas, fazendo repiugar enormes catadupas de aguis. O obus afunda-se nas nuvas produzindo grandes nuvens de vapor.

N. 24 — NO FUNDO DO MAR. Atravez das aguas transparentes do Oceano, vê-se o obus, afundar-se lentamente por entre destroços de navios, algas marinhas, bancos de coraes e peixes de toda a especie, até que chega ao fundo. Cassando o impulso da queda, o obus, graças ás suas camaras de ar, sobe novamente á superficie por entre os animaes aquaticos espavoridos.

N. 25 — O SALVAMENTO — A CHEGADA AO PORTO. O obus é salvo por um vapor que o leva a reboque até as docas. O Selenita sempre agarrado, deixa-se levar sem resistencia.

N. 26 — GRANDE REVISTA TRIUMPHAL. As autoridades acham-se reunidas na praça publica. A multidão aguarda a chegada dos Astrónomos. A fanfara municipal avança seguida dos marinheiros, arrastando o obus embandeirado e coberto de flores. Chegou finalmente os Astrónomos aclamados phreneticamente pelo povo em delirio.

N. 27 — DISTRIBUIÇÃO DE COROAS E CONDECORAÇÕES AOS HEROES DA VIAGEM. O intendente Municipal felicita os Astrónomos pelo seu feliz regresso. Os Astrónomos são coroados e condecorados com a ordem da Lua.

N. 28 e 29 — DESELMAR DOS MARINHEIROS E BOMBEIROS — INAUGURAÇÃO DA ESTATUA COMMEMORATIVA. As tropas da guarnição são passadas em revista e no centro da praça ergue-se a estatua commemorativa da viagem, representando o presidente Barbenfouilles, vencedor da Lua. Sobre a estatua a divisa: *Labor omnia vincit*.

N. 30 — REGRESSO PUBLICO. Terminada a cerimonia da inauguração, marinheiros, astrónomos, acotetidades e vogues municipais entregam-se a exercicios choreographicos do alta escola em redor da estatua do presidente.

Entre-acto de 15 minutos

3.º Acto

藝演國帝本日大
京東
組濟百座技舞歌



5.º SDR. KISHIZUNA

apresentará os elegantes lances dos PIÔES DE OXAKA

Terminando o interessantissimo intermezzo com a saudação á

BANDEIRA NACIONAL

6.º SDR. GORKURA SAWADA

Equilibrios da Taça de Crystal

7.º Miss. Yanah Okhyo

Snr. Yasahn Kishiwo

prodigioso trabalho da PLATAFORMA de BARISSA exito colossal dos
eximios artistas.

8.º Snr. TANKO TAMEKICKI

Snr. Mura Nowbu

Snr. TOKICHI KAWAMURA

os tres Icaros Acrobatas, campeões do concurso de Charleston

PREÇOS

Camarotes.	25\$000	Galerias nobres. . .	5\$000
Cadeiras de platéa	5\$000	Varandas	4\$000
Paraizos.	1\$500		

AVISO – A Empreza reserva-se o direito de modificar o
programmã, no caso de força maior.

O espectáculo começará ás 8 1/2 horas e terminará ás 11 1/2 horas.

SO' 2 ESPECTACULOS

Quinta-feira, 7 de Maio

2.º ESPECTACULO

Bilhetes á venda no logar do costume.

Espectaculos absolutamente intransferiveis por mudança de tempo.

O debutte foi um sucesso, o que fez com que a disputa por lugares para o segundo e último espetáculo, apesar dos ingressos elevados, aumentasse ainda mais³⁰¹. Como todos os teatros de São Paulo estavam ocupados naquele momento, a Imperial Companhia Japonesa Kudara só poderia estrear lá no dia 15 de maio de 1903. Em razão disso, ela decidiu fazer mais duas apresentações em Juiz de Fora. Elas foram agendadas para os dias 9 e 10 de maio de 1903. A programação acabou tendo que incluir novas atrações. Por exemplo, os sete cães amestrados por Yosaku Kudara e a exibição do filme “Ali Babá e os 40 ladrões”. Assim como aconteceu nos dois primeiros shows, o espaço de diversões foi quase todo tomado³⁰². O espetáculo do dia 10 era tratado, pela imprensa local, como sendo o derradeiro. Todavia, a trupe resolveu dar mais uma função dois dias depois³⁰³. Apesar do desejo, por ter adoecido um dos artistas, ela acabou não se realizando³⁰⁴. Logo, foram apenas quatro apresentações no município. A Imperial Companhia Japonesa Kudara foi para São Paulo no dia 13 de maio de 1903³⁰⁵. Ela disse que, se não fossem tão puxados os seus preços, a temporada na Princesa de Minas poderia ter durado mais³⁰⁶. No Anexo VI, eu disponibilizei uma tabela com filmes que foram projetados pela trupe em Juiz de Fora.

Como mencionei antes, naquele momento, os artistas japoneses estavam fazendo uma turnê pelo Brasil, Argentina e Chile. A informação mais antiga encontrada sobre eles data de 10 de novembro de 1902. Ela foi publicada no *Diário do Maranhão*. Segundo a folha, os membros da Imperial Companhia Japonesa Kudara haviam partido, no vapor Cearense, de Nova York para Belém. A previsão era de que eles chegariam ao Brasil naquela semana. Ary Bezerra Leite (2011) afirma que, na capital do Pará, o debutte ocorreu em 21 de novembro de 1902. Os espetáculos foram efetuados no Theatro da Paz. Infelizmente, não consegui descobrir a data de encerramento da temporada, nem a quantidade de funções realizadas. Em seguida, a trupe partiu, no vapor São Salvador, para Ma-

³⁰¹ *Jornal do Commercio*, 7 de maio de 1903, p.2.

³⁰² *Jornal do Commercio*, 9 de maio de 1903, p.2.

³⁰³ *Jornal do Commercio* 12 de maio de 1903, p.2.

³⁰⁴ *Jornal do Commercio*, 13 de maio de 1903, p.2.

³⁰⁵ *O Pharol*, 14 de maio de 1903, p.2.

³⁰⁶ *O Pharol*, 12 de maio de 1903, p.2.

naus. Ela chegou à capital do Amazonas em 10 de dezembro de 1902³⁰⁷. Lá, ela se apresentou, entre 13³⁰⁸ e 29 de dezembro de 1902³⁰⁹, no Theatro Amazonas. Quatro dias antes do término da temporada, Max Rosenthal – o empresário da companhia – comunicou à imprensa local que chegariam, no vapor Madeirense, novos artistas para integrar o grupo³¹⁰. Em 30 de dezembro de 1902, o *Quo Vadis?* relatou que os espetáculos da Imperial Companhia Japonesa Kudara estavam ficando bastante repetitivos. Poucas vezes eles tinham uma variação. No tocante às vistas animadas, a folha apontou que elas estavam insuportáveis, pois a luz tremia bastante e os quadros não tinham nenhuma nitidez. Após isso, não consegui localizar mais nenhuma menção às funções. Logo, eu considerei que a temporada foi encerrada em 29 de dezembro de 1902. Foram realizados sete espetáculos no total. Depois de se apresentar em Manaus, a trupe seguiu para São Luís. Na capital do Maranhão, ela chegou em 8 de janeiro de 1903. Lá, a estreia ocorreu dois dias depois. Os shows foram efetuados no Theatro São Luís³¹¹. Em 12 de janeiro de 1903, o *Pacotilha* comentou sobre o debute. Entretanto, os elogios feitos estavam associados às atrações de palco. Nem o projetor L’Alster, nem o Bioscópio Farragut foram mencionados. É provável que o grupo adaptasse seus espetáculos diante das circunstâncias de cada lugar. Nesse caso, ele deve ter suprimido as exibições cinematográficas devido à condições técnicas não favoráveis. A temporada em São Luís foi finalizada em 15 de janeiro de 1903. Lá, foram realizados quatro espetáculos. A imprensa declarou que os artistas japoneses iriam, no vapor Continente, para Pernambuco. Eles decidiram não passar pelo Ceará, pois “não contava ali com lugar próprio e para pequena demora”³¹². O fato deles não passarem pela capital de Fortaleza pode ter a ver com a não disponibilidade de espaços adequados, que atendessem as exigências da Imperial Companhia Japonesa Kudara.

Em 25 de janeiro de 1903, o *Diário de Pernambuco* publicou que, no dia anterior, a trupe havia chegado a Recife. Para se apresentar lá, ela precisou aguardar a concessão do Theatro Santa Isabel. Por isso, resolveu ir para outra cidade. Em 31 de janeiro, *A Província* afirmou que os artistas estavam em Maceió. Esse é um ótimo exemplo de co-

³⁰⁷ *Quo Vadis?*, 10 de dezembro de 1902, p.2.

³⁰⁸ *Quo Vadis?*, 13 de dezembro de 1902, p.3.

³⁰⁹ *Quo Vadis?*, 30 de dezembro de 1902, p.2.

³¹⁰ *Quo Vadis?*, 25 de dezembro de 1902, p.2.

³¹¹ *Pacotilha*, 8 de janeiro de 1903, p.1.

³¹² *Diário do Maranhão*, 15 de janeiro de 1903, p.2.

mo as companhias precisavam ajustar suas agendas, baseando-se na disponibilidade dos teatros dos municípios em que iriam dar espetáculos. Ary Bezerra Leite (2011) enfatiza que duas funções foram realizadas em Maceió. Elas aconteceram nos dias 30 e 31 de janeiro de 1903. Com a liberação do Theatro Santa Isabel, o grupo pôde retornar para a capital de Pernambuco. Lá, ele realizou sua temporada mais longa – entre 5³¹³ e 20 de fevereiro de 1903³¹⁴. Felipe Davson Pereira da Silva (2018) expõe que a passagem dos artistas japoneses por Recife foi uma das grandes atrações do ano de 1903, principalmente por causa do seu aparelho de projeção. O autor contabilizou 11 espetáculos no total. Em 24 de fevereiro de 1903, o *Diário da Bahia* noticiou a saída da Imperial Companhia Japonesa Kudara de Recife. O jornal comunicou que ela iria se apresentar no Polytheama Bahiano³¹⁵. Dois dias depois, a trupe chegou a Salvador no vapor Brasil. Devido ao cansaço, ela optou por só desembarcar na manhã seguinte. No porto, cerca de 300 pessoas aguardavam os artistas japoneses, o que gerou uma enorme aglomeração. Eles passaram por ruas importantes da cidade, acompanhados pela banda do 2º Batalhão, até chegarem ao Hotel Paris. A estreia ocorreu em 28 de fevereiro de 1903³¹⁶. A Imperial Companhia Japonesa Kudara disse que, por conta de compromissos no Rio de Janeiro, faria somente sete apresentações em Salvador. Em 13 de março, o *Diário da Bahia* anunciou que, dali a dois dias, seria a última exibição do grupo. A notícia do periódico indicou que o motivo para a despedida era a crise, isto é, ele não podia ficar mais tempo na cidade, pois não havia quem tivesse condições de arcar com os preços dos ingressos. No entanto, a temporada acabou se prolongando. Foram realizados mais três espetáculos, nos dias 17, 19 e 21 de março de 1903.

Em 7 de março de 1903, *O Estado do Espírito Santo* fez um comentário acerca da passagem dos artistas japoneses por Salvador e sobre a expectativa de uma ida deles para Vitória. O periódico garantiu, a partir do que havia dito Mario Cattaruzza, que a capital do Espírito Santo receberia a trupe no final do mês para uma série de quatro espetáculos no Theatro Melpomene. Em seguida, eles partiram para o Rio de Janeiro no vapor São Salvador. A temporada no Theatro São Pedro de Alcântara começou em 7 de abril de

³¹³ *Jornal Pequeno*, 3 de fevereiro de 1903, p.2

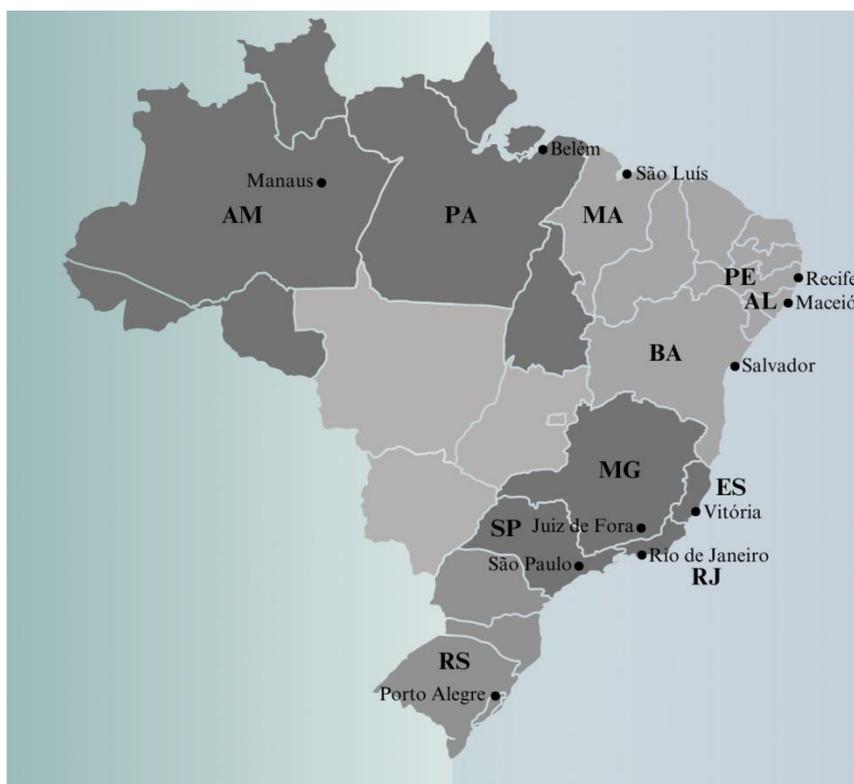
³¹⁴ *Diário de Pernambuco*, 19 de fevereiro de 1903, p. 2.

³¹⁵ *Diário da Bahia*, 24 de fevereiro de 1903, p. 1.

³¹⁶ *Diário da Bahia*, 28 de fevereiro de 1903, p.1.

1903³¹⁷ e foi encerrada em 3 de maio de 1903³¹⁸. Dois dias depois, o grupo embarcou no noturno com destino a Juiz de Fora³¹⁹. Conforme eu pontuei, ele se apresentou no Theatro Juiz de Fora entre 6 e 12 de maio de 1903. Já o período em São Paulo foi bem curto. Em 17 de maio de 1903, o *Correio Paulistano* relatou que, na véspera, a Imperial Companhia Japonesa Kudara havia estreado no Theatro Santana. O destaque ficou por conta da exibição de “Viagem à lua”. A penúltima função se deu no dia 23³²⁰. A trajetória dos artistas japoneses no país se encerrou em Porto Alegre. Alice Trusz (2010) detalha que a temporada no Theatro-Parque foi rápida e conturbada. O último espetáculo ocorreu em 6 de julho de 1903³²¹. Eles foram bastante elogiados, mesmo que tenham realizado poucas apresentações. Após a capital do Rio Grande do Sul, a trupe embarcou para Buenos Aires. Com isso, finalizou a sua turnê pelo Brasil.

Mapa 9 – Cidades onde a Imperial Companhia Japonesa Kudara se apresentou



³¹⁷ *Gazeta de Notícias*, 3 de abril de 1903, p.2.

³¹⁸ *Gazeta de Notícias*, 3 de maio de 1903, p.2.

³¹⁹ *Correio da Manhã*, 5 de maio de 1903, p.3.

³²⁰ *Correio Paulistano*, 23 de maio de 1903, p.3.

³²¹ *A Federação*, 6 de julho de 1903, p.2.

Por fim, é essencial comentar que, dentre as quatro categorias de exibidores ambulantes identificadas por Deac Rossell (2000), a Imperial Companhia Japonesa Kudara se inseria na dos exibidores independentes experientes. Embora o emprego prévio de lanternas mágicas nos espetáculos seja desconhecido, a trupe tinha um vasto conhecimento no setor do entretenimento. O sucesso dos artistas japoneses era produto da organização da companhia. Nesse sentido, é válido destacar o trabalho do empresário Max Rosenthal e do secretário Mario Cattaruzza no planejamento e promoção da turnê pelo país.

2.5 – Ernesto Acton de Sá

Em 5 de julho de 1903, o *Jornal do Commercio* informou que o célebre prestidigitador Ernesto Acton de Sá se encontrava em Juiz de Fora. Respeitado também por seu trabalho como naturalista, ele atuou nos principais municípios brasileiros, sempre alcançando um grande sucesso. Além dos seus notáveis trabalhos de magia, ele pretendia exibir, na Princesa de Minas, um moderno cinematógrafo. Antes de chegar à cidade, ele tinha visitado Guarani e Rio Pomba³²². O debute estava programado para o dia 11 de julho de 1903³²³. O Theatro Juiz de Fora abrigaria a função³²⁴. Porém, devido a uma enfermidade que atingiu Ernesto Acton de Sá, a primeira apresentação foi remarcada duas vezes. Primeiro, para o dia 12³²⁵. Depois, para o dia 16³²⁶. Quando o artista se sentiu melhor, o mau tempo em Juiz de Fora levou a um novo adiamento. A previsão era que a estreia finalmente iria acontecer no dia 18³²⁷. Todavia, mais uma vez, ela não foi realizada, dessa vez por falta de concorrência³²⁸. Ela só foi ocorrer no dia seguinte. Os números executados agradaram bastante aos poucos que compareceram. O espetáculo teve quatro partes: [1] o ilusionismo e suas diabruras; [2] alta magia branca, negra e taumaturgia humorísti-

³²² *O Pharol*, 1º de abril de 1903, p.2.

³²³ *Jornal do Commercio*, 7 de julho de 1903, p.2.

³²⁴ *Jornal do Commercio*, 11 de julho de 1903, p.2.

³²⁵ *Jornal do Commercio*, 12 de julho de 1903, p.2.

³²⁶ *Jornal do Commercio*, 15 de julho de 1903, p.2.

³²⁷ *Jornal do Commercio*, 18 de julho de 1903, p.2.

³²⁸ *O Pharol*, 19 de julho de 1903, p.2.

ca; [3] difíceis trabalhos de escamoteação e ilusionismo; [4] o cinematógrafo³²⁹. Ernesto Acton de Sá deu apenas mais uma função na cidade, em 26 de julho de 1903. Dessa vez, o público foi maior³³⁰. Tal como o Professor Kij, a sua ampla experiência no setor do entretenimento adveio da sua atuação, durante muito tempo, como prestidigitador. Por isso, ainda que não tenha atuado como lanternista, ele é categorizado como exibidor independente experiente de acordo com o proposto por Deac Rossell (2000).

2.6 – José Werre

Em 20 de outubro de 1903, o *Jornal do Commercio* noticiou que José Werre, representante de uma empresa de Londres, estava em Juiz de Fora. Ele possuía um Bioscópio Inglês que considerava superior a todos os dispositivos que, até o momento, haviam passado pelo Brasil. Além do projetor, ele também trouxe para a cidade um zonofone³³¹. As apresentações seriam realizadas em parceria com a Companhia Silvério da Cunha³³². O debute, que aconteceu em 23 de outubro de 1903³³³, foi fracionado em três partes. Na primeira, vistas foram exibidas pelo Bioscópio Inglês. Na segunda, uma comédia foi encenada pela Companhia Silvério da Cunha. Na terceira, novas fitas foram mostradas pela máquina de José Werre, além da mágica “Os sete pecados mortais”³³⁴. O Theatro Juiz de Fora ficou lotado. O Bioscópio Inglês foi avaliado pela imprensa local como um dos melhores aparelhos já fabricados. O único problema foi que, por estar um tanto fraca, a luz elétrica não realçou as obras projetadas como deveria³³⁵. Talvez por isso o segundo espetáculo, que foi agendado para 25 de outubro de 1903, não atraiu muitas pessoas. Porém, as que compareceram ficaram satisfeitas com o que viram³³⁶. Com o objetivo de aumentar o número de frequentadores, uma estratégia foi colocada em prática. O Bioscópio In-

³²⁹ *O Pharol*, 21 de julho de 1903, p.2.

³³⁰ *O Pharol*, 28 de julho de 1903, p.2.

³³¹ *O Pharol*, 21 de outubro de 1903, p.2.

³³² *O Pharol*, 20 de outubro de 1903, p.2.

³³³ *Jornal do Commercio*, 24 de outubro de 1903, p.2.

³³⁴ *Jornal do Commercio*, 22 de outubro de 1903, p.2.

³³⁵ *O Pharol*, 25 de outubro de 1903, p.2.

³³⁶ *O Pharol*, 27 de outubro de 1903, p.2.

glês passaria a ser apresentado no Theatro Edison – situado na Rua Halfeld, nº 105, onde era a Casa da América –, que havia sido inaugurado recentemente³³⁷. Lá, era possível cobrar uma entrada mais barata. Adultos pagavam 1\$000 e crianças 500 réis. Graças a isso, as funções dadas em 1º e 2 de novembro de 1903 tiveram grande concorrência³³⁸. A temporada em Juiz de Fora foi finalizada no dia 15 daquele mês³³⁹. No total, eu mapeei nove espetáculos. No Anexo VII, eu disponibilizei uma tabela com filmes que foram exibidos por José Werre na Princesa de Minas. Depois de passar pela principal cidade da Zona da Mata, foi para Rio Novo³⁴⁰. No ano seguinte, se apresentou em Paraíba do Sul³⁴¹. Baseado nas poucas informações que foram coletadas, é arriscado incluí-lo numa das categorias de ambulantes propostas por Deac Rossell (2000).

2.7 – Edouard Hervet

Em 10 de dezembro de 1904, o *Jornal do Commercio* publicou que o empresário Edouard Hervet tinha a intenção de vir a Juiz de Fora para mostrar o Cinematógrafo Falante³⁴². Naquela época, ele trabalhava no Theatro Lyrico, que ficava no Rio de Janeiro. A primeira função na cidade seria dada, no último dia do ano, no espaço de diversões criado pelos irmãos Ferreira Lage³⁴³. A concorrência foi boa. O responsável pelo dispositivo teve que repetir diversas vistas, pois elas foram muito apreciadas pelo público³⁴⁴. Em 8 de janeiro de 1905, foi realizada a última apresentação no município. Como estratégia

³³⁷ *O Pharol*, 31 de outubro de 1903, p.2.

³³⁸ *Jornal do Commercio*, 3 de novembro de 1903, p.2.

³³⁹ *O Pharol*, 15 de novembro de 1903, p.2.

³⁴⁰ *O Pharol*, 20 de novembro de 1903, p.2.

³⁴¹ *O Pharol*, 29 de janeiro de 1904, p.2.

³⁴² O Cinematógrafo Falante é considerado a primeira experiência sistemática de sincronização entre imagens e sons a ser mostrada no país. O seu aparecimento abrange o período entre 1902 e 1908. Em 1902, ele se deu de forma isolada e breve. Um período de maior sucesso e duração aconteceu entre 1904 e 1906. Por fim, entre 1907 e 1908, o surto de falantes foi interrompido pelo advento de outro modo de sincronização, os chamados filmes cantantes.

³⁴³ *O Pharol*, 29 de dezembro de 1904, p.2.

³⁴⁴ *Jornal do Commercio*, 3 de janeiro de 1905, p.2.

para atrair mais pessoas, os preços dos camarotes, galerias e cadeiras foram reduzidos³⁴⁵. Depois de Juiz de Fora, Edouard Hervet decidiu levar o Cinematógrafo Falante para Ouro Preto. Lá, a máquina estreou em 14 de janeiro de 1905³⁴⁶. *O Pharol* afirmou que o espetáculo do dia 17 foi tão disputado que a venda dos ingressos na bilheteria teve que ser suspensa. Para garantir a ordem no local, o delegado A. Praes foi chamado³⁴⁷. Apesar da casa cheia na antiga capital de Minas Gerais, Edouard Hervet resolveu retornar para Juiz de Fora para uma nova temporada de funções³⁴⁸. Elas foram efetuadas em 21, 22 e 24 de janeiro de 1905³⁴⁹. Somando os dois períodos na cidade, o Cinematógrafo Falante foi apresentado oito vezes. Em 8 de fevereiro de 1905, o *Jornal do Commercio* disse que, dali a quatro dias, seria realizado, no Theatro Juiz de Fora, um espetáculo em benefício da banda Filhos de Euterpe. O ator e transformista Costa Maia faria o despropósito a propósito intitulado “Cinematógrafo Falante”. Segundo Jacó Guinsburg (2006), o despropósito a propósito “é uma peça curta, de espírito cômico e paródico, escrita em função de algum acontecimento recente de grande repercussão” (p.36). Logo, a passagem da máquina de Edouard Hervet deixou uma marca nos juiz-foranos. A função foi transferida para 19 de fevereiro de 1905³⁵⁰. Costa Maia foi muito apreciado pela plateia, que deu muitas gargalhadas³⁵¹. Dois anos e dez meses depois, o exibidor ambulante voltou à Princesa de Minas com seu aparelho. A temporada se estendeu de 21 de novembro de 1907³⁵² a 8 de dezembro de 1907³⁵³. No total, foram 11 espetáculos na cidade. No Anexo X, eu disponibilizei uma tabela com filmes que foram projetados por Edouard Hervet em Juiz de Fora. Segundo Deac Rossell (2000), Edouard Hervet pode ser categorizado como exibidor independente. Contudo, devido à escassez de informações levantadas, não é possível dizer se ele era experiente ou novato.

³⁴⁵ *Jornal do Commercio*, 8 de janeiro de 1905, p.2.

³⁴⁶ *O Pharol*, 13 de janeiro de 1905, p.2.

³⁴⁷ *O Pharol*, 20 janeiro de 1905, p.2.

³⁴⁸ *O Pharol*, 21 de janeiro de 1905, p.2.

³⁴⁹ *Jornal do Commercio*, 24 de janeiro de 1905, p.2.

³⁵⁰ *Jornal do Commercio*, 9 de fevereiro de 1905, p.2.

³⁵¹ *O Pharol*, 21 de fevereiro de 1905, p.2.

³⁵² *O Pharol*, 21 de novembro de 1907, p.2.

³⁵³ *O Pharol*, 8 de dezembro de 1907, p.2.

2.8 – José Barucci

O registro mais antigo que eu encontrei da atuação de José Barucci como exibidor data de 2 de fevereiro de 1905. Nesse momento, ele estava em São João Del-Rei. Lá, apresentava, com grande concorrência, o Cinematógrafo Biógrafo³⁵⁴. Depois de uma temporada em Belo Horizonte, onde recebeu vários elogios³⁵⁵, o ambulante veio para Juiz de Fora. Na casa de diversões fundada pelos irmãos Ferreira Lage, ele estreou em 3 de maio de 1905³⁵⁶. No programa, figuravam vistas fixas de Belo Horizonte e Juiz de Fora³⁵⁷. No segundo espetáculo, que ocorreu três dias depois, o aparelho de José Barucci também apresentou vistas animadas³⁵⁸. A terceira e derradeira função aconteceu em 7 de maio de 1905. Dentre as obras projetadas, a tomada de Porto Arthur e outras cenas da guerra russo-japonesa³⁵⁹. O ambulante partiu para São Paulo no dia seguinte³⁶⁰. No Anexo VIII, eu disponibilizei uma tabela com filmes mostrados por José Barucci. Infelizmente, eu não localizei nos periódicos registros da passagem desse exibidor por outros municípios brasileiros, nem consegui mais informações sobre as suas origens. Em razão disso, classificá-lo segundo os grupos pensados por Deac Rossell (2000) seria precipitado.

Quando analisei Carlos Alberto Nunes Leal, abordei o Cinema Pharol Reclame, que foi instalado na fachada do edifício de *O Pharol*. Além de anúncios, ele exibia, gratuitamente, filmes para a população. Como pontuei, essa foi uma experiência importante. Nesse momento, eu gostaria de destacar outra que tinha o mesmo propósito e ocorreu anos antes. Em 2 de setembro de 1905, *O Pharol* relatou que o Clube Primitivos Grafos havia encomendado da Alemanha um projetor. Ao longo do mês, o periódico utilizou os nomes “Biógrafo” e “Cinematógrafo” para se referir a ele. As exibições eram realizadas,

³⁵⁴ *O Pharol*, 2 de fevereiro de 1905, p.2

³⁵⁵ *O Pharol*, 3 de maio de 1905, p.2

³⁵⁶ *O Pharol*, 28 de abril de 1905, p.2

³⁵⁷ *Jornal do Commercio*, 3 de maio de 1905, p.2.

³⁵⁸ *O Pharol*, 6 de maio de 1905, p.2.

³⁵⁹ *Jornal do Commercio*, 7 de maio de 1905, p.2

³⁶⁰ *O Pharol*, 9 de maio de 1905, p.2.

gratuitamente, em frente à sede do clube. A primeira foi em 3 de setembro de 1905. No debute, a Rua Halfeld ficou lotada de pessoas. Elas apreciaram e aplaudiram os filmes. A banda Lyra Guarany executou várias músicas do seu repertório. Além das vistas, foram apresentados também retratos de personagens célebres – como os de Floriano Peixoto e Santos Dumont – e reclames de casas comerciais. O aparelho era comandado pelo eletricitista Joaquim da Silveira. Após a sessão, foi organizado no salão do estabelecimento um sarau dançante³⁶¹. A última menção que encontrei nos jornais do seu funcionamento data de 29 de outubro de 1905³⁶².

2.9 – Joseph Adams Gott & Cia.

O registro mais antigo que eu localizei sobre a atuação de Joseph Adams Gott & Cia. no ramo da exibição data de 20 de junho de 1906. Nesse dia, *O Pharol* disse que Sete Lagoas iria receber, no Theatro Redenção, um espetáculo dado pela empresa, que chegaria à cidade durante a semana. No início de julho, a redação de tal jornal recebeu a visita do responsável pela empresa, que residia em Belo Horizonte. Joseph Adams Gott afirmou que pretendia realizar, no Theatro Juiz de Fora, uma série de exposições³⁶³. A primeira aconteceria em 8 de julho de 1906. A folha garantiu que a companhia tinha obtido sucesso nos locais em que se apresentou. O espetáculo de estreia seria abrilhantado pela banda do 1º Batalhão da Força Policial do Estado, que tocava várias peças do seu repertório³⁶⁴. O debute foi bastante concorrido. O aparelho operou perfeitamente, tendo sido projetadas vistas que agradaram os espectadores. A empresa de Joseph Adams Gott iria dar mais uma função em 12 de julho de 1906. A expectativa era atrair um grande número de espectadores³⁶⁵, o que aconteceu³⁶⁶. Devido à falta de informações obtidas sobre o

³⁶¹ *O Pharol*, 5 de setembro de 1905, p.2.

³⁶² *Jornal do Commercio*, 29 de outubro de 1905, p.2.

³⁶³ *O Pharol*, 6 de julho de 1906, p.2.

³⁶⁴ *O Pharol*, 8 de julho de 1906, p.2.

³⁶⁵ *O Pharol*, 12 de julho de 1906, p.2.

³⁶⁶ *O Pharol*, 13 de julho de 1906, p.2.

ambulante, também julgo bastante arriscado categorizá-lo de acordo com o proposto por Deac Rossell (2000).

2.10 – Theatro Circo Variedades

Em 16 de novembro de 1906, *O Pharol* relatou que havia recebido uma comunicação dizendo que, brevemente, chegaria a Juiz de Fora, onde pretendia dar uma série de espetáculos, a Companhia do Theatro Circo Variedades, de propriedade de Raphael Spinelli. Naquele momento, os seus artistas estavam se apresentando no Rio de Janeiro. No mês seguinte, foi iniciado o serviço de construção do pavilhão equestre. Ele foi montado em um terreno na Rua da Liberdade, junto a uma fábrica de fumos³⁶⁷. A estreia foi agendada para 8 de dezembro de 1906. A função teve um bom público³⁶⁸. Cinco dias depois, *O Pharol* mencionou que um projetor fílmico seria incluído nos espetáculos. Na mesma data, o *Jornal do Commercio* completou a informação dizendo que o dispositivo era um Biógrafo. Esse aparelho fez parte do programa de muitas apresentações ao longo daquele mês. Por exemplo, nos dias 15, 27 e 28. Pelas informações levantadas, ainda que poucas, é possível afirmar que, dentro das categorias definidas por Deac Rossell (2000), Raphael Spinelli, dono da Companhia do Theatro Circo Variedades, é um exibidor independente experiente.

2.11 – Pimenta & Cia.

Em 14 de junho de 1907, *O Pharol* informou que a empresa Pimenta & Cia estava em Juiz de Fora. No Club João Caetano, ela iria apresentar o seu magnífico Biógrafo Pathé Frères. A princípio, foram agendados dois espetáculos, nos dias 15 e 16 de junho de 1907. Porém, o debute acabou sendo adiado para três dias depois³⁶⁹. Infelizmente, eu não encontrei nos jornais registros da passagem desse exibidor por outros municípios do

³⁶⁷ *O Pharol*, 5 de dezembro de 1906, p.2.

³⁶⁸ *O Pharol*, 9 de dezembro de 1906, p.2.

³⁶⁹ *O Pharol*, 15 de junho de 1907, p.2.

Brasil, nem obtive mais detalhes sobre as origens dos seus representantes. Por isso, seria precipitado incluí-lo num dos grupos estabelecidos por Deac Rossell (2000).

2.12 – A. Romero

Em 26 de julho de 1907, *O Pharol* noticiou que o exibidor A. Romero estava em Juiz de Fora. Ele pretendia realizar no Theatro Juiz de Fora uma série de projeções fílmicas. A. Romero dispunha de uma máquina nova, que havia chegado de Paris há cerca de dois meses. A primeira apresentação ocorreria no dia seguinte. Em 28 de julho de 1907, foi efetuado o segundo espetáculo. Todavia, o aparelho não agradou, pelo fato das vistas serem conhecidas, bastante apagadas e muito trepidantes. A concorrência foi pequena. *O Pharol* apontou que, pela cidade, já haviam passado cinematógrafos melhores³⁷⁰. Novamente, a falta de dados a respeito do ambulante elimina a possibilidade de categorizá-lo conforme propõe Deac Rossell (2000).

2.13 – Guimarães & Cia.

Em 12 de novembro de 1907, *O Pharol* comunicou que, por conta de problemas com a resistência elétrica, a estreia da empresa Guimarães & Cia estava demorando a ser anunciada. Ela finalmente ocorreu em 16 de novembro de 1907, às 19h. No dia seguinte, mais um espetáculo estava programado³⁷¹. Mais uma vez, a ausência de informações sobre o ambulante impede a sua classificação de acordo com a orientação de Deac Rossell (2000).

2.14 – Empresa Brasileira de Cinematógrafo

Em 5 de janeiro de 1908, *O Pharol* informou a chegada da Empresa Brasileira de Cinematógrafo, que era dirigida por João Palmeira Júnior e Guilhermino Mendes. Ela i-

³⁷⁰ *O Pharol*, 30 de julho de 1907, p.2.

³⁷¹ *O Pharol*, 17 de novembro de 1907, p.2.

ria ocupar o Theatro Juiz de Fora. Segundo os jornalistas que assistiram à sessão dedicada à imprensa, três dias depois, o aparelho era excepcional. As vistas eram nítidas, fixas e de grande efeito³⁷². Durante o período em que estiveram em Juiz de Fora, lidaram com diversos problemas. Por exemplo, a falta de luz. Graças a isso, não houve função em uma das datas previamente anunciadas. Como os ingressos já estavam vendidos, os empresários foram obrigados a restituir o importe das entradas devido à pane elétrica. Além disso, por estar incompleta, a música desagradou a audiência em uma das apresentações³⁷³. Em 28 de janeiro de 1908, *O Pharol* noticiou que, na véspera, os proprietários haviam ido para São João Del-Rei. Infelizmente, a carência de dados obtidos inviabiliza o enquadramento dos proprietários da Empresa Brasileira de Cinematógrafo em um dos grupos que foram citados por Deac Rossell (2000).

2.15 – Windsor Castle

Em 2 de fevereiro de 1908, *O Pharol* destacou a chegada, na cidade, da empresa Windsor Castle. O seu projetor, que havia sido adquirido por intermédio da conceituada casa Marc Ferrez, era da fabricante Pathé. Por sua vez, ela possuía uma coleção de fitas interessantes da Gaumont. O debute estava programado para acontecer em 15 de fevereiro 1908³⁷⁴. Os ingressos podiam ser comprados na Confeitaria Rio de Janeiro, que se localizava na Rua Halfeld, nº 157, das 12h às 17h, e na bilheteria do Theatro Juiz de Fora, a partir de então³⁷⁵. A estreia teve concorrência regular. Todavia, as vistas exibidas agradaram aos que compareceram³⁷⁶. Em 25 de fevereiro de 1908, *O Pharol* publicou artigo de Ellius Mares. O seu texto ressaltou que a máquina da Windsor Castle era um dos melhores cinematógrafos que já haviam passado por Juiz de Fora. Contudo, criticou os longos intervalos. O autor disse que, devido à demora, muitas pessoas cochilaram no recinto. Por causa do Carnaval, os responsáveis pelo aparelho decidiram suspender os espetá-

³⁷² *O Pharol*, 10 de janeiro de 1908, p.2.

³⁷³ *O Pharol*, 14 de janeiro de 1908, p.2.

³⁷⁴ *O Pharol*, 13 de fevereiro de 1908, p.2.

³⁷⁵ *O Pharol*, 15 de fevereiro de 1908, p.2.

³⁷⁶ *O Pharol*, 17 de fevereiro de 1908, p.2.

culos. Eles foram reiniciados em 10 de março de 1908³⁷⁷. No final daquele mês, *O Pharol* mencionou que, a pedido do Dr. A. Aguiar, a Windsor Castle resolveu dar um benefício em favor da fundação da Escola de Medicina de Juiz de Fora. A função foi agendada para 1º de abril de 1908³⁷⁸. Dois dias após a apresentação, tal periódico divulgou que ela contou com a exibição de fitas fornecidas por Palmeira e Mendes. Como apontei anteriormente, eles eram os proprietários da Empresa Brasileira de Cinematógrafo. Porém, nessa mesma edição, o jornal trouxe o discurso de agradecimento do Dr. A. Aguiar pela presença no espetáculo organizado pela Windsor Castle. Logo, eu suponho que, quando citou a Empresa Brasileira de Cinematógrafo, desejava se referir à Windsor Castle³⁷⁹. Afinal, no subcapítulo acima, afirmo que Palmeira e Mendes tinham partido para São João Del-Rei em 27 de janeiro de 1908. No Anexo XI, disponibilizei uma tabela com filmes que foram projetados pela Windsor Castle em Juiz de Fora. Os dados limitados não permitem que eu classifique a firma dentro de um dos grupos tipificados por Deac Rossell (2000).

2.16 – William & Cia.

Em 15 de abril de 1908, *O Pharol* publicou que, dali a três dias, o Cinematógrafo Rio Branco, da empresa William & Cia., estrearia no município. Ela possuía fitas exclusivas de temáticas nacionais, que haviam sido tiradas pelo Mr. Arnaud – o seu operador. Por sua vez, ele prometeu registrar imagens da Estação de Juiz de Fora. Em 20 de abril de 1908, *O Pharol* atestou que a primeira apresentação havia sido um verdadeiro sucesso. As vistas que foram exibidas agradaram bastante. C. Rodrigues – o representante da companhia na cidade – expressou gratidão aos que compareceram à função. Ademais, ele informou ao público que, como a William & Cia. não poupa sacrifícios para mostrar projeções fílmicas absolutamente perfeitas, ela optou por mandar sua máquina ao Rio de Janeiro. Apesar de novo, o aparelho não deu o resultado esperado. Por tal razão, os espetáculos seriam suspensos até que ele fosse consertado. Em 23 de abril de 1908, *O Pharol* revelou que, na madrugada, Mr. Arnaud havia retornado a Juiz de Fora com um Chrono

³⁷⁷ *O Pharol*, 10 de março de 1908, p.2.

³⁷⁸ *O Pharol*, 31 de março de 1908, p.1.

³⁷⁹ *O Pharol*, 3 de abril de 1908, p.1.

Gaumont, a última novidade dentre os projetores. Tal dispositivo estrearia naquela data. A repercussão foi extremamente positiva³⁸⁰. Dias depois, William & Cia. anunciou a sua última função em Juiz de Fora³⁸¹. No Anexo XII, disponibilizei uma tabela com filmes que foram exibidos pela empresa no município. Amparado nas poucas informações mapeadas, é arriscado inseri-lo em uma das categorias de ambulantes sugeridas por Deac Rossell (2000).

No terceiro (e último) capítulo desta tese, abordarei o processo de sedentarização da atividade cinematográfica na Princesa de Minas. Nos últimos anos da primeira década do século XX, foram abertos, na cidade, espaços voltados, exclusivamente, para a projeção fílmica. Por exemplo, o Cinematógrafo Brasil (1908), o Cinema Pathé (1908), o Cinema Juiz de Fora (1908), o Cinema Paris (1909), o Cinema Pharol (João Evangelista da Silva Gomes) (1910) e o Polytheama (1910). Porém, é importante dizer que o surgimento das salas fixas não significou o fim das exibições cinematográficas realizadas por ambulantes. Nessa mesma época, passaram por Juiz de Fora, dentre outros, o Cinema Pharol (Lussac & Almeida) (1908) e o Cinema-Theatro (1909). Por fim, no último tópico, eu comento como o processo de sedentarização da atividade cinematográfica não somente alterou a paisagem urbana do município mineiro, mas também estimulou, na sua Câmara Municipal, uma discussão sobre o valor do imposto a ser cobrado dos proprietários de cinematógrafos.

³⁸⁰ *O Pharol*, 24 de abril de 1908, p.2.

³⁸¹ *O Pharol*, 26 de abril de 1908, p.2.

CAPÍTULO III – A DOENÇA CRIA RAÍZES

No capítulo anterior, ao tratar de Carlos Alberto Nunes Leal, eu mencionei que o português foi responsável pelas primeiras tentativas de sedentarização da atividade cinematográfica na Princesa de Minas. Entre 1900 e 1902, ele esteve à frente dos Salões Paris, High Life e Novidades. A minha hipótese é que tais iniciativas não deram certo, pois Leal não possuía tantas fitas para exhibir. A repetição pode ter feito com que o número de espectadores caísse a cada dia. Assim, não lhe sobrou escolha além de partir para outras cidades. De acordo com Alice Dubina Trusz (2013), no Brasil, a abertura de espaços voltados, exclusivamente, para a projeção fílmica foi constatada, primeiro, no Rio de Janeiro (agosto de 1907) e em São Paulo (novembro de 1907). Os empreendedores que investiram nessa área enfrentaram inúmeras dificuldades nos anos iniciais. Antes de tudo, foi preciso reforçar, junto ao público, que os novos locais eram mais adequados do que os teatros para a realização de exhibições. Ou seja, era necessário romper com uma tradição. O processo de sedentarização da atividade cinematográfica experimentou uma instabilidade em diversos municípios do país. Salas abriam e fechavam ou trocavam de nome, proprietário e endereço. Conforme apontarei no tópico 3.1, em Juiz de Fora, o Cinematógrafo Brasil foi inaugurado em maio de 1908. Ele operou até, pelo menos, dezembro daquele ano. A fundação de espaços dedicados, tão somente, à projeção fílmica alterou a paisagem urbana das cidades. Na Princesa de Minas, os primeiros se situavam nas Ruas Direita e Halfeld³⁸². Além do Cinematógrafo Brasil, neste capítulo, eu trago informações sobre o Cinema Pathé (1908), o Cinema Juiz de Fora (1908), o Cinema Paris (1909), o Ideal Cinema (1909), o Cinema Pharol (João Evangelista da Silva Gomes) (1910) e o Polytheama (1910). Por sua vez, é importante ressaltar que a mobilização em prol da abertura de salas não significou o fim imediato das exhibições feitas por ambulantes em Juiz de Fora. Pelo contrário, durante algum tempo, eles continuaram realizando espetáculos no município. É o caso do Cinema Pharol (Lussac & Almeida) (1908), do Radium-Grapho-Cinema (1908) e do Cinema-Theatro (1909), que também serão abordados por mim neste capítulo. Finalmente, no último tópico desta investigação, eu analiso como a fixação moti-

³⁸² No decorrer do século XX, a Rua Halfeld passou a ser conhecida como a Cinelândia Juiz-forana. João Luiz Vieira (2021) define “Cinelândia” como a concentração de salas de cinema em uma área urbana relativamente pequena, com três ou mais espaços de projeção fílmica que se situam próximos uns dos outros. Além das salas mencionadas neste estudo, a Rua Halfeld também abrigou os cinemas Halfeld (1915), Paz (1920), Glória (1929), Central (1929), Palace (1948), São Luiz (1955) e Festival (1969).

vou um debate, na Câmara Municipal da cidade, acerca do valor do imposto que deveria ser cobrado dos proprietários dos novos estabelecimentos. Enquanto gênero de diversões, o cinema não fazia parte, até o momento, da tabela de impostos local. Ou seja, ele não era previsto. Para efeito de cobrança, o órgão legislativo o equiparava ao teatro. Portanto, de ambos os espetáculos era exigida a mesma quantia. Todavia, isso acabava prejudicando os exibidores. Com o intuito de melhorar a própria situação, eles acionaram os vereadores de Juiz de Fora para que o assunto pudesse ser adequadamente discutido no plenário.

3.1 – Cinematógrafo Brasil

Em 26 de maio de 1908, *O Pharol* noticiou que o Cinematógrafo Brasil começou a operar em Juiz de Fora. O projetor, que pertencia a Leon Morimont, tinha sido instalado na Rua Halfeld, nº 163. O local ficava debaixo do Club Juiz de Fora³⁸³, entidade que foi inaugurada em 1º de janeiro de 1903³⁸⁴. As sessões eram realizadas de hora em hora, a partir das 18. O periódico relatou que o aparelho era um dos melhores que já passaram pelo município e as fitas eram de muito bom gosto³⁸⁵. Os poucos registros de seu proprietário que eu consegui encontrar na imprensa diziam que ele havia gerido as reformas do Theatro Lucinda antes da casa de espetáculos receber a peça “Paris na ponta”, montada, em novembro de 1907, pela Empresa Paschoal e Portulez³⁸⁶. A última notícia localizada nas folhas acerca do funcionamento do Cinematógrafo Brasil data de 29 de dezembro de 1908³⁸⁷. Ela não faz referência ao encerramento das atividades. Pelo contrário, ela menciona que foi bastante animada a sessão realizada no dia anterior. Assim, o espaço de diversões permaneceu aberto, pelo menos, entre os meses de maio e dezembro de 1908. Uma reflexão sobre o processo de sedentarização da atividade cinematográfica na Princesa

³⁸³ *O Pharol*, 28 de maio de 1908, p.2.

³⁸⁴ *O Pharol*, 1º de janeiro de 1903, p.2.

³⁸⁵ *O Pharol*, 29 de maio de 1908, p.2.

³⁸⁶ *Correio de Notícias* (RJ), 4 de novembro de 1907, p.6. Durante o desenvolvimento da minha pesquisa, foram coletados dados em dois periódicos que tinham o mesmo nome (*Correio de Notícias*). Um circulava em Curitiba e o outro no Rio de Janeiro. Para diferenciá-los, foi colocada, entre parênteses, a sigla “RJ” quando o jornal fluminense é mencionado.

³⁸⁷ *O Pharol*, 29 de dezembro de 1908, p.2.

de Minas passa necessariamente pela trajetória desse empreendimento. No Anexo XIV, eu disponibilizei uma tabela com filmes que foram exibidos no Cinematógrafo Brasil.

Figura 50 – Esquina da Rua Direita com a Rua Halfeld



À esquerda, o prédio que abrigava o Club Juiz de Fora.

Esse prédio não existe mais. No local, foi construído o Edifício Juiz de Fora.

Disponível no site: **Maurício Resgatando o Passado** (<http://mauricioresgatandoopassado.blogspot.com/>)

3.2 – Cinema Pharol (Lussac & Almeida)

Em 9 de julho de 1908, *O Pharol* declarou que o Cinema Pharol estrearia, naquele dia, em Juiz de Fora. Para o primeiro espetáculo, a empresa Lussac & Almeida – a sua proprietária – prometeu exibir 1200 metros de fitas. Quatro sessões iriam ocorrer, a partir das 18h. No debate, ele atraiu muitos espectadores. Segundo *O Pharol*, isso aconteceu não apenas pela nitidez do aparelho, que era um dos melhores que já tinham passado pelo município, mas também pelas vistas que haviam sido compradas por sua firma³⁸⁸. Durante o período em Juiz de Fora, o filme que mais fez sucesso foi “Os estranguladores” (1906), reconstituição do roubo da joalheria de Jacob Fuocco – localizada na Rua da Carioca – e do estrangulamento dos seus dois sobrinhos, Carluccio e Paulino³⁸⁹. Dirigido por Antônio Leal, “Os estranguladores” foi a primeira produção brasileira a ultrapassar a metragem curta do rolo único. Ele serviu como ponto de partida para o estabelecimento

³⁸⁸ *O Pharol*, 11 de agosto de 1908, p.2.

³⁸⁹ *O Pharol*, 14 de agosto de 1908, p.2.

do chamado filme criminal, que, na época, dominou os cinemas da nação. Dentre outras obras, é possível mencionar “O crime da mala” (1908), reconstituição do assassinato de Elias Farhat por Miguel Traad, que esquartejou o cadáver, colocou-o dentro de uma mala, seguiu para Santos e tomou um navio com a finalidade de jogá-lo no oceano, “O crime de Paula Matos” (1913), reconstituição do homicídio do industrial Adolfo Freire pelo jardineiro Augusto Henriques no Rio de Janeiro, e, por fim, “O crime dos Banhados” (1914), reconstituição de uma chacina no interior do Rio Grande do Sul que matou toda a família de um proprietário rural. A derradeira função do Cinema Pharol aconteceu em 16 de agosto de 1908³⁹⁰. Quatro dias depois, a empresa Lussac & Almeida partiu para o Rio de Janeiro³⁹¹. No Anexo XV, eu disponibilizei uma tabela com filmes que foram exibidos pelo Cinema Pharol em Juiz de Fora. Dada à escassez de informações, eu acho arriscado enquadrá-lo em uma das categorias que foram identificadas por Deac Rossell (2000).

Em 19 de agosto de 1908, *O Pharol* publicou, na seção “Notas avulsas”, o depoimento de um dos seus leitores a respeito do cinematógrafo. Ele se considerava um grande apreciador de fitas. Por causa disso, todas as noites, durante meia hora, às vezes mais, se sentava numa cadeira, quase sempre do Cinema Pharol, e ficava vendo-as. Para ele, o cinematógrafo era a invenção mais interessante que havia aparecido nos últimos tempos. O leitor debochou daqueles que criticavam o fato da máquina ser um divertimento barato. Em sua opinião, essa era uma das suas maiores qualidades. As memórias do depoente indicavam que o primeiro cinematógrafo que ele viu passar pela Princesa de Minas foi o de Edouard Hervet. Ele se recorda de que, na época, o teatro do município ficou bastante cheio. Depois, foi a vez do Cinematógrafo Brasil e do Cinema Pharol chegarem a Juiz de Fora. O leitor afirmou que, nos primeiros dias, nenhum deles atraiu muitos espectadores. Porém, dentro de pouco tempo, as pessoas estavam disputando os ingressos nas bilheterias. Testemunhos como esse são valiosos, pois, quando combinados com outras evidências, como registros documentais, ajudam a criar uma visão mais completa e multifacetada dos acontecimentos.

³⁹⁰ *O Pharol*, 17 de agosto de 1908, p.2.

³⁹¹ *O Pharol*, 20 de agosto de 1908, p.2.

3.3 – Radium-Grapho-Cinema

Em 6 de agosto de 1908, *O Pharol* apontou que haviam sido concluídas as obras do Édén Juiz de Fora, que ficava anexo à Confeitaria Rio de Janeiro. O salão comportava um grande número de espectadores, era confortável e estava caprichosamente decorado. A inauguração ocorreria dois dias depois. Nela, Zaza seria apresentada pela Companhia Bolognesi³⁹². Em 13 de agosto de 1908, tal folha comunicou que, no local, tinha sido instalado o aparelho Radium-Grapho-Cinema, uma novidade no gênero de vistas animadas que prometia fitas do fabricante Pathé nunca antes projetadas no município. Naquele dia, o dispositivo seria introduzido ao público. O último espetáculo foi realizado exatamente um mês depois. Pedro Lisboa – o maquinista do teatro – foi o beneficiário da função³⁹³. Tal como o Cinema Pharol, da Lussac & Almeida, o Radium-Grapho-Cinema é mais um exemplo de que a sedentarização da atividade cinematográfica não significou o fim imediato das exibições feitas por ambulantes na Princesa de Minas. Pelo contrário, durante algum tempo, eles continuaram se apresentando na cidade. No Anexo XVI, eu disponibilizei uma tabela com filmes exibidos pela máquina instalada no Édén Juiz de Fora. Em virtude da falta de dados sobre seu proprietário, não foi possível enquadrá-lo em um dos grupos mencionados por Deac Rossell (2000).

3.4 – Cinema Pathé

Em 24 de outubro de 1908, *O Pharol* noticiou que o Édén Juiz de Fora havia sido reaberto. Nesse momento, o ponto de diversões pertencia a Ollendorff & Cia. A empresa realizou diversas reformas no local para que ele pudesse abrigar o Cinema Pathé. O salão passou a ter duas entradas, ganhou uma antessala, foi pintado e teve a disposição das cadeiras modificadas. Ademais, a frente do palco foi alterada. Nela, foram colocadas tanto pinturas de Homero Massena quanto reclames da Farmácia Halfeld, cujo dono era Altivo Halfeld. Na frente da Confeitaria Rio de Janeiro, foi montada a bilheteria do Cinema Pa-

³⁹² *O Pharol*, 8 de agosto de 1908, p.2.

³⁹³ *O Pharol*, 13 de setembro de 1908, p.2.

thé. O projetor adquirido era excelente, pois as imagens não tremiam. As fitas eram exibidas simultaneamente na capital federal. Semanas depois da inauguração da casa de espetáculos, o periódico reportou que ouviu queixas sobre a falta de energia no estabelecimento. Devido à queima de um fusível, o público ficou durante algum tempo no escuro. O jornal atribuiu a responsabilidade à Companhia Mineira de Eletricidade³⁹⁴. No Anexo XVII, eu disponibilizei uma tabela com filmes que foram exibidos no Cinema Pathé.

3.5 – Cinema Juiz de Fora

Em 18 de novembro de 1908, *O Pharol* informou que, na véspera, o Cinema Juiz de Fora havia sido inaugurado no município. O espaço de diversões, que era filial do Cinematógrafo Brasil, pertencia a Eurico Campinhos. A sua empresa procurava constantemente agregar melhorias à casa de espetáculos. Por exemplo, em 11 de junho de 1909, o periódico comentou que ela havia firmado contrato para receber, em primeira mão, excelentes fitas da Pathé. Dez dias depois, o Cinema Juiz de Fora projetava “O funeral do Dr. Affonso Pena”. A Princesa de Minas foi a primeira cidade, depois do Rio de Janeiro, que exibiu tal registro. Embora fosse amplo, o salão não comportou o número de pessoas que desejavam assisti-lo. Muitas acabaram ficando do lado de fora³⁹⁵. Para sanar o problema do tamanho, o dono do espaço de diversões cogitou, num primeiro momento, adquirir um novo prédio. No entanto, ele acabou optando por aperfeiçoar o atual. Em 4 de agosto de 1909, *O Pharol* comunicou que o Cinema Juiz de Fora dispunha, a partir de então, de um novo salão, anexo ao antigo, no qual os espectadores poderiam aguardar o início das sessões, evitando assim confusões. Outro exemplo envolveu a inclusão, no programa, da fita “Centauros (ou Cavalaria do Estado-Maior Italiano)”, que tinha 800 metros e era dividida em duas partes. De acordo com a folha, essa era a única cópia da obra que existia no país³⁹⁶. Além disso, a Empresa Campinhos organizou uma orquestra, sob a regência de Duque Bicalho, para acompanhar as projeções³⁹⁷.

³⁹⁴ *O Pharol*, 10 de novembro de 1908, p.1.

³⁹⁵ *O Pharol*, 22 de junho de 1909, p.1.

³⁹⁶ *O Pharol*, 21 de agosto de 1909, p.2.

³⁹⁷ *O Pharol*, 5 de setembro de 1909, p.2.

Em 1º de abril de 1910, *O Pharol* relatou que o Cinema Juiz de Fora passou a ser gerenciado pela Empresa Gomes Nogueira, de Belo Horizonte. Na capital do estado, ela já era proprietária do Cinema Commercio. Eurico Campinhos agradeceu aos espectadores juiz-foranos a estima que sempre tiveram por ele e pediu que continuassem a prestar o mesmo apreço à firma de Virgílio Gomes Nogueira, que se esforçaria para atender aos desejos dos frequentadores do espaço de diversões. Essa foi uma das últimas menções ao Cinema Juiz de Fora nas páginas de tal periódico. A partir de maio daquele ano, ele raramente seria citado. É provável que isso tenha ocorrido por causa da fundação, meses antes, do Cinema Pharol. O coronel João Evangelista da Silva Gomes era dono tanto da folha quanto da nova casa de espetáculos. Na medida em que o espaço de diversões administrado pela Empresa Gomes Nogueira se tornou um concorrente, sua programação deixou de ser publicada no jornal. Em 30 de agosto de 1910, *O Pharol* comunicou que, dois dias antes, havia ocorrido um princípio de incêndio no Cinema Juiz de Fora. As chamas começaram quando um fósforo foi atirado numa cortina por uma pessoa que assistia ao filme. Mesmo que tenha sido controlado rapidamente, o fogo causou um alvoroço entre os que estavam no ambiente. No Anexo XVIII, eu disponibilizei uma tabela com produções que foram exibidas nessa sala.

Em maio de 1909, o Cinema Juiz de Fora e o Cinema Pathé eram os principais espaços de diversão da Princesa de Minas. A sua importância foi destacada pela imprensa local. Por exemplo, na edição do dia 12, *O Pharol* afirmou que eles eram o ponto obrigatório das famílias e funcionavam ininterruptamente, exibindo sempre as últimas novidades em filmes. “Os cinematógrafos vão progredindo, vão se tornando um hábito enraizado... Se a manhã é destinada ao banho, se o meio-dia é do café, a noite é do Juiz de Fora e do Pathé” (p.1). Além disso, a folha enalteceu o Cinema Pharol Reclame, que foi mencionado quando reconstitui a história de Carlos Alberto Nunes Leal. “As quartas, sextas e domingos são do Cinema Pharol Reclame (...) porque é gratuito e anuncia aonde a gente compra em conta os feijões que regalam o estômago e os cobertores que esquentam o lombo nestas noites frias de maio” (p.1).

3.6 – Cinema Paris

Em 3 de junho de 1909, *O Pharol* relatou que o Éden Juiz de Fora, onde havia operado o Cinema Pathé, estava sendo reformado. Em breve, funcionaria no local o Cinema Paris. O periódico afirmou que lá seriam exibidas fitas da importante fábrica American Mutoscope & Biograph Company, de Nova York. No Brasil, Angelino Stamile e seu irmão eram seus agentes gerais. Já na Princesa de Minas, Horácio Werneck e José Defeo – os proprietários da nova iniciativa – eram seus subagentes³⁹⁸. A casa de espetáculos foi inaugurada em 13 de junho de 1909. Nessa data, a folha comunicou que Luiz Braga – representante do Cinema Ouvidor, do Rio de Janeiro – foi o responsável por aperfeiçoar as projeções do aparelho instalado no estabelecimento. Em 16 de junho de 1909, *O Pharol* assinalou que, na estreia, todas as sessões que foram realizadas ficaram lotadas e que as melhorias feitas corrigiram defeitos que o público notava quando fitas eram exibidas ali. No fim do mês, o jornal reforçou o sucesso do empreendimento quando disse que, quem quisesse assistir a uma sessão, teria que ficar de pé tamanha era a quantidade de pessoas com o mesmo objetivo³⁹⁹. Residente em Mar de Espanha, Horácio Werneck não comandou durante muito tempo o espaço de diversões. Em agosto de 1909, José e Camillo Defeo (Defeo & Filho) assumiram o controle do Cinema Paris⁴⁰⁰.

Meses depois, mais precisamente em 2 de outubro de 1909, a casa de espetáculos pegou fogo. Diferente do que aconteceria com o Cinema Juiz de Fora no ano seguinte, as chamas destruíram completamente o local. O incêndio começou por volta das 23h. O espaço de diversões já havia finalizado as sessões daquele dia. Contudo, os seus proprietários resolveram verificar o estado da fita “Sacrifício de uma filha”, que seria projetada no dia subsequente. Estabelecida a corrente elétrica, a experiência começou. Na cabine, estavam Camillo Defeo e José Silva. Por sua vez, na plateia, estavam José Fonseca, Jovelano Marques, um representante de uma loja de acessórios cinematográficos do Rio de Janeiro chamado Salvador, e mais duas ou três pessoas. Mal o dispositivo começou a operar, o fogo teve início no interior da cabine. Rapidamente, ele atingiu outras fitas que estavam ali. Todos os que estavam dentro do Cinema Paris conseguiram escapar para a rua e gritaram por socorro. Os homens que escutaram o alarme fizeram o possível para re-

³⁹⁸ *O Pharol*, 9 de junho de 1909, p.2.

³⁹⁹ *O Pharol*, 29 de junho de 1909, p.2.

⁴⁰⁰ *O Pharol*, 12 de agosto de 1909, p.2.

tirar os móveis e demais pertences não só da casa de espetáculos, mas também da Confeitaria Rio de Janeiro, que pertencia à empresa Ribeiro & Noronha. Quarenta minutos depois do início do incêndio, funcionários da Câmara Municipal trouxeram a mangueira do órgão legislativo. Colocada no registro da casa de Remo Chellini, a água que dela jorrou extinguiu as chamas. O Cinema Paris era uma construção modesta. Ele tinha meio salão assoalhado e cobertura de zinco. Com o fogo, o prédio ficou reduzido à carcaça. Os prejuízos de Defeo & Filho foram calculados em três contos de réis. Ribeiro & Noronha tiveram também um grande rombo. A polícia abriu inquérito para apurar a responsabilidade do incêndio⁴⁰¹. O delegado nomeou João Lustosa e Pantaleone Arcuri para examinar os escombros. Os peritos verificaram que as chamas tiveram início na cabine. O Coronel José Antônio Ribeiro foi a redação de *O Pharol* para pedir que o periódico agradecesse, em seu nome e no de seu sócio Jovino Noronha, aos homens que retiraram os móveis e demais pertences da Confeitaria Rio de Janeiro na hora do fogo⁴⁰². Depois que foram ouvidas as testemunhas, em 29 de dezembro de 1909, o juiz Gama Júnior recebeu uma denúncia contra Camillo Defeo. Portanto, um dos donos do Cinema Paris foi indiciado como responsável pela tragédia⁴⁰³. Contudo, três dias antes, após ser completamente reformado, o Éden Juiz de Fora, onde funcionava o Cinema Paris, havia sido reaberto ao público com um magnífico programa⁴⁰⁴. A empresa Ribeiro & Noronha tinha assumido o controle do estabelecimento. Em 5 de janeiro de 1910, ele foi vistoriado pela polícia⁴⁰⁵. As projeções passaram a acontecer somente aos sábados, domingos e dias santos⁴⁰⁶. No Anexo XIX, eu disponibilizei uma tabela com filmes que foram exibidos no Cinema Paris.

Em 25 de agosto de 1909 – isto é, antes do incêndio do Cinema Paris –, *O Pharol* mais uma vez mencionou que o cinematógrafo era considerado a diversão do momento.

⁴⁰¹ *O Pharol*, 3 de outubro de 1909, p.1.

⁴⁰² *O Pharol*, 5 de outubro de 1909, p.2.

⁴⁰³ *O Pharol*, 29 de dezembro de 1909, p.2.

⁴⁰⁴ *O Pharol*, 26 de dezembro de 1909, p.2.

⁴⁰⁵ *O Pharol*, 5 de janeiro de 1910, p.1.

⁴⁰⁶ *O Pharol*, 7 de janeiro de 1910, p.2.

O periódico relatou que, na Princesa de Minas, as empresas de Eurico Campinhos (Cinema Juiz de Fora), José e Camillo Defeo (Cinema Paris) e Carlos Alberto Nunes Leal (Circo Pathé) empregavam esforços para exibir as últimas novidades aos locais.

3.7 – Ideal Cinema

Foram poucas as informações descobertas, na imprensa local, sobre o Ideal Cinema. Ele foi inaugurado em 8 de setembro de 1909. O debate contou com uma orquestra dirigida por João José de Oliveira⁴⁰⁷. No Anexo XXI, eu disponibilizei uma tabela com filmes que foram projetados nessa sala.

Em 15 de setembro de 1909, *O Pharol* lançou um concurso popular para determinar qual, dentre os cinemas que operavam em Juiz de Fora, era o melhor. Os leitores podiam votar no Circo Pathé, no Cinema Juiz de Fora, no Cinema Paris, que ainda não havia sido consumido pelas chamas, ou no Ideal Cinema. O resultado foi publicado no início de outubro. O Cinema Juiz de Fora teve 719 votos, o Circo Pathé 375, o Ideal Cinema 322 e o Cinema Paris 141⁴⁰⁸. Como forma de agradecimento, a Empresa Campinhos resolveu dar um espetáculo gratuito para a população.

3.8 – Cinema-Theatro

Em 17 de outubro de 1909, *O Pharol* noticiou que o Cinema-Theatro, da empresa Silva Guimarães & Cia, seria inaugurado, naquele dia, no Theatro Juiz de Fora. Na estreia, o espaço de diversões criado pelos irmãos Ferreira Lage ficou abarrotado de espec-

⁴⁰⁷ *O Pharol*, 8 de setembro de 1909, p.2. / *O Pharol*, 9 de setembro de 1909, p.2.

⁴⁰⁸ *O Pharol*, 1º de outubro de 1909, p.2.

tadores⁴⁰⁹. O programa incluiu “Santos Dumont em Saint-Cyr”, uma das obras de maior sucesso no momento⁴¹⁰. O exibidor solicitou ao público que comparecesse às sessões em trajés simples. Essa foi uma forma delicada de pedir às mulheres que não levassem chapéus para o Theatro Juiz de Fora⁴¹¹. Silva Guimarães & Cia também inaugurou um sistema de entradas com passagens de bonde para Fábrica e Mariano Procópio, com o intuito de facilitar que os moradores desses bairros frequentassem o estabelecimento. As passagens podiam ser adquiridas com os condutores e eram válidas somente nos dias de espetáculo⁴¹². Novamente, o fato de Juiz de Fora vivenciar um processo de sedentarização da atividade cinematográfica não quer dizer que mais nenhum exibidor ambulante tenha passado pela cidade. Devido à falta de informações sobre o proprietário da Silva Guimarães & Cia, acho muito arriscado enquadrá-lo em uma das categorias propostas por Deac Rossell (2000).

3.9 – Cinema Pharol (João Evangelista da Silva Gomes)

Em 26 de novembro de 1909, *O Pharol* relatou que Frederico Henninger – engenheiro da sucursal brasileira da Gasmotoren-Fabrik Deutz – estava em Juiz de Fora. Ele veio ao município para implantar as máquinas que seriam utilizadas pelo Cinema Pharol. Algumas vieram diretamente da Alemanha. Essa foi a primeira notícia publicada sobre o estabelecimento. No ano seguinte, o jornal divulgou que a casa de espetáculos, que estava prestes a ser concluída, prometia ser o ponto de reunião preferido da elite juiz-forana, devido à ótima localização e à luxuosidade. João Evangelista da Silva Gomes – seu proprietário – não havia economizado. Pelo contrário, ele tinha equipado o espaço de diversões com tudo o que era essencial para o conforto e bem-estar dos frequentadores⁴¹³. Dias depois, o periódico trouxe mais informações a respeito do Cinema Pharol. O salão tinha 30m de comprimento, 7,25m de largura e 7m de altura. Era bem iluminado e ventilado. Era dividido em duas partes – cadeiras de 1ª e 2ª classe – com um declive suficiente

⁴⁰⁹ *O Pharol*, 19 de outubro de 1909, p.2.

⁴¹⁰ *O Pharol*, 21 de outubro de 1909, p.1.

⁴¹¹ *O Pharol*, 24 de outubro de 1909, p.1.

⁴¹² *O Pharol*, 21 de novembro de 1909, p.2.

⁴¹³ *O Pharol*, 9 de janeiro de 1910, p.1.

para que os espectadores, independente de onde estivessem sentados, conseguissem ver o que estava sendo projetado na tela. Cada sessão comportava cerca de 500 pessoas. Narciso Coelho havia sido o responsável pela construção do prédio. Já o motor, que possuía a potência de 20 cavalos e gerava 250 rotações por minuto, foi montado por Pio Octavio Daniele – mecânico da Gasmotoren-Fabrik Deutz⁴¹⁴. Em 28 de janeiro de 1910, *O Pharol* informou que, ainda que todos os acabamentos não tivessem sido concluídos de modo satisfatório, não seria mais possível adiar a inauguração. Afinal, depois da vistoria da polícia, João Evangelista da Silva Gomes já havia obtido a licença para o funcionamento do Cinema Pharol. A abertura finalmente ocorreu no dia 29, às 18h. O ingresso ao salão se deu pela Rua Direita e a saída pela Rua Marechal Deodoro da Fonseca, o que facilitou o fluxo de seus frequentadores⁴¹⁵. A primeira função foi um sucesso. Não havia no vasto recinto um lugar vazio. Antes da sessão, era possível encontrar, na sala de espera, os nomes mais distintos da sociedade juiz-forana. Os filmes programados agradaram⁴¹⁶. Em 27 de março de 1910, o jornal comunicou que o Cinema Pharol havia contratado, no Rio de Janeiro, o fornecimento de toda a produção da Gaumont e da Pathé. A negociação permitia que a casa de espetáculos exibisse os filmes tão logo eles passassem na capital. Como a renovação das obras era semanal, o Cinema Pharol passaria a operar diariamente dali a três dias. Ao longo do tempo, o espaço de diversões caiu nas graças do público. Em menos de dois meses, haviam sido vendidas 10.000 entradas de 2ª classe⁴¹⁷. No Anejo XXII, eu disponibilizei uma tabela com filmes que foram projetados no Cinema Pharol.

⁴¹⁴ *O Pharol*, 20 de janeiro de 1910, p.2.

⁴¹⁵ *O Pharol*, 29 de janeiro de 1910, p.1 e p.2.

⁴¹⁶ *O Pharol*, 30 de janeiro de 1910, p.1.

⁴¹⁷ *O Pharol*, 13 de setembro de 1910, p.2.

Figura 51 – Interior do Cinema Pharol

Fonte: ESTEVES, Albino. **Álbum do município de Juiz de Fora**.
Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1915, p.217.

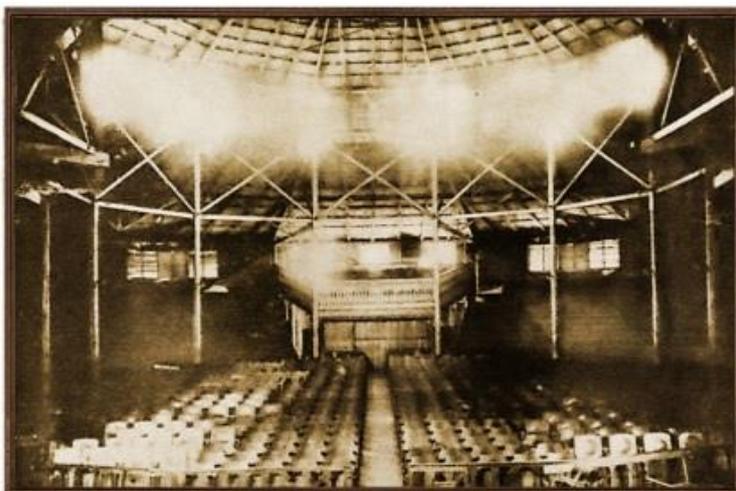
3.10 – Polytheama

Em 5 de novembro de 1910, *O Pharol* afirmou que o Polytheama seria inaugurado, às 19h, na Rua Halfeld. Em duas sessões consecutivas, seria representada a comédia “Manda quem pode”. A companhia que ocuparia o espaço de diversões de Chimico Corrêa era composta por um grupo de artistas nacionais de reconhecido talento. A orquestra seria dirigida por Duque Bicalho. A concorrência do primeiro espetáculo foi numerosa e seleta. Dentre os presentes, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada – então prefeito da cidade. A trupe que se apresentou foi bastante aplaudida⁴¹⁸. A folha destacou a beleza e a segurança da construção. Ela também disse que Juiz de Fora precisava de um novo teatro, que fosse situado em ponto central⁴¹⁹. Na época, muitas pessoas criticavam a localização do Theatro Juiz de Fora – na Rua Espírito Santo – por ser um logradouro composto, majoritariamente, por casas de famílias. A partir de 1911, o Polytheama exibiria filmes. Na década de 1920, ele seria demolido para dar lugar ao Cine-Theatro Central, que, ao longo do século XX, se tornaria a sala mais representativa de Juiz de Fora.

⁴¹⁸ *O Pharol*, 6 de novembro de 1910, p.2.

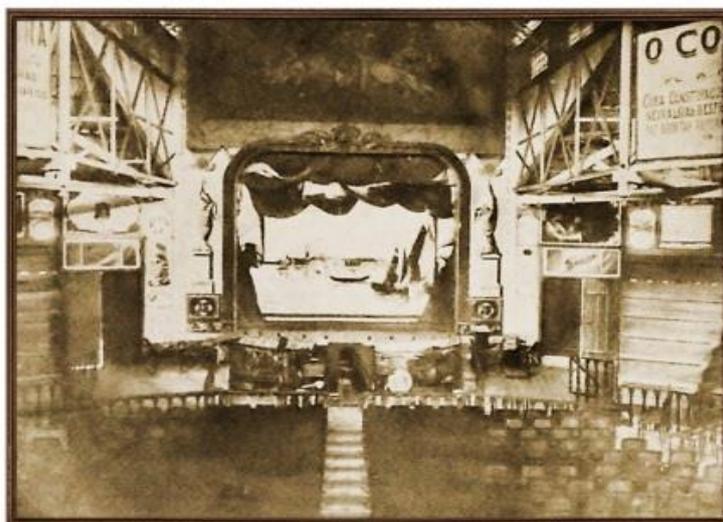
⁴¹⁹ *O Pharol*, 10 de novembro de 1910, p.1.

Figura 52 – Plateia do Polytheama



Fonte: ESTEVES, Albino. **Álbum do município de Juiz de Fora**.
Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1915, p.218.

Figura 53 – Palco do Polytheama



Fonte: ESTEVES, Albino. **Álbum do município de Juiz de Fora**.
Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1915, p.219.

Figura 54 – Conferência do político Ruy Barbosa no Polytheama (1919)



Disponível no site: **Jornal O Pharol** (<https://jornalopharol.com.br/>)

3.11 – As discussões na Câmara Municipal sobre o imposto do Cinematógrafo

A abertura das primeiras salas fixas de cinema em Juiz de Fora promoveu, na Câmara Municipal, um intenso debate sobre o valor do imposto que deveria ser cobrado de seus proprietários. Em 29 de janeiro de 1910, *O Pharol* noticiou que, em uma sessão realizada dois dias antes, por causa de um requerimento da empresa Ribeiro & Noronha – responsável pelo Éden Juiz de Fora –, os vereadores foram obrigados a deliberar sobre a quantia adequada a ser arrecadada dos exibidores. Enquanto gênero de diversões, o cinema não figurava até o momento na tabela de impostos municipais. Isto é, ele não era previsto. Para fins de cobrança, o órgão legislativo o igualava com o teatro. Assim, de ambos era exigido o mesmo valor. A importância paga era de 12\$100 (doze mil e cem réis) por função. Por sua vez, essa equiparação era bastante prejudicial para os exibidores. De acordo com o periódico, a diferença de preço entre os espetáculos cinematográficos e teatrais não a justificava. Afinal, uma companhia teatral podia, sem o menor problema, pedir entre 3\$000 (três mil réis) e 5\$000 (cinco mil réis) por um lugar. Já os exibidores não. Eles dividiam cada função em sessões. Se, para uma dessas sessões, concorresse um número pequeno de pessoas, o rombo era certo, pois as despesas já haviam sido feitas. Com as empresas teatrais isso não acontecia. Os artistas apenas apareciam em cena depois que o guichê acusasse que havia entrado uma quantia suficiente para cobrir os gastos. Desde

que os exibidores anunciavam suas funções, elas eram levadas a efeito, pois, dividindo-as em sessões, se a primeira deu prejuízo, eles contavam com o lucro das outras. O caso era diferente com os espetáculos teatrais. Se, antes da apresentação, não tivesse público na plateia, o diretor da companhia pedia desculpas e a suspendia, não sendo obrigado a pagar as expensas. Além disso, a renda que os exibidores geravam para a Câmara Municipal de Juiz de Fora era quase diária, ao passo que raramente vinham empresas teatrais para a cidade. Em virtude disso, seria natural que o cinema fosse muito menos taxado do que o teatro, na medida em que os exibidores contribuía com grandes quantias para os cofres públicos de forma permanente. É preciso considerar ainda a concorrência. A Princesa de Minas nunca poderia dar guarida para mais de uma companhia teatral, pois só tinha o espaço de diversões fundado pelos irmãos Ferreira Lage. Todavia, nela já haviam operado, ao mesmo tempo, quatro cinemas. Portanto, a empresa que ocupava o Theatro Juiz de Fora trabalhava sem adversários. Isso possibilitava que ela auferisse um bom lucro. Já os exibidores viviam asfixiados pelos seus congêneres. Por ser um divertimento popular, seria importante desobrigar o cinema de pesados ônus. Igualá-lo ao teatro seria um absurdo. Ao discutirem o assunto, os vereadores decidiram reduzir o imposto. A proposta da Comissão de Fazenda diminuía o valor para 6\$000 (seis mil réis) por função. No entanto, o Coronel Josué Leite Ribeiro apresentou uma emenda que aumentava a taxa para 10\$000 (dez mil réis), de modo que o ganho dos proprietários de salas seria insignificante e, certamente, levaria a futuros protestos. Contudo, nem mesmo a oferta feita pela Comissão de Fazenda atendia aos interesses dos exibidores, pois eles acreditavam que o imposto deveria ser pago anualmente. Caso a sugestão do grupo de trabalho fosse aceita, um cinema que dava funções diárias destinaria, para os cofres públicos, a quantia de 180\$000 (cento e oitenta mil réis) por mês / 2:160\$000 (dois contos e cento e sessenta mil réis) por ano, uma importância ainda bem alta. Os vereadores prometeram resolver a questão, mas, a princípio, nada fizeram. Os proprietários das salas continuaram pagando 12\$100 (doze mil e cem réis) por função.

Em 15 de março de 1910, *O Pharol* relatou que um novo requerimento sobre o assunto havia sido apresentado na Câmara Municipal de Juiz de Fora. Ele dizia que o imposto dos cinematógrafos estava sendo cobrado por interpretação especial. No dia seguinte, o jornal informou que, ao folhear com atenção a tabela de impostos municipais, viu, na Resolução nº 662, que são isentos de impostos os espetáculos de companhias dramáticas, líricas e os dados por amadores. Não havia orientação para os espetáculos cinematográficos. Como consequência, não deveria haver imposto. O periódico questionou onde estava

a lei que justificava tal cobrança. Segundo ele, a missão do legislador deveria ser baseada na justiça. O imposto que estava sendo recolhido, além de ilegal, pois não estava previsto, era iníquo, por ser exorbitante. Um espaço de diversões não deveria repassar boa parte da sua renda bruta diária para os cofres públicos. Quando a edição de 16 de março de 1910 de *O Pharol* foi publicada, apenas dois cinemas operavam em Juiz de Fora. A folha sinalizou que ou eles desapareceriam ou se transformariam em outras espécies de entretenimento para fugirem do imposto. Para agravar a situação, ela ressaltou que a Câmara Municipal se reunia poucas vezes ao ano. Nessas ocasiões, não era raro ela não conseguir formar quórum. Assim, era complicado resolver as demandas solicitadas. Enquanto isso, os valores iam sendo cobrados. Em 30 de março de 1910, *O Pharol* sugeriu que alguns impostos – por exemplo, o dos cinematógrafos – deveriam passar por uma revisão. O jornal reforçou que a renda gerada pelos projetores para a administração atual não era pequena. Uma casa de espetáculos desse gênero, funcionando 300 dias por ano, forneceria para os cofres públicos mais de 3:600\$000 (três contos e seiscentos mil réis). No início do mês seguinte, o periódico recomendou que os atuais cinemas fossem transformados em clubes – como o João Caetano, o Graphos e o Sete de Setembro – caso o requerimento não fosse atendido, pois, ao pagarem 12\$100 (doze mil e cem réis) por função, eles estavam trabalhando apenas para a Câmara Municipal⁴²⁰. A pressão foi tamanha que o órgão legislativo teve que promover mudanças. Em vez de 12\$100 (doze mil e cem réis), passou a cobrar 6\$000 (seis mil réis) por função, quer seja ela de uma, duas ou mais sessões. Esse é o conteúdo da Resolução Municipal nº 647, de 25 de maio de 1910⁴²¹. Dito isso, é interessante perceber como o processo de sedentarização da atividade cinematográfica, para além de modificar a paisagem urbana e a forma como os filmes eram consumidos, gerou discussões sobre a tributação municipal.

⁴²⁰ *O Pharol*, 5 de abril de 1910, p.1.

⁴²¹ *O Pharol*, 27 de maio de 1910, p.2.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 14 de junho de 2017, eu compareci com duas amigas – Gabriela Soares Cabral e Raphaela Benetello Marques – à derradeira sessão do Palace, o último cinema de rua de Juiz de Fora⁴²². Naquela ocasião, o público assistiu ao longa-metragem “Perdidos em Paris” (*Paris pieds nus*, Dominique Abel e Fiona Gordon, 2017), que integrava a programação do Festival Varilux de Cinema Francês. O fato da fachada do prédio ser tombada pelo município não impediu que, em 2018, apesar das manifestações efetuadas por diversos setores da sociedade⁴²³, uma loja de departamentos fosse inaugurada no local – a propósito, destino semelhante ao de várias outras salas nacionais. Ao longo do século XX, Juiz de Fora teve, tanto na região central quanto nos bairros, um expressivo parque cinematográfico. Recentemente, o *Minas é Cinema* realizou um levantamento dos espaços de projeção fílmica que existiram na principal cidade da Zona da Mata. No primeiro grupo, foram apontados, dentre outros, o Juiz de Fora, o Pharol, o Polytheama, o Halfeld, o Paz, o Glória, o Central, o Palace, o São Luiz, o Festival, o Excelsior e o Veneza. A maior parte desses estabelecimentos se localizava na Rua Halfeld. Conforme eu pontuei no início do terceiro capítulo desta pesquisa, ela era chamada de Cinelândia Juiz-forana. Por sua vez, no segundo grupo, foram mencionados, dentre outros, o Auditorium e o Benfica (Bairro Benfica), o Brasil (Bairro de Lourdes), o Grama (Bairro Grama), o Paratodos (Bairro Borboleta), o Real (Bairro Bonfim), o Rex (Bairro Mariano Procópio), o São Caetano (Bairro Ladeira), o Paraíso e o São Mateus (Bairro São Mateus). Embora uma grande quantidade de salas tenha operado na Princesa de Minas, até o momento, poucas investigações foram desenvolvidas sobre elas. Isso ficou comprovado quando relatei, na Introdução, a minha busca, primeiro, por dissertações e teses na plataforma “histórias de cinemas” – o banco de dados criado por mim, Livia Cabrera e Sancler Ebert que reúne pesquisas sobre exibição cinematográfica feitas nos programas de pós-graduação *stricto sensu* das Instituições de Ensino Superior públicas e privadas do Brasil – e, segundo, por monografias na biblioteca e no repositório da UFJF. No total, foram encontrados 21 estudos (uma tese, 11 dissertações e 9 monografias). Nesse conjunto de textos, duas temáticas se destacam. Em quatro trabalhos (uma tese, duas dissertações e uma monografia), a trajetória de

⁴²² Atualmente, Juiz de Fora conta com duas redes de cinema. A Cinemais opera no Shopping Jardim Norte e a UCI Kinoplex funciona no Shopping Independência.

⁴²³ Franco Groia foi uma das principais lideranças na luta pela manutenção do Palace. Infelizmente, ele faleceu em 2021.

João Gonçalves Carriço (1886-1859) – proprietário do Cine-Theatro Popular e da produtora Carriço Film – foi reconstituída. Já em sete investigações (quatro dissertações e três monografias), a história do Cine-Theatro Central – a sala mais representativa de Juiz de Fora – foi abordada. Esse número baixo de pesquisas não é uma característica apenas da principal cidade da Zona da Mata. É sabido que, ao contrário dos estudos sobre produção e direção, são escassos os trabalhos sobre exibição no Brasil. Nesse universo tão restrito, as investigações que existem tratam, principalmente, das capitais dos estados. Por ser sobre a Princesa de Minas, uma cidade de médio porte do interior do país, esta tese já tem a sua relevância demonstrada.

Na Introdução, eu também destaquei que a maioria das pesquisas que integram a plataforma “histórias de cinemas” busca recuperar a história de salas fixas. Poucas são as que focam na atuação dos ambulantes ao redor do nosso território. Devido à pandemia do coronavírus, foi necessário modificar o tema do meu doutorado. Por acreditar que estaria dando uma contribuição importante para o município onde nasci e resido, eu propus, aos meus orientadores, uma análise dos primórdios do cinema em Juiz de Fora. Até então, apenas um estudo sobre o período havia sido feito. Escrita por Rosane Carmanini Ferraz, a monografia “A chegada do cinema em Juiz de Fora: uma nova opção de entretenimento no centro cultural de Minas Gerais (1897-1912)” foi apresentada, em 2000, na Faculdade de História da UFJF. Nunca é demais acentuar o pioneirismo desse trabalho, sobretudo por ele ter sido elaborado numa época em que poucos acadêmicos se voltavam para o exame dos últimos anos do século XIX e primeiros do XX. Todavia, como apontei, ele possui problemas que envolvem, principalmente, a reprodução de sentidos comuns que já foram questionados por historiadores do cinema. Dito isso, a minha tese buscou aprofundar as discussões sobre o período compreendido entre 1897 e 1910, que foi marcado, primeiro, pela proliferação dos ambulantes e, segundo, pelo processo de sedentarização. Logo no capítulo inicial, propus uma reflexão em torno do quão controverso é, atualmente, a estipulação de “primeiras vezes” no Cinema. Afinal, a sua História não deve ser escrita por meio de relatos lineares decorrentes de supostas origens. Segundo Thomas Elsaesser (2004), ela deve ser encarada, na verdade, como uma série de “histórias paralelas (ou ‘em paralaxe’)” (p.84). Eu levantei tal debate pois, ao longo das últimas décadas, vários acadêmicos que se debruçaram sobre a história da exibição cinematográfica em Juiz de Fora unicamente reproduziram, sem nunca questionar, a informação trazida por Márcio da Rocha Galdino (1983) de que, em 23 de julho de 1897, a Companhia de Variedades Germano Alves realizou, no Theatro Juiz de Fora, a primeira sessão de cinema de Minas Ge-

rais. Mesmo que a determinação de marcos inaugurais no Cinema não tivesse sido superada, a informação trazida pelo autor estaria equivocada. Afinal, meses antes, mais precisamente em 25 de março de 1897, o Professor Kij tinha se apresentado na mesma casa de espetáculos. Esse episódio já havia sido mencionado na monografia de Ferraz. Entretanto, ele foi tratado de forma superficial pela autora, que não estimulou uma discussão sobre a sua precedência. Em razão disso, a informação trazida por Galdino continuou sendo validada. No Theatro Juiz de Fora, os locais foram apresentados ao Vitascópio de Edison e ao Cinematógrafo dos irmãos Lumière. Situado na Rua Espírito Santo, o espaço de diversões concebido por Frederico e Alfredo Ferreira Lage recebeu a maioria dos ambulantes que passaram pela cidade mineira nos últimos anos do século XIX e primeiros do XX. Durante a vida, Alfredo se tornou um dos principais colecionadores de peças artísticas e históricas do Brasil. Como destaquei, seu feito mais notório foi a criação, em 1921, do Museu Mariano Procópio. Na UFJF, vários pesquisadores dedicaram-se ao estudo do seu acervo. Em contraste, o Theatro Juiz de Fora não havia recebido, até então, a devida atenção que merece. O subcapítulo sobre sua trajetória traz dados inéditos a seu respeito. No entanto, reconheço que o trabalho desenvolvido por mim representa apenas um ponto de partida. Dada à dificuldade de acesso ao Arquivo do Museu Mariano Procópio durante a pandemia do coronavírus, é provável que documentos valiosos sobre a casa de espetáculos ainda aguardem recuperação e análise. Torço para que, no futuro, isso seja feito por outros acadêmicos.

Investigar a história dos ambulantes é uma tarefa muito desafiadora. Além de coletar as informações publicadas no *Jornal do Commercio* e em *O Pharol* – os dois principais periódicos que, no período coberto por esta tese, circulavam em Juiz de Fora – sobre o tempo em que eles se apresentaram na Princesa de Minas, eu me esforcei para reconstituir as rotas que eles seguiram pelo país (e, eventualmente, pelo exterior). Para alcançar tal objetivo, as folhas disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira foram essenciais. No entanto, a constante mobilidade desses exibidores dificulta seu rastreamento. Eles transitavam entre cidades de portes distintos, adaptando o seu itinerário à medida que surgiam novas oportunidades de negócio. Por causa disso, eu me deparei com várias lacunas. Algumas delas – sobretudo as que envolvem Carlos Alberto Nunes Leal – poderão ser preenchidas quando eu consultar, dentro das atividades do *Minas é Cinema*, no qual eu estou inserido, jornais do estado que foram preservados, mas não foram digitalizados. Contudo, devido à falta de recursos e tempo, visitar “espaços de memória” de estados de outras regiões, que podem possuir documentos sobre ambulantes que passaram por Juiz de Fo-

ra, é bem mais complicado. Dito isso, espero que novos trabalhos complementem o que eu comecei. Assim, teremos uma noção mais abrangente das rotas seguidas por esses exibidores.

Como disse, o número de investigações que se concentram na atuação dos ambulantes em nosso território é pequeno. Ao buscar referências para esta tese, não encontrei nenhum texto escrito por brasileiros que aventasse uma categorização dessas figuras. Isso fez com que eu recorresse a Deac Rossell (2000). Tomando como base o cenário europeu, o teórico inglês identificou quatro grupos: [1] exibidores de grandes feiras; [2] exibidores independentes (experientes ou novatos); [3] exibidores teatrais e [4] exibidores efêmeros. Se, por um lado, alguns encontram ecos no Brasil – por exemplo, o Professor Kij, a Imperial Companhia Japonesa Kudara e Ernesto Acton de Sá (exibidores independentes experientes); a família Rockert e Carlos Alberto Nunes Leal (exibidores independentes novatos) e a Companhia de Variedades Germano Alves / Empresa Apolônia Pinto (exibidores teatrais) –, outros não. Enquanto local, as grandes feiras foram muito importantes para a realização de exposições no Velho Continente, mas acerca das quermesses – um possível correspondente em nosso país – quase não existe documentação. Logo, se faz urgente pensar uma categorização que tenha como base o contexto nacional. Desejo que este trabalho se some a outros para discutir essa questão.

Além dos ambulantes, esta tese contemplou o processo de sedentarização da atividade cinematográfica em Juiz de Fora. Uma reflexão sobre a abertura de salas fixas na minha cidade-natal passa, necessariamente, pela trajetória do Cinematógrafo Brasil, que operou entre maio e dezembro de 1908. Após tal experiência, surgiram o Cinema Pathé, o Cinema Juiz de Fora, o Cinema Paris, o Ideal Cinema, o Cinema Pharol (João Evangelista da Silva Gomes) e o Polytheama. Em diversos municípios do país, a sedentarização experimentou uma instabilidade. Salas abriam e fechavam ou trocavam de nome, proprietário e endereço. Conforme pontuei ao longo do terceiro capítulo, na Princesa de Minas, isso não foi diferente. É importante lembrar que a fundação desses espaços não somente alterou a paisagem urbana de Juiz de Fora – principalmente das Ruas Halfeld e Direita – e modificou o modo como os indivíduos consumiam os filmes, mas também promoveu calorosas discussões, na Câmara Municipal, sobre o valor do imposto que deveria ser pago, aos cofres públicos, pelos seus donos. A imprensa teve um papel fundamental na popularização da atividade cinematográfica. Sempre que possível, ela divulgava quais seriam os filmes projetados pelos ambulantes. Com a sedentarização, a prática de anunciar o nome das obras que seriam exibidas se tornou diária. Um dos desdobramentos desta tese

é que as produções listadas nos Anexos integrem um banco de dados que, nesse momento, está sendo desenvolvido, por mim e Alessandra Souza Melett Brum, no site do *Minas é Cinema*, com a programação dos espaços de exibição de Juiz de Fora desde os primórdios do cinema até a década de 1990. Sem sombra de dúvidas, ele dará uma contribuição para diversos trabalhos que ainda serão feitos.

Novamente, é preciso ressaltar que a elaboração desta pesquisa teve início durante a pandemia do coronavírus. Tal período foi marcado por inúmeros desafios. Dentre eles, as restrições de acesso a arquivos, bibliotecas e centros de documentação físicos, que são importantes para a realização de estudos sobre os primórdios do cinema. Esses espaços, que são frequentemente utilizados por investigadores para consultar fontes primárias, permaneceram fechados por um longo tempo, o que resultou numa paralisação parcial ou total de vários projetos. A necessidade de distanciamento social e a suspensão de atividades presenciais evidenciaram a completa dependência de muitos acadêmicos dos acervos dessas instituições, que, em sua maioria, não estavam digitalizados ou, quando estavam, não eram acessíveis remotamente. Aqui, é válido recordar da situação envolvendo o *Jornal do Commercio*. As edições preservadas de tal periódico – assim como as de outras folhas – foram fotografadas e arquivadas em mídia digital a partir de 2007. Todavia, desde então, a promessa de que elas poderiam ser consultadas através da Internet não foi cumprida, pois os prefeitos de Juiz de Fora ao longo desse tempo não forneceram um servidor de hospedagem para que o acervo pudesse ser examinado pelas pessoas do local onde elas desejassem. Assim, os jornais somente podiam ser acessados nos três computadores do Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes. Durante a pandemia do coronavírus, o que, por si só, já era complicado se tornou praticamente impossível. Por causa das restrições de acesso a arquivos, bibliotecas e centros de documentação físicos, pesquisadores precisaram repensar suas abordagens metodológicas. Eles tiveram que procurar alternativas que, muitas vezes, não ofereciam a mesma profundidade ou riqueza de dados. O impacto foi especialmente sentido nos países onde os processos de digitalização são mais lentos, o que ampliou as desigualdades de acesso ao conhecimento. Por outro lado, a pandemia do coronavírus acelerou a transformação digital em diversos setores, incluindo o arquivístico. Muitas instituições passaram a investir mais em tecnologias para disponibilizar seus acervos online. Esse movimento, embora promissor, ainda está em estágio inicial no Brasil e enfrenta obstáculos como a falta de recursos.

Os arquivos, bibliotecas e centros de documentação físicos desempenham um papel essencial na preservação da história e da identidade de uma comunidade. Eles são os

guardiões da memória coletiva, pois armazenam documentos e fotografias que narram o desenvolvimento cultural, econômico, político e social de uma cidade. É substancial que as autoridades municipais reconheçam a sua importância e ofereçam suporte a essas instituições, garantindo assim sua manutenção, modernização e acessibilidade. Sem um investimento adequado, eles correm o risco de deterioração e, até mesmo, de fechamento. O auxílio das autoridades municipais pode incluir financiamento para infraestrutura, digitalização de acervos, contratação de profissionais especializados e promoção de atividades educativas e culturais. Além disso, a implementação de políticas públicas destinadas à valorização desses espaços pode incentivar a participação da comunidade e aproximar os cidadãos de sua própria história. Preservar a memória local não é apenas um ato de respeito ao passado, mas também uma estratégia para construir um futuro mais consciente. Quando as pessoas têm acesso à história do lugar onde nasceram, elas desenvolvem um senso de pertencimento e responsabilidade, tornando-se mais engajadas na proteção de seu patrimônio cultural. Logo, promover esses espaços é investir na identidade e na coesão social da comunidade, um compromisso que cabe às autoridades municipais honrar e oportunizar. Isso precisa ser feito URGENTEMENTE em Juiz de Fora.

Por mais que eu tenha procurado reconstituir, de maneira aprofundada, a história dos primórdios do cinema na Princesa de Minas, eu compreendo esta tese como um trabalho ainda de caráter inicial, responsável pela reunião de variadas informações que merecem estudos mais acurados. Entendo que diversos aspectos podem ser explorados tomando o meu trabalho como base. Diante do fechamento de tantas salas de cinema – situação que vem acontecendo desde bem antes da pandemia do coronavírus que nos atingiu –, é fundamental que sejam pensadas formas de sensibilização das comunidades para a constituição de uma consciência em torno do desaparecimento de uma atividade que, no passado, teve grande destaque e, portanto, carece de mais registros. Nesse sentido, investigações como essa ajudam a manter viva a história dos espaços de projeção fílmica nacionais. Finalizo com o desejo de que muito se caminhe, nos próximos anos, em direção a um melhor entendimento da história do cinema não somente em Juiz de Fora, mas em toda a Região da Zona da Mata. Afinal, ainda existem muitas *histórias de cinemas* para serem contadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Fabiana Aparecida de. **Narrativas preservacionistas na cidade:** a trajetória da defesa do patrimônio histórico de Juiz de Fora através de manifestações populares na década de 1980. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2012.

ALMEIDA, Luiz Gonzaga Binato de. **Theatro Treze de Maio:** um espetáculo de história. Santa Maria: Associação dos Amigos do Theatro Treze de Maio, 2016.

ALTMAN, Rick. **Silent film sound.** New York: Columbia University Press, 2004.

ALVES, Bernardo Marquez. **Os estudos do som no cinema:** evolução quantitativa, tendências temáticas e o perfil da pesquisa brasileira contemporânea sobre o som cinematográfico. Dissertação (Mestrado em Meios e Processos Audiovisuais) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2013.

AMARAL, Aelson Faria. **Os bondes em Juiz de Fora:** imagens eternas. Juiz de Fora: Funalfa, 2011.

ARAÚJO, Vicente de Paula. **A bela época do cinema brasileiro.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

ARAÚJO, Vicente de Paula. **Salões, circos e cinemas de São Paulo.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.

ASPECTOS brasileiros: meados do século XIX. Rio Grande: Edição da Biblioteca Rio-grandense, 1937.

AVELAR NETO, Gilberto Faúla. **Sociabilidade e imaginário urbano de Juiz de Fora:** um olhar sobre o Cinema São Luiz. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2016.

BARRO, Máximo. **Na trilha dos ambulantes.** São Paulo: Editora Maturidade, 2000.

BARROSO, Elaine Aparecida Laier. **Epidemias e modernização capitalista: higienismo e coerção aos populares na Manchester Mineira em fins do século XIX.** Juiz de Fora: Novas Edições Acadêmicas, 2017.

BARZ, Elton L. **Teatro Hauer: um espaço da lembrança do nosso lazer.** Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1989.

BASTOS, Débora Cristina de Alexandre. **Cinema aos olhos de Carriço.** Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2007.

BASTOS, Wilson de Lima. **Mariano Procópio Ferreira Lage: sua vida, sua obra, descendência, genealogia.** Juiz de Fora: Edições Paraibuna, 1991.

BELTRÃO, Romeu. **Cronologia histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho (1787-1930).** Santa Maria: Pallotti, 1979.

BERNARDET, Jean-Claude. **Historiografia clássica do cinema brasileiro: metodologia e pedagogia.** São Paulo: Annablume, 1995.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Catálogo da Exposição Comemorativa do Primeiro Centenário de Apolônia Pinto.** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1954.

BIJKER, Wiebe; HUGHES, Thomas; PINCH, Trevor. **The social construction of technological systems: new directions in the sociology and history of technology.** Londres: MIT Press, 1989.

BILTEREYST, Daniel; SLUGAN, Mario (Eds.). **New perspectives on Early Cinema history: concepts, approaches, audiences.** London: Bloomsbury, 2022.

BITTENCOURT, Ezio. **Da rua ao teatro, os prazeres de uma cidade: sociabilidades e cultura no Brasil Meridional – Panorama da história de Rio Grande.** Rio Grande: Editora FURG, 1999.

BRANDÃO, Ryan; CABRERA, Livia; EBERT, Sancler. Mapeamento das pesquisas sobre salas de cinema nos cursos de pós-graduação *stricto sensu* do estado do Rio de Janeiro. **Faces da História** – Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UNESP, v.9, n.1, pp.196–219, 2022.

BRASIL. **Decreto nº 560, de 24 de setembro de 1891**. Aprova os novos estatutos da Companhia Organização Agrícola Mineira.

BRETAS, Tayná Moura. **Lazer e cinema**: um olhar para a gestão do cinema do Santa Cruz Shopping, Juiz de Fora/MG. Monografia (Graduação em Turismo) – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2023.

BRUM, Alessandra. Os guardiões da memória: uma reflexão sobre a pesquisa em arquivo no projeto *Minas é Cinema*. In: BRUM, Alessandra; BRANDÃO, Ryan (Orgs.). **Histórias de cinemas de rua de Minas Gerais**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2021.

CAFEZEIRO, Edwaldo; GADELHA, Carmem. **História do Teatro Brasileiro**: um percurso de Anchieta a Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ / Editora da UERJ / Funarte, 1996.

CAPELLARO, Jorge; FERREIRA, Paulo Roberto. **Verdades sobre o início do cinema no Brasil**. Rio de Janeiro: Funarte, 1996.

CASTRO, Aldemar Araújo de. **Revisão sistemática e meta-análise**, 2001. Disponível em: <http://www.usinadepesquisa.com/metodologia/wp-content/uploads/2010/08/meta1.pdf>. Acesso em: janeiro de 2022.

CHO, Fabiana Isabel. **Cine São Luiz**: cidade, interatividade, história contemporânea. Monografia (Graduação em Arquitetura) – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2012.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. **A Europa dos pobres**: a belle-époque mineira. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 1994.

CONVENTS, Guido. **Os moçambicanos perante o cinema e o audiovisual**: uma história político-cultural do Moçambique colonial até a República de Moçambique (1896-2010). Maputo: Edições Dockanema / Afrika Film Festival, 2011.

COSTA, Selda Vale da. **Eldorado das ilusões: cinema e sociedade em Manaus (1897-1935)**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 1988.

CROSS, Di; THOMSON, Simon; SINCLAIR, Alexandra. **Research in Brazil**: a report for CAPES by Clarivate Analytics, 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/17012018-capes-incitesreport-final-pdf> . Acesso em: agosto/setembro de 2022.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902.

DIAS, José. **Teatros do Rio**: do século XVIII ao século XX. Rio de Janeiro: Funarte, 2012.

ELSAESSER, Thomas. The New Film History as Media Archaeology. **Cinémas**, v.14, n.2-3, 2004, pp.75-117.

ESTEVES, Albino. **Álbum do município de Juiz de Fora**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1915.

FAGUNDES, Elizabeth Macedo de. **Inventário cultural de Bagé**: um passeio pela história. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2005.

FARIA, João Roberto. **História do Teatro Brasileiro**: das origens ao teatro profissional da primeira metade do século XX. São Paulo: Editora Perspectiva/Edições SESCSP, 2012.

FARIA, João Roberto; GUINSBURG, Jacó; LIMA, Mariângela Alves de (Coord.). **Dicionário do teatro brasileiro**: temas, formas e conceitos. São Paulo: SESC / Perspectiva, 2006.

FASOLATO, Valéria. **As representações da infância na pintura de Maria Pardos**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2014.

FAZOLATTO, Douglas. **Juiz de Fora: imagens do passado**. Juiz de Fora: Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage, 2001.

FERRAZ, Renata Bastos Dellaméa. **Associação Amigos do Theatro São Pedro: memória e gestão de um bem simbólico de Porto Alegre**. Tese (Doutorado em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade La Salle, Canoas, 2019.

FERRAZ, Rosane Carmanini. **A chegada do cinema em Juiz de Fora: uma nova opção de entretenimento no centro cultural de Minas Gerais (1897-1912)**. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2000.

FERREIRA, José Jansen. **Apolônia Pinto e seu tempo**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1953.

FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. **Fazendo fita: cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador (1897-1930)**. Salvador: Editora da UFBA, 2002.

FREIRE, Rafael de Luna. **Cinematographo em Nichteroy: história das salas de cinema de Niterói**. Niterói: Niterói Livros, 2012.

FREIRE, Rafael de Luna (Coord.). **Base de dados “Exibidores ambulantes no início do cinema no Brasil”**, 2022. Disponível em: <https://lupa.uff.br/exibidores-ambulantes-no-inicio-do-cinema-no-brasil/>. Acesso em: janeiro de 2024.

FRÓES, Natália Teles Silva e. **Mapeamento dos espaços de exibição de Juiz de Fora: historiografia, mapas interativos e um passeio pela cidade**. Dissertação (Mestrado em Artes, Cultura e Linguagens) – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2022.

GALDINO, Márcio da Rocha. **Minas Gerais**: ensaio de filmografia. Belo Horizonte: Editora Comunicação, 1983.

GALDINO, Márcio da Rocha. **O cinéfilo anarquista**: Carlos Drummond de Andrade e o cinema. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1991.

GASPAR NETO, Verlan Valle. **Na pegação**: Encontros homoeróticos masculinos em Juiz de Fora. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2008.

GAUDREAULT, André. **Cinéma et attraction**: Pour une nouvelle histoire du cinématographe. Paris: CNRS, 2008.

GAUTHIER, Philippe. **The Brighton Congress and Traditional Film History as founding myths of the New Film History**. Paper presented at the 53rd Society for Cinema and Media Studies (SCMS) Conference, Boston, MA, March 2012.

GOMERY, Douglas; ALLEN, Robert C. **Film History**: theory and practice. New York: Alfred A. Knopf, 1985.

GOMES, Paulo Emílio Salles. **Cinema**: trajetória no subdesenvolvimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GONZAGA, Alice. **Palácios e poeiras**: 100 anos de cinema no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora Record; Ministério da Cultura / Funarte, 1996.

GONZÁLEZ, Juliana Pérez. O comércio fonográfico em São Paulo e os irmãos Figner. In: MORAES, José Geraldo Vinci de (Org.). **Cidade (dis)sonante**: culturas sonoras em São Paulo (séculos XIX e XX). São Paulo: Fapesp; Intermeios, 2022.

GOUVÊA, Ana Carolina. **Cine-Theatro Central (Juiz de Fora - MG)**: visita guiada como meio de interpretação do patrimônio. Monografia (Graduação em Turismo) – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2010.

GUEDES, Martha Sirimarco. **Cinejornalismo e populismo**: ciclo da Carriço Film em Juiz de Fora. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 1980.

GUEDES, Martha Sirimarco. **João Carriço, o amigo do povo**. Juiz de Fora: Funalfa Edições, 2005.

GUNNING, Tom. Enigmas, understanding and further questions: early cinema research in its second decade since Brighton. **Persistence of Vision**: the Journal of the Film Faculty of the City University of New York, n.9, 1991, pp.4-9.

HARGREAVES, Carlos Alberto (Coord.). **Companhia Mineira de Eletricidade**. Belo Horizonte: CEMIG, 1994.

HENDRICKS, Gordon. **The Kinetoscope**. Nova York: Theodore Gaus' Sons, 1966.

HENRIQUES, Heliane Casarin. **Entrevista concedida a Ryan Brandão Barbosa Reinhold de Assis**. Juiz de Fora, 2022.

JACOB, Glória Kalil. **Cine-Theatro Central**: potencialidades no contexto da sustentabilidade. Monografia (Graduação em Turismo) – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2003.

LEAL, Ruy do Brasil. **Portugueses em Juiz de Fora e suas descendências**. Juiz de Fora: Edições do Autor, 2004.

LEITE, Ary Bezerra. **Memória do cinema**: os ambulantes no Brasil. Fortaleza: Editora Premium, 2011.

LEMIESZEK, Cláudio de Leão. **Bagé**: relatos de sua história. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

LOPES, Cristiano Aguiar. **A pós-graduação *stricto sensu* e a produção científica no Brasil**, 2019. Disponível em: <https://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/39019>. Acesso em: janeiro de 2022.

MALTBY, Richard. New Cinema Histories. In: BILTEREYST, Daniel; MALTBY, Richard; MEERS, Philippe (Eds.). **Explorations in New Cinema History: approaches and case studies**. Oxford: Blackwell Publishing, 2011.

MANONNI, Laurent. **A grande arte da luz e da sombra: arqueologia do cinema**. São Paulo: Editoras SENAC e UNESP, 2003.

MARQUES, Valéria Fabri Carneiro. **O cinema em outras telas: uma análise da produção da websérie Cinemas de Rua em Juiz de Fora**. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2016.

MARQUES, Valéria Fabri Carneiro. **Cine Paratodos: imaginários e memórias do cinema no bairro Borboleta**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2019.

MARTINS, Vinícius Pontes. BNDigital – 10 anos: retrospectiva e perspectivas para os próximos 10 anos. **Anais do IV Seminário Serviços de Informação em Museus**. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2017, pp.159-169.

MASCARENHAS, Nelson Lage. **Bernardo Mascarenhas: o surto industrial de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1954.

MATOS, Marcos Fábio Belo. **Ecos da modernidade: uma análise do discurso sobre o cinema ambulante em São Luís**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, 2010.

MUSEU PARANAENSE. **Exposição 150 Anos da Família Hauer no Brasil**. Folder. Curitiba, 2013.

MUSSE, Christina Ferraz. **Imprensa, cultura e imaginário urbano**: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora. Juiz de Fora: Funalfa, 2008.

MUSSER, Charles. **The emergence of cinema**: the American screen to 1907. New York: Charles Scribner's Sons, 1990.

NACKE, Aneliese; REIS, Maria José; BLOEMER, Neusa Maria Sens. Empreendimentos pioneiros na produção de energia elétrica. In: SANTOS, Sílvio Coelho dos; REIS, Maria José (Orgs.). **Memória do setor elétrico na Região Sul**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

NORONHA, Jurandir Passos. Imigrantes no cinema brasileiro: italianos – Parte I. **Cine-min**. Rio de Janeiro: Ebal, nº 35, s/d.

OLIVEIRA, Almir de. **A imprensa em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 1981.

OLIVEIRA, Igor Moura de. **Cine-Theatro Central**: edificação, patrimônio histórico e conservação. Monografia (Graduação em Engenharia Civil) – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2013.

OLIVEIRA, Paulino de. **História de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Gráfica Comércio e Indústria, 1966.

PAIVA, Cláudia dos Reis. **Abrindo passagem para o futuro**: Galeria Pio X. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído) – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2018.

PAIXÃO, Múcio da. **Os theatros de Campos**. Rio de Janeiro: Tipografia Almeida Marques & C., 1919.

PARANAGUÁ, Paulo Antonio. Brésil. In: HENNEBELLE, Guy; DRAGON, Alfonso Gumucio (Eds.). **Les cinémas d'Amérique Latine**. Paris: L'Herminier, 1981.

PEREIRA, Renata Venise Vargas. **Juiz de Fora e o “amigo do povo”**: uma biografia de João Gonçalves Carriço. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2023.

PFEIL, Antônio Jesus. **O cinematographo no Rio Grande do Sul no século XIX**. Canoas: Edição do Autor, 1999.

PROCÓPIO FILHO, José. **Salvo erro ou omissão**: gente juiz-forana. Juiz de Fora: Edição do Autor, 1979.

QUINTES, Tiago. **Atrações visuais e os primórdios do cinema em Campos dos Goytacazes**. Dissertação (Mestrado em Cinema e Audiovisual) – Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2022.

REZENDE, Rogério. **Alfredo Ferreira Lage, suas coleções e a constituição do Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora, MG**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2008.

RITTAUD-HUTINET, Jacques. **Le cinéma des origines**: les frères Lumière et leurs opérateurs. Seyssel: Éditions du Champ Vallon, 1985.

ROCHA, Adriano Medeiros da. **Cinejornalismo brasileiro**: uma visão pelas lentes da Carriço Film. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2007.

ROCHA, Adriano Medeiros da. **Cinejornalismo brasileiro**: uma visão através das lentes da Carriço Film. Juiz de Fora: Funalfa, 2008.

ROSSELL, Deac. A slippery job: travelling exhibitors in early cinema. In: POPPLE, Simon; TOULMIN, Vanessa (Eds.). **Visual delights**: essays on the popular and projected image in the 19th century. Trowbridge: Flicks Books, 2000, pp.50-60.

SANT'ANNA, Ana Paula de. **Gestão pública de cultura no âmbito da UFJF: o caso do Cine-Theatro Central**. Dissertação (Mestrado em Gestão e Avaliação da Educação Pública) – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2019.

SANTOS, Amândio Videira. **Para a História do Cinema em Portugal: do diafanorama aos cinematógrafos de Lumière e Joly-Normandin**. Lisboa: Cinemateca Portuguesa, 1990.

SCHMITZ, Paulo Clóvis. **Pequena história do Teatro Álvaro de Carvalho**. Florianópolis: Editora Insular, 2005.

SCHVARZMAN, Sheila. História e historiografia do cinema brasileiro: objetos do historiador. **Especiaria**, v. 10, n. 17, 2007, pp.15-40.

SILVA, Bárbara Moura Dias e. **Análise do estado de conservação do patrimônio histórico de Juiz de Fora: Estudo de caso - Cine-Theatro Central, Fórum da Cultura e Palacete Santa Mafalda**. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído) – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2016.

SILVA, Daniel Roberto dos Reis. **De Cine-Teatro à alma da cidade: Cine-Teatro Central e a construção dos discursos da categoria patrimônio na cidade de Juiz de Fora**. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2007.

SILVA, Felipe Davson Pereira da. **Novidade, imaginário e sedentarização: o espetáculo cinematográfico no Recife (1896-1909)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife, 2018.

SILVA, Izabel Pimentel da. Joaquim Augusto de Assunção. In: ABREU, Alzira Alves de (Coord.). **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889-1930)**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2015.

SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa (Org.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

SOARES, Emmanuel de Macedo. **Pequena História do Teatro Municipal de Niterói**. Niterói: Fundação Atividades Culturais de Niterói, 1983.

SOARES, Priscila Gonçalves. **Práticas corporais e diversão em Juiz de Fora / MG: O discurso do jornal *O Pharol* (1876-1915)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2010.

SOUSA, Horácio. **Cyclo Aureo: História do 1º centenário de Campos**. Campos dos Goytacazes: Essentia Editora, 2014.

SOUZA, José Inácio de Melo. **Salas de cinema e história urbana de São Paulo (1895-1930): o cinema dos engenheiros**. São Paulo: Editora SENAC, 2016.

TINOCO, Godofredo. **O Teatro em Campos (1735-1975)**. Campos dos Goytacazes: Edição do Autor, 1975.

TRUSZ, Alice Dubina. **Entre lanternas mágicas e cinematógrafos: as origens do espetáculo cinematográfico em Porto Alegre (1861-1908)**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2010.

TRUSZ, Alice Dubina. Cinema nos anos 1910: conexões entre exibição, distribuição e produção. In: **Anais do XVI Encontro da Socine** [Cinema Brasileiro e novas cartografias do Cinema Mundial], São Paulo, 2013, pp.113-120.

URRICCHIO, William. Historicizing media in transition. In: JENKINS, Henry; THORBURN, David (Dir.). **Rethinking media change: the aesthetics of transition**. Boston: The MIT Press, 2003, pp.23-38.

VICTORINO, Eduardo. **Atores e atrizes**. Rio de Janeiro: A Noite Editora, 1937.

VIEIRA, João Luiz. Prefácio. In: BRUM, Alessandra; BRANDÃO, Ryan (Orgs.). **Histórias de cinemas de rua de Minas Gerais**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2021.

YAZBECK, Lola. **As origens da Universidade de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 1999.

REFERÊNCIAS HEMEROGRÁFICAS:

A Capital. Rio de Janeiro, 6 de janeiro de 1905.

A Federação. Porto Alegre, 6 de julho de 1903.

A Imprensa. São João Del-Rei, 18 de novembro de 1898.

A Nação. São Paulo, 7 de setembro de 1897.

A Noite. Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1919.

_____. Rio de Janeiro, 11 de março de 1924.

_____. Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 1925.

A Notícia. Florianópolis, 19 de abril de 1939.

A Notícia. Rio de Janeiro, 15/16 de julho de 1897.

_____. Rio de Janeiro, 8/9 de março de 1899.

_____. Rio de Janeiro, 17/18 de abril de 1899.

A Província. Recife, 31 de janeiro de 1903.

A República. Curitiba, 15 de agosto de 1890.

_____. Curitiba, 8 de outubro de 1897.

_____. Curitiba, 16 de outubro de 1897.

A República. Porto Alegre, 1º de abril de 1898.

Cidade do Rio. Rio de Janeiro, 4 de outubro de 1897.

_____ . Rio de Janeiro, 7 de março de 1898.

Commercio do Espírito Santo. Vitória, 7 de agosto de 1901.

_____ . Vitória, 10 de agosto de 1901.

_____ . Vitória, 13 de agosto de 1901.

Corpus Christi Caller and Daily Herald. Corpus Christi, 23 de maio de 1915.

_____ . Corpus Christi, 30 de maio de 1915.

Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 5 de maio de 1903.

Correio de Minas. Juiz de Fora, 25 de julho de 1897.

_____ . Juiz de Fora, 21 de outubro de 1898.

Correio de Notícias. Curitiba, 31 de dezembro de 1992.

Correio de Notícias. Rio de Janeiro, 4 de novembro de 1907.

Correio do Povo. Porto Alegre, 12 de abril de 1898.

Correio Mercantil. Porto Alegre, 29 de abril de 1898.

Correio Mercantil de Pelotas. Pelotas, 13 de janeiro de 1898.

_____ . Pelotas, 3 de maio de 1898.

_____ . Pelotas, 24 de maio de 1898.

Correio Paulistano. São Paulo, 30 de janeiro de 1890.

_____ . São Paulo, 8 de julho de 1890.

_____ . São Paulo, 13 de julho de 1890.

_____ . São Paulo, 28 de setembro de 1890.

_____ . São Paulo, 21 de abril de 1895.

_____ . São Paulo, 24 de abril de 1895.

_____ . São Paulo, 25 de abril de 1895.

- _____ . São Paulo, 1º de maio de 1895.
- _____ . São Paulo, 6 de junho de 1895.
- _____ . São Paulo, 9 de junho de 1895.
- _____ . São Paulo, 16 de junho de 1895.
- _____ . São Paulo, 5 de maio de 1898.
- _____ . São Paulo, 7 de julho de 1899.
- _____ . São Paulo, 21 de julho de 1899.
- _____ . São Paulo, 19 de dezembro de 1899.
- _____ . São Paulo, 27 de janeiro de 1900.
- _____ . São Paulo, 11 de maio de 1900.
- _____ . São Paulo, 17 de maio de 1903.
- _____ . São Paulo, 23 de maio de 1903.

Diário da Bahia. Salvador, 24 de fevereiro de 1903.

- _____ . Salvador, 28 de fevereiro de 1903.
- _____ . Salvador, 13 de março de 1903.

Diário da Tarde. Curitiba, 29 de setembro de 1904.

- _____ . Curitiba, 7 de junho de 1941.
- _____ . Curitiba, 12 de julho de 1949.
- _____ . Curitiba, 16 de março de 1950.
- _____ . Curitiba, 11 de setembro de 1975.

Diário de Minas. Juiz de Fora, 27 de fevereiro de 1889.

- _____ . Juiz de Fora, 2 de março de 1889.
- _____ . Juiz de Fora, 16 de agosto de 1889.
- _____ . Juiz de Fora, 15 de julho de 1899.

Diário de Notícias. Belém, 3 de janeiro de 1897.

Diário de Pernambuco. Recife, 6 de novembro de 1889.

- _____ . Recife, 13 de novembro de 1889.
- _____ . Recife, 19 de novembro de 1889.
- _____ . Recife, 23 de novembro de 1889.

_____ . Recife, 29 de novembro de 1889.

_____ . Recife, 25 de janeiro de 1903.

_____ . Recife, 19 de fevereiro de 1903.

Diário do Maranhão. São Luís, 10 de novembro de 1902.

_____ . São Luís, 15 de janeiro de 1903.

Diário do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 1832.

Diário do Rio Grande. Rio Grande, 13 de novembro de 1897.

_____ . Rio Grande, 7 de dezembro de 1897.

_____ . Rio Grande, 8 de dezembro de 1897.

Diário Ilustrado. Lisboa, 15 de junho de 1896.

_____ . Lisboa, 21 de junho de 1896.

_____ . Lisboa, 15 de julho de 1896.

Diário Popular de Pelotas. Pelotas, 28 de maio de 1898.

El Nacional. Buenos Aires, 21 de outubro de 1892.

Folha do Norte. Belém, 24 de dezembro de 1896.

Gazeta de Leopoldina. Leopoldina, 11 de junho de 1899.

_____ . Leopoldina, 24 de junho de 1899.

Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 3 de junho de 1880.

_____ . Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1896.

_____ . Rio de Janeiro, 3 de abril de 1903.

_____ . Rio de Janeiro, 3 de maio de 1903.

Gazeta de Petrópolis. Petrópolis, 4 de fevereiro de 1899.

Gazeta do Povo. Campos dos Goytacazes, 18 de agosto de 1897.

_____ . Campos dos Goytacazes, 21 de agosto de 1897.

_____ . Campos dos Goytacazes, 14 de setembro de 1897.

Hélio Illustré. Bruxelas, 15 de agosto de 1895.

Jornal de Notícias. Salvador, 31 de janeiro de 1895.

_____ . Salvador, 4 de fevereiro de 1895.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1896.

_____ . Rio de Janeiro, 15 de junho de 1897.

_____ . Rio de Janeiro, 12 de agosto de 1897.

_____ . Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1897.

_____ . Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1898.

_____ . Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 1914.

Jornal do Commercio. Juiz de Fora, 20 de março de 1897.

_____ . Juiz de Fora, 21 de março de 1897.

_____ . Juiz de Fora, 23 de março de 1897.

_____ . Juiz de Fora, 25 de março de 1897.

_____ . Juiz de Fora, 26 de março de 1897.

_____ . Juiz de Fora, 1º de abril de 1897.

_____ . Juiz de Fora, 11 de julho de 1897.

_____ . Juiz de Fora, 22 de julho de 1897.

_____ . Juiz de Fora, 23 de julho de 1897.

_____ . Juiz de Fora, 25 de julho de 1897.

_____ . Juiz de Fora, 24 de outubro de 1897.

_____ . Juiz de Fora, 29 de outubro de 1897.

_____ . Juiz de Fora, 9 de março de 1898.

_____ . Juiz de Fora, 22 de dezembro de 1898.

_____ . Juiz de Fora, 28 de dezembro de 1898.

_____ . Juiz de Fora, 31 de dezembro de 1898.

_____ . Juiz de Fora, 1º de janeiro de 1899.

_____ . Juiz de Fora, 5 de janeiro de 1899.

_____ . Juiz de Fora, 7 de janeiro de 1899.

- _____ . Juiz de Fora, 11 de janeiro de 1899.
- _____ . Juiz de Fora, 14 de janeiro de 1899.
- _____ . Juiz de Fora, 21 de junho de 1899.
- _____ . Juiz de Fora, 15 de junho de 1900.
- _____ . Juiz de Fora, 2 de outubro de 1900.
- _____ . Juiz de Fora, 18 de outubro de 1900.
- _____ . Juiz de Fora, 21 de outubro de 1900.
- _____ . Juiz de Fora, 28 de outubro de 1900.
- _____ . Juiz de Fora, 31 de outubro de 1900.
- _____ . Juiz de Fora, 6 de novembro de 1900.
- _____ . Juiz de Fora, 19 de dezembro de 1900.
- _____ . Juiz de Fora, 23 de dezembro de 1900.
- _____ . Juiz de Fora, 1º de janeiro de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 5 de janeiro de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 29 de janeiro de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 13 de março de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 21 de março de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 22 de março de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 26 de março de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 31 de março de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 5 de abril de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 7 de abril de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 12 de abril de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 13 de abril de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 14 de abril de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 19 de abril de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 21 de abril de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 26 de abril de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 2 de maio de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 5 de maio de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 12 de maio de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 17 de maio de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 25 de junho de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 27 de junho de 1901.

- _____ . Juiz de Fora, 28 de junho de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 30 de junho de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 4 de julho de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 6 de julho de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 7 de julho de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 21 de setembro de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 5 de outubro de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 28 de novembro de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 1º de janeiro de 1902.
- _____ . Juiz de Fora, 7 de fevereiro de 1902.
- _____ . Juiz de Fora, 13 de fevereiro de 1902.
- _____ . Juiz de Fora, 30 de novembro de 1902.
- _____ . Juiz de Fora, 6 de dezembro de 1902.
- _____ . Juiz de Fora, 17 de dezembro de 1902.
- _____ . Juiz de Fora, 24 de dezembro de 1902.
- _____ . Juiz de Fora, 31 de dezembro de 1902.
- _____ . Juiz de Fora, 3 de janeiro de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 4 de janeiro de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 24 de janeiro de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 6 de março de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 10 de março de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 17 de abril de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 23 de abril de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 2 de maio de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 3 de maio de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 6 de maio de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 7 de maio de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 9 de maio de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 10 de maio de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 12 de maio de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 13 de maio de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 4 de junho de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 5 de julho de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 7 de julho de 1903.

- _____ . Juiz de Fora, 11 de julho de 1903.
_____ . Juiz de Fora, 12 de julho de 1903.
_____ . Juiz de Fora, 15 de julho de 1903.
_____ . Juiz de Fora, 18 de julho de 1903.
_____ . Juiz de Fora, 20 de outubro de 1903.
_____ . Juiz de Fora, 22 de outubro de 1903.
_____ . Juiz de Fora, 24 de outubro de 1903.
_____ . Juiz de Fora, 3 de novembro de 1903.
_____ . Juiz de Fora, 10 de dezembro de 1904.
_____ . Juiz de Fora, 3 de janeiro de 1905.
_____ . Juiz de Fora, 8 de janeiro de 1905.
_____ . Juiz de Fora, 24 de janeiro de 1905.
_____ . Juiz de Fora, 8 de fevereiro de 1905.
_____ . Juiz de Fora, 9 de fevereiro de 1905.
_____ . Juiz de Fora, 21 de março de 1905.
_____ . Juiz de Fora, 25 de março de 1905.
_____ . Juiz de Fora, 9 de abril de 1905.
_____ . Juiz de Fora, 3 de maio de 1905.
_____ . Juiz de Fora, 7 de maio de 1905.
_____ . Juiz de Fora, 14 de setembro de 1905.
_____ . Juiz de Fora, 29 de outubro de 1905.
_____ . Juiz de Fora, 13 de dezembro de 1906.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1889.

- _____ . Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 1889.
_____ . Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 1889.
_____ . Rio de Janeiro, 20 de julho de 1897.
_____ . Rio de Janeiro, 6 de fevereiro de 1898.
_____ . Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1898.

Jornal do Recife. Recife, 30 de janeiro de 1897.

Jornal Pequeno. Pernambuco, 3 de fevereiro de 1903.

La Tribuna. Buenos Aires, 13 de outubro de 1892.

Libertador. Fortaleza, 6 de outubro de 1889.

_____ . Fortaleza, 7 de outubro de 1889.

_____ . Fortaleza, 8 de outubro de 1889.

_____ . Fortaleza, 12 de outubro de 1889.

_____ . Fortaleza, 18 de outubro de 1889.

Minas Geraes: organo official dos poderes do estado. Belo Horizonte, 17 de setembro de 1898.

_____ . Belo Horizonte, 18 de setembro de 1898.

_____ . Belo Horizonte, 1º de outubro de 1898.

_____ . Belo Horizonte, 4 de outubro de 1898.

_____ . Belo Horizonte, 8 de outubro de 1898.

_____ . Belo Horizonte, 19 de outubro de 1898.

Monitor Campista. Campos dos Goytacazes, 14 de maio de 1881.

_____ . Campos dos Goytacazes, 20 de novembro de 1891.

_____ . Campos dos Goytacazes, 5 de maio de 1899.

_____ . Campos dos Goytacazes, 3 de setembro de 1910.

Nicolau. Curitiba, nº 57, 1995.

O Brasil. Rio de Janeiro, 30 de abril de 1926.

O Commercio de São Paulo. São Paulo, 6 de junho de 1895.

_____ . São Paulo, 6 de outubro de 1895.

_____ . São Paulo, 7 de fevereiro de 1896.

_____ . São Paulo, 2 de fevereiro de 1897.

_____ . São Paulo, 7 de fevereiro de 1897.

_____ . São Paulo, 2 de setembro de 1899.

O Conservador. Desterro (Florianópolis), 24 de junho de 1874 .

_____ . Desterro (Florianópolis), 22 de agosto de 1874.

O Despertador. Desterro (Florianópolis), 7 de fevereiro de 1871.

O Dia. Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1919.

O Estado. Florianópolis, 27 de dezembro de 1933.

_____ . Florianópolis, 5 de outubro de 1938.

_____ . Florianópolis, 4 de julho de 1954.

O Estado. Santa Maria, 16 de fevereiro de 1898.

O Estado de São Paulo. São Paulo, 5 de julho de 1890.

_____ . São Paulo, 7 de julho de 1890.

_____ . São Paulo, 15 de junho de 1892.

_____ . São Paulo, 24 de abril de 1895.

O Estado do Espírito Santo. Vitória, 7 de março de 1903.

O Estado do Paraná. Curitiba, 17 de janeiro de 1974.

_____ . Curitiba, 15 de maio de 1976.

O Fluminense. Niterói, 17 de dezembro de 1896.

_____ . Niterói, 24 de dezembro de 1896.

_____ . Niterói, 14 de agosto de 1897.

_____ . Niterói, 15 de agosto de 1897.

O Globo. São Luís, 21 de setembro de 1889.

_____ . São Luís, 24 de setembro de 1889.

_____ . São Luís, 27 de setembro de 1889.

O Liberal do Pará. Belém, 14 de agosto de 1889.

_____ . Belém, 11 de setembro de 1889.

_____ . Belém, 13 de setembro de 1889.

O Mensageiro. Desterro (Florianópolis), 2 de agosto de 1857.

O Mequetrefe. Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1881.

O Monitor. Campos dos Goytacazes, 4 de setembro de 1839.

_____ . Campos dos Goytacazes, 5 de fevereiro de 1840.

O Monitor Campista. Campos dos Goytacazes, 26 de janeiro de 1841.

O Paiz. Rio de Janeiro, 8 de fevereiro de 1888.

_____ . Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1890.

_____ . Rio de Janeiro, 12 de agosto de 1892.

_____ . Rio de Janeiro, 8 de dezembro de 1894.

_____ . Rio de Janeiro, 3 de janeiro de 1897.

_____ . Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1897.

_____ . Rio de Janeiro, 1º de fevereiro de 1899

_____ . Rio de Janeiro, 22 de junho de 1921.

O Pharol. Juiz de Fora, 25 de fevereiro de 1890.

_____ . Juiz de Fora, 28 de fevereiro de 1890.

_____ . Juiz de Fora, 6 de março de 1890.

_____ . Juiz de Fora, 19 de abril de 1890.

_____ . Juiz de Fora, 22 de abril de 1890.

_____ . Juiz de Fora, 25 de abril de 1890.

_____ . Juiz de Fora, 29 de abril de 1890.

_____ . Juiz de Fora, 6 de agosto de 1890.

_____ . Juiz de Fora, 10 de agosto de 1890.

_____ . Juiz de Fora, 12 de agosto de 1890.

_____ . Juiz de Fora, 13 de agosto de 1890.

_____ . Juiz de Fora, 21 de agosto de 1891.

_____ . Juiz de Fora, 5 de setembro de 1894.

_____ . Juiz de Fora, 20 de setembro de 1895.

_____ . Juiz de Fora, 6 de abril de 1897.

_____ . Juiz de Fora, 22 de julho de 1897.

_____ . Juiz de Fora, 24 de julho de 1897.

_____ . Juiz de Fora, 25 de julho de 1897.

- _____ . Juiz de Fora, 27 de julho de 1897.
- _____ . Juiz de Fora, 29 de julho de 1897.
- _____ . Juiz de Fora, 31 de julho de 1897.
- _____ . Juiz de Fora, 3 de agosto de 1897.
- _____ . Juiz de Fora, 5 de agosto de 1897.
- _____ . Juiz de Fora, 7 de agosto de 1897.
- _____ . Juiz de Fora, 8 de agosto de 1897.
- _____ . Juiz de Fora, 9 de agosto de 1899.
- _____ . Juiz de Fora, 15 de junho de 1900.
- _____ . Juiz de Fora, 19 de junho de 1900.
- _____ . Juiz de Fora, 2 de outubro de 1900.
- _____ . Juiz de Fora, 18 de outubro de 1900.
- _____ . Juiz de Fora, 19 de outubro de 1900.
- _____ . Juiz de Fora, 11 de novembro de 1900.
- _____ . Juiz de Fora, 9 de dezembro de 1900.
- _____ . Juiz de Fora, 22 de dezembro de 1900.
- _____ . Juiz de Fora, 23 de dezembro de 1900.
- _____ . Juiz de Fora, 1º de janeiro de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 8 de janeiro de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 29 de janeiro de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 7 de julho de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 10 de julho de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 11 de julho de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 17 de julho de 1901.
- _____ . Juiz de Fora, 2 de janeiro de 1902.
- _____ . Juiz de Fora, 3 de janeiro de 1902.
- _____ . Juiz de Fora, 11 de janeiro de 1902.
- _____ . Juiz de Fora, 12 de janeiro de 1902.
- _____ . Juiz de Fora, 26 de janeiro de 1902.
- _____ . Juiz de Fora, 27 de fevereiro de 1902.
- _____ . Juiz de Fora, 2 de março de 1902.
- _____ . Juiz de Fora, 4 de março de 1902.
- _____ . Juiz de Fora, 1º de janeiro de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 17 de janeiro de 1903.

- _____ . Juiz de Fora, 29 de janeiro de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 1º de abril de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 17 de abril de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 18 de abril de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 28 de abril de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 8 de maio de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 9 de maio de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 10 de maio de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 12 de maio de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 14 de maio de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 11 de julho de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 19 de julho de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 21 de julho de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 28 de julho de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 20 de outubro de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 21 de outubro de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 25 de outubro de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 27 de outubro de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 31 de outubro de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 7 de novembro de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 10 de novembro de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 13 de novembro de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 15 de novembro de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 20 de novembro de 1903.
- _____ . Juiz de Fora, 29 de janeiro de 1904.
- _____ . Juiz de Fora, 29 de dezembro de 1904.
- _____ . Juiz de Fora, 13 de janeiro de 1905.
- _____ . Juiz de Fora, 20 de janeiro de 1905.
- _____ . Juiz de Fora, 21 de janeiro de 1905.
- _____ . Juiz de Fora, 2 de fevereiro de 1905.
- _____ . Juiz de Fora, 21 de fevereiro de 1905.
- _____ . Juiz de Fora, 25 de março de 1905.
- _____ . Juiz de Fora, 28 de abril de 1905.
- _____ . Juiz de Fora, 3 de maio de 1905.

- _____ . Juiz de Fora, 6 de maio de 1905.
- _____ . Juiz de Fora, 9 de maio de 1905.
- _____ . Juiz de Fora, 2 de setembro de 1905.
- _____ . Juiz de Fora, 5 de setembro de 1905.
- _____ . Juiz de Fora, 14 de dezembro de 1905.
- _____ . Juiz de Fora, 10 de março de 1906.
- _____ . Juiz de Fora, 13 de março de 1906.
- _____ . Juiz de Fora, 17 de março de 1906.
- _____ . Juiz de Fora, 20 de março de 1906.
- _____ . Juiz de Fora, 27 de março de 1906.
- _____ . Juiz de Fora, 6 de abril de 1906.
- _____ . Juiz de Fora, 7 de abril de 1906.
- _____ . Juiz de Fora, 8 de abril de 1906.
- _____ . Juiz de Fora, 10 de abril de 1906.
- _____ . Juiz de Fora, 20 de abril de 1906.
- _____ . Juiz de Fora, 2 de maio de 1906.
- _____ . Juiz de Fora, 5 de maio de 1906.
- _____ . Juiz de Fora, 9 de maio de 1906.
- _____ . Juiz de Fora, 23 de maio de 1906.
- _____ . Juiz de Fora, 20 de junho de 1906.
- _____ . Juiz de Fora, 6 de julho de 1906.
- _____ . Juiz de Fora, 8 de julho de 1906.
- _____ . Juiz de Fora, 12 de julho de 1906.
- _____ . Juiz de Fora, 13 de julho de 1906.
- _____ . Juiz de Fora, 16 de novembro de 1906.
- _____ . Juiz de Fora, 5 de dezembro de 1906.
- _____ . Juiz de Fora, 9 de dezembro de 1906.
- _____ . Juiz de Fora, 13 de dezembro de 1906.
- _____ . Juiz de Fora, 14 de junho de 1907.
- _____ . Juiz de Fora, 15 de junho de 1907.
- _____ . Juiz de Fora, 8/9 de julho de 1907.
- _____ . Juiz de Fora, 22/23 de julho de 1907.
- _____ . Juiz de Fora, 26 de julho de 1907.

- _____ . Juiz de Fora, 29/30 de julho de 1907.
- _____ . Juiz de Fora, 4 de setembro de 1907.
- _____ . Juiz de Fora, 12 de novembro de 1907.
- _____ . Juiz de Fora, 17 de novembro de 1907.
- _____ . Juiz de Fora, 21 de novembro de 1907.
- _____ . Juiz de Fora, 23 de novembro de 1907.
- _____ . Juiz de Fora, 24 de novembro de 1907.
- _____ . Juiz de Fora, 26 de novembro de 1907.
- _____ . Juiz de Fora, 30 de novembro de 1907.
- _____ . Juiz de Fora, 1º de dezembro de 1907.
- _____ . Juiz de Fora, 3 de dezembro de 1907.
- _____ . Juiz de Fora, 5 de dezembro de 1907.
- _____ . Juiz de Fora, 7 de dezembro de 1907.
- _____ . Juiz de Fora, 8 de dezembro de 1907.
- _____ . Juiz de Fora, 5 de janeiro de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 10 de janeiro de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 14 de janeiro de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 28 de janeiro de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 2 de fevereiro de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 13 de fevereiro de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 15 de fevereiro de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 17 de fevereiro de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 25 de fevereiro de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 10 de março de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 12 de março de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 15 de março de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 28 de março de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 31 de março de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 3 de abril de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 15 de abril de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 20 de abril de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 23 de abril de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 24 de abril de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 25 de abril de 1908.

- _____ . Juiz de Fora, 26 de abril de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 26 de maio de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 28 de maio de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 29 de maio de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 5 de junho de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 9 de junho de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 13 de junho de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 16 de junho de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 19 de junho de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 20 de junho de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 5 de julho de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 9 de julho de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 11 de julho de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 12 de julho de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 4 de agosto de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 6 de agosto de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 8 de agosto de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 11 de agosto de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 13 de agosto de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 14 de agosto de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 15 de agosto de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 17 de agosto de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 19 de agosto de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 20 de agosto de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 23 de agosto de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 28 de agosto de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 29 de agosto de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 13 de setembro de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 24 de outubro de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 10 de novembro de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 18 de novembro de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 16 de dezembro de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 23 de dezembro de 1908.
- _____ . Juiz de Fora, 29 de dezembro de 1908.

- _____ . Juiz de Fora, 7 de fevereiro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 20 de fevereiro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 23 de fevereiro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 4 de março de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 14 de março de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 28 de março de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 4 de abril de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 17 de abril de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 18 de abril de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 22 de abril de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 24 de abril de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 1º de maio de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 2 de maio de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 4 de maio de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 7 de maio de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 8 de maio de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 9 de maio de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 12 de maio de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 15 de maio de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 18 de maio de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 22 de maio de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 25 de maio de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 29 de maio de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 30 de maio de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 3 de junho de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 9 de junho de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 11 de junho de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 13 de junho de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 17 de junho de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 20 de junho de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 22 de junho de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 27 de junho de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 29 de junho de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 4 de julho de 1909.

- _____ . Juiz de Fora, 8 de julho de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 11 de julho de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 17 de julho de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 18 de julho de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 25 de julho de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 29 de julho de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 1º de agosto de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 3 de agosto de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 4 de agosto de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 5 de agosto de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 8 de agosto de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 10 de agosto de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 11 de agosto de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 12 de agosto de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 15 de agosto de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 17 de agosto de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 20 de agosto de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 21 de agosto de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 22 de agosto de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 24 de agosto de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 25 de agosto de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 26 de agosto de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 28 de agosto de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 29 de agosto de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 4 de setembro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 5 de setembro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 8 de setembro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 9 de setembro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 10 de setembro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 11 de setembro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 14 de setembro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 15 de setembro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 16 de setembro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 19 de setembro de 1909.

- _____ . Juiz de Fora, 23 de setembro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 24 de setembro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 25 de setembro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 26 de setembro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 30 de setembro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 1º de outubro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 3 de outubro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 5 de outubro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 8 de outubro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 10 de outubro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 12 de outubro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 16 de outubro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 17 de outubro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 19 de outubro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 20 de outubro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 21 de outubro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 22 de outubro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 24 de outubro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 31 de outubro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 13 de novembro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 21 de novembro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 26 de novembro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 8 de dezembro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 9 de dezembro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 11 de dezembro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 21 de dezembro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 25 de dezembro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 26 de dezembro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 29 de dezembro de 1909.
- _____ . Juiz de Fora, 5 de janeiro de 1910.
- _____ . Juiz de Fora, 7 de janeiro de 1910.
- _____ . Juiz de Fora, 9 de janeiro de 1910.
- _____ . Juiz de Fora, 20 de janeiro de 1910.
- _____ . Juiz de Fora, 27 de janeiro de 1910.

- _____. Juiz de Fora, 28 de janeiro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 29 de janeiro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 30 de janeiro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 1º de fevereiro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 2 de fevereiro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 3 de fevereiro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 5 de fevereiro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 6 de fevereiro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 8 de fevereiro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 10 de fevereiro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 12 de fevereiro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 13 de fevereiro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 15 de fevereiro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 16 de fevereiro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 18 de fevereiro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 19 de fevereiro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 20 de fevereiro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 22 de fevereiro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 23 de fevereiro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 25 de fevereiro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 26 de fevereiro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 27 de fevereiro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 3 de março de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 5 de março de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 6 de março de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 8 de março de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 10 de março de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 12 de março de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 13 de março de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 15 de março de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 16 de março de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 17 de março de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 19 de março de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 20 de março de 1910.

_____. Juiz de Fora, 22 de março de 1910.
_____. Juiz de Fora, 23 de março de 1910.
_____. Juiz de Fora, 24 de março de 1910.
_____. Juiz de Fora, 25 de março de 1910.
_____. Juiz de Fora, 27 de março de 1910.
_____. Juiz de Fora, 30 de março de 1910.
_____. Juiz de Fora, 31 de março de 1910.
_____. Juiz de Fora, 1º de abril de 1910.
_____. Juiz de Fora, 2 de abril de 1910.
_____. Juiz de Fora, 3 de abril de 1910.
_____. Juiz de Fora, 5 de abril de 1910.
_____. Juiz de Fora, 7 de abril de 1910.
_____. Juiz de Fora, 8 de abril de 1910.
_____. Juiz de Fora, 9 de abril de 1910.
_____. Juiz de Fora, 10 de abril de 1910.
_____. Juiz de Fora, 12 de abril de 1910.
_____. Juiz de Fora, 14 de abril de 1910.
_____. Juiz de Fora, 15 de abril de 1910.
_____. Juiz de Fora, 16 de abril de 1910.
_____. Juiz de Fora, 17 de abril de 1910.
_____. Juiz de Fora, 19 de abril de 1910.
_____. Juiz de Fora, 21 de abril de 1910.
_____. Juiz de Fora, 22 de abril de 1910.
_____. Juiz de Fora, 23 de abril de 1910.
_____. Juiz de Fora, 24 de abril de 1910.
_____. Juiz de Fora, 27 de abril de 1910.
_____. Juiz de Fora, 28 de abril de 1910.
_____. Juiz de Fora, 29 de abril de 1910.
_____. Juiz de Fora, 30 de abril de 1910.
_____. Juiz de Fora, 1º de maio de 1910.
_____. Juiz de Fora, 3 de maio de 1910.
_____. Juiz de Fora, 5 de maio de 1910.
_____. Juiz de Fora, 7 de maio de 1910.
_____. Juiz de Fora, 8 de maio de 1910.

_____. Juiz de Fora, 12 de maio de 1910.
_____. Juiz de Fora, 15 de maio de 1910.
_____. Juiz de Fora, 20 de maio de 1910.
_____. Juiz de Fora, 22 de maio de 1910.
_____. Juiz de Fora, 24 de maio de 1910.
_____. Juiz de Fora, 27 de maio de 1910.
_____. Juiz de Fora, 29 de maio de 1910.
_____. Juiz de Fora, 2 de junho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 4 de junho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 5 de junho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 7 de junho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 9 de junho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 12 de junho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 14 de junho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 16 de junho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 18 de junho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 19 de junho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 21 de junho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 23 de junho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 25 de junho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 26 de junho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 28 de junho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 30 de junho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 1º de julho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 2 de julho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 3 de julho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 5 de julho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 9 de julho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 10 de julho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 14 de julho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 16 de julho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 17 de julho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 21 de julho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 22 de julho de 1910.

_____. Juiz de Fora, 23 de julho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 24 de julho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 26 de julho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 28 de julho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 29 de julho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 30 de julho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 31 de julho de 1910.
_____. Juiz de Fora, 2 de agosto de 1910.
_____. Juiz de Fora, 4 de agosto de 1910.
_____. Juiz de Fora, 6 de agosto de 1910.
_____. Juiz de Fora, 7 de agosto de 1910.
_____. Juiz de Fora, 10 de agosto de 1910.
_____. Juiz de Fora, 11 de agosto de 1910.
_____. Juiz de Fora, 12 de agosto de 1910.
_____. Juiz de Fora, 13 de agosto de 1910.
_____. Juiz de Fora, 14 de agosto de 1910.
_____. Juiz de Fora, 17 de agosto de 1910.
_____. Juiz de Fora, 19 de agosto de 1910.
_____. Juiz de Fora, 20 de agosto de 1910.
_____. Juiz de Fora, 21 de agosto de 1910.
_____. Juiz de Fora, 25 de agosto de 1910.
_____. Juiz de Fora, 27 de agosto de 1910.
_____. Juiz de Fora, 28 de agosto de 1910.
_____. Juiz de Fora, 30 de agosto de 1910.
_____. Juiz de Fora, 1º de setembro de 1910.
_____. Juiz de Fora, 4 de setembro de 1910.
_____. Juiz de Fora, 8 de setembro de 1910.
_____. Juiz de Fora, 9 de setembro de 1910.
_____. Juiz de Fora, 10 de setembro de 1910.
_____. Juiz de Fora, 11 de setembro de 1910.
_____. Juiz de Fora, 13 de setembro de 1910.
_____. Juiz de Fora, 15 de setembro de 1910.
_____. Juiz de Fora, 17 de setembro de 1910.
_____. Juiz de Fora, 18 de setembro de 1910.

- _____. Juiz de Fora, 22 de setembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 24 de setembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 25 de setembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 27 de setembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 28 de setembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 29 de setembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 30 de setembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 2 de outubro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 5 de outubro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 8 de outubro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 9 de outubro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 11 de outubro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 16 de outubro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 18 de outubro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 19 de outubro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 20 de outubro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 21 de outubro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 22 de outubro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 23 de outubro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 25 de outubro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 26 de outubro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 27 de outubro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 29 de outubro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 30 de outubro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 1º de novembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 2 de novembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 3 de novembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 4 de novembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 5 de novembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 6 de novembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 8 de novembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 9 de novembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 10 de novembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 13 de novembro de 1910.

- _____. Juiz de Fora, 17 de novembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 20 de novembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 22 de novembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 24 de novembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 25 de novembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 27 de novembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 29 de novembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 1º de dezembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 2 de dezembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 4 de dezembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 8 de dezembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 9 de dezembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 11 de dezembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 15 de dezembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 16 de dezembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 17 de dezembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 18 de dezembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 20 de dezembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 22 de dezembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 24 de dezembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 27 de dezembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 28 de dezembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 29 de dezembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 30 de dezembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 31 de dezembro de 1910.
- _____. Juiz de Fora, 2 de março de 1911.
- _____. Juiz de Fora, 9 de setembro de 1923.
- _____. Juiz de Fora, 24 de outubro de 1923.
- _____. Juiz de Fora, 30 de junho de 1925.
- _____. Juiz de Fora, 6 de outubro de 1925.
- _____. Juiz de Fora, 22 de março de 1926.
- _____. Juiz de Fora, 22 de abril de 1926.

O Recopilador Campista. Campos dos Goytacazes, 7 de janeiro de 1837.

_____ . Campos dos Goytacazes, 27 de maio de 1837.

O Resistente. São João Del-Rei, 1º de dezembro de 1898.

_____ . São João Del-Rei, 29 de dezembro de 1898.

O Século. Lisboa, 19 de junho de 1896.

O Tempo. Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1892.

Pacotilha. São Luís, 8 de janeiro de 1903.

_____ . São Luís, 12 de janeiro de 1903.

Quo Vadis? Manaus, 10 de dezembro de 1902.

_____ . Manaus, 13 de dezembro de 1902.

_____ . Manaus, 25 de dezembro de 1902.

_____ . Manaus, 30 de dezembro de 1902.

República. Florianópolis, 27 de outubro de 1897.

_____ . Florianópolis, 7 de novembro de 1897.

Revista da Semana. Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1910.

Revista Ilustrada. Rio de Janeiro, 22 de julho de 1876.

Santos Comercial. Santos, 30 de agosto de 1895.

Vida Fluminense. Rio de Janeiro, 15 de junho de 1872.

SITES:

Cultura Niterói (<http://culturaniteroi.com.br/>)

histórias de cinemas (<https://www.historiasdecinemas.com.br/>)

Jornal O Pharol (<https://jornalopharol.com.br/>)

Maria do Resguardo (<https://www.mariadoresguardo.com.br/>)

Maurício Resgatando o Passado (<http://mauricioresgatandoopassado.blogspot.com/>)

Minas é Cinema (<https://minasecinema.com.br/>)

ANEXOS

Sumário

Companhia de Variedades Germano Alves	222
Empresa Apolônia Pinto	233
Salão Paris (Carlos Alberto Nunes Leal)	237
Salão Novidades (Carlos Alberto Nunes Leal)	239
Companhia João Garcia	249
Imperial Companhia Japonesa Kudara	250
José Werre	252
José Barucci	258
Empresa Tiradentes (Carlos Alberto Nunes Leal)	259
Edouard Hervet	264
Windsor Castle	283
Cinematógrafo Rio Branco (William & Cia.)	284
Circo Pathé	287
Cinematógrafo Brasil (Leon Morimont)	295
Cinema Pharol (Lussac & Almeida)	298
Radium-Grapho-Cinema	299
Cinema Pathé (Ollendorff & Cia.)	301
Cinema Juiz de Fora (Empresa Campinhos)	310
Cinema Paris (Werneck & Defeo / Defeo & Filho)	331
Cinema Pharol Reclame (Carlos Alberto Nunes Leal)	334
Ideal Cinema	337
Cinema Pharol (João Evangelista da Silva Gomes)	340

Anexo I – Programação – Companhia de Variedades Germano Alves

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
23 de julho de 1897	Barco de pilotos em Paço de Arcos (Lisboa)	----	----	<i>O Pharol</i> , 22 de julho de 1897, p.3
23 de julho de 1897	Chegada do comboio de Recreio e Sintra	----	----	<i>O Pharol</i> , 22 de julho de 1897, p.3
23 de julho de 1897	Corrida de touros em Sevilha	----	----	<i>O Pharol</i> , 22 de julho de 1897, p.3
23 de julho de 1897	Corridas de sacos no Campo Grande (Lisboa)	----	----	<i>O Pharol</i> , 22 de julho de 1897, p.3
23 de julho de 1897	Irrigação do Passeio da Estrela (Lisboa)	----	----	<i>O Pharol</i> , 22 de julho de 1897, p.3
23 de julho de 1897	Os bombeiros voluntários do Porto	----	----	<i>O Pharol</i> , 22 de julho de 1897, p.3
23 de julho de 1897	Os mergulhadores na África portuguesa	----	----	<i>O Pharol</i> , 22 de julho de 1897, p.3
23 de julho de 1897	Partida de um batalhão espanhol para Cuba	----	----	<i>O Pharol</i> , 22 de julho de 1897, p.3

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
24 de julho de 1897	Batalha de neve em Lyon	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de julho de 1897, p.3
24 de julho de 1897	Jogos de malabares em Lourenço Marques	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de julho de 1897, p.3
24 de julho de 1897	O czar em Paris	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de julho de 1897, p.3
24 de julho de 1897	O patinador grotesco em Londres	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de julho de 1897, p.3
24 de julho de 1897	Os banhistas na Figueira da Foz	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de julho de 1897, p.3
24 de julho de 1897	Os lanceiros da rainha em Lisboa	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de julho de 1897, p.3
24 de julho de 1897	Uma distração no Palácio de Cristal, no Porto	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de julho de 1897, p.3
24 de julho de 1897	Uma partida de jogo do Solo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de julho de 1897, p.3
25 de julho de 1897	Batalha de neve em Lyon	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de julho de 1897, p.3

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
25 de julho de 1897	Jogos de malabares em Lourenço Marques	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de julho de 1897, p.3
25 de julho de 1897	O czar em Paris	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de julho de 1897, p.3
25 de julho de 1897	O patinador grotesco em Londres	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de julho de 1897, p.3
25 de julho de 1897	Os banhistas na Figueira da Foz	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de julho de 1897, p.3
25 de julho de 1897	Os lanceiros da rainha em Lisboa	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de julho de 1897, p.3
25 de julho de 1897	Uma distração no Palácio de Cristal, no Porto	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de julho de 1897, p.3
25 de julho de 1897	Uma partida de jogo do Solo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de julho de 1897, p.3
27 de julho de 1897	<i>Bersaglieri</i> de Humberto I	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 27 de julho de 1897, p.3
27 de julho de 1897	Carros automóveis em Paris	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 27 de julho de 1897, p.3

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
27 de julho de 1897	Chegada do comboio de Recreio e Sintra	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 27 de julho de 1897, p.3
27 de julho de 1897	Os banhistas na Figueira da Foz	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 27 de julho de 1897, p.3
27 de julho de 1897	Os dois amigos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 27 de julho de 1897, p.3
27 de julho de 1897	Os lanceiros da rainha em Lisboa	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 27 de julho de 1897, p.3
27 de julho de 1897	Os mergulhadores na África portuguesa	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 27 de julho de 1897, p.3
27 de julho de 1897	Uma partida de jogo do Solo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 27 de julho de 1897, p.3
29 de julho de 1897	A guarda do Palácio Real	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de julho de 1897, p.2
29 de julho de 1897	Chegada do comboio de Recreio e Sintra	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de julho de 1897, p.2
29 de julho de 1897	Exercício de tiro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de julho de 1897, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
29 de julho de 1897	Jogo da cabra cega	----	----	<i>O Pharol</i> , 29 de julho de 1897, p.2
29 de julho de 1897	O prestidigitador Herrmann	----	----	<i>O Pharol</i> , 29 de julho de 1897, p.2
29 de julho de 1897	Por causa de um artigo do jornal	----	----	<i>O Pharol</i> , 29 de julho de 1897, p.2
29 de julho de 1897	Soldados italianos atravessando o rio da Abissínia	----	----	<i>O Pharol</i> , 29 de julho de 1897, p.2
29 de julho de 1897	Um chá em família	----	----	<i>O Pharol</i> , 29 de julho de 1897, p.2
31 de julho de 1897	A criada e o soldado	----	----	<i>O Pharol</i> , 31 de julho de 1897, p.2
31 de julho de 1897	Assalto de armas	----	----	<i>O Pharol</i> , 31 de julho de 1897, p.2
31 de julho de 1897	Chegada do General Duchesne	----	----	<i>O Pharol</i> , 31 de julho de 1897, p.2
31 de julho de 1897	Jogo da cabra cega	----	----	<i>O Pharol</i> , 31 de julho de 1897, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
31 de julho de 1897	O baile das crianças	----	----	<i>O Pharol</i> , 31 de julho de 1897, p.2
31 de julho de 1897	Soldados italianos atravessando o rio da Abissínia	----	----	<i>O Pharol</i> , 31 de julho de 1897, p.2
31 de julho de 1897	Temporal nas Berlengas	----	----	<i>O Pharol</i> , 31 de julho de 1897, p.2
31 de julho de 1897	Um banho inesperado	----	----	<i>O Pharol</i> , 31 de julho de 1897, p.2
3 de agosto de 1897	As crianças nas praias de Póvoa de Varzim	----	----	<i>O Pharol</i> , 3 de agosto de 1897, p.2
3 de agosto de 1897	Assalto de armas	----	----	<i>O Pharol</i> , 3 de agosto de 1897, p.2
3 de agosto de 1897	Assalto de uma fortaleza	----	----	<i>O Pharol</i> , 3 de agosto de 1897, p.2
3 de agosto de 1897	Carros automóveis em Paris	----	----	<i>O Pharol</i> , 3 de agosto de 1897, p.2
3 de agosto de 1897	Corrida de touros em Sevilha	----	----	<i>O Pharol</i> , 3 de agosto de 1897, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
3 de agosto de 1897	Exercício de tiro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de agosto de 1897, p.2
3 de agosto de 1897	O baile das crianças	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de agosto de 1897, p.2
3 de agosto de 1897	O comboio do Douro a Campanhã	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de agosto de 1897, p.2
3 de agosto de 1897	Os patinadores do Palácio de Cristal	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de agosto de 1897, p.2
3 de agosto de 1897	Partida de um batalhão espanhol para Cuba	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de agosto de 1897, p.2
3 de agosto de 1897	Por causa de um artigo do jornal	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de agosto de 1897, p.2
3 de agosto de 1897	Soldados italianos atravessando o rio da Abissínia	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de agosto de 1897, p.2
3 de agosto de 1897	Temporal nas Berlengas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de agosto de 1897, p.2
3 de agosto de 1897	Um banho inesperado	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de agosto de 1897, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
5 de agosto de 1897	Assalto de uma fortaleza	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de agosto de 1897, p.3
5 de agosto de 1897	Baile espanhol na rua	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de agosto de 1897, p.3
5 de agosto de 1897	Gôndola veneziana	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de agosto de 1897, p.3
5 de agosto de 1897	O patinador grotesco em Londres	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de agosto de 1897, p.3
5 de agosto de 1897	Os banhistas na Figueira da Foz	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de agosto de 1897, p.3
5 de agosto de 1897	Os dois amigos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de agosto de 1897, p.3
5 de agosto de 1897	Os mergulhadores na África portuguesa	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de agosto de 1897, p.3
5 de agosto de 1897	Um duelo de Rochefort	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de agosto de 1897, p.3
7 de agosto de 1897	A guarda do Palácio Real	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de agosto de 1897, p.3

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
7 de agosto de 1897	As crianças nas praias de Póvoa de Varzim	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de agosto de 1897, p.3
7 de agosto de 1897	<i>Bersaglieri</i> de Humberto I	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de agosto de 1897, p.3
7 de agosto de 1897	Carros automóveis em Paris	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de agosto de 1897, p.3
7 de agosto de 1897	Gôndola veneziana	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de agosto de 1897, p.3
7 de agosto de 1897	Irrigação do Passeio da Estrela (Lisboa)	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de agosto de 1897, p.3
7 de agosto de 1897	O baile das crianças	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de agosto de 1897, p.3
7 de agosto de 1897	O banho dos cavalos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de agosto de 1897, p.3
7 de agosto de 1897	O Presidente da República condecorando os herois de Madagascar	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de agosto de 1897, p.3
7 de agosto de 1897	Os banhistas na Figueira da Foz	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de agosto de 1897, p.3

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
7 de agosto de 1897	Os lanceiros da rainha em Lisboa	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de agosto de 1897, p.3
7 de agosto de 1897	Uma distração no Palácio de Cristal, no Porto	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de agosto de 1897, p.3
8 de agosto de 1897	Assalto de uma fortaleza	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de agosto de 1897, p.3
8 de agosto de 1897	Baile espanhol na rua	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de agosto de 1897, p.3
8 de agosto de 1897	Chegada do comboio de Recreio e Sintra	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de agosto de 1897, p.3
8 de agosto de 1897	Corrida de touros em Sevilha	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de agosto de 1897, p.3
8 de agosto de 1897	Corridas de sacos no Campo Grande (Lisboa)	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de agosto de 1897, p.3
8 de agosto de 1897	O baile das crianças	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de agosto de 1897, p.3
8 de agosto de 1897	O patinador grotesco em Londres	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de agosto de 1897, p.3

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
8 de agosto de 1897	Os patinadores do Palácio de Cristal	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de agosto de 1897, p.3
8 de agosto de 1897	Partida de um batalhão espanhol para Cuba	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de agosto de 1897, p.3
8 de agosto de 1897	Por causa de um artigo do jornal	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de agosto de 1897, p.3
8 de agosto de 1897	Soldados italianos atravessando o rio da Abissínia	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de agosto de 1897, p.3
8 de agosto de 1897	Temporal nas Berlengas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de agosto de 1897, p.3
8 de agosto de 1897	Uma partida de jogo do Solo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de agosto de 1897, p.3

Anexo II – Programação – Empresa Apolónia Pinto

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
31 de dezembro de 1898	A chegada de Félix Faure a Paris (volta da Rússia)	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 31 de dezembro de 1898, p.3
31 de dezembro de 1898	Chegada do comboio de Recreio e Sintra	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 31 de dezembro de 1898, p.3
31 de dezembro de 1898	Exercício de tiro	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 31 de dezembro de 1898, p.3
31 de dezembro de 1898	Irrigação do Passeio da Estrela (Lisboa)	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 31 de dezembro de 1898, p.3
31 de dezembro de 1898	O banho dos cavalos	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 31 de dezembro de 1898, p.3
31 de dezembro de 1898	Partida de um batalhão espanhol para Cuba	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 31 de dezembro de 1898, p.3
1º de janeiro de 1899	Carros automóveis em Paris	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 1º de janeiro de 1899, p.3
1º de janeiro de 1899	O baile das crianças	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 1º de janeiro de 1899, p.3

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
1º de janeiro de 1899	Os lanceiros da rainha em Lisboa	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 1º de janeiro de 1899, p.3
1º de janeiro de 1899	Os mergulhadores na África portuguesa	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 1º de janeiro de 1899, p.3
1º de janeiro de 1899	Um banho inesperado	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 1º de janeiro de 1899, p.3
1º de janeiro de 1899	Um duelo de Rochefort	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 1º de janeiro de 1899, p.3
6 de janeiro de 1899	Assalto de uma fortaleza	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 5 de janeiro de 1899, p.4
6 de janeiro de 1899	Corrida de touros em Sevilha	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 5 de janeiro de 1899, p.4
6 de janeiro de 1899	Gôndola veneziana	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 5 de janeiro de 1899, p.4
6 de janeiro de 1899	Jogo da cabra cega	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 5 de janeiro de 1899, p.4
6 de janeiro de 1899	O czar em Paris	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 5 de janeiro de 1899, p.4

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
6 de janeiro de 1899	Uma partida de jogo do Solo	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 5 de janeiro de 1899, p.4
7 de janeiro de 1899	Batalha de neve em Lyon	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 7 de janeiro de 1899, p.3
7 de janeiro de 1899	<i>Bersaglieri</i> de Humberto I	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 7 de janeiro de 1899, p.3
7 de janeiro de 1899	Corridas de sacos no Campo Grande (Lisboa)	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 7 de janeiro de 1899, p.3
7 de janeiro de 1899	O patinador grotesco em Londres	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 7 de janeiro de 1899, p.3
7 de janeiro de 1899	Os banhistas na Figueira da Foz	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 7 de janeiro de 1899, p.3
7 de janeiro de 1899	Por causa de um artigo do jornal	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 7 de janeiro de 1899, p.3
12 de janeiro de 1899	A praia de Copacabana no Rio de Janeiro	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 11 de janeiro de 1899, p.3
12 de janeiro de 1899	Barco de pilotos em Paço de Arcos (Lisboa)	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 11 de janeiro de 1899, p.3

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
12 de janeiro de 1899	O banho dos cavalos	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 11 de janeiro de 1899, p.3
12 de janeiro de 1899	O prestidigitador Herrmann	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 11 de janeiro de 1899, p.3
12 de janeiro de 1899	Uma distração no Palácio de Cristal, no Porto	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 11 de janeiro de 1899, p.3
12 de janeiro de 1899	Um banho inesperado	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 11 de janeiro de 1899, p.3

Anexo III – Programação – Salão Paris (Carlos Alberto Nunes Leal)

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
18 de outubro de 1900	Brincadeira entre amigos	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 18 de outubro de 1900, p.2
18 de outubro de 1900	Chegada de um comboio a Lisboa	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 18 de outubro de 1900, p.2
18 de outubro de 1900	Exposição de Paris 1900	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 18 de outubro de 1900, p.2
18 de outubro de 1900	Hotel fantástico	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 18 de outubro de 1900, p.2
18 de outubro de 1900	Mulheres equilibristas	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 18 de outubro de 1900, p.2
18 de outubro de 1900	Um duelo	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 18 de outubro de 1900, p.2
21 de outubro de 1900	Briga de lavadeiras	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 21 de outubro de 1900, p.2
21 de outubro de 1900	Dança serpentina	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 21 de outubro de 1900, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
21 de outubro de 1900	Guilherme Tell	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 21 de outubro de 1900, p.2
21 de outubro de 1900	Negros no banho em Lourenço Marques	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 21 de outubro de 1900, p.2
21 de outubro de 1900	O soldado e o capitão	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 21 de outubro de 1900, p.2
21 de outubro de 1900	O urso e a sentinela	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 21 de outubro de 1900, p.2
21 de outubro de 1900	Uma lição de boxe	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 21 de outubro de 1900, p.2
21 de outubro de 1900	Um bom cachimbo	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 21 de outubro de 1900, p.2
28 de outubro de 1900	Brincadeira entre amigos	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 28 de outubro de 1900, p.2
28 de outubro de 1900	Casamento de um velho	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 28 de outubro de 1900, p.2
28 de outubro de 1900	Chegada de um comboio a Lisboa	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 28 de outubro de 1900, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
28 de outubro de 1900	Dança de camponeses	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 28 de outubro de 1900, p.2
28 de outubro de 1900	Dança serpentina	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 28 de outubro de 1900, p.2
28 de outubro de 1900	Negros no banho em Lourenço Marques	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 28 de outubro de 1900, p.2
28 de outubro de 1900	Panorama do porto de Barcelona	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 28 de outubro de 1900, p.2
28 de outubro de 1900	Uma parisiense no banho	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 28 de outubro de 1900, p.2
31 de outubro de 1900	Casamento de um velho	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 31 de outubro de 1900, p.2
11 de novembro de 1900	Chegada de um comboio a Lisboa	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de novembro de 1900, p.1
11 de novembro de 1900	Dança serpentina	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de novembro de 1900, p.1
11 de novembro de 1900	Hotel misterioso	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de novembro de 1900, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
11 de novembro de 1900	Marinheiros em licença	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de novembro de 1900, p.1
11 de novembro de 1900	Roubo de um cavalo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de novembro de 1900, p.1
11 de novembro de 1900	Trabalhadores no campo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de novembro de 1900, p.1

Anexo IV – Programação – Salão Novidades (Carlos Alberto Nunes Leal)

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
21 de março de 1901	Amores africanos	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 21 de março de 1901, p.2
21 de março de 1901	Dança russa	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 21 de março de 1901, p.2
21 de março de 1901	Entrada da quadrilha	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 21 de março de 1901, p.2
21 de março de 1901	Exercício a bordo de um vaso de guerra	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 21 de março de 1901, p.2
21 de março de 1901	Gatos acrobatas	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 21 de março de 1901, p.2
21 de março de 1901	Guerra do Transvaal	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 21 de março de 1901, p.2
21 de março de 1901	O prestidigitador Herrmann	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 21 de março de 1901, p.2
21 de março de 1901	Uma tourada em Madri	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 21 de março de 1901, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
21 de março de 1901	Um carvoeiro caipora	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 21 de março de 1901, p.2
24 de março de 1901	Filmes religiosos	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 26 de março de 1901, p.2
25 de março de 1901	Filmes religiosos	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 26 de março de 1901, p.2
31 de março de 1901	Filmes religiosos	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 31 de março de 1901, p.2
5 de abril de 1901	Filmes religiosos	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 5 de abril de 1901, p.2
7 de abril de 1901	Banho no mar	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 7 de abril de 1901, p.2
7 de abril de 1901	Brincadeira de um gato	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 7 de abril de 1901, p.2
7 de abril de 1901	Casamento de um velho	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 7 de abril de 1901, p.2
7 de abril de 1901	Ciclistas notáveis	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 7 de abril de 1901, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
7 de abril de 1901	Desembarque de um vapor americano	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 7 de abril de 1901, p.2
7 de abril de 1901	Guerra do Transvaal	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 7 de abril de 1901, p.2
7 de abril de 1901	O prestidigitador Herrmann	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 7 de abril de 1901, p.2
7 de abril de 1901	Passeio em frente ao Palácio de Belas Artes em Paris	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 7 de abril de 1901, p.2
7 de abril de 1901	Uma tourada em Madri	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 7 de abril de 1901, p.2
12 de abril de 1901	Filmes religiosos	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 12 de abril de 1901, p.2
13 de abril de 1901	Filmes religiosos	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 13 de abril de 1901, p.2
14 de abril de 1901	Amores africanos	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 14 de abril de 1901, p.2
14 de abril de 1901	Briga de lavadeiras	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 14 de abril de 1901, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
14 de abril de 1901	Brinquedo de crianças	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 14 de abril de 1901, p.2
14 de abril de 1901	Casamento de um velho	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 14 de abril de 1901, p.2
14 de abril de 1901	Chegada do comboio de Recreio e Sintra	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 14 de abril de 1901, p.2
14 de abril de 1901	Chicot, dentista americano	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 14 de abril de 1901, p.2
14 de abril de 1901	Corrida de regatas	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 14 de abril de 1901, p.2
14 de abril de 1901	Disparada da cavalaria inglesa	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 14 de abril de 1901, p.2
14 de abril de 1901	Execução de um espião inglês	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 14 de abril de 1901, p.2
14 de abril de 1901	Guerra do Transvaal	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 14 de abril de 1901, p.2
14 de abril de 1901	O prestidigitador David Devant	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 14 de abril de 1901, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
14 de abril de 1901	Tempestade no mar	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 14 de abril de 1901, p.2
14 de abril de 1901	Um bom caixeiro	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 14 de abril de 1901, p.2
19 de abril de 1901	Filmes religiosos	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 19 de abril de 1901, p.2
26 de abril de 1901	Filmes religiosos	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 26 de abril de 1901, p.2
11 de janeiro de 1902	Banho de crioulinhos	----	----	<i>O Pharol</i> , 11 de janeiro de 1902, p.2
11 de janeiro de 1902	Dança serpentina	----	----	<i>O Pharol</i> , 11 de janeiro de 1902, p.2
11 de janeiro de 1902	Exposição de Paris 1900	----	----	<i>O Pharol</i> , 11 de janeiro de 1902, p.2
11 de janeiro de 1902	Marinheiros para terra	----	----	<i>O Pharol</i> , 11 de janeiro de 1902, p.2
11 de janeiro de 1902	O diabo atrás da porta	----	----	<i>O Pharol</i> , 11 de janeiro de 1902, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
11 de janeiro de 1902	Trabalhadores japoneses	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de janeiro de 1902, p.2
11 de janeiro de 1902	Um jardineiro napolitano	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de janeiro de 1902, p.2
11 de janeiro de 1902	Um mágico transformista	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de janeiro de 1902, p.2
26 de janeiro de 1902	Banho no mar	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de janeiro de 1902, p.2
26 de janeiro de 1902	Ciclistas excêntricos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de janeiro de 1902, p.2
26 de janeiro de 1902	Crianças na gangorra	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de janeiro de 1902, p.2
26 de janeiro de 1902	Exercício militar	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de janeiro de 1902, p.2
26 de janeiro de 1902	Gatos acrobatas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de janeiro de 1902, p.2
26 de janeiro de 1902	Guerra do Transvaal	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de janeiro de 1902, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
26 de janeiro de 1902	Herrmann em seu gabinete encantado	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de janeiro de 1902, p.2
26 de janeiro de 1902	Uma quadrilha por quatro dançarinas do Moulin Rouge	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de janeiro de 1902, p.2
7 de fevereiro de 1902	O funeral da Rainha Vitória	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 7 de fevereiro de 1902, p.2
13 de fevereiro de 1902	A família acrobata	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 13 de fevereiro de 1902, p.2
13 de fevereiro de 1902	Banho de crioulinhos	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 13 de fevereiro de 1902, p.2
13 de fevereiro de 1902	Chegada de um comboio a Lisboa	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 13 de fevereiro de 1902, p.2
13 de fevereiro de 1902	Ciclistas excêntricos	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 13 de fevereiro de 1902, p.2
13 de fevereiro de 1902	Dança russa	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 13 de fevereiro de 1902, p.2
13 de fevereiro de 1902	Fausto e Margarida	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 13 de fevereiro de 1902, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
13 de fevereiro de 1902	Uma cena de prestidigitação	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 13 de fevereiro de 1902, p.2
13 de fevereiro de 1902	Um carvoeiro atrapalhado	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 13 de fevereiro de 1902, p.2
2 de março de 1902	O funeral da Rainha Vitória	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de março de 1902, p.2
2 de março de 1902	Uma grande tourada à espanhola	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de março de 1902, p.2

Anexo V – Programação – Companhia João Garcia

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
29 de junho de 1901	A guerra da China	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 28 de junho de 1901, p.2
29 de junho de 1901	Exposição de Paris 1900	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 28 de junho de 1901, p.2
29 de junho de 1901	Joanna d'Arc	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 28 de junho de 1901, p.2
4 de julho de 1901	O funeral de Humberto I	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 4 de julho de 1901, p.2
6 de julho de 1901	Viagem do Dr. Campos Salles à República Argentina	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 6 de julho de 1901, p.2

Anexo VI – Programação – Imperial Companhia Japonesa Kudara

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
6 de maio de 1903	Viagem à lua	----	----	<i>O Pharol</i> , 8 de maio de 1903, p.2
9 de maio de 1903	Ali Babá e os 40 ladrões	----	----	<i>O Pharol</i> , 9 de maio de 1903, p.4
10 de maio de 1903	A lente da vovó	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 10 de maio de 1903, p.4
10 de maio de 1903	Ali Babá e os 40 ladrões	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 10 de maio de 1903, p.4
10 de maio de 1903	A praça da Ópera de Paris às avessas	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 10 de maio de 1903, p.4
10 de maio de 1903	Evoluções dos cisnes	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 10 de maio de 1903, p.4
10 de maio de 1903	O estatuário fantasma	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 10 de maio de 1903, p.4
10 de maio de 1903	O palhaço Tabasco e o cômico Foolit do novo circo de Paris	----	----	<i>Jornal do Commercio</i> , 10 de maio de 1903, p.4

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
10 de maio de 1903	Primeiras impressões em alto-mar	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 10 de maio de 1903, p.4
10 de maio de 1903	Procissão de Lourdes	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 10 de maio de 1903, p.4
10 de maio de 1903	Saída de um palhabote do porto	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 10 de maio de 1903, p.4
10 de maio de 1903	Temporal em alto mar	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 10 de maio de 1903, p.4

Anexo VII – Programação – José Werre

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
23 de outubro de 1903	Chegada de um trem na Suíça	----	----	<i>O Pharol</i> , 21 de outubro de 1903, p.2
23 de outubro de 1903	Dois namorados	Comédia	----	<i>O Pharol</i> , 21 de outubro de 1903, p.2
23 de outubro de 1903	Encontro de dois trens em Viena	----	----	<i>O Pharol</i> , 21 de outubro de 1903, p.2
23 de outubro de 1903	História de um crime, desde a prisão do assassino até a sua execução na guilhotina, em Paris	----	----	<i>O Pharol</i> , 21 de outubro de 1903, p.2
23 de outubro de 1903	O banquete dos veados no jardim do Vaticano	----	----	<i>O Pharol</i> , 21 de outubro de 1903, p.2
23 de outubro de 1903	O pescador pescado	Comédia	----	<i>O Pharol</i> , 21 de outubro de 1903, p.2
23 de outubro de 1903	Procissão do Papa Pio X na Basílica de São Pedro	----	----	<i>O Pharol</i> , 21 de outubro de 1903, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
23 de outubro de 1903	Seção de baile	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 21 de outubro de 1903, p.2
23 de outubro de 1903	S. S. Leão XIII em cadeira gestatória, nas galerias de Raphael, antes de morrer, dando a sua última benção à corte	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 21 de outubro de 1903, p.2
23 de outubro de 1903	Tempestade em um quarto	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 21 de outubro de 1903, p.2
23 de outubro de 1903	Dança russa	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de outubro de 1903, p.2
23 de outubro de 1903	Dança serpentina	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de outubro de 1903, p.2
23 de outubro de 1903	Do meu segundo andar	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de outubro de 1903, p.2
23 de outubro de 1903	O barbeiro e sua água maravilhosa	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de outubro de 1903, p.2
23 de outubro de 1903	Os sete pecados mortais	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de outubro de 1903, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
23 de outubro de 1903	O transformista Fregoli	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de outubro de 1903, p.2
23 de outubro de 1903	Sonho e realidade	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de outubro de 1903, p.2
25 de outubro de 1903	A fada da montanha preta	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de outubro de 1903, p.2
25 de outubro de 1903	Baile na Ópera de Paris	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de outubro de 1903, p.2
25 de outubro de 1903	Banhista em apuros	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de outubro de 1903, p.2
25 de outubro de 1903	Barba Azul	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de outubro de 1903, p.2
25 de outubro de 1903	O ciclista e a polícia	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de outubro de 1903, p.2
25 de outubro de 1903	O casal apressado	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de outubro de 1903, p.2
25 de outubro de 1903	A desgraça de Pierrot	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de outubro de 1903, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
25 de outubro de 1903	O macaco acrobata	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de outubro de 1903, p.2
25 de outubro de 1903	O magnetizador	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de outubro de 1903, p.2
25 de outubro de 1903	A mesa fantástica	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de outubro de 1903, p.2
25 de outubro de 1903	Mudança de casa	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de outubro de 1903, p.2
25 de outubro de 1903	O mal rico	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de outubro de 1903, p.2
25 de outubro de 1903	Quo Vadis?	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de outubro de 1903, p.2
25 de outubro de 1903	A sogra terrível	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de outubro de 1903, p.2
7 de novembro de 1903	Banho gostoso	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de novembro de 1903, p.2
7 de novembro de 1903	O bolo maravilhoso	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de novembro de 1903, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
7 de novembro de 1903	O couraçado norte-americano	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de novembro de 1903, p.2
7 de novembro de 1903	O fantasma no quartel	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de novembro de 1903, p.2
7 de novembro de 1903	A mesa diabólica	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de novembro de 1903, p.2
7 de novembro de 1903	O banquete dos veados no jardim do Vaticano	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de novembro de 1903, p.2
7 de novembro de 1903	A polícia americana	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de novembro de 1903, p.2
7 de novembro de 1903	Procissão do Papa Pio X na Basílica de São Pedro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de novembro de 1903, p.2
7 de novembro de 1903	S. S. Leão XIII em cadeira gestatória, nas galerias de Raphael, antes de morrer, dando a sua última benção à corte	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de novembro de 1903, p.2
7 de novembro de 1903	Tudo às avessas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de novembro de 1903, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
7 de novembro de 1903	Uma visita ao hospital de Roma	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de novembro de 1903, p.2
10 de novembro de 1903	Barba Azul	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de novembro de 1903, p.2
10 de novembro de 1903	História de um crime, desde a prisão do assassino até a sua execução na guilhotina, em Paris	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de novembro de 1903, p.2
13 de novembro de 1903	Na gare da estrada de ferro de Boston	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 13 de novembro de 1903, p.2
13 de novembro de 1903	Desastre na mesma estrada, junto a um túnel	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 13 de novembro de 1903, p.2
13 de novembro de 1903	Lição de baile	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 13 de novembro de 1903, p.2
13 de novembro de 1903	Os sete pecados mortais	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 13 de novembro de 1903, p.2
13 de novembro de 1903	Tempestade em um quarto	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 13 de novembro de 1903, p.2

Anexo VIII – Programação – José Barucci

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
7 de maio de 1905	A tomada de Port Arthur (Guerra russo-japonesa)	-----	-----	<i>Jornal do Commercio</i> , 7 de maio de 1905, p.2

Anexo IX – Programação – Empresa Tiradentes (Carlos Alberto Nunes Leal)

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
17 de março de 1906	Os pequenos vagabundos	----	----	<i>O Pharol</i> , 17 de março de 1906, p.2
25 de março de 1906	Corridas de cavalos	----	----	<i>O Pharol</i> , 27 de março de 1906, p.2
25 de março de 1906	O pequeno confeitiro	----	----	<i>O Pharol</i> , 27 de março de 1906, p.2
25 de março de 1906	O rei da Espanha em Paris	----	----	<i>O Pharol</i> , 27 de março de 1906, p.2
25 de março de 1906	Os pequenos vagabundos	----	----	<i>O Pharol</i> , 27 de março de 1906, p.2
25 de março de 1906	Um incêndio	----	----	<i>O Pharol</i> , 27 de março de 1906, p.2
7 de abril de 1906	A casinha infernal	----	----	<i>O Pharol</i> , 7 de abril de 1906, p.2
7 de abril de 1906	A fada da montanha preta	----	----	<i>O Pharol</i> , 7 de abril de 1906, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
7 de abril de 1906	Agência de casamentos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de abril de 1906, p.2
7 de abril de 1906	A grande Avenida Central do Rio de Janeiro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de abril de 1906, p.2
7 de abril de 1906	Encontro de trens	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de abril de 1906, p.2
7 de abril de 1906	Espetáculo e espectadores	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de abril de 1906, p.2
7 de abril de 1906	Fogos de artifícios	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de abril de 1906, p.2
7 de abril de 1906	Grande incêndio	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de abril de 1906, p.2
7 de abril de 1906	Idílio de negros	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de abril de 1906, p.2
7 de abril de 1906	Ladrões surpreendidos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de abril de 1906, p.2
7 de abril de 1906	Luta romana	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de abril de 1906, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
7 de abril de 1906	Meninos e gatos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de abril de 1906, p.2
7 de abril de 1906	Negro guloso	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de abril de 1906, p.2
7 de abril de 1906	Os ladrões modernos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de abril de 1906, p.2
7 de abril de 1906	Saltadora de corda	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de abril de 1906, p.2
7 de abril de 1906	Saudação às nações	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de abril de 1906, p.2
7 de abril de 1906	Sonho e realidade	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de abril de 1906, p.2
7 de abril de 1906	Uma boa história	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de abril de 1906, p.2
7 de abril de 1906	Uma sessão de cinematógrafo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de abril de 1906, p.2
10 de abril de 1906	Filmes religiosos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de abril de 1906, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
21 de abril de 1906	A borboleta de ouro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de abril de 1906, p.1
21 de abril de 1906	Colmeia maravilhosa	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de abril de 1906, p.1
21 de abril de 1906	Fogos de artifícios	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de abril de 1906, p.1
21 de abril de 1906	Ladrões de ninhos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de abril de 1906, p.1
21 de abril de 1906	Operação cirúrgica	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de abril de 1906, p.1
21 de abril de 1906	O pescador em cana	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de abril de 1906, p.1
21 de abril de 1906	Os pequenos vagabundos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de abril de 1906, p.1
21 de abril de 1906	Patinadores sobre o gelo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de abril de 1906, p.1
21 de abril de 1906	Pra rir ou pra chorar?	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de abril de 1906, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
21 de abril de 1906	Roberto, Macairo e Bertrand (ladrões)	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de abril de 1906, p.1
21 de abril de 1906	Saudação às nações	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de abril de 1906, p.1
21 de abril de 1906	Sonho com a lua	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de abril de 1906, p.1
21 de abril de 1906	Sonho de um velho	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de abril de 1906, p.1
21 de abril de 1906	Um incêndio em Paris	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de abril de 1906, p.1

Anexo X – Programação – Edouard Hervet

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
23 de novembro de 1907	A greve das criadas	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de novembro de 1907, p.2
23 de novembro de 1907	Aladino e a lâmpada misteriosa	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de novembro de 1907, p.2
23 de novembro de 1907	A mágica através das idades	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de novembro de 1907, p.2
23 de novembro de 1907	As alegrias do divórcio	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de novembro de 1907, p.2
23 de novembro de 1907	As atribuições de um bombeiro	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de novembro de 1907, p.2
23 de novembro de 1907	Grande corrida de touros	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de novembro de 1907, p.2
23 de novembro de 1907	Great steeplechase em Auteuil, Paris	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de novembro de 1907, p.2
23 de novembro de 1907	Ladrão de bicicleta	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de novembro de 1907, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
23 de novembro de 1907	Masson e Forbes, palhaços do novo circo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de novembro de 1907, p.2
23 de novembro de 1907	Na casa de um dentista	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de novembro de 1907, p.2
23 de novembro de 1907	Não há mais meninos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de novembro de 1907, p.2
23 de novembro de 1907	O amador fotógrafo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de novembro de 1907, p.2
23 de novembro de 1907	Os cães policiais	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de novembro de 1907, p.2
23 de novembro de 1907	Os miseráveis, de Victor Hugo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de novembro de 1907, p.2
23 de novembro de 1907	Panorama dos Alpes, de Chamonix a Fayet	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de novembro de 1907, p.2
23 de novembro de 1907	Toucados e penteados	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de novembro de 1907, p.2
24 de novembro de 1907	A conquista dos gelos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de novembro de 1907, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
24 de novembro de 1907	A escola da desgraça	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de novembro de 1907, p.2
24 de novembro de 1907	A galinha dos ovos de ouro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de novembro de 1907, p.2
24 de novembro de 1907	Vendetta	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de novembro de 1907, p.2
24 de novembro de 1907	Les débuts d'un chauffer	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de novembro de 1907, p.2
24 de novembro de 1907	Diabolo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de novembro de 1907, p.2
24 de novembro de 1907	Dom Pasquacio sai à visita	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de novembro de 1907, p.2
24 de novembro de 1907	Grandes carreiras de sogras	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de novembro de 1907, p.2
24 de novembro de 1907	Ladrão de bicicleta	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de novembro de 1907, p.2
24 de novembro de 1907	Niágara Falls	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de novembro de 1907, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
24 de novembro de 1907	O porvir revelado pelas linhas da mão	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de novembro de 1907, p.2
24 de novembro de 1907	Roma moderna, Roma antiga	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de novembro de 1907, p.2
24 de novembro de 1907	Uma agência matrimonial	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de novembro de 1907, p.2
24 de novembro de 1907	Um aprendiz patife	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de novembro de 1907, p.2
24 de novembro de 1907	Um bêbado de bom coração	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de novembro de 1907, p.2
24 de novembro de 1907	Um irmãozinho debaixo das couves	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de novembro de 1907, p.2
24 de novembro de 1907	Un coup de soleil	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de novembro de 1907, p.2
26 de novembro de 1907	As desgraças de Madame Durand	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de novembro de 1907, p.2
26 de novembro de 1907	As rosas mágicas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de novembro de 1907, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
26 de novembro de 1907	As aventuras de um entregador de embrulhos	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de novembro de 1907, p.2
26 de novembro de 1907	Carmen (La fleur que tu m'avais jetée)	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de novembro de 1907, p.2
26 de novembro de 1907	Debaixo de Paris	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de novembro de 1907, p.2
26 de novembro de 1907	Escultor do século XX	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de novembro de 1907, p.2
26 de novembro de 1907	Filmes religiosos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de novembro de 1907, p.2
26 de novembro de 1907	O cão do velho cego	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de novembro de 1907, p.2
26 de novembro de 1907	O criado hipnotizador	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de novembro de 1907, p.2
26 de novembro de 1907	O escrínio de Radjah	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de novembro de 1907, p.2
26 de novembro de 1907	Pesca do atum na costa da Argélia	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de novembro de 1907, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
26 de novembro de 1907	Sonho com a lua	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de novembro de 1907, p.2
26 de novembro de 1907	Uma criada descuidada	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de novembro de 1907, p.2
26 de novembro de 1907	Um lorde inglês que quer se casar	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de novembro de 1907, p.2
26 de novembro de 1907	Um problema difícil	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de novembro de 1907, p.2
26 de novembro de 1907	Veneza, um belo passeio em gôndola	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de novembro de 1907, p.2
26 de novembro de 1907	Vou buscar o pão	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de novembro de 1907, p.2
30 de novembro de 1907	A flauta encantada	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de novembro de 1907, p.2
30 de novembro de 1907	A lei do perdão	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de novembro de 1907, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
30 de novembro de 1907	A luta pela vida	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de novembro de 1907, p.2
30 de novembro de 1907	Après la rupture	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de novembro de 1907, p.2
30 de novembro de 1907	Cuidado com a pintura	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de novembro de 1907, p.2
30 de novembro de 1907	Danças cosmopolitas a transformações	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de novembro de 1907, p.2
30 de novembro de 1907	Greve das amas de leite	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de novembro de 1907, p.2
30 de novembro de 1907	La jeteuse de sorts	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de novembro de 1907, p.2
30 de novembro de 1907	Madame a ses vapeurs	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de novembro de 1907, p.2
30 de novembro de 1907	Naufrágio do vapor Hilda na costa da Normandia	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de novembro de 1907, p.2
30 de novembro de 1907	O automóvel desenfreado	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de novembro de 1907, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
30 de novembro de 1907	O feiticeiro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de novembro de 1907, p.2
30 de novembro de 1907	Paga o justo pelo pecador	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de novembro de 1907, p.2
30 de novembro de 1907	Pitou ama-seca	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de novembro de 1907, p.2
30 de novembro de 1907	Salvo pelo seu cavalo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de novembro de 1907, p.2
30 de novembro de 1907	Uma mulher que leva as calças	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de novembro de 1907, p.2
30 de novembro de 1907	Uma viagem de prazer	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de novembro de 1907, p.2
30 de novembro de 1907	Uma visita na alfândega	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de novembro de 1907, p.2
1º de dezembro de 1907	A primeira ida de um camponês a Paris	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de dezembro de 1907, p.2
1º de dezembro de 1907	Batalha das flores em Niza	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de dezembro de 1907, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
1º de dezembro de 1907	Corrida de perna de pau	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de dezembro de 1907, p.2
1º de dezembro de 1907	Festas em honra do casamento do Kronprinz da Alemanha	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de dezembro de 1907, p.2
1º de dezembro de 1907	Limpador de cristais	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de dezembro de 1907, p.2
1º de dezembro de 1907	Mãe infeliz	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de dezembro de 1907, p.2
1º de dezembro de 1907	Marche émonstillante	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de dezembro de 1907, p.2
1º de dezembro de 1907	O albergue encantado	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de dezembro de 1907, p.2
1º de dezembro de 1907	O cakewalk forçado	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de dezembro de 1907, p.2
1º de dezembro de 1907	O cão salvador	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de dezembro de 1907, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
1º de dezembro de 1907	O espectro rubro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de dezembro de 1907, p.2
1º de dezembro de 1907	O militar e sua patúcia	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de dezembro de 1907, p.2
1º de dezembro de 1907	O sonho de um pescador	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de dezembro de 1907, p.2
1º de dezembro de 1907	Os pequenos vagabundos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de dezembro de 1907, p.2
1º de dezembro de 1907	Polichinelo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de dezembro de 1907, p.2
1º de dezembro de 1907	Que desgraça ter um genro!	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de dezembro de 1907, p.2
1º de dezembro de 1907	Salto de obstáculos pela extraordinária cavalaria italiana de Car di Quinto	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de dezembro de 1907, p.2
1º de dezembro de 1907	Um caipora	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de dezembro de 1907, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
1º de dezembro de 1907	Vou buscar legumes para a sopa	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de dezembro de 1907, p.2
3 de dezembro de 1907	A cardadura de colchões	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de dezembro de 1907, p.2
3 de dezembro de 1907	A filha do sineiro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de dezembro de 1907, p.2
3 de dezembro de 1907	A primeira saída do estudante	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de dezembro de 1907, p.2
3 de dezembro de 1907	Caixa de charutos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de dezembro de 1907, p.2
3 de dezembro de 1907	Debute do aeronauta	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de dezembro de 1907, p.2
3 de dezembro de 1907	Farsas de um aprendiz pasteleiro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de dezembro de 1907, p.2
3 de dezembro de 1907	Grande caçada de baleia	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de dezembro de 1907, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
3 de dezembro de 1907	La ronde du garde-champêtre	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de dezembro de 1907, p.2
3 de dezembro de 1907	Metempsicose	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de dezembro de 1907, p.2
3 de dezembro de 1907	O filho de satanás	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de dezembro de 1907, p.2
3 de dezembro de 1907	O palhaço médico	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de dezembro de 1907, p.2
3 de dezembro de 1907	Os grandes males e os grandes remédios	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de dezembro de 1907, p.2
3 de dezembro de 1907	Para apanhar uma cabeleira	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de dezembro de 1907, p.2
3 de dezembro de 1907	Pobres órfãos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de dezembro de 1907, p.2
3 de dezembro de 1907	Uma pesca de 40.000 salmões no Canadá	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de dezembro de 1907, p.2
3 de dezembro de 1907	Um bom caldo de galinha	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de dezembro de 1907, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
5 de dezembro de 1907	A volta ao mundo de um polícia	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de dezembro de 1907, p.2
5 de dezembro de 1907	Cenas militares na República da Argentina	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de dezembro de 1907, p.2
5 de dezembro de 1907	Flores animadas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de dezembro de 1907, p.2
5 de dezembro de 1907	Grande caçada ao hipopótamo no Rio Zambeze (África Central)	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de dezembro de 1907, p.2
5 de dezembro de 1907	Menino travesso	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de dezembro de 1907, p.2
5 de dezembro de 1907	O homem anúncio	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de dezembro de 1907, p.2
5 de dezembro de 1907	O homem dos 100 encantos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de dezembro de 1907, p.2
5 de dezembro de 1907	Os apuros de um pai de família em busca de alojamento	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de dezembro de 1907, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
5 de dezembro de 1907	Os crisântemos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de dezembro de 1907, p.2
5 de dezembro de 1907	Os irmãos rivais	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de dezembro de 1907, p.2
5 de dezembro de 1907	Os ladrões de far west	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de dezembro de 1907, p.2
5 de dezembro de 1907	Os pequenos ladrões de tomates	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de dezembro de 1907, p.2
5 de dezembro de 1907	Os répteis do jardim zoológico de Londres	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de dezembro de 1907, p.2
5 de dezembro de 1907	Selon la saison	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de dezembro de 1907, p.2
5 de dezembro de 1907	Uma fazenda de avestruzes	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de dezembro de 1907, p.2
5 de dezembro de 1907	Um passeio num túnel	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de dezembro de 1907, p.2
5 de dezembro de 1907	Um tabelião em pândegas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de dezembro de 1907, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
5 de dezembro de 1907	Uns caloteiros	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de dezembro de 1907, p.2
7 de dezembro de 1907	A honra do velho sargento	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de dezembro de 1907, p.2
7 de dezembro de 1907	Carambolage aérea	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de dezembro de 1907, p.2
7 de dezembro de 1907	Concurso de gulosos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de dezembro de 1907, p.2
7 de dezembro de 1907	Desaninhadores de passarinhos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de dezembro de 1907, p.2
7 de dezembro de 1907	Dois vinténs de leite	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de dezembro de 1907, p.2
7 de dezembro de 1907	Em caminho da Suíça	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de dezembro de 1907, p.2
7 de dezembro de 1907	Esportes na Escandinávia, tempo de inverno	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de dezembro de 1907, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
7 de dezembro de 1907	Grande caçada em Rambouillet em honra ao Rei da Espanha Affonso XIII	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de dezembro de 1907, p.2
7 de dezembro de 1907	Ladrões incendiários	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de dezembro de 1907, p.2
7 de dezembro de 1907	Ladrões noturnos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de dezembro de 1907, p.2
7 de dezembro de 1907	La Vénus du Luxembourg	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de dezembro de 1907, p.2
7 de dezembro de 1907	Luiz XIV e sua corte	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de dezembro de 1907, p.2
7 de dezembro de 1907	O bilhete de favor	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de dezembro de 1907, p.2
7 de dezembro de 1907	O escarabeo de ouro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de dezembro de 1907, p.2
7 de dezembro de 1907	O pequeno aeronauta	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de dezembro de 1907, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
7 de dezembro de 1907	Pantomima representada pelos Omers, célebres acrobatas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de dezembro de 1907, p.2
7 de dezembro de 1907	Pobre mestre de escola	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de dezembro de 1907, p.2
7 de dezembro de 1907	Um cão recalcitrante	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de dezembro de 1907, p.2
8 de dezembro de 1907	A espia	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de dezembro de 1907, p.2
8 de dezembro de 1907	A greve	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de dezembro de 1907, p.2
8 de dezembro de 1907	A guerra russo-japonesa	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de dezembro de 1907, p.2
8 de dezembro de 1907	Aventuras de um ciclista	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de dezembro de 1907, p.2
8 de dezembro de 1907	Balbina está nervosa	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de dezembro de 1907, p.2
8 de dezembro de 1907	Calçado apertado	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de dezembro de 1907, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
8 de dezembro de 1907	Chegada de El-Rei de Portugal D. Carlos I	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de dezembro de 1907, p.2
8 de dezembro de 1907	História de uma calça	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de dezembro de 1907, p.2
8 de dezembro de 1907	Les 400 farces du diable	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de dezembro de 1907, p.2
8 de dezembro de 1907	Miss Welly e seu porco bailarino	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de dezembro de 1907, p.2
8 de dezembro de 1907	O Fregoli moderno	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de dezembro de 1907, p.2
8 de dezembro de 1907	Os efeitos de uma trovoadas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de dezembro de 1907, p.2
8 de dezembro de 1907	Precisa-se de uma guarda, por favor	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de dezembro de 1907, p.2
8 de dezembro de 1907	Primeiro prêmio de violoncelo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de dezembro de 1907, p.2
8 de dezembro de 1907	Salto de ski nos Alpes	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de dezembro de 1907, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
8 de dezembro de 1907	Um drama na Costa Azul	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de dezembro de 1907, p.2
8 de dezembro de 1907	Um marido modelo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de dezembro de 1907, p.2

Anexo XI – Programação – Windsor Castle

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
12 de março de 1908	Inauguração da ponte de Sobragi	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 12 de março de 1908, p.2
15 de março de 1908	Funerais do rei Carlos I e do príncipe herdeiro Luís Filipe	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 15 de março de 1908, p.2
28 de março de 1908	O contramestre incendiário	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 28 de março de 1908, p.2
28 de março de 1908	A tomada de Roma em 20 de setembro de 1870	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 28 de março de 1908, p.2

Anexo XII – Programação – Cinematógrafo Rio Branco (William & Cia.)

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
23 de abril de 1908	A obsessão pelo bilhar	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de abril de 1908, p.2
23 de abril de 1908	As borboletas	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de abril de 1908, p.2
23 de abril de 1908	Curso de carruagens na praia de Botafogo	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de abril de 1908, p.2
23 de abril de 1908	Cross Country	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de abril de 1908, p.2
23 de abril de 1908	Heroísmo de uma noiva	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de abril de 1908, p.2
23 de abril de 1908	Homem anúncio	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de abril de 1908, p.2
23 de abril de 1908	Horrível aventura	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de abril de 1908, p.2
23 de abril de 1908	Missão sagrada	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de abril de 1908, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
23 de abril de 1908	O aeroplano 14 bis de Santos Dumont	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de abril de 1908, p.2
23 de abril de 1908	O incendiário	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de abril de 1908, p.2
23 de abril de 1908	Os dois irmãos	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de abril de 1908, p.2
23 de abril de 1908	O segredo do relojoeiro	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de abril de 1908, p.2
23 de abril de 1908	Pintores modernos	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de abril de 1908, p.2
23 de abril de 1908	Simplest estouvamento	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de abril de 1908, p.2
23 de abril de 1908	Uma garrafa para Clementina	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de abril de 1908, p.2
23 de abril de 1908	Um passeio no lago de Genebra na Suíça	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de abril de 1908, p.2
25 de abril de 1908	Estação da Central	----	----	<i>O Pharol</i> , 25 de abril de 1908, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
25 de abril de 1908	Praça João Penido	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de abril de 1908, p.2
25 de abril de 1908	Saída dos devotos da Matriz depois da missa	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de abril de 1908, p.2
25 de abril de 1908	Parque Halfeld	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de abril de 1908, p.2
26 de abril de 1908	Os últimos acontecimentos do Marrocos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de abril de 1908, p.2
26 de abril de 1908	A visita da esquadra americana ao Rio de Janeiro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de abril de 1908, p.2

Anexo XIII – Programação – Circo Pathé

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
16 de junho de 1908	Filmes religiosos	----	----	<i>O Pharol</i> , 16 de junho de 1908, p.2
18 de junho de 1908	Filmes religiosos	----	----	<i>O Pharol</i> , 19 de junho de 1908, p.2
20 de junho de 1908	Os funerais do rei D. Carlos e do príncipe D. Luiz.	----	----	<i>O Pharol</i> , 20 de junho de 1908, p.2
22 de dezembro de 1908	Filmes religiosos	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de dezembro de 1908, p.2
23 de dezembro de 1908	Filmes religiosos	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de dezembro de 1908, p.2
28 de julho de 1909	Batizado de um barco	----	----	<i>O Pharol</i> , 29 de julho de 1909, p.2
28 de julho de 1909	Quero ser acrobata	----	----	<i>O Pharol</i> , 29 de julho de 1909, p.2
28 de julho de 1909	O infiel	----	----	<i>O Pharol</i> , 29 de julho de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
28 de julho de 1909	O terrível argentino	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de julho de 1909, p.2
28 de julho de 1909	O balão Zeppelin	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de julho de 1909, p.2
28 de julho de 1909	O homem das bonecas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de julho de 1909, p.2
5 de agosto de 1909	A criança policial	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de agosto de 1909, p.2
8 de agosto de 1909	Veneza	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de agosto de 1909, p.2
8 de agosto de 1909	O caçador de peles	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de agosto de 1909, p.2
8 de agosto de 1909	O manequim	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de agosto de 1909, p.2
8 de agosto de 1909	Saudades do outro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de agosto de 1909, p.2
8 de agosto de 1909	Aventura pouco galante	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de agosto de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
8 de agosto de 1909	Escola de Nova Guiné	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de agosto de 1909, p.2
8 de agosto de 1909	Seu dever	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de agosto de 1909, p.2
8 de agosto de 1909	A vidente	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de agosto de 1909, p.2
8 de agosto de 1909	Viagem extravagante	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de agosto de 1909, p.2
19 de agosto de 1909	Um lobo do mar	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de agosto de 1909, p.2
19 de agosto de 1909	Minas de cobre na Espanha	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de agosto de 1909, p.2
19 de agosto de 1909	Pescador de pérolas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de agosto de 1909, p.2
19 de agosto de 1909	Os mártires do amor	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de agosto de 1909, p.2
19 de agosto de 1909	Danças australianas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de agosto de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
19 de agosto de 1909	A Irmã Angélica	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de agosto de 1909, p.2
19 de agosto de 1909	Sonho de chofer	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de agosto de 1909, p.2
19 de agosto de 1909	Este piano soa mal	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de agosto de 1909, p.2
22 de agosto de 1909	A esposa maltratada	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de agosto de 1909, p.2
26 de agosto de 1909	O mais belo dia da vida (ou A primeira comunhão)	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de agosto de 1909, p.2
4 de setembro de 1909	A piedade	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 4 de setembro de 1909, p.2
4 de setembro de 1909	No altar	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 4 de setembro de 1909, p.2
4 de setembro de 1909	Sogra nem pintada	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 4 de setembro de 1909, p.2
4 de setembro de 1909	Corridas de touros no México	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 4 de setembro de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
25 de setembro de 1909	Os três vizinhos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de setembro de 1909, p.2
25 de setembro de 1909	Manobras do exército alemão	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de setembro de 1909, p.2
26 de setembro de 1909	Exercício de conjunto	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de setembro de 1909, p.2
26 de setembro de 1909	Manobras do exército alemão	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de setembro de 1909, p.2
26 de setembro de 1909	O suplício do pequeno Tântalo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de setembro de 1909, p.2
26 de setembro de 1909	A pérola maravilhosa	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de setembro de 1909, p.2
10 de outubro de 1909	Carnaval em Nice	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de outubro de 1909, p.2
10 de outubro de 1909	Funerais dos acadêmicos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de outubro de 1909, p.2
12 de outubro de 1909	Carnaval em Nice	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 12 de outubro de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
16 de outubro de 1909	A paixão de Cristo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 16 de outubro de 1909, p.2
14 de novembro de 1909	O ingrato	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 13 de novembro de 1909, p.2
8 de dezembro de 1909	A vida e a morte de Jesus	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de dezembro de 1909, p.2
11 de dezembro de 1909	Os três mosqueteiros	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de dezembro de 1909, p.2
19 de dezembro de 1909	Nero	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 21 de dezembro de 1909, p.2
19 de dezembro de 1909	O colar da virgem	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 21 de dezembro de 1909, p.2
25 de dezembro de 1909	O colar da virgem	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de dezembro de 1909, p.2
25 de dezembro de 1909	O nascimento de Jesus	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de dezembro de 1909, p.2
25 de dezembro de 1909	A infância de Jesus	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de dezembro de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
25 de dezembro de 1909	Vida pública	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de dezembro de 1909, p.2
25 de dezembro de 1909	Entrada em Jerusalém	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de dezembro de 1909, p.2
25 de dezembro de 1909	Martírios, morte, ressurreição e ascensão	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de dezembro de 1909, p.2
25 de dezembro de 1909	A Irmã Angélica	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de dezembro de 1909, p.2
25 de dezembro de 1909	Um senhor amável	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de dezembro de 1909, p.2
5 de novembro de 1910	O domador de leões Alfredo Schneider	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de novembro de 1910, p.2
24 de dezembro de 1910	Caridade Cristã	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de dezembro de 1910, p.1
24 de dezembro de 1910	A vida de Jesus	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de dezembro de 1910, p.1
24 de dezembro de 1910	Ali Babá e os 40 ladrões	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de dezembro de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
24 de dezembro de 1910	A Revolta dos marinheiros em 23 de novembro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de dezembro de 1910, p.1

Anexo XIV – Programação – Cinematógrafo Brasil (Leon Morimont)

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
5 de julho de 1908	A princesa negra	----	----	<i>O Pharol</i> , 5 de julho de 1908, p.2
11 de julho de 1908	A princesa negra	----	----	<i>O Pharol</i> , 11 de julho de 1908, p.2
11 de julho de 1908	Amor de boêmia	Drama	----	<i>O Pharol</i> , 12 de julho de 1908, p.2
11 de julho de 1908	Cowboys (ou Os índios de peles vermelhas)	Drama	----	<i>O Pharol</i> , 12 de julho de 1908, p.2
11 de julho de 1908	Ladrões noctâmbulos	Comédia	----	<i>O Pharol</i> , 12 de julho de 1908, p.2
11 de julho de 1908	Mostra de piano	Comédia	----	<i>O Pharol</i> , 12 de julho de 1908, p.2
11 de julho de 1908	Passeio de um roceiro em Paris	----	----	<i>O Pharol</i> , 12 de julho de 1908, p.2
11 de julho de 1908	Segredo do relojoeiro	----	----	<i>O Pharol</i> , 12 de julho de 1908, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
4 de agosto de 1908	A faca do árabe	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 4 de agosto de 1908, p.1
4 de agosto de 1908	Bandidos da Calábria	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 4 de agosto de 1908, p.1
4 de agosto de 1908	Duelo complicado	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 4 de agosto de 1908, p.1
4 de agosto de 1908	Encantos pelo ouro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 4 de agosto de 1908, p.1
4 de agosto de 1908	O perjuro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 4 de agosto de 1908, p.1
4 de agosto de 1908	Sansão moderno	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 4 de agosto de 1908, p.1
6 de agosto de 1908	A herança da velha	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 6 de agosto de 1908, p.2
6 de agosto de 1908	A noiva do guarda francês	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 6 de agosto de 1908, p.2
6 de agosto de 1908	A Princesa Finette	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 6 de agosto de 1908, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
6 de agosto de 1908	Chamas misteriosas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 6 de agosto de 1908, p.2
6 de agosto de 1908	O carteiro rural	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 6 de agosto de 1908, p.2
6 de agosto de 1908	Vingança do operário	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 6 de agosto de 1908, p.2

Anexo XV – Programação – Cinema Pharol (Lussac & Almeida)

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
9 de julho de 1908	Um passeio de automóvel na cidade do Rio de Janeiro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 9 de julho de 1908, p.2
8 de agosto de 1908	Os estranguladores do Rio	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de agosto de 1908, p.2
11 de agosto de 1908	Os estranguladores do Rio	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de agosto de 1908, p.2
15 de agosto de 1908	Centenário de Osório	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 15 de agosto de 1908, p.2
15 de agosto de 1908	Os estranguladores do Rio	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 15 de agosto de 1908, p.2
15 de agosto de 1908	Regatas de Botafogo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 15 de agosto de 1908, p.2

Anexo XVI – Programação – Radium-Grapho-Cinema

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
23 de agosto de 1908	Cavalo amestrado	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de agosto de 1908, p.1
23 de agosto de 1908	Dança de Cossacos	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de agosto de 1908, p.1
23 de agosto de 1908	Danças cosmopolitas	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de agosto de 1908, p.1
23 de agosto de 1908	Fogo de artifício	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de agosto de 1908, p.1
23 de agosto de 1908	O mágico	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de agosto de 1908, p.1
23 de agosto de 1908	Os transformistas	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de agosto de 1908, p.1
23 de agosto de 1908	Um passeio de canoa	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de agosto de 1908, p.1
28 de agosto de 1908	A vida e a morte de Napoleão Bonaparte	----	----	<i>O Pharol</i> , 28 de agosto de 1908, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
29 de agosto de 1908	A vida e a morte de Napoleão Bonaparte	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de agosto de 1908, p.2

Anexo XVII – Programação – Cinema Pathé (Ollendorff & Cia.)

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
7 de fevereiro de 1909	A irmã do grumete	----	----	<i>O Pharol</i> , 7 de fevereiro de 1909, p.2
7 de fevereiro de 1909	Caça ao crocodilo	----	----	<i>O Pharol</i> , 7 de fevereiro de 1909, p.2
7 de fevereiro de 1909	Campeonato de luta romana	----	----	<i>O Pharol</i> , 7 de fevereiro de 1909, p.2
7 de fevereiro de 1909	Castelo encantado	----	----	<i>O Pharol</i> , 7 de fevereiro de 1909, p.2
7 de fevereiro de 1909	Escolha de um noivo	----	----	<i>O Pharol</i> , 7 de fevereiro de 1909, p.2
7 de fevereiro de 1909	Médico do campo	----	----	<i>O Pharol</i> , 7 de fevereiro de 1909, p.2
7 de fevereiro de 1909	Sansão e Dalila	----	----	<i>O Pharol</i> , 7 de fevereiro de 1909, p.2
20 de fevereiro de 1909	Casa fantástica	----	----	<i>O Pharol</i> , 20 de fevereiro de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
20 de fevereiro de 1909	Churrasco no Leme	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de fevereiro de 1909, p.2
20 de fevereiro de 1909	Corrida de banhistas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de fevereiro de 1909, p.2
20 de fevereiro de 1909	Cruel enigma	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de fevereiro de 1909, p.2
20 de fevereiro de 1909	Fanatismo muçulmano	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de fevereiro de 1909, p.2
20 de fevereiro de 1909	Jardim zoológico de Londres	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de fevereiro de 1909, p.2
20 de fevereiro de 1909	Terrível meridional	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de fevereiro de 1909, p.2
20 de fevereiro de 1909	Tutor criminoso	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de fevereiro de 1909, p.2
20 de fevereiro de 1909	Um bom homem	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de fevereiro de 1909, p.2
20 de fevereiro de 1909	Vendetta	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de fevereiro de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
14 de março de 1909	Anel de índio	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 14 de março de 1909, p.2
14 de março de 1909	Corrida de amas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 14 de março de 1909, p.2
14 de março de 1909	Escola de rendas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 14 de março de 1909, p.2
14 de março de 1909	Família de caraduras	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 14 de março de 1909, p.2
14 de março de 1909	Hipnotizadores	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 14 de março de 1909, p.2
14 de março de 1909	Indústria da pele de cabra	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 14 de março de 1909, p.2
14 de março de 1909	Jogo da paciência	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 14 de março de 1909, p.2
14 de março de 1909	Os presentes da fada	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 14 de março de 1909, p.2
14 de março de 1909	O tiro de espingarda	-----	Pathé	<i>O Pharol</i> , 14 de março de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
14 de março de 1909	Sacrifício de vagabundos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 14 de março de 1909, p.2
14 de março de 1909	Sonho de borracho	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 14 de março de 1909, p.2
14 de março de 1909	Sonho de uma feminista	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 14 de março de 1909, p.2
28 de março de 1909	A filha do marujo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 28 de março de 1909, p.2
28 de março de 1909	A luta contra o fogo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 28 de março de 1909, p.2
28 de março de 1909	A mão de carneiro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 28 de março de 1909, p.2
28 de março de 1909	Do mal sai o bem	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 28 de março de 1909, p.2
28 de março de 1909	Minha sogra custa a morrer	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 28 de março de 1909, p.2
28 de março de 1909	O filho do batalhão	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 28 de março de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
28 de março de 1909	O gato da Tia Joana	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 28 de março de 1909, p.2
28 de março de 1909	O pôr do sol	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 28 de março de 1909, p.2
28 de março de 1909	Passeio histórico	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 28 de março de 1909, p.2
28 de março de 1909	Pilhérias do nhonhô	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 28 de março de 1909, p.2
4 de abril de 1909	A greve	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 4 de abril de 1909, p.2
4 de abril de 1909	A luta contra o fogo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 4 de abril de 1909, p.2
4 de abril de 1909	Bebedeira esportiva	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 4 de abril de 1909, p.2
4 de abril de 1909	Boireau perdido pelas mulheres	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 4 de abril de 1909, p.2
4 de abril de 1909	Cada qual por sua vez	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 4 de abril de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
4 de abril de 1909	Cavalaria russa	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 4 de abril de 1909, p.2
4 de abril de 1909	Danças através do mundo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 4 de abril de 1909, p.2
4 de abril de 1909	O caminho da felicidade	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 4 de abril de 1909, p.2
4 de abril de 1909	O mau exemplo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 4 de abril de 1909, p.2
4 de abril de 1909	Os procuradores de ouro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 4 de abril de 1909, p.2
18 de abril de 1909	A lenda azul	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 18 de abril de 1909, p.2
18 de abril de 1909	Apaches do far west	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 18 de abril de 1909, p.2
18 de abril de 1909	A pesca da tartaruga	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 18 de abril de 1909, p.2
18 de abril de 1909	Coração ferido	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 18 de abril de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
18 de abril de 1909	Esportes na Saboia	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 18 de abril de 1909, p.2
18 de abril de 1909	Macacão no baile de máscaras	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 18 de abril de 1909, p.2
18 de abril de 1909	O aleijadinho	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 18 de abril de 1909, p.2
18 de abril de 1909	O Zé é o culpado	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 18 de abril de 1909, p.2
18 de abril de 1909	Retratos vivos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 18 de abril de 1909, p.2
18 de abril de 1909	Theodoro estuda para ladrão	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 18 de abril de 1909, p.2
2 de maio de 1909	A miserável	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 4 de maio de 1909, p.2
8 de maio de 1909	Animais ferozes de Bastock	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de maio de 1909, p.2
8 de maio de 1909	Circuito de Dieppe	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de maio de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
8 de maio de 1909	Ciúme de irmão	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de maio de 1909, p.2
8 de maio de 1909	Espetáculo barato	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de maio de 1909, p.2
8 de maio de 1909	Justiça de índio	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de maio de 1909, p.2
8 de maio de 1909	Nhonhô deu para pintar	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de maio de 1909, p.2
8 de maio de 1909	O cabeleireiro enamorado	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de maio de 1909, p.2
8 de maio de 1909	O interview	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de maio de 1909, p.2
8 de maio de 1909	Pequena japonesa	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de maio de 1909, p.2
15 de maio de 1909	Força de vontade de criança	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 15 de maio de 1909, p.2
15 de maio de 1909	Tino policial	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 15 de maio de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
18 de maio de 1909	Para salvar sua filha	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 18 de maio de 1909, p.2
22 de maio de 1909	O cão do cego	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de maio de 1909, p.2
22 de maio de 1909	O dia do pagamento	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de maio de 1909, p.2
22 de maio de 1909	Titia papa gente	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de maio de 1909, p.2
30 de maio de 1909	O barco da salvação	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de maio de 1909, p.2
30 de maio de 1909	Feliz desgraça	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de maio de 1909, p.2
30 de maio de 1909	Viagem original	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de maio de 1909, p.2

Anexo XVIII – Programação – Cinema Juiz de Fora (Empresa Campinhos)

Data	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
23 de fevereiro de 1909	Terremotos da Calábria	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de fevereiro de 1909, p.2
4 de março de 1909	O amor de Psyché	----	----	<i>O Pharol</i> , 4 de março de 1909, p.2
17 de abril de 1909	A vida de Jesus Cristo	----	----	<i>O Pharol</i> , 17 de abril de 1909, p.2
24 de abril de 1909	O guarda da alfândega	----	----	<i>O Pharol</i> , 24 de abril de 1909, p.2
8 de maio de 1909	Distração em Londres	----	----	<i>O Pharol</i> , 8 de maio de 1909, p.2
8 de maio de 1909	Um candidato a deputado	----	----	<i>O Pharol</i> , 8 de maio de 1909, p.2
8 de maio de 1909	Mágica japonesa	----	----	<i>O Pharol</i> , 8 de maio de 1909, p.2
8 de maio de 1909	Mono enforcado	----	----	<i>O Pharol</i> , 8 de maio de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
8 de maio de 1909	Chico da chuva dá recepção	----	----	<i>O Pharol</i> , 8 de maio de 1909, p.2
8 de maio de 1909	O nascimento do Pierrot	----	----	<i>O Pharol</i> , 8 de maio de 1909, p.2
8 de maio de 1909	Vitória do amor	----	----	<i>O Pharol</i> , 8 de maio de 1909, p.2
8 de maio de 1909	A noiva do general	----	----	<i>O Pharol</i> , 8 de maio de 1909, p.2
9 de maio de 1909	Viagem à Suécia	----	----	<i>O Pharol</i> , 9 de maio de 1909, p.2
9 de maio de 1909	Mademoiselle Faust	----	----	<i>O Pharol</i> , 9 de maio de 1909, p.2
9 de maio de 1909	Pela pátria	----	----	<i>O Pharol</i> , 9 de maio de 1909, p.2
22 de maio de 1909	O lançamento do Minas Gerais	----	----	<i>O Pharol</i> , 22 de maio de 1909, p.2
25 de maio de 1909	A bela criada do campo	----	----	<i>O Pharol</i> , 25 de maio de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
25 de maio de 1909	O vagabundo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de maio de 1909, p.2
30 de maio de 1909	A cigana	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de maio de 1909, p.2
13 de junho de 1909	A moeda de ouro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 13 de junho de 1909, p.2
17 de junho de 1909	Baile trágico	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 17 de junho de 1909, p.2
20 de junho de 1909	O funeral do Dr. Affonso Penna	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de junho de 1909, p.2
21 de junho de 1909	O funeral do Dr. Affonso Penna	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de junho de 1909, p.2
27 de junho de 1909	Combate da esquadra italiana	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 27 de junho de 1909, p.2
27 de junho de 1909	Duelo complicado	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 27 de junho de 1909, p.2
27 de junho de 1909	Pas Millon – Episódio da guerra franco-prussiana	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 27 de junho de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
27 de junho de 1909	Cabeças fantásticas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 27 de junho de 1909, p.2
27 de junho de 1909	Que defluxo!	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 27 de junho de 1909, p.2
27 de junho de 1909	Coração de Thellys	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 27 de junho de 1909, p.2
27 de junho de 1909	O jantar do dia nove	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 27 de junho de 1909, p.2
29 de junho de 1909	O beijo de Judas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de junho de 1909, p.2
4 de julho de 1909	Napoleão Bonaparte	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 4 de julho de 1909, p.2
8 de julho de 1909	Talismã	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de julho de 1909, p.2
11 de julho de 1909	Uma viagem ao país do Faraó	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de julho de 1909, p.2
11 de julho de 1909	Presente de noivado	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de julho de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
11 de julho de 1909	No submarino	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de julho de 1909, p.2
11 de julho de 1909	Árabes maravilhosos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de julho de 1909, p.2
11 de julho de 1909	A mão	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de julho de 1909, p.2
11 de julho de 1909	Troça macabra	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de julho de 1909, p.2
25 de julho de 1909	A tosca	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de julho de 1909, p.2
29 de julho de 1909	Minas de ferro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de julho de 1909, p.2
29 de julho de 1909	Troça macabra	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de julho de 1909, p.2
29 de julho de 1909	Sua própria sombra	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de julho de 1909, p.2
29 de julho de 1909	Nhonhô se diverte	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de julho de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
29 de julho de 1909	Terrível mexicano	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de julho de 1909, p.2
29 de julho de 1909	O homem das bonecas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de julho de 1909, p.2
29 de julho de 1909	O dote de Hermínia	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de julho de 1909, p.2
1º de agosto de 1909	Colombo e seus arredores	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de agosto de 1909, p.2
1º de agosto de 1909	Flor da miséria	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de agosto de 1909, p.2
1º de agosto de 1909	Viagem extraordinária	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de agosto de 1909, p.2
1º de agosto de 1909	A taberna	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de agosto de 1909, p.2
1º de agosto de 1909	O armário	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de agosto de 1909, p.2
1º de agosto de 1909	L'Assomoir	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de agosto de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
8 de agosto de 1909	Um passeio a Biskra	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de agosto de 1909, p.2
8 de agosto de 1909	Did quer suicidar-se	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de agosto de 1909, p.2
8 de agosto de 1909	O avô	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de agosto de 1909, p.2
8 de agosto de 1909	Milagre de Brakmar	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de agosto de 1909, p.2
8 de agosto de 1909	Criado hipnotizador	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de agosto de 1909, p.2
8 de agosto de 1909	Caçadores de peles	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de agosto de 1909, p.2
8 de agosto de 1909	Que caiporismo!	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de agosto de 1909, p.2
9 de agosto de 1909	Noivo ciumento	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de agosto de 1909, p.2
9 de agosto de 1909	Gatunos de hotel	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de agosto de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
9 de agosto de 1909	O gato de botas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de agosto de 1909, p.2
9 de agosto de 1909	Que marido aborrecido!	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de agosto de 1909, p.2
9 de agosto de 1909	Dois chineses em Paris	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de agosto de 1909, p.2
10 de agosto de 1909	Um curtume	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de agosto de 1909, p.2
10 de agosto de 1909	Capacete pré-histórico	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de agosto de 1909, p.2
10 de agosto de 1909	Drama da noite	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de agosto de 1909, p.2
10 de agosto de 1909	Pomada maravilhosa	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de agosto de 1909, p.2
10 de agosto de 1909	Torre de Nesle	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de agosto de 1909, p.2
10 de agosto de 1909	Vingança do cabeleireiro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de agosto de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
15 de agosto de 1909	Tropas do Sudão	----	----	<i>O Pharol</i> , 15 de agosto de 1909, p.2
15 de agosto de 1909	Bom meio de se domar uma sogra	----	----	<i>O Pharol</i> , 15 de agosto de 1909, p.2
15 de agosto de 1909	O cego e o seu cão	----	----	<i>O Pharol</i> , 15 de agosto de 1909, p.2
15 de agosto de 1909	Minha esposa tem vida dura	----	----	<i>O Pharol</i> , 15 de agosto de 1909, p.2
15 de agosto de 1909	A noite do cowboy	----	----	<i>O Pharol</i> , 15 de agosto de 1909, p.2
15 de agosto de 1909	Um marido felizardo	----	----	<i>O Pharol</i> , 15 de agosto de 1909, p.2
15 de agosto de 1909	O Theatro Elétrico	----	----	<i>O Pharol</i> , 15 de agosto de 1909, p.2
21 de agosto de 1909	Centauros (ou A cavalaria do estado maior italiano)	----	----	<i>O Pharol</i> , 21 de agosto de 1909, p.2
21 de agosto de 1909	Amado pela sua bela criada	----	----	<i>O Pharol</i> , 21 de agosto de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
22 de agosto de 1909	Pesca à dinamite	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de agosto de 1909, p.2
22 de agosto de 1909	Uma criadinha bonita	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de agosto de 1909, p.2
22 de agosto de 1909	O filho pródigo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de agosto de 1909, p.2
22 de agosto de 1909	Os meninos irão ao banho	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de agosto de 1909, p.2
22 de agosto de 1909	Os permanentes fazem parede	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de agosto de 1909, p.2
22 de agosto de 1909	Arlésienne	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de agosto de 1909, p.2
22 de agosto de 1909	Querido pela criada	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de agosto de 1909, p.2
5 de setembro de 1909	O país do sol à meia-noite	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de setembro de 1909, p.2
5 de setembro de 1909	Um ladrão que bebe demais	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de setembro de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
5 de setembro de 1909	Fausto, campeão do diabo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de setembro de 1909, p.2
5 de setembro de 1909	O filho do saltimbanco	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de setembro de 1909, p.2
5 de setembro de 1909	O falso herdeiro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de setembro de 1909, p.2
10 de setembro de 1909	Lição de caridade	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de setembro de 1909, p.2
10 de setembro de 1909	Toma tua sopa	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de setembro de 1909, p.2
11 de setembro de 1909	Os dois amigos íntimos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de setembro de 1909, p.2
16 de setembro de 1909	O apaixonado da mulher barbada	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 16 de setembro de 1909, p.2
19 de setembro de 1909	Caça ao veado na Ilha de Java	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 19 de setembro de 1909, p.2
19 de setembro de 1909	Uma criada demasiada limpa	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 19 de setembro de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
19 de setembro de 1909	A primeira experiência de química	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 19 de setembro de 1909, p.2
19 de setembro de 1909	Le roi s'amuse	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 19 de setembro de 1909, p.2
19 de setembro de 1909	Que bela mulher!	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 19 de setembro de 1909, p.2
19 de setembro de 1909	Pobre criança	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 19 de setembro de 1909, p.2
19 de setembro de 1909	O apaixonado da mulher barbada	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 19 de setembro de 1909, p.2
23 de setembro de 1909	Procissão original no Japão	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de setembro de 1909, p.2
23 de setembro de 1909	Desgraçado repórter	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de setembro de 1909, p.2
23 de setembro de 1909	Amor de bandido	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de setembro de 1909, p.2
23 de setembro de 1909	Barril inesgotável	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de setembro de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
23 de setembro de 1909	Contrabandista mistificador	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de setembro de 1909, p.2
23 de setembro de 1909	Cinto do marinheiro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de setembro de 1909, p.2
23 de setembro de 1909	Did, rei dos ladrões	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de setembro de 1909, p.2
26 de setembro de 1909	Uma manhã de primavera no bosque de Bologna	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de setembro de 1909, p.2
26 de setembro de 1909	Calçados namoradores	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de setembro de 1909, p.2
26 de setembro de 1909	Piratas no mar	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de setembro de 1909, p.2
26 de setembro de 1909	O domador de cobras	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de setembro de 1909, p.2
26 de setembro de 1909	George Washington	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de setembro de 1909, p.2
26 de setembro de 1909	Did nos Alpes	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de setembro de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
30 de setembro de 1909	Artista	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de setembro de 1909, p.2
30 de setembro de 1909	Os três vizinhos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de setembro de 1909, p.2
3 de outubro de 1909	Uma manhã de primavera no bosque de Bologna	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de outubro de 1909, p.2
3 de outubro de 1909	Artista	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de outubro de 1909, p.2
3 de outubro de 1909	Did nos Alpes	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de outubro de 1909, p.2
3 de outubro de 1909	Os três vizinhos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de outubro de 1909, p.2
3 de outubro de 1909	Piratas no mar	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de outubro de 1909, p.2
3 de outubro de 1909	Mascote de Did	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de outubro de 1909, p.2
3 de outubro de 1909	Tempestade na Gasconha	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de outubro de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
3 de outubro de 1909	O busto do comandante	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de outubro de 1909, p.2
3 de outubro de 1909	O pequeno vendedor de flores	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de outubro de 1909, p.2
3 de outubro de 1909	Sátiro do bosque	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de outubro de 1909, p.2
3 de outubro de 1909	Did entre o celibato e o casamento	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de outubro de 1909, p.2
3 de outubro de 1909	Mão negra	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de outubro de 1909, p.2
3 de outubro de 1909	O mocinho	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de outubro de 1909, p.2
7 de outubro de 1909	Henrique III	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de outubro de 1909, p.2
7 de outubro de 1909	Mar em tempestade	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de outubro de 1909, p.2
7 de outubro de 1909	Polícia do bolso	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de outubro de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
7 de outubro de 1909	Vítima do dever	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de outubro de 1909, p.2
7 de outubro de 1909	Satanás e astrônomo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de outubro de 1909, p.2
7 de outubro de 1909	Noiva do bedel	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de outubro de 1909, p.2
7 de outubro de 1909	Perseguido pelo medo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de outubro de 1909, p.2
10 de outubro de 1909	Mar em tempestade	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de outubro de 1909, p.2
10 de outubro de 1909	O buquê de lilás	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de outubro de 1909, p.2
10 de outubro de 1909	Tristes aventuras de uma pipa de vinho	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de outubro de 1909, p.2
10 de outubro de 1909	Maramiello	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de outubro de 1909, p.2
10 de outubro de 1909	Astúcia de totó	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de outubro de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
10 de outubro de 1909	A noiva do pintor	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de outubro de 1909, p.2
10 de outubro de 1909	A mala do policial	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de outubro de 1909, p.2
17 de outubro de 1909	Caça à pantera	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 17 de outubro de 1909, p.2
17 de outubro de 1909	As duas irmãs	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 17 de outubro de 1909, p.2
17 de outubro de 1909	Solução pertinaz	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 17 de outubro de 1909, p.2
17 de outubro de 1909	Vítima do dever	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 17 de outubro de 1909, p.2
17 de outubro de 1909	Os três manequins	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 17 de outubro de 1909, p.2
17 de outubro de 1909	O rei se diverte	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 17 de outubro de 1909, p.2
17 de outubro de 1909	Minha mulher tem um cacoete	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 17 de outubro de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
20 de outubro de 1909	O último dos engolidores de espadas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de outubro de 1909, p.2
20 de outubro de 1909	Inauguração	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de outubro de 1909, p.2
20 de outubro de 1909	As duas irmãs	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de outubro de 1909, p.2
20 de outubro de 1909	Carteira embaraçosa	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de outubro de 1909, p.2
20 de outubro de 1909	Ladrão na mala	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de outubro de 1909, p.2
20 de outubro de 1909	A miséria	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de outubro de 1909, p.2
20 de outubro de 1909	Ideia do boticário	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de outubro de 1909, p.2
22 de outubro de 1909	Cultura do chá	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de outubro de 1909, p.2
22 de outubro de 1909	Erro até o endereço	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de outubro de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
22 de outubro de 1909	A mão	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de outubro de 1909, p.2
22 de outubro de 1909	Do ovo ao espeto	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de outubro de 1909, p.2
22 de outubro de 1909	Ladrão na mala	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de outubro de 1909, p.2
22 de outubro de 1909	Casamento de maltrapilho	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de outubro de 1909, p.2
22 de outubro de 1909	Meu chefe vem almoçar	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de outubro de 1909, p.2
31 de outubro de 1909	Visita ao Parque Real de Caserta	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 31 de outubro de 1909, p.2
31 de outubro de 1909	Caçadores de peles	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 31 de outubro de 1909, p.2
31 de outubro de 1909	Frederico procura fósforo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 31 de outubro de 1909, p.2
31 de outubro de 1909	O direito de amar	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 31 de outubro de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
31 de outubro de 1909	Uma noite mal passada	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 31 de outubro de 1909, p.2
31 de outubro de 1909	Ainda	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 31 de outubro de 1909, p.2
31 de outubro de 1909	Entrevista interrompida	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 31 de outubro de 1909, p.2
19 de dezembro de 1909	A dama das camélias	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 21 de dezembro de 1909, p.2
25 de dezembro de 1909	A fronteira da Etiópia	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de dezembro de 1909, p.2
25 de dezembro de 1909	Princesa Nicotina	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de dezembro de 1909, p.2
25 de dezembro de 1909	O Sr. Espinho que viaja só	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de dezembro de 1909, p.2
25 de dezembro de 1909	Ouchar, o mercador	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de dezembro de 1909, p.2
25 de dezembro de 1909	O penteado do comissário	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de dezembro de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
25 de dezembro de 1909	Frades guerreiros	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de dezembro de 1909, p.2
25 de dezembro de 1909	Para finório, finório e meio	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de dezembro de 1909, p.2
23 de março de 1910	A paixão de Cristo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de março de 1910, p.2
23 de março de 1910	A vida de Jesus Cristo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 17 de março de 1910, p.2
24 de março de 1910	A vida de Jesus Cristo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 17 de março de 1910, p.2
25 de março de 1910	A vida de Jesus Cristo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 17 de março de 1910, p.2
15 de abril de 1910	Operações de alta cirurgia feitas pelo Dr. Doyen, professor da Faculdade de Medicina de Paris	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 12 de abril de 1910, p.1

Anexo XIX – Programação – Cinema Paris (Werneck & Defeo / Defeo & Filho)

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
20 de junho de 1909	Os funerais do Presidente da República	----	----	<i>O Pharol</i> , 20 de junho de 1909, p.2
27 de junho de 1909	A honra de um velho militar	----	----	<i>O Pharol</i> , 27 de junho de 1909, p.2
27 de junho de 1909	Cavalaria italiana	----	----	<i>O Pharol</i> , 27 de junho de 1909, p.2
27 de junho de 1909	Os funerais do Presidente da Republica	----	----	<i>O Pharol</i> , 27 de junho de 1909, p.2
27 de junho de 1909	Os martírios do amor	----	----	<i>O Pharol</i> , 27 de junho de 1909, p.2
27 de junho de 1909	Siga-me e paga o almoço	----	----	<i>O Pharol</i> , 27 de junho de 1909, p.2
27 de junho de 1909	Torturas de um coração	----	----	<i>O Pharol</i> , 27 de junho de 1909, p.2
27 de junho de 1909	Uma hora de ocupação	----	----	<i>O Pharol</i> , 27 de junho de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
27 de junho de 1909	Vistas provincianas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 27 de junho de 1909, p.2
4 de julho de 1909	A vida de Napoleão I	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 4 de julho de 1909, p.2
18 de julho de 1909	Rigoletto	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 18 de julho de 1909, p.2
15 de agosto de 1909	Os efeitos do álcool	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 17 de agosto de 1909, p.2
15 de agosto de 1909	A vida solitária	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 17 de agosto de 1909, p.2
22 de agosto de 1909	Amor de Cleópatra	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de agosto de 1909, p.2
22 de agosto de 1909	A taberna do cavalo vermelho	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de agosto de 1909, p.2
22 de agosto de 1909	O bom jornaleiro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de agosto de 1909, p.2
22 de agosto de 1909	O documento	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de agosto de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
26 de agosto de 1909	A justiça	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 28 de agosto de 1909, p.2
29 de agosto de 1909	Tristes resultados de uma explosão	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de agosto de 1909, p.2
5 de setembro de 1909	O colar	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de setembro de 1909, p.2
16 de setembro de 1909	Conspiração do cardeal	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 16 de setembro de 1909, p.2
23 de setembro de 1909	Último dia de um condenado	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de setembro de 1909, p.2
2 de outubro de 1909	Sacrifício de uma filha	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de outubro de 1909, p.1

Anexo XX – Programação – Cinema Pharol Reclame (Carlos Alberto Nunes Leal)

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
11 de setembro de 1909	Assalto de um outeiro	----	----	<i>O Pharol</i> , 11 de setembro de 1909, p.1
11 de setembro de 1909	Baile teatral	----	----	<i>O Pharol</i> , 11 de setembro de 1909, p.1
11 de setembro de 1909	Barris para vender	----	----	<i>O Pharol</i> , 11 de setembro de 1909, p.1
11 de setembro de 1909	Boa cerveja	----	----	<i>O Pharol</i> , 11 de setembro de 1909, p.1
11 de setembro de 1909	Cakewalk	----	----	<i>O Pharol</i> , 11 de setembro de 1909, p.1
11 de setembro de 1909	Cartazes animados	----	----	<i>O Pharol</i> , 11 de setembro de 1909, p.1
11 de setembro de 1909	Esperto policial	----	----	<i>O Pharol</i> , 11 de setembro de 1909, p.1
11 de setembro de 1909	Fada Flora	----	----	<i>O Pharol</i> , 11 de setembro de 1909, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
11 de setembro de 1909	Guarda de contrabandista	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de setembro de 1909, p.1
11 de setembro de 1909	Natal de Totó	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de setembro de 1909, p.1
11 de setembro de 1909	Ovos maravilhosos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de setembro de 1909, p.1
11 de setembro de 1909	Pesca de tartaruga	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de setembro de 1909, p.1
11 de setembro de 1909	Petit voleur des pommes	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de setembro de 1909, p.1
11 de setembro de 1909	Polos de bicicleta	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de setembro de 1909, p.1
11 de setembro de 1909	Prisão difícil	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de setembro de 1909, p.1
11 de setembro de 1909	Terríveis meninos colegiais	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de setembro de 1909, p.1
11 de setembro de 1909	Tourada original	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de setembro de 1909, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
11 de setembro de 1909	Uma noite nupcial	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de setembro de 1909, p.1
11 de setembro de 1909	Um passeio na Estrada de Ferro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de setembro de 1909, p.1

Anexo XXI – Programação – Ideal Cinema

Data	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
8 de setembro de 1909	Amplificador elétrico	----	----	<i>O Pharol</i> , 9 de setembro de 1909, p.2
8 de setembro de 1909	Canal de Bósforo	----	----	<i>O Pharol</i> , 9 de setembro de 1909, p.2
8 de setembro de 1909	O doido	----	----	<i>O Pharol</i> , 9 de setembro de 1909, p.2
8 de setembro de 1909	O laço	----	----	<i>O Pharol</i> , 9 de setembro de 1909, p.2
8 de setembro de 1909	Pobre gente	----	----	<i>O Pharol</i> , 9 de setembro de 1909, p.2
8 de setembro de 1909	Tentativa de Lathan de travessia da Mancha	----	----	<i>O Pharol</i> , 9 de setembro de 1909, p.2
8 de setembro de 1909	Viagem extraordinária	----	----	<i>O Pharol</i> , 9 de setembro de 1909, p.2
12 de setembro de 1909	Viúva alegre	----	----	<i>O Pharol</i> , 14 de setembro de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
16 de setembro de 1909	Viúva alegre	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 16 de setembro de 1909, p.2
23 de setembro de 1909	Acidentes no trabalho	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de setembro de 1909, p.2
23 de setembro de 1909	As regatas universitárias	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de setembro de 1909, p.2
23 de setembro de 1909	Corridas de touros	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de setembro de 1909, p.2
23 de setembro de 1909	O açamo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de setembro de 1909, p.2
23 de setembro de 1909	O amor que mata	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de setembro de 1909, p.2
23 de setembro de 1909	O milagre da Virgem	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de setembro de 1909, p.2
26 de setembro de 1909	O avarento	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de setembro de 1909, p.2
26 de setembro de 1909	Kean	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de setembro de 1909, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
26 de setembro de 1909	A indústria de arroz	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de setembro de 1909, p.2
26 de setembro de 1909	A velha criada	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de setembro de 1909, p.2
26 de setembro de 1909	Colômbia britânica	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de setembro de 1909, p.2
26 de setembro de 1909	O pregador de cartazes	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de setembro de 1909, p.2
26 de setembro de 1909	Um bom remédio	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de setembro de 1909, p.2

Anexo XXII – Programação – Cinema Pharol (João Evangelista da Silva Gomes)

Data	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
29 de janeiro de 1910	Trieste e seus arredores	Natural	Eclipse	<i>O Pharol</i> , 29 de janeiro de 1910, p.2
29 de janeiro de 1910	Os mistérios de Paris	Drama	Éclair	<i>O Pharol</i> , 29 de janeiro de 1910, p.2
29 de janeiro de 1910	O macaco de Kerkadek	Comédia	Eclipse	<i>O Pharol</i> , 29 de janeiro de 1910, p.2
29 de janeiro de 1910	A honra dos ladrões	Drama	Biograph	<i>O Pharol</i> , 29 de janeiro de 1910, p.2
29 de janeiro de 1910	Entre dois fogos	Drama	Biograph	<i>O Pharol</i> , 29 de janeiro de 1910, p.2
29 de janeiro de 1910	A deusa de Gibson	Comédia	Biograph	<i>O Pharol</i> , 29 de janeiro de 1910, p.2
30 de janeiro de 1910	Vistas da Noruega	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de janeiro de 1910, p.2
30 de janeiro de 1910	O filho	Drama	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 30 de janeiro de 1910, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
30 de janeiro de 1910	O inocente	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de janeiro de 1910, p.2
30 de janeiro de 1910	A pequena professora	Comédia	Biograph	<i>O Pharol</i> , 30 de janeiro de 1910, p.2
30 de janeiro de 1910	Waterloo dos bandidos	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de janeiro de 1910, p.2
30 de janeiro de 1910	Amor e saúde	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de janeiro de 1910, p.2
1º de fevereiro de 1910	Monumento do cemitério	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de fevereiro de 1910, p.2
1º de fevereiro de 1910	O albergue do cisne azul	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de fevereiro de 1910, p.2
1º de fevereiro de 1910	A vingança dos criados	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de fevereiro de 1910, p.2
1º de fevereiro de 1910	O filho do viúvo	Drama	Eclipse	<i>O Pharol</i> , 1º de fevereiro de 1910, p.2
1º de fevereiro de 1910	Romance da índia raptada	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de fevereiro de 1910, p.2

Data	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
1º de fevereiro de 1910	Os três duelos	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de fevereiro de 1910, p.2
2 de fevereiro de 1910	Através de Xangai	Natural	Eclipse	<i>O Pharol</i> , 2 de fevereiro de 1910, p.2
2 de fevereiro de 1910	A máscara de ferro	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de fevereiro de 1910, p.2
2 de fevereiro de 1910	O maxixe em Paris	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de fevereiro de 1910, p.2
2 de fevereiro de 1910	Asilo Pamponier	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de fevereiro de 1910, p.2
2 de fevereiro de 1910	O broche partido	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de fevereiro de 1910, p.2
2 de fevereiro de 1910	O truque do sobrinho	Comédia	Eclipse	<i>O Pharol</i> , 2 de fevereiro de 1910, p.2
3 de fevereiro de 1910	Festas das vindimas em Bordeaux	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de fevereiro de 1910, p.2
3 de fevereiro de 1910	A lenda do bom cavaleiro	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de fevereiro de 1910, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
3 de fevereiro de 1910	Esconde-te no armário	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de fevereiro de 1910, p.2
3 de fevereiro de 1910	Buquê do namorado	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de fevereiro de 1910, p.2
3 de fevereiro de 1910	Fulton	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de fevereiro de 1910, p.2
3 de fevereiro de 1910	Redenção	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de fevereiro de 1910, p.2
3 de fevereiro de 1910	Roda humana	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de fevereiro de 1910, p.2
5 de fevereiro de 1910	Termas de Hospitalet	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de fevereiro de 1910, p.2
5 de fevereiro de 1910	A taverna do cavalo vermelho	Drama	Eclipse	<i>O Pharol</i> , 5 de fevereiro de 1910, p.2
5 de fevereiro de 1910	Quero ser jóquei	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de fevereiro de 1910, p.2
5 de fevereiro de 1910	Os miseráveis	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de fevereiro de 1910, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
5 de fevereiro de 1910	A sinfonia de uma caixa de música	Natural	Vitagraph	<i>O Pharol</i> , 5 de fevereiro de 1910, p.2
5 de fevereiro de 1910	Uma partida de quilhas interrompida	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de fevereiro de 1910, p.2
6 de fevereiro de 1910	Aspectos da Bretanha	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 6 de fevereiro de 1910, p.2
6 de fevereiro de 1910	Rodolfo de Habsburgo	Drama	Cines	<i>O Pharol</i> , 6 de fevereiro de 1910, p.2
6 de fevereiro de 1910	Por causa de meia pataca	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 6 de fevereiro de 1910, p.2
6 de fevereiro de 1910	Reconhecimento do corcunda	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 6 de fevereiro de 1910, p.2
6 de fevereiro de 1910	Educação das meninas cegas	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 6 de fevereiro de 1910, p.2
6 de fevereiro de 1910	Honra e justiça	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 6 de fevereiro de 1910, p.2
6 de fevereiro de 1910	Uma lição de bicicleta	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 6 de fevereiro de 1910, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
8 de fevereiro de 1910	A índia misteriosa	Natural	Eclipse	<i>O Pharol</i> , 8 de fevereiro de 1910, p.2
8 de fevereiro de 1910	O abutre da Síria	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de fevereiro de 1910, p.2
8 de fevereiro de 1910	Rival caipora	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de fevereiro de 1910, p.2
8 de fevereiro de 1910	Uma hora de liberdade	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de fevereiro de 1910, p.2
8 de fevereiro de 1910	As duas fadas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de fevereiro de 1910, p.2
8 de fevereiro de 1910	Para a imortalidade	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de fevereiro de 1910, p.2
8 de fevereiro de 1910	A chaminé	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de fevereiro de 1910, p.2
10 de fevereiro de 1910	Interior de Borneo	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de fevereiro de 1910, p.2
10 de fevereiro de 1910	Pequenos gentis corações	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de fevereiro de 1910, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
10 de fevereiro de 1910	As horas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de fevereiro de 1910, p.2
10 de fevereiro de 1910	O sapateiro e o califa	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de fevereiro de 1910, p.2
10 de fevereiro de 1910	País do fogo	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de fevereiro de 1910, p.2
10 de fevereiro de 1910	Perjura	Drama	Ambrosio	<i>O Pharol</i> , 10 de fevereiro de 1910, p.2
10 de fevereiro de 1910	Turco endiabrado	Comédia	Vitagraph	<i>O Pharol</i> , 10 de fevereiro de 1910, p.2
12 de fevereiro de 1910	Como se fabrica um piano	Natural	Éclair	<i>O Pharol</i> , 12 de fevereiro de 1910, p.2
12 de fevereiro de 1910	A balança da justiça	Drama	Vitagraph	<i>O Pharol</i> , 12 de fevereiro de 1910, p.2
12 de fevereiro de 1910	Alfaiate engenhoso	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 12 de fevereiro de 1910, p.2
12 de fevereiro de 1910	Caça à onça	Natural	Ambrosio	<i>O Pharol</i> , 12 de fevereiro de 1910, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
12 de fevereiro de 1910	Coração de mãe	Drama	Ambrosio	<i>O Pharol</i> , 12 de fevereiro de 1910, p.2
12 de fevereiro de 1910	As surpresas do amor	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 12 de fevereiro de 1910, p.2
13 de fevereiro de 1910	A indústria da madeira nos Alpes italianos	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 13 de fevereiro de 1910, p.2
13 de fevereiro de 1910	A noiva do cowboy	Drama	Pathé	<i>O Pharol</i> , 13 de fevereiro de 1910, p.2
13 de fevereiro de 1910	O espantalho	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 13 de fevereiro de 1910, p.2
13 de fevereiro de 1910	Última corrida de Jackson	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 13 de fevereiro de 1910, p.2
13 de fevereiro de 1910	A mártir de Pompeia	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 13 de fevereiro de 1910, p.2
13 de fevereiro de 1910	A sogra à cavalo	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 13 de fevereiro de 1910, p.2
15 de fevereiro de 1910	Excursão às Cascatas do Niágara	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 15 de fevereiro de 1910, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
15 de fevereiro de 1910	Pequenos gentis corações	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 15 de fevereiro de 1910, p.2
15 de fevereiro de 1910	Impressões de Veneza	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 15 de fevereiro de 1910, p.2
15 de fevereiro de 1910	Fricção maravilhosa	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 15 de fevereiro de 1910, p.2
15 de fevereiro de 1910	Asilo Pamponier	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 15 de fevereiro de 1910, p.2
15 de fevereiro de 1910	Otelo ou O mouro de Veneza	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 15 de fevereiro de 1910, p.2
15 de fevereiro de 1910	Papai, mamãe e bebê	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 15 de fevereiro de 1910, p.2
16 de fevereiro de 1910	Viagem ao País de Gales	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 16 de fevereiro de 1910, p.2
16 de fevereiro de 1910	O correio do imperador	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 16 de fevereiro de 1910, p.2
16 de fevereiro de 1910	A eleição do regedor	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 16 de fevereiro de 1910, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
16 de fevereiro de 1910	Na fronteira russo-persa	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 16 de fevereiro de 1910, p.2
16 de fevereiro de 1910	Um ano depois	Comédia	Ambrosio	<i>O Pharol</i> , 16 de fevereiro de 1910, p.2
16 de fevereiro de 1910	Minha filha	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 16 de fevereiro de 1910, p.2
16 de fevereiro de 1910	O espiritista	Comédia	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 16 de fevereiro de 1910, p.2
18 de fevereiro de 1910	As lagoas Pontinas	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 18 de fevereiro de 1910, p.2
18 de fevereiro de 1910	A balança da justiça	Drama	Vitagraph	<i>O Pharol</i> , 18 de fevereiro de 1910, p.2
18 de fevereiro de 1910	Carrinhos de mão	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 18 de fevereiro de 1910, p.2
18 de fevereiro de 1910	Como se fabrica um barco	Natural	Pathé	<i>O Pharol</i> , 18 de fevereiro de 1910, p.2
18 de fevereiro de 1910	Uma lição de bicicleta	Comédia	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 18 de fevereiro de 1910, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
18 de fevereiro de 1910	A conquista de um dote	Drama	Pathé	<i>O Pharol</i> , 18 de fevereiro de 1910, p.2
18 de fevereiro de 1910	A força do hábito	Comédia	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 18 de fevereiro de 1910, p.2
19 de fevereiro de 1910	Instituto Pasteur	Natural	Eclipse	<i>O Pharol</i> , 19 de fevereiro de 1910, p.4
19 de fevereiro de 1910	A mártir de Pompeia	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 19 de fevereiro de 1910, p.4
19 de fevereiro de 1910	A ordem do rei	Comédia	Pathé	<i>O Pharol</i> , 19 de fevereiro de 1910, p.4
19 de fevereiro de 1910	O pássaro azul	Drama	Pathé	<i>O Pharol</i> , 19 de fevereiro de 1910, p.4
19 de fevereiro de 1910	O bilhete salvador	Drama	Vitagraph	<i>O Pharol</i> , 19 de fevereiro de 1910, p.4
19 de fevereiro de 1910	Um laráprio esperto	Comédia	Eclipse	<i>O Pharol</i> , 19 de fevereiro de 1910, p.4
20 de fevereiro de 1910	No reino do ferro	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de fevereiro de 1910, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
20 de fevereiro de 1910	Na sombra	Drama	Vitagraph	<i>O Pharol</i> , 20 de fevereiro de 1910, p.2
20 de fevereiro de 1910	Ano novo! Boas festas!	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de fevereiro de 1910, p.2
20 de fevereiro de 1910	A hora trágica	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de fevereiro de 1910, p.2
20 de fevereiro de 1910	Onde está o amolador?	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de fevereiro de 1910, p.2
20 de fevereiro de 1910	O fim de um belo sonho	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de fevereiro de 1910, p.2
20 de fevereiro de 1910	Confusão de chapéus	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de fevereiro de 1910, p.2
22 de fevereiro de 1910	As inundações de Paris	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de fevereiro de 1910, p.2
23 de fevereiro de 1910	As inundações de Paris	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de fevereiro de 1910, p.2
23 de fevereiro de 1910	A retirada de obreiro	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de fevereiro de 1910, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
23 de fevereiro de 1910	O caçador esperto	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de fevereiro de 1910, p.2
23 de fevereiro de 1910	O feiticeiro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de fevereiro de 1910, p.2
23 de fevereiro de 1910	O cão do voluntário	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de fevereiro de 1910, p.2
23 de fevereiro de 1910	O casamento de negros na Geórgia	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de fevereiro de 1910, p.2
23 de fevereiro de 1910	Gênio incompreensível	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de fevereiro de 1910, p.2
25 de fevereiro de 1910	O obstáculo de Schiller	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de fevereiro de 1910, p.1
25 de fevereiro de 1910	Felicidade destruída	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de fevereiro de 1910, p.1
26 de fevereiro de 1910	O pequeno Garibaldino	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de fevereiro de 1910, p.1
26 de fevereiro de 1910	Os dois marinheiros	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de fevereiro de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
27 de fevereiro de 1910	As mil astúcias de satanás	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 27 de fevereiro de 1910, p.1
28 de fevereiro de 1910	O caminho da cruz	Drama	Vitagraph	<i>O Pharol</i> , 27 de fevereiro de 1910, p.1
28 de fevereiro de 1910	O filtro do amor	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 27 de fevereiro de 1910, p.1
3 de março de 1910	Antiga cidade de Rouen	Natural	Éclair	<i>O Pharol</i> , 3 de março de 1910, p.2
3 de março de 1910	A doçura do perdão	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de março de 1910, p.2
3 de março de 1910	Terrível tufão	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de março de 1910, p.2
3 de março de 1910	As violetas	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de março de 1910, p.2
3 de março de 1910	Campanha romana	Drama / Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de março de 1910, p.2
3 de março de 1910	O caminho da cruz	Drama	Vitagraph	<i>O Pharol</i> , 3 de março de 1910, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
3 de março de 1910	Tentação	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de março de 1910, p.2
5 de março de 1910	Os caprichos do bebê	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de março de 1910, p.2
5 de março de 1910	O caminho da cruz	Drama	Vitagraph	<i>O Pharol</i> , 5 de março de 1910, p.2
5 de março de 1910	O filtro do amor	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de março de 1910, p.2
5 de março de 1910	O berço	Drama	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 5 de março de 1910, p.2
5 de março de 1910	A filha de confiança	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de março de 1910, p.2
5 de março de 1910	Idílio mortal	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de março de 1910, p.2
5 de março de 1910	Licor encantado	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de março de 1910, p.2
6 de março de 1910	Inauguração do monumento ao General San Martin	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 6 de março de 1910, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
6 de março de 1910	Hamlet	Drama	Lux	<i>O Pharol</i> , 6 de março de 1910, p.2
6 de março de 1910	Uma menina esperta e boa	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 6 de março de 1910, p.2
6 de março de 1910	Uma pérola maravilhosa	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 6 de março de 1910, p.2
6 de março de 1910	O doge de Veneza	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 6 de março de 1910, p.2
6 de março de 1910	A vizinha do maníaco	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 6 de março de 1910, p.2
8 de março de 1910	Annita Kellerman	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de março de 1910, p.2
8 de março de 1910	Senhora modelo	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de março de 1910, p.2
8 de março de 1910	Muito champanhe	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de março de 1910, p.2
8 de março de 1910	Traição por amor	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de março de 1910, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
8 de março de 1910	Tia Anastácia	Comédia	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 8 de março de 1910, p.2
8 de março de 1910	Carmen	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de março de 1910, p.2
8 de março de 1910	Did é um belo rapaz	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de março de 1910, p.2
10 de março de 1910	Danças internacionais	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de março de 1910, p.1
10 de março de 1910	Odisseia de um artista	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de março de 1910, p.1
10 de março de 1910	Cabeça a juros	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de março de 1910, p.1
10 de março de 1910	A consciência	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de março de 1910, p.1
10 de março de 1910	Annita Kellerman	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de março de 1910, p.1
10 de março de 1910	Romance da índia raptada	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de março de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
10 de março de 1910	A criada ideal	Comédia	Luca Comerio	<i>O Pharol</i> , 10 de março de 1910, p.1
12 de março de 1910	Festa de Aid el Kebir em Bengasi e Tripolitania	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 12 de março de 1910, p.1
12 de março de 1910	A viúva pobre	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 12 de março de 1910, p.1
12 de março de 1910	Um guarda eleito	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 12 de março de 1910, p.1
12 de março de 1910	Carmen	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 12 de março de 1910, p.1
12 de março de 1910	Um beijo bem merecido	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 12 de março de 1910, p.1
12 de março de 1910	Remorsos do escafandrista	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 12 de março de 1910, p.1
12 de março de 1910	A boceta de pandora	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 12 de março de 1910, p.1
13 de março de 1910	Torquato Tasso	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 13 de março de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
15 de março de 1910	Casamento abissínio	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 15 de março de 1910, p.1
15 de março de 1910	Fantástica história de minha vida	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 15 de março de 1910, p.1
15 de março de 1910	Cena de uma viagem	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 15 de março de 1910, p.1
15 de março de 1910	Canção de amor	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 15 de março de 1910, p.1
15 de março de 1910	Fenômeno de distração	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 15 de março de 1910, p.1
15 de março de 1910	Vingança do gaúcho	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 15 de março de 1910, p.1
15 de março de 1910	Pai irascível	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 15 de março de 1910, p.1
17 de março de 1910	Os velhos	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 17 de março de 1910, p.1
19 de março de 1910	Curso de canoas entre Paris e Trouville	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 19 de março de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
19 de março de 1910	Os órfãos	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 19 de março de 1910, p.1
19 de março de 1910	Rainha um dia	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 19 de março de 1910, p.1
19 de março de 1910	Piratas do amor	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 19 de março de 1910, p.1
19 de março de 1910	Quero matar-me	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 19 de março de 1910, p.1
19 de março de 1910	O pequeno vendeano	Drama	Ambrosio	<i>O Pharol</i> , 19 de março de 1910, p.1
19 de março de 1910	O cão de Maria	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 19 de março de 1910, p.1
20 de março de 1910	O filho do agente de polícia	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de março de 1910, p.1
20 de março de 1910	Nella de Loredano	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de março de 1910, p.1
22 de março de 1910	Nas regiões Árticas	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de março de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
22 de março de 1910	A presa	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de março de 1910, p.1
22 de março de 1910	Descanso festivo	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de março de 1910, p.1
22 de março de 1910	José vendido por seus irmãos	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de março de 1910, p.1
22 de março de 1910	A cavalaria de Savoia	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de março de 1910, p.1
22 de março de 1910	Torquato Tasso	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de março de 1910, p.1
22 de março de 1910	Que amor de crianças	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de março de 1910, p.1
23 de março de 1910	Jerusalém	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de março de 1910, p.1
23 de março de 1910	O lírio de ouro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de março de 1910, p.1
23 de março de 1910	Monte de São Miguel	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de março de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
23 de março de 1910	A pecadora	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de março de 1910, p.1
23 de março de 1910	Veneza	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de março de 1910, p.1
23 de março de 1910	Festim de Baltazar	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de março de 1910, p.1
23 de março de 1910	Fio da roca de Nossa Senhora	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de março de 1910, p.1
24 de março de 1910	Jerusalém	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de março de 1910, p.1
24 de março de 1910	O lírio de ouro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de março de 1910, p.1
24 de março de 1910	Monte de São Miguel	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de março de 1910, p.1
24 de março de 1910	A pecadora	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de março de 1910, p.1
24 de março de 1910	Veneza	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de março de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
24 de março de 1910	Festim de Baltazar	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de março de 1910, p.1
24 de março de 1910	Fio da roca de Nossa Senhora	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de março de 1910, p.1
26 de março de 1910	Os miseráveis	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de março de 1910, p.1
27 de março de 1910	Os miseráveis	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 27 de março de 1910, p.1
30 de março de 1910	As vagas gigantescas do Golfo de Gasconha	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 31 de março de 1910, p.1
30 de março de 1910	O rapto das Sabinas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 31 de março de 1910, p.1
31 de março de 1910	O rapto das Sabinas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 31 de março de 1910, p.1
1º de abril de 1910	O progresso	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de abril de 1910, p.1
1º de abril de 1910	Os óculos da bruxa	-----	Pathé	<i>O Pharol</i> , 1º de abril de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
1º de abril de 1910	Romance de uma botina e um sapatinho	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de abril de 1910, p.1
1º de abril de 1910	Mau caminho	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de abril de 1910, p.1
1º de abril de 1910	O casamento de Calino	Comédia	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 1º de abril de 1910, p.1
1º de abril de 1910	Uma súplica ao menino Jesus	-----	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 1º de abril de 1910, p.1
1º de abril de 1910	Não se esqueça de um pobre cego	-----	Pathé	<i>O Pharol</i> , 1º de abril de 1910, p.1
2 de abril de 1910	O progresso	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de abril de 1910, p.1
2 de abril de 1910	Os óculos da bruxa	-----	Pathé	<i>O Pharol</i> , 2 de abril de 1910, p.1
2 de abril de 1910	Romance de uma botina e um sapatinho	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de abril de 1910, p.1
2 de abril de 1910	Mau caminho	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de abril de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
2 de abril de 1910	O casamento de Calino	Comédia	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 2 de abril de 1910, p.1
2 de abril de 1910	Uma súplica ao menino Jesus	-----	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 2 de abril de 1910, p.1
2 de abril de 1910	Não se esqueça de um pobre cego	-----	Pathé	<i>O Pharol</i> , 2 de abril de 1910, p.1
3 de abril de 1910	Quisera ter um filho	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de abril de 1910, p.1
3 de abril de 1910	As quedas do Indra	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de abril de 1910, p.1
3 de abril de 1910	O inspetor dos bicos de gás	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de abril de 1910, p.1
5 de abril de 1910	O casamento de Calino	Comédia	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 5 de abril de 1910, p.1
5 de abril de 1910	As vagas gigantescas do Golfo da Gasconha	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de abril de 1910, p.1
7 de abril de 1910	Acrobatas sobre trapézio triplo	-----	Pathé	<i>O Pharol</i> , 7 de abril de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
7 de abril de 1910	A faceirice de Rosa	Comédia	Pathé	<i>O Pharol</i> , 7 de abril de 1910, p.1
7 de abril de 1910	Mesa diabólica	-----	Pathé	<i>O Pharol</i> , 7 de abril de 1910, p.1
7 de abril de 1910	A ramalheteira parisiense	-----	Pathé	<i>O Pharol</i> , 7 de abril de 1910, p.1
7 de abril de 1910	Ardil	-----	Pathé	<i>O Pharol</i> , 7 de abril de 1910, p.1
7 de abril de 1910	Ferragus	-----	Pathé	<i>O Pharol</i> , 7 de abril de 1910, p.1
7 de abril de 1910	O pesadelo do Dr. Chimpanzé	-----	Pathé	<i>O Pharol</i> , 7 de abril de 1910, p.1
8 de abril de 1910	As duas órfãs	Drama	Pathé	<i>O Pharol</i> , 8 de abril de 1910, p.1
8 de abril de 1910	Pela honra da família	Drama	Biograph	<i>O Pharol</i> , 8 de abril de 1910, p.1
8 de abril de 1910	As amabilidades da sogra	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de abril de 1910, p.1

Data	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
9 de abril de 1910	As duas órfãs	Drama	Pathé	<i>O Pharol</i> , 9 de abril de 1910, p.1
9 de abril de 1910	Pela honra da família	Drama	Biograph	<i>O Pharol</i> , 9 de abril de 1910, p.1
9 de abril de 1910	As amabilidades da sogra	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 9 de abril de 1910, p.1
10 de abril de 1910	Soldado por amor	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 9 de abril de 1910, p.1
10 de abril de 1910	A noiva do bateleiro	-----	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 10 de abril de 1910, p.1
10 de abril de 1910	Manon	-----	Pathé	<i>O Pharol</i> , 10 de abril de 1910, p.1
10 de abril de 1910	Ladrão bem-vindo	-----	Biograph	<i>O Pharol</i> , 10 de abril de 1910, p.1
12 de abril de 1910	As duas órfãs	Drama	Pathé	<i>O Pharol</i> , 12 de abril de 1910, p.1
12 de abril de 1910	Caprichos da sorte	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 12 de abril de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
13 de abril de 1910	Uma visita ao jardim zoológico da Antuérpia	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 14 de abril de 1910, p.1
14 de abril de 1910	A filha do curandeiro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 14 de abril de 1910, p.1
14 de abril de 1910	O Dr. Corta-toucinho	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 14 de abril de 1910, p.1
14 de abril de 1910	O inconsciente	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 14 de abril de 1910, p.1
14 de abril de 1910	A bela moleira	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 14 de abril de 1910, p.1
14 de abril de 1910	A fuga de um truão	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 14 de abril de 1910, p.1
14 de abril de 1910	Quando há para dois	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 14 de abril de 1910, p.1
15 de abril de 1910	A culpa da irmã mais velha	-----	Pathé	<i>O Pharol</i> , 15 de abril de 1910, p.1
15 de abril de 1910	Juramento do príncipe	Drama	Pathé	<i>O Pharol</i> , 15 de abril de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
15 de abril de 1910	Os descobridores	----	----	<i>O Pharol</i> , 16 de abril de 1910, p.1
15 de abril de 1910	A bolsa	----	----	<i>O Pharol</i> , 16 de abril de 1910, p.1
15 de abril de 1910	O cabide	----	----	<i>O Pharol</i> , 16 de abril de 1910, p.1
15 de abril de 1910	A herança do tio	----	----	<i>O Pharol</i> , 16 de abril de 1910, p.1
15 de abril de 1910	Os dois rendez-vous	----	----	<i>O Pharol</i> , 16 de abril de 1910, p.1
16 de abril de 1910	A culpa da irmã mais velha	----	Pathé	<i>O Pharol</i> , 16 de abril de 1910, p.1
16 de abril de 1910	Juramento do príncipe	Drama	Pathé	<i>O Pharol</i> , 16 de abril de 1910, p.1
16 de abril de 1910	Os descobridores	----	----	<i>O Pharol</i> , 16 de abril de 1910, p.1
16 de abril de 1910	A bolsa	----	----	<i>O Pharol</i> , 16 de abril de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
16 de abril de 1910	O cabide	----	----	<i>O Pharol</i> , 16 de abril de 1910, p.1
16 de abril de 1910	A herança do tio	----	----	<i>O Pharol</i> , 16 de abril de 1910, p.1
16 de abril de 1910	Os dois rendez-vous	----	----	<i>O Pharol</i> , 16 de abril de 1910, p.1
17 de abril de 1910	Sonho de arte	----	----	<i>O Pharol</i> , 17 de abril de 1910, p.1
17 de abril de 1910	Judith	----	----	<i>O Pharol</i> , 17 de abril de 1910, p.1
17 de abril de 1910	Nas margens do Danúbio	Natural	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 17 de abril de 1910, p.1
17 de abril de 1910	Muito amor e pouca vista	----	----	<i>O Pharol</i> , 17 de abril de 1910, p.1
17 de abril de 1910	O jogador	----	----	<i>O Pharol</i> , 17 de abril de 1910, p.1
17 de abril de 1910	A máquina de costura	----	----	<i>O Pharol</i> , 17 de abril de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
17 de abril de 1910	A inspiração	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 17 de abril de 1910, p.1
19 de abril de 1910	A vida de George Washington	-----	Vitagraph	<i>O Pharol</i> , 19 de abril de 1910, p.1
19 de abril de 1910	Repudiada no altar	-----	Biograph	<i>O Pharol</i> , 19 de abril de 1910, p.1
21 de abril de 1910	Vista curta	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 21 de abril de 1910, p.1
21 de abril de 1910	As aventuras de um chofer	-----	Pathé	<i>O Pharol</i> , 21 de abril de 1910, p.1
22 de abril de 1910	Frei Vicente	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de abril de 1910, p.1
24 de abril de 1910	Minas Gerais	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de abril de 1910, p.1
24 de abril de 1910	Páscoa Florentina	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de abril de 1910, p.1
24 de abril de 1910	Frei Vicente	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de abril de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
24 de abril de 1910	De Paris ao Mediterrâneo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de abril de 1910, p.1
24 de abril de 1910	Depois da tarefa	-----	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 27 de abril de 1910, p.1
26 de abril de 1910	Minas Gerais	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 27 de abril de 1910, p.1
26 de abril de 1910	Páscoa Florentina	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 27 de abril de 1910, p.1
26 de abril de 1910	Frei Vicente	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 27 de abril de 1910, p.1
26 de abril de 1910	De Paris ao Mediterrâneo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 27 de abril de 1910, p.1
26 de abril de 1910	Depois da tarefa	-----	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 27 de abril de 1910, p.1
27 de abril de 1910	Mousmés em visita	Natural	Pathé	<i>O Pharol</i> , 28 de abril de 1910, p.3
27 de abril de 1910	O mau hóspede	Drama	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 28 de abril de 1910, p.3

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
27 de abril de 1910	O marido dentro de um colchão	Comédia	Pathé	<i>O Pharol</i> , 28 de abril de 1910, p.3
27 de abril de 1910	O grande crime da pequena Martha	Drama	Pathé	<i>O Pharol</i> , 28 de abril de 1910, p.3
27 de abril de 1910	Casa em conserto	Comédia	Pathé	<i>O Pharol</i> , 28 de abril de 1910, p.3
27 de abril de 1910	Um cão agradecido	Drama	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 28 de abril de 1910, p.3
27 de abril de 1910	Fora... o feminismo	Comédia	Pathé	<i>O Pharol</i> , 28 de abril de 1910, p.3
28 de abril de 1910	Moussmés em visita	Natural	Pathé	<i>O Pharol</i> , 28 de abril de 1910, p.3
28 de abril de 1910	O mau hóspede	Drama	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 28 de abril de 1910, p.3
28 de abril de 1910	O marido dentro de um colchão	Comédia	Pathé	<i>O Pharol</i> , 28 de abril de 1910, p.3
28 de abril de 1910	O grande crime da pequena Martha	Drama	Pathé	<i>O Pharol</i> , 28 de abril de 1910, p.3

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
28 de abril de 1910	Casa em concerto	Comédia	Pathé	<i>O Pharol</i> , 28 de abril de 1910, p.3
28 de abril de 1910	Um cão agradecido	Drama	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 28 de abril de 1910, p.3
28 de abril de 1910	Fora... o feminismo	Comédia	Pathé	<i>O Pharol</i> , 28 de abril de 1910, p.3
29 de abril de 1910	Pedro, o grande	----	Pathé	<i>O Pharol</i> , 29 de abril de 1910, p.1
29 de abril de 1910	Espelho para os noivos	----	----	<i>O Pharol</i> , 30 de abril de 1910, p.1
29 de abril de 1910	O delegado melômano	----	----	<i>O Pharol</i> , 30 de abril de 1910, p.1
29 de abril de 1910	O mensageiro de Nossa Senhora	----	----	<i>O Pharol</i> , 30 de abril de 1910, p.1
29 de abril de 1910	Uma noite de casamento na aldeia	----	----	<i>O Pharol</i> , 30 de abril de 1910, p.1
29 de abril de 1910	Cagliostro	----	----	<i>O Pharol</i> , 30 de abril de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
29 de abril de 1910	Astúcia de marido	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de abril de 1910, p.1
30 de abril de 1910	Pedro, o grande	-----	Pathé	<i>O Pharol</i> , 30 de abril de 1910, p.1
30 de abril de 1910	Espelho para os noivos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de abril de 1910, p.1
30 de abril de 1910	O delegado melômano	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de abril de 1910, p.1
30 de abril de 1910	O mensageiro de Nossa Senhora	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de abril de 1910, p.1
30 de abril de 1910	Uma noite de casamento na aldeia	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de abril de 1910, p.1
30 de abril de 1910	Cagliostro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de abril de 1910, p.1
30 de abril de 1910	Astúcia de marido	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de abril de 1910, p.1
1º de maio de 1910	O pequeno repórter	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de abril de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
1º de maio de 1910	As viagens de Calino	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de maio de 1910, p.1
1º de maio de 1910	A miniatura	Drama	Pathé	<i>O Pharol</i> , 1º de maio de 1910, p.1
1º de maio de 1910	Um grande discurso	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de maio de 1910, p.1
1º de maio de 1910	A pastorinha	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de maio de 1910, p.1
1º de maio de 1910	O 7º dia do divórcio	-----	Biograph	<i>O Pharol</i> , 1º de maio de 1910, p.1
1º de maio de 1910	Duelo cômico	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 1º de maio de 1910, p.1
3 de maio de 1910	Estratagem do cupido	-----	Biograph	<i>O Pharol</i> , 3 de maio de 1910, p.1
3 de maio de 1910	Vingança de uma amante	-----	Biograph	<i>O Pharol</i> , 3 de maio de 1910, p.1
3 de maio de 1910	O ingrato	-----	Biograph	<i>O Pharol</i> , 3 de maio de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
3 de maio de 1910	A escrava branca	-----	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 3 de maio de 1910, p.1
5 de maio de 1910	Minas Gerais	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de maio de 1910, p.1
7 de maio de 1910	Inauguração da Linha de Tiro Duque de Caxias	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de maio de 1910, p.1
8 de maio de 1910	Cristóvão Colombo	-----	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 8 de maio de 1910, p.1
8 de maio de 1910	Chantecler	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de maio de 1910, p.1
12 de maio de 1910	O engenhoso atentado	Comédia	Pathé	<i>O Pharol</i> , 12 de maio de 1910, p.1
12 de maio de 1910	Calino quer suicidar-se	Comédia	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 12 de maio de 1910, p.1
12 de maio de 1910	O ex-réu	Drama	Pathé	<i>O Pharol</i> , 12 de maio de 1910, p.1
12 de maio de 1910	O país de fogo	Natural	Éclair	<i>O Pharol</i> , 12 de maio de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
12 de maio de 1910	O barbeiro de Sevilha	Comédia	Pathé	<i>O Pharol</i> , 12 de maio de 1910, p.1
12 de maio de 1910	Clarinda no colégio	Comédia	Pathé	<i>O Pharol</i> , 12 de maio de 1910, p.1
12 de maio de 1910	Noite antiga	-----	Pathé	<i>O Pharol</i> , 12 de maio de 1910, p.1
15 de maio de 1910	O crime do marinheiro	-----	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 15 de maio de 1910, p.1
15 de maio de 1910	A mãe do condenado	-----	Ítala	<i>O Pharol</i> , 15 de maio de 1910, p.1
20 de maio de 1910	As sombras da noite	-----	Biograph	<i>O Pharol</i> , 20 de maio de 1910, p.1
20 de maio de 1910	As ninfas das florestas	-----	Biograph	<i>O Pharol</i> , 20 de maio de 1910, p.1
22 de maio de 1910	A vida por um fio	Drama	Biograph	<i>O Pharol</i> , 22 de maio de 1910, p.1
22 de maio de 1910	Esther	-----	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 22 de maio de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
24 de maio de 1910	Esther	-----	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 24 de maio de 1910, p.1
29 de maio de 1910	O ano mil ou o Cometa de Halley	Comédia	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 29 de maio de 1910, p.1
29 de maio de 1910	Campeão de Bowling	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de maio de 1910, p.1
29 de maio de 1910	Arnaldo, o traidor e André, o espião	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de maio de 1910, p.1
29 de maio de 1910	Uma mobília impagável	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de maio de 1910, p.1
29 de maio de 1910	Mentiras necessárias	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de maio de 1910, p.1
29 de maio de 1910	Numa província da Itália	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de maio de 1910, p.1
29 de maio de 1910	Sejamos galantes	Comédia	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 29 de maio de 1910, p.1
2 de junho de 1910	A fatalidade	-----	Biograph	<i>O Pharol</i> , 2 de junho de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
4 de junho de 1910	Pesca na Oceania	----	----	<i>O Pharol</i> , 4 de junho de 1910, p.1
4 de junho de 1910	Pobre mocinha	----	----	<i>O Pharol</i> , 4 de junho de 1910, p.1
4 de junho de 1910	O sonho do policial	----	----	<i>O Pharol</i> , 4 de junho de 1910, p.1
4 de junho de 1910	Negócio de honra	----	----	<i>O Pharol</i> , 4 de junho de 1910, p.1
4 de junho de 1910	Um defensor da virtude	----	----	<i>O Pharol</i> , 4 de junho de 1910, p.1
4 de junho de 1910	No mau caminho	----	----	<i>O Pharol</i> , 4 de junho de 1910, p.1
4 de junho de 1910	Ambição de Constantino Careca	----	----	<i>O Pharol</i> , 4 de junho de 1910, p.1
5 de junho de 1910	Semana Santa em Sevilha	----	----	<i>O Pharol</i> , 5 de junho de 1910, p.1
5 de junho de 1910	O meio soldo	----	----	<i>O Pharol</i> , 5 de junho de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
5 de junho de 1910	O cão justiceiro	-----	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 5 de junho de 1910, p.1
7 de junho de 1910	Rodolpho de Habsburgo	Drama	Cines	<i>O Pharol</i> , 7 de junho de 1910, p.1
7 de junho de 1910	A mão negra	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 7 de junho de 1910, p.1
8 de junho de 1910	Sob o terror	Drama	Pathé	<i>O Pharol</i> , 9 de junho de 1910, p.1
8 de junho de 1910	Os hóspedes do ar	Natural	Pathé	<i>O Pharol</i> , 9 de junho de 1910, p.1
8 de junho de 1910	A samaritana	-----	Pathé	<i>O Pharol</i> , 9 de junho de 1910, p.1
9 de junho de 1910	Sob o terror	Drama	Pathé	<i>O Pharol</i> , 9 de junho de 1910, p.1
9 de junho de 1910	Os hóspedes do ar	Natural	Pathé	<i>O Pharol</i> , 9 de junho de 1910, p.1
9 de junho de 1910	História do vestuário	-----	Pathé	<i>O Pharol</i> , 9 de junho de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
9 de junho de 1910	O filho do pescador	-----	Vitagraph	<i>O Pharol</i> , 9 de junho de 1910, p.1
9 de junho de 1910	Os bons companheiros	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 9 de junho de 1910, p.1
9 de junho de 1910	A samaritana	-----	Pathé	<i>O Pharol</i> , 9 de junho de 1910, p.1
9 de junho de 1910	Amor e queijo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 9 de junho de 1910, p.1
12 de junho de 1910	Consciência de um louco	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 12 de junho de 1910, p.1
12 de junho de 1910	Fatal moeda de ouro	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 12 de junho de 1910, p.1
12 de junho de 1910	Uma vítima do jogo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 12 de junho de 1910, p.1
14 de junho de 1910	Anna de Mescovia	-----	Cines	<i>O Pharol</i> , 14 de junho de 1910, p.1
14 de junho de 1910	A obra de Jacques Serval	-----	Pathé	<i>O Pharol</i> , 14 de junho de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
15 de junho de 1910	Caça montada e com cães	Natural	Pathé	<i>O Pharol</i> , 16 de junho de 1910, p.1
15 de junho de 1910	O naufrago	----	----	<i>O Pharol</i> , 16 de junho de 1910, p.1
15 de junho de 1910	Júlio, o homem reclame	----	----	<i>O Pharol</i> , 16 de junho de 1910, p.1
15 de junho de 1910	Para a imortalidade	----	----	<i>O Pharol</i> , 16 de junho de 1910, p.1
15 de junho de 1910	O príncipe se diverte	----	----	<i>O Pharol</i> , 16 de junho de 1910, p.1
15 de junho de 1910	Uma aventura secreta de Maria Antonieta	----	----	<i>O Pharol</i> , 16 de junho de 1910, p.1
15 de junho de 1910	Uma prova difícil	----	----	<i>O Pharol</i> , 16 de junho de 1910, p.1
16 de junho de 1910	Caça montada e com cães	Natural	Pathé	<i>O Pharol</i> , 16 de junho de 1910, p.1
16 de junho de 1910	O naufrago	----	----	<i>O Pharol</i> , 16 de junho de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
16 de junho de 1910	Júlio, o homem reclame	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 16 de junho de 1910, p.1
16 de junho de 1910	Para a imortalidade	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 16 de junho de 1910, p.1
16 de junho de 1910	O príncipe se diverte	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 16 de junho de 1910, p.1
16 de junho de 1910	Uma aventura secreta de Maria Antonieta	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 16 de junho de 1910, p.1
16 de junho de 1910	Uma prova difícil	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 16 de junho de 1910, p.1
18 de junho de 1910	A casa sem filho	Drama	Pathé	<i>O Pharol</i> , 18 de junho de 1910, p.1
19 de junho de 1910	Caça montada e com cães	Natural	Pathé	<i>O Pharol</i> , 19 de junho de 1910, p.2
19 de junho de 1910	O especial do presidente	Drama	Edison	<i>O Pharol</i> , 19 de junho de 1910, p.1
19 de junho de 1910	Troca de corações	-----	Biograph	<i>O Pharol</i> , 19 de junho de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
19 de junho de 1910	A morte de Cambyses, o rei da Pérsia	----	----	<i>O Pharol</i> , 19 de junho de 1910, p.1
19 de junho de 1910	Contrabandistas à moderna	----	----	<i>O Pharol</i> , 19 de junho de 1910, p.1
19 de junho de 1910	Maldita guerra	----	----	<i>O Pharol</i> , 19 de junho de 1910, p.1
19 de junho de 1910	Quando surge a criança	----	----	<i>O Pharol</i> , 19 de junho de 1910, p.1
19 de junho de 1910	Jim, Plick e Plock	----	----	<i>O Pharol</i> , 19 de junho de 1910, p.1
21 de junho de 1910	Júlio César	Drama	Ítala	<i>O Pharol</i> , 21 de junho de 1910, p.1
23 de junho de 1910	O duelo do Dr. Vista-Curta	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de junho de 1910, p.1
23 de junho de 1910	Caça aos lobos na Rússia	Natural	Pathé	<i>O Pharol</i> , 23 de junho de 1910, p.1
23 de junho de 1910	Coração de pai	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de junho de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
23 de junho de 1910	Árvore da felicidade	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de junho de 1910, p.1
23 de junho de 1910	Gratidão do sineiro	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de junho de 1910, p.1
23 de junho de 1910	Malícia de policial	----	----	<i>O Pharol</i> , 23 de junho de 1910, p.1
23 de junho de 1910	Branca de Neve	Drama	----	<i>O Pharol</i> , 23 de junho de 1910, p.1
25 de junho de 1910	Travessia de Londres a Manchester	----	----	<i>O Pharol</i> , 25 de junho de 1910, p.1
25 de junho de 1910	Romance de um Pierrot	----	----	<i>O Pharol</i> , 25 de junho de 1910, p.2
26 de junho de 1910	Caça aos lobos na Rússia	----	----	<i>O Pharol</i> , 26 de junho de 1910, p.1
26 de junho de 1910	O maquinista	----	----	<i>O Pharol</i> , 26 de junho de 1910, p.1
26 de junho de 1910	Um jornal anticatólico	----	----	<i>O Pharol</i> , 26 de junho de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
26 de junho de 1910	A morte de Sócrates	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de junho de 1910, p.1
26 de junho de 1910	O espelho	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de junho de 1910, p.1
26 de junho de 1910	O valente Paladino Roldão	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de junho de 1910, p.1
26 de junho de 1910	A polícia no ano 2000	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de junho de 1910, p.1
28 de junho de 1910	A fuga de Monsieur de La Valette	-----	Pathé	<i>O Pharol</i> , 28 de junho de 1910, p.1
30 de junho de 1910	Extração de perfumes	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de junho de 1910, p.1
30 de junho de 1910	Werther	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de junho de 1910, p.1
30 de junho de 1910	Amigos, amigos, negócios à parte	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de junho de 1910, p.1
30 de junho de 1910	O amigo do pastor	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de junho de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
30 de junho de 1910	Uma corrida de touros em Oram	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de junho de 1910, p.1
30 de junho de 1910	Dolorosa e verídica história do Menestrel Catalan	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de junho de 1910, p.1
30 de junho de 1910	O revólver arranja tudo	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de junho de 1910, p.1
1º de julho de 1910	O ouro não dá felicidade	-----	Biograph	<i>O Pharol</i> , 1º de julho de 1910, p.1
2 de julho de 1910	A mulher nas Índias	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de julho de 1910, p.1
2 de julho de 1910	O perdão da ofensa	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de julho de 1910, p.1
2 de julho de 1910	Fantasma na aldeia	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de julho de 1910, p.1
2 de julho de 1910	O talismã	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de julho de 1910, p.1
2 de julho de 1910	O ouro não dá felicidade	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de julho de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
2 de julho de 1910	Fim do mundo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de julho de 1910, p.1
2 de julho de 1910	Steeplechasing em Punchester, Irlanda	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de julho de 1910, p.1
3 de julho de 1910	A vertigem	-----	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 3 de julho de 1910, p.1
3 de julho de 1910	Os dois sargentos	Drama	Ítala	<i>O Pharol</i> , 3 de julho de 1910, p.1
3 de julho de 1910	Os funerais de Eduardo VII	Natural	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 3 de julho de 1910, p.1
3 de julho de 1910	Drama nas Índias	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de julho de 1910, p.1
3 de julho de 1910	Calino advogado	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de julho de 1910, p.1
3 de julho de 1910	Nas margens do Ganges	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de julho de 1910, p.1
3 de julho de 1910	Automóvel original	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de julho de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
5 de julho de 1910	Os filhos do diabo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de julho de 1910, p.1
9 de julho de 1910	O trovador	Drama	Pathé	<i>O Pharol</i> , 9 de julho de 1910, p.1
9 de julho de 1910	A mão do destino	-----	Vitagraph	<i>O Pharol</i> , 9 de julho de 1910, p.1
9 de julho de 1910	A indústria do mel	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 9 de julho de 1910, p.1
9 de julho de 1910	Aventura agitada	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 9 de julho de 1910, p.1
9 de julho de 1910	Caça à pantera	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 9 de julho de 1910, p.1
9 de julho de 1910	Humilde amor	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 9 de julho de 1910, p.1
9 de julho de 1910	José sumido	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 9 de julho de 1910, p.1
10 de julho de 1910	Lancelot du Lac e Helena	Drama	Vitagraph	<i>O Pharol</i> , 10 de julho de 1910, p.4

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
10 de julho de 1910	O pescador e o gênio	----	Pathé	<i>O Pharol</i> , 10 de julho de 1910, p.4
14 de julho de 1910	Lutas aéreas	----	----	<i>O Pharol</i> , 14 de julho de 1910, p.1
14 de julho de 1910	A criança roubada	----	----	<i>O Pharol</i> , 14 de julho de 1910, p.1
14 de julho de 1910	Herança incomodativa	----	----	<i>O Pharol</i> , 14 de julho de 1910, p.1
14 de julho de 1910	O fantasma	----	----	<i>O Pharol</i> , 14 de julho de 1910, p.1
14 de julho de 1910	Obsessão da buzina	----	----	<i>O Pharol</i> , 14 de julho de 1910, p.1
14 de julho de 1910	O guia	----	----	<i>O Pharol</i> , 14 de julho de 1910, p.1
14 de julho de 1910	Emília modista	----	----	<i>O Pharol</i> , 14 de julho de 1910, p.1
16 de julho de 1910	Vulcões em Java	----	----	<i>O Pharol</i> , 16 de julho de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
16 de julho de 1910	A pele de gato	----	----	<i>O Pharol</i> , 16 de julho de 1910, p.1
16 de julho de 1910	A vingança de Bob	----	----	<i>O Pharol</i> , 16 de julho de 1910, p.1
16 de julho de 1910	As duas irmãs	----	----	<i>O Pharol</i> , 16 de julho de 1910, p.1
16 de julho de 1910	Rivalidade de dois guias	----	----	<i>O Pharol</i> , 16 de julho de 1910, p.1
16 de julho de 1910	Boa ventura	----	----	<i>O Pharol</i> , 16 de julho de 1910, p.1
16 de julho de 1910	Manequim por amor	----	----	<i>O Pharol</i> , 16 de julho de 1910, p.1
17 de julho de 1910	Supremo reconhecimento	----	Ítala	<i>O Pharol</i> , 17 de julho de 1910, p.1
22 de julho de 1910	O Padre Nosso	----	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 21 de julho de 1910, p.1
22 de julho de 1910	Romance de uma amazona	Drama	----	<i>O Pharol</i> , 22 de julho de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
22 de julho de 1910	Vistas do oceano em São João da Luz	----	----	<i>O Pharol</i> , 22 de julho de 1910, p.1
22 de julho de 1910	Vingança de contrabandista	----	----	<i>O Pharol</i> , 22 de julho de 1910, p.1
22 de julho de 1910	Estampilhas endiabradas	----	----	<i>O Pharol</i> , 22 de julho de 1910, p.1
22 de julho de 1910	O namorado	----	----	<i>O Pharol</i> , 22 de julho de 1910, p.1
23 de julho de 1910	O Padre Nosso	----	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 23 de julho de 1910, p.1
24 de julho de 1910	Electra	----	----	<i>O Pharol</i> , 24 de julho de 1910, p.1
24 de julho de 1910	Lagos italianos	Natural	----	<i>O Pharol</i> , 24 de julho de 1910, p.1
24 de julho de 1910	O passado	----	----	<i>O Pharol</i> , 24 de julho de 1910, p.1
26 de julho de 1910	O Padre Nosso	----	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 26 de julho de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
26 de julho de 1910	Passagens das Cordilheiras dos Andes	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de julho de 1910, p.1
26 de julho de 1910	A flauta de Pan	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de julho de 1910, p.1
26 de julho de 1910	Lavadeiras não são para os reis	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de julho de 1910, p.1
26 de julho de 1910	Candidatura feminista	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de julho de 1910, p.1
28 de julho de 1910	Fra Diavolo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 28 de julho de 1910, p.1
29 de julho de 1910	A noiva do castelo maldito	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de julho de 1910, p.1
29 de julho de 1910	As estreias do Sr. Delegado	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de julho de 1910, p.1
29 de julho de 1910	Calcutá ilustrado	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de julho de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
29 de julho de 1910	Marina	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de julho de 1910, p.1
29 de julho de 1910	Um explorador de escândalos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de julho de 1910, p.1
30 de julho de 1910	A noiva do castelo maldito	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de julho de 1910, p.1
31 de julho de 1910	Drama nos Balcãs	-----	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 31 de julho de 1910, p.1
31 de julho de 1910	Salomé	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 31 de julho de 1910, p.1
31 de julho de 1910	A borboleta	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 31 de julho de 1910, p.1
31 de julho de 1910	Pesadelo de mãe	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 31 de julho de 1910, p.1
31 de julho de 1910	Coudelaria na Argélia	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 31 de julho de 1910, p.1
31 de julho de 1910	Um conquistador sem sorte	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 31 de julho de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
2 de agosto de 1910	As horas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de agosto de 1910, p.1
2 de agosto de 1910	A intriga da marquesa	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de agosto de 1910, p.1
2 de agosto de 1910	Mme. tem vocação para polícia	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de agosto de 1910, p.1
2 de agosto de 1910	Delito de um pai	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de agosto de 1910, p.1
2 de agosto de 1910	Conspiração de meninas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de agosto de 1910, p.1
2 de agosto de 1910	Ânfora maravilhosa	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de agosto de 1910, p.1
4 de agosto de 1910	Taberneiro Joé	Drama	Biograph	<i>O Pharol</i> , 4 de agosto de 1910, p.1
6 de agosto de 1910	Na fronteira da Etiópia	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 6 de agosto de 1910, p.1
6 de agosto de 1910	Fumaça e embriaguez	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 6 de agosto de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
6 de agosto de 1910	O perjúrio	----	----	<i>O Pharol</i> , 6 de agosto de 1910, p.1
6 de agosto de 1910	O bom doutor	----	----	<i>O Pharol</i> , 6 de agosto de 1910, p.1
6 de agosto de 1910	O diabo coxo	----	Ambrosio	<i>O Pharol</i> , 6 de agosto de 1910, p.1
6 de agosto de 1910	Os efeitos das pílulas	----	----	<i>O Pharol</i> , 6 de agosto de 1910, p.1
7 de agosto de 1910	Salomé	----	Pathé	<i>O Pharol</i> , 7 de agosto de 1910, p.1
7 de agosto de 1910	O beijo do pastor	----	----	<i>O Pharol</i> , 7 de agosto de 1910, p.1
7 de agosto de 1910	Os quatro alfaiates	----	----	<i>O Pharol</i> , 7 de agosto de 1910, p.1
7 de agosto de 1910	O último dos Stuarts	----	----	<i>O Pharol</i> , 7 de agosto de 1910, p.1
7 de agosto de 1910	As vítimas do dever e da ciência	----	----	<i>O Pharol</i> , 7 de agosto de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
7 de agosto de 1910	A entrevista	----	----	<i>O Pharol</i> , 7 de agosto de 1910, p.1
11 de agosto de 1910	Poemas antigos	----	----	<i>O Pharol</i> , 11 de agosto de 1910, p.1
11 de agosto de 1910	O arcanjo	----	----	<i>O Pharol</i> , 11 de agosto de 1910, p.1
11 de agosto de 1910	Pobre mãe	----	----	<i>O Pharol</i> , 11 de agosto de 1910, p.1
11 de agosto de 1910	Masaniello	----	----	<i>O Pharol</i> , 11 de agosto de 1910, p.1
12 de agosto de 1910	Poemas antigos	----	----	<i>O Pharol</i> , 12 de agosto de 1910, p.1
12 de agosto de 1910	O arcanjo	----	----	<i>O Pharol</i> , 12 de agosto de 1910, p.1
12 de agosto de 1910	Pobre mãe	----	----	<i>O Pharol</i> , 12 de agosto de 1910, p.1
12 de agosto de 1910	Masaniello	----	----	<i>O Pharol</i> , 12 de agosto de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
13 de agosto de 1910	Uma alma erguida do lamaçal do indiferentismo	-----	Biograph	<i>O Pharol</i> , 13 de agosto de 1910, p.1
13 de agosto de 1910	Os Pirineus	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 13 de agosto de 1910, p.1
13 de agosto de 1910	Consciência de miserável	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 13 de agosto de 1910, p.1
13 de agosto de 1910	Exposição de cães	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 13 de agosto de 1910, p.1
13 de agosto de 1910	A segunda mãe	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 13 de agosto de 1910, p.1
13 de agosto de 1910	Uma lição de bicicleta	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 13 de agosto de 1910, p.1
14 de agosto de 1910	A garrafa de leite	Drama	Pathé	<i>O Pharol</i> , 14 de agosto de 1910, p.1
14 de agosto de 1910	O criminoso hipnotizador	-----	Biograph	<i>O Pharol</i> , 14 de agosto de 1910, p.1
14 de agosto de 1910	A filha de Jefté	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 14 de agosto de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
14 de agosto de 1910	Sacrifício de Yvonne	Drama	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 14 de agosto de 1910, p.1
15 de agosto de 1910	O abismo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 14 de agosto de 1910, p.1
15 de agosto de 1910	A consciência	Drama	Vitagraph	<i>O Pharol</i> , 14 de agosto de 1910, p.1
17 de agosto de 1910	Os micróbios	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 17 de agosto de 1910, p.1
17 de agosto de 1910	O castigo do Samurai	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 17 de agosto de 1910, p.1
17 de agosto de 1910	Conspiração do Conde de Forgas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 17 de agosto de 1910, p.1
17 de agosto de 1910	Um jantar perdido	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 17 de agosto de 1910, p.1
18 de agosto de 1910	Pesca de sardinhas	-----	Cines	<i>O Pharol</i> , 19 de agosto de 1910, p.1
18 de agosto de 1910	Um drama na Sardenha	-----	Cines	<i>O Pharol</i> , 19 de agosto de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
18 de agosto de 1910	O sino	-----	Cines	<i>O Pharol</i> , 19 de agosto de 1910, p.1
18 de agosto de 1910	Uma moderna Penélope	-----	Cines	<i>O Pharol</i> , 19 de agosto de 1910, p.1
18 de agosto de 1910	A voz do sangue	-----	Cines	<i>O Pharol</i> , 19 de agosto de 1910, p.1
18 de agosto de 1910	Os noivos	-----	Cines	<i>O Pharol</i> , 19 de agosto de 1910, p.1
18 de agosto de 1910	Infortúnio de um carteiro	-----	Cines	<i>O Pharol</i> , 19 de agosto de 1910, p.1
19 de agosto de 1910	Pesca de sardinhas	-----	Cines	<i>O Pharol</i> , 19 de agosto de 1910, p.1
19 de agosto de 1910	Um drama na Sardenha	-----	Cines	<i>O Pharol</i> , 19 de agosto de 1910, p.1
19 de agosto de 1910	O sino	-----	Cines	<i>O Pharol</i> , 19 de agosto de 1910, p.1
19 de agosto de 1910	Uma moderna Penélope	-----	Cines	<i>O Pharol</i> , 19 de agosto de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
19 de agosto de 1910	A voz do sangue	-----	Cines	<i>O Pharol</i> , 19 de agosto de 1910, p.1
19 de agosto de 1910	Os noivos	-----	Cines	<i>O Pharol</i> , 19 de agosto de 1910, p.1
19 de agosto de 1910	Infortúnio de um carteiro	-----	Cines	<i>O Pharol</i> , 19 de agosto de 1910, p.1
20 de agosto de 1910	As peregrinações de Pepita	Drama	Biograph	<i>O Pharol</i> , 20 de agosto de 1910, p.1
20 de agosto de 1910	Poesia da vida	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de agosto de 1910, p.1
20 de agosto de 1910	O bem pelo mal	Drama	Ítala	<i>O Pharol</i> , 20 de agosto de 1910, p.1
21 de agosto de 1910	A região de Fucino	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 21 de agosto de 1910, p.1
21 de agosto de 1910	O Conde Roberto, o diabo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 21 de agosto de 1910, p.1
21 de agosto de 1910	Casamento de americana	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 21 de agosto de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
21 de agosto de 1910	A sacrificada	----	----	<i>O Pharol</i> , 21 de agosto de 1910, p.1
21 de agosto de 1910	Calino na sua nova casa	----	----	<i>O Pharol</i> , 21 de agosto de 1910, p.1
21 de agosto de 1910	Amor e traição	----	----	<i>O Pharol</i> , 21 de agosto de 1910, p.1
21 de agosto de 1910	Os três irmãos	----	----	<i>O Pharol</i> , 21 de agosto de 1910, p.1
25 de agosto de 1910	O avô	----	Cines	<i>O Pharol</i> , 25 de agosto de 1910, p.1
25 de agosto de 1910	A consciência	Drama	Vitagraph	<i>O Pharol</i> , 25 de agosto de 1910, p.1
25 de agosto de 1910	O papai Martin	----	----	<i>O Pharol</i> , 25 de agosto de 1910, p.1
25 de agosto de 1910	Cenas de Oron	Natural	----	<i>O Pharol</i> , 25 de agosto de 1910, p.1
27 de agosto de 1910	A vida de Napoleão	----	----	<i>O Pharol</i> , 27 de agosto de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
27 de agosto de 1910	Uma casa bem governada	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 28 de agosto de 1910, p.1
27 de agosto de 1910	A justiceira	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 28 de agosto de 1910, p.1
27 de agosto de 1910	O testamento	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 28 de agosto de 1910, p.1
30 de agosto de 1910	Romanoe nas montanhas do Oeste	-----	Biograph	<i>O Pharol</i> , 30 de agosto de 1910, p.1
30 de agosto de 1910	O triunfo do jovem ministro	-----	Biograph	<i>O Pharol</i> , 30 de agosto de 1910, p.1
1º de setembro de 1910	Luiza Miller	-----	Ítala	<i>O Pharol</i> , 1º de setembro de 1910, p.1
1º de setembro de 1910	Carmen	Drama	Le Film d'Art	<i>O Pharol</i> , 1º de setembro de 1910, p.1
1º de setembro de 1910	Sacrifício de Martha	-----	Cines	<i>O Pharol</i> , 1º de setembro de 1910, p.1
4 de setembro de 1910	Catarina, duquesa de Guise	-----	Cines	<i>O Pharol</i> , 4 de setembro de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
4 de setembro de 1910	Coronel aos 25 anos	Drama	Cines	<i>O Pharol</i> , 4 de setembro de 1910, p.1
4 de setembro de 1910	A partida do Sr. Dr. Saenz Peña	----	----	<i>O Pharol</i> , 4 de setembro de 1910, p.1
4 de setembro de 1910	Costa d'Azur	----	----	<i>O Pharol</i> , 4 de setembro de 1910, p.1
4 de setembro de 1910	O primeiro amor	----	----	<i>O Pharol</i> , 4 de setembro de 1910, p.1
4 de setembro de 1910	Amigos da infância	----	----	<i>O Pharol</i> , 4 de setembro de 1910, p.1
4 de setembro de 1910	A bengala do papai	----	----	<i>O Pharol</i> , 4 de setembro de 1910, p.1
8 de setembro de 1910	Quo Vadis?	----	Le Film d'Art	<i>O Pharol</i> , 8 de setembro de 1910, p.1
9 de setembro de 1910	Quo Vadis?	----	Le Film d'Art	<i>O Pharol</i> , 9 de setembro de 1910, p.1
11 de setembro de 1910	Ignez Visconti	Drama	Ítala	<i>O Pharol</i> , 10 de setembro de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
11 de setembro de 1910	A loucura de uma moça	-----	Éclair	<i>O Pharol</i> , 11 de setembro de 1910, p.1
11 de setembro de 1910	O garoto de Paris	-----	Éclair	<i>O Pharol</i> , 11 de setembro de 1910, p.1
15 de setembro de 1910	Romance na América Central	Drama	Edison	<i>O Pharol</i> , 15 de setembro de 1910, p.1
15 de setembro de 1910	Estrelita	-----	Ambrosio	<i>O Pharol</i> , 15 de setembro de 1910, p.1
17 de setembro de 1910	As duas mães	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 17 de setembro de 1910, p.1
18 de setembro de 1910	Subiaco e os mosteiros dos beneditinos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 18 de setembro de 1910, p.1
18 de setembro de 1910	Heroísmo de mãe	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 18 de setembro de 1910, p.1
18 de setembro de 1910	Tontolini faz o salto mortal	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 18 de setembro de 1910, p.1
18 de setembro de 1910	As duas mães	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 18 de setembro de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
18 de setembro de 1910	O amor vigilante	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 18 de setembro de 1910, p.1
18 de setembro de 1910	A escrava de Ali	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 18 de setembro de 1910, p.1
18 de setembro de 1910	O relógio endiabrado	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 18 de setembro de 1910, p.1
22 de setembro de 1910	Lançamento do dreadnought Dante Alighieri e a artilharia italiana	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de setembro de 1910, p.1
22 de setembro de 1910	Cinq mars	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de setembro de 1910, p.1
22 de setembro de 1910	Esconderijo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de setembro de 1910, p.1
24 de setembro de 1910	A mãe repudiada	Drama	Éclair	<i>O Pharol</i> , 24 de setembro de 1910, p.2
25 de setembro de 1910	Regresso do emigrado	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de setembro de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
25 de setembro de 1910	Ginhara, fiel até a morte	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de setembro de 1910, p.1
25 de setembro de 1910	A mãe repudiada	Drama	Éclair	<i>O Pharol</i> , 25 de setembro de 1910, p.1
25 de setembro de 1910	Heroísmo do pequeno pastor	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de setembro de 1910, p.1
27 de setembro de 1910	A peregrinação à Aparecida	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 27 de setembro de 1910, p.1
27 de setembro de 1910	Sapho, a bela e encantadora filha do Parnasso	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 27 de setembro de 1910, p.1
28 de setembro de 1910	A peregrinação à Aparecida	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 28 de setembro de 1910, p.1
29 de setembro de 1910	A peregrinação à Aparecida	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de setembro de 1910, p.1
29 de setembro de 1910	Turim artístico e panorâmico	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de setembro de 1910, p.1
29 de setembro de 1910	Caluniada	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de setembro de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
29 de setembro de 1910	Anita Garibaldi	Drama	Cines	<i>O Pharol</i> , 29 de setembro de 1910, p.1
29 de setembro de 1910	Garoto que promete	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de setembro de 1910, p.1
30 de setembro de 1910	Couraceiros italianos	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de setembro de 1910, p.1
30 de setembro de 1910	Câmara secreta	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de setembro de 1910, p.1
2 de outubro de 1910	Messalina	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de outubro de 1910, p.1
2 de outubro de 1910	Orgulho	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de outubro de 1910, p.1
2 de outubro de 1910	Excursão sobre o Lago de Guarda	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de outubro de 1910, p.1
2 de outubro de 1910	A fascinadora	-----	Éclair	<i>O Pharol</i> , 2 de outubro de 1910, p.1
2 de outubro de 1910	Prisão difícil	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de outubro de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
2 de outubro de 1910	O guarda da represa	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de outubro de 1910, p.1
2 de outubro de 1910	Tontolini e a cozinheira	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de outubro de 1910, p.1
6 de outubro de 1910	A peregrinação à Aparecida	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 5 de outubro de 1910, p.1
8 de outubro de 1910	A peregrinação à Aparecida	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de outubro de 1910, p.1
9 de outubro de 1910	A peregrinação à Aparecida	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 9 de outubro de 1910, p.1
9 de outubro de 1910	Alain de Sivigny	Drama	Éclair	<i>O Pharol</i> , 9 de outubro de 1910, p.1
9 de outubro de 1910	Avareza	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 9 de outubro de 1910, p.1
9 de outubro de 1910	Vestal	-----	Ítala	<i>O Pharol</i> , 9 de outubro de 1910, p.1
11 de outubro de 1910	Vestal	-----	Ítala	<i>O Pharol</i> , 11 de outubro de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
11 de outubro de 1910	Um drama na fazenda	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de outubro de 1910, p.1
11 de outubro de 1910	Matteo Falcone	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de outubro de 1910, p.1
16 de outubro de 1910	As grandes manobras do exército francês em 14 de setembro, com a presença do Senhor Marechal Hermes da Fonseca	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 16 de outubro de 1910, p.1
16 de outubro de 1910	Triste herança	Drama	Cines	<i>O Pharol</i> , 16 de outubro de 1910, p.1
16 de outubro de 1910	A bela dama de Narbonne	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 16 de outubro de 1910, p.1
16 de outubro de 1910	Luxúria	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 16 de outubro de 1910, p.1
16 de outubro de 1910	A luva	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 16 de outubro de 1910, p.1
16 de outubro de 1910	Entusiasmo do descanso festivo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 16 de outubro de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
18 de outubro de 1910	A vida de Moisés	-----	Vitagraph	<i>O Pharol</i> , 18 de outubro de 1910, p.1
19 de outubro de 1910	A vida de Moisés	-----	Vitagraph	<i>O Pharol</i> , 19 de outubro de 1910, p.1
20 de outubro de 1910	Beatriz Lascari, Condessa de Tenda	Drama	Cines	<i>O Pharol</i> , 20 de outubro de 1910, p.1
20 de outubro de 1910	Pela honra da irmã	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de outubro de 1910, p.1
20 de outubro de 1910	As irmãs Bartels	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de outubro de 1910, p.1
20 de outubro de 1910	Messina que ressurge	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de outubro de 1910, p.1
20 de outubro de 1910	Did pescador	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de outubro de 1910, p.1
21 de outubro de 1910	Beatriz Lascari, Condessa de Tenda	Drama	Cines	<i>O Pharol</i> , 21 de outubro de 1910, p.1
22 de outubro de 1910	A honra	Drama	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 22 de outubro de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
22 de outubro de 1910	Dois galos que nunca brigaram	Comédia	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 22 de outubro de 1910, p.1
23 de outubro de 1910	A vida de Moisés	-----	Vitagraph	<i>O Pharol</i> , 23 de outubro de 1910, p.1
23 de outubro de 1910	Grandes manobras navais da esquadra italiana	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de outubro de 1910, p.2
23 de outubro de 1910	O segredo do Corcunda	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de outubro de 1910, p.2
23 de outubro de 1910	O preço de um sacrifício	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de outubro de 1910, p.2
23 de outubro de 1910	Inveja	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de outubro de 1910, p.2
23 de outubro de 1910	A serenata	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de outubro de 1910, p.2
23 de outubro de 1910	Bilhete de camarote	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de outubro de 1910, p.2
23 de outubro de 1910	Noite na Arábia	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 23 de outubro de 1910, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
25 de outubro de 1910	Grandes manobras navais da esquadra italiana	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de outubro de 1910, p.1
25 de outubro de 1910	O segredo do Corcunda	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de outubro de 1910, p.1
25 de outubro de 1910	Bilhete de camarote	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de outubro de 1910, p.1
25 de outubro de 1910	O pesadelo de Pierrot	-----	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 25 de outubro de 1910, p.1
25 de outubro de 1910	A serenata	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de outubro de 1910, p.1
25 de outubro de 1910	Noite na Arábia	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 25 de outubro de 1910, p.1
25 de outubro de 1910	Velho conquistador		Gaumont	<i>O Pharol</i> , 25 de outubro de 1910, p.1
26 de outubro de 1910	A peregrinação à Aparecida	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 26 de outubro de 1910, p.1
27 de outubro de 1910	João de Médiçi	Drama	Cines	<i>O Pharol</i> , 27 de outubro de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
27 de outubro de 1910	Mistérios da ponte dos suspiros	-----	Ítala	<i>O Pharol</i> , 27 de outubro de 1910, p.1
29 de outubro de 1910	Étienne Marcel	-----	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 29 de outubro de 1910, p.1
30 de outubro de 1910	Enterrado vivo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de outubro de 1910, p.1
30 de outubro de 1910	Mania do idiota	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de outubro de 1910, p.1
30 de outubro de 1910	Traço de união	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de outubro de 1910, p.1
30 de outubro de 1910	Lugano e seus lagos	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de outubro de 1910, p.1
30 de outubro de 1910	Gula	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de outubro de 1910, p.1
30 de outubro de 1910	Ira	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de outubro de 1910, p.1
30 de outubro de 1910	Preguiça	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de outubro de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
30 de outubro de 1910	Patrão das minas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de outubro de 1910, p.1
30 de outubro de 1910	Descoberta de Tontolini	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de outubro de 1910, p.1
1º de novembro de 1910	Amalfi e Salerno	Natural	Cines	<i>O Pharol</i> , 1º de novembro de 1910, p.2
1º de novembro de 1910	Conjuração de Catilina	Drama	Cines	<i>O Pharol</i> , 1º de novembro de 1910, p.2
1º de novembro de 1910	Descoberta de Tontolini	Comédia	Cines	<i>O Pharol</i> , 1º de novembro de 1910, p.2
1º de novembro de 1910	A noiva do médico	Drama	Lubin	<i>O Pharol</i> , 1º de novembro de 1910, p.2
1º de novembro de 1910	No reino do ferro	Natural	Cines	<i>O Pharol</i> , 1º de novembro de 1910, p.2
1º de novembro de 1910	Aventura da Baronesa Carini	Drama	Cines	<i>O Pharol</i> , 1º de novembro de 1910, p.2
1º de novembro de 1910	Desgraça de um velho libertino	Comédia	Ítala	<i>O Pharol</i> , 1º de novembro de 1910, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
2 de novembro de 1910	A filha de Jefté	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de novembro de 1910, p.1
2 de novembro de 1910	O arcanjo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de novembro de 1910, p.1
2 de novembro de 1910	Piedade	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de novembro de 1910, p.1
2 de novembro de 1910	O filho pródigo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de novembro de 1910, p.1
2 de novembro de 1910	O mais belo dia da vida	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 2 de novembro de 1910, p.1
3 de novembro de 1910	A revolução em Portugal	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 3 de novembro de 1910, p.1
3 de novembro de 1910	Uma tragédia em Bizâncio	-----	Le Film d'Art	<i>O Pharol</i> , 3 de novembro de 1910, p.1
4 de novembro de 1910	A revolução em Portugal	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 4 de novembro de 1910, p.1
4 de novembro de 1910	Dom João Serralongo	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 4 de novembro de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
5 de novembro de 1910	As duas mágoas	-----	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 5 de novembro de 1910, p.1
5 de novembro de 1910	O ajuste de contas	-----	Biograph	<i>O Pharol</i> , 5 de novembro de 1910, p.1
6 de novembro de 1910	O êxodo	Drama	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 5 de novembro de 1910, p.1
6 de novembro de 1910	Coração de guerreiro	Drama	Éclair	<i>O Pharol</i> , 5 de novembro de 1910, p.1
6 de novembro de 1910	Cuide bem do armário	Comédia	Éclair	<i>O Pharol</i> , 6 de novembro de 1910, p.2
6 de novembro de 1910	Que pérola de menino!	Comédia	Ítala	<i>O Pharol</i> , 6 de novembro de 1910, p.2
6 de novembro de 1910	As três princesas árabes	Drama	Cines	<i>O Pharol</i> , 6 de novembro de 1910, p.2
6 de novembro de 1910	Tontolini e Coió, rivais em amor	Comédia	Cines	<i>O Pharol</i> , 6 de novembro de 1910, p.2
8 de novembro de 1910	A extração de enxofre	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de novembro de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
8 de novembro de 1910	O jasmim	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de novembro de 1910, p.1
8 de novembro de 1910	Duas mulheres e um homem	-----	Biograph	<i>O Pharol</i> , 8 de novembro de 1910, p.1
8 de novembro de 1910	Mala misteriosa	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 8 de novembro de 1910, p.1
10 de novembro de 1910	O correio do imperador	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de novembro de 1910, p.1
10 de novembro de 1910	A virgem da Babilônia	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de novembro de 1910, p.1
10 de novembro de 1910	As trevas	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 10 de novembro de 1910, p.1
13 de novembro de 1910	Greve geral dos empregados da E. F. de Paris	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 13 de novembro de 1910, p.1
13 de novembro de 1910	Lucia entre dois corações	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 13 de novembro de 1910, p.1
13 de novembro de 1910	Léa no mar	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 13 de novembro de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
13 de novembro de 1910	Êmulo de Jack Johnson	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 13 de novembro de 1910, p.1
13 de novembro de 1910	O rei de Thule	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 13 de novembro de 1910, p.1
13 de novembro de 1910	Verona de Cibo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 13 de novembro de 1910, p.1
13 de novembro de 1910	Tricot bebeu o remédio do cavalo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 13 de novembro de 1910, p.1
17 de novembro de 1910	Alta traição	-----	Cines	<i>O Pharol</i> , 17 de novembro de 1910, p.1
17 de novembro de 1910	Calúnia	Comédia	Cines	<i>O Pharol</i> , 17 de novembro de 1910, p.1
17 de novembro de 1910	Carlos IX e Catarina de Médici	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 17 de novembro de 1910, p.1
20 de novembro de 1910	O almoço do imperador	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de novembro de 1910, p.2
20 de novembro de 1910	Inveja e cruel expiação	-----	Le Film d'Art	<i>O Pharol</i> , 20 de novembro de 1910, p.2

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
20 de novembro de 1910	Léa em serviço	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de novembro de 1910, p.2
20 de novembro de 1910	Descida em barcos na Garganta de Ardèche	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de novembro de 1910, p.2
20 de novembro de 1910	Os hábitos do amigo cego	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de novembro de 1910, p.2
20 de novembro de 1910	Ruína e traição	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de novembro de 1910, p.2
20 de novembro de 1910	Extração sem dor	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de novembro de 1910, p.2
21 de novembro de 1910	O dia 15 de novembro em Belo Horizonte	Natural	Filme de Lindolpho Rocha, técnico do Cinema Pharol	<i>O Pharol</i> , 22 de novembro de 1910, p.1
22 de novembro de 1910	O dia 15 de novembro em Belo Horizonte	Natural	Filme de Lindolpho Rocha, técnico do Cinema Pharol	<i>O Pharol</i> , 22 de novembro de 1910, p.1
24 de novembro de 1910	Lealdade	-----	Biograph	<i>O Pharol</i> , 24 de novembro de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
24 de novembro de 1910	As duas nobrezas	-----	Cines	<i>O Pharol</i> , 24 de novembro de 1910, p.1
24 de novembro de 1910	Prodígios da Estrada de Ferro Alpina	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 24 de novembro de 1910, p.1
25 de novembro de 1910	Dois irmãos na guerra	-----	Biograph	<i>O Pharol</i> , 25 de novembro de 1910, p.2
27 de novembro de 1910	O vendedor de pássaros	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 27 de novembro de 1910, p.2
29 de novembro de 1910	A forja	Drama	Ambrosio	<i>O Pharol</i> , 29 de novembro de 1910, p.1
1º de dezembro de 1910	O colar de ouro	Comédia	Biograph	<i>O Pharol</i> , 1º de dezembro de 1910, p.1
1º de dezembro de 1910	A legenda da Myrthocléa	Drama	Le Film d'Art	<i>O Pharol</i> , 1º de dezembro de 1910, p.1
1º de dezembro de 1910	A forja	Drama	Ambrosio	<i>O Pharol</i> , 1º de dezembro de 1910, p.1
2 de dezembro de 1910	A legenda da Myrthocléa	Drama	Le Film d'Art	<i>O Pharol</i> , 2 de dezembro de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
4 de dezembro de 1910	Palermo monumental	Natural	Cines	<i>O Pharol</i> , 4 de dezembro de 1910, p.1
4 de dezembro de 1910	A outra mãe	Drama	Éclair	<i>O Pharol</i> , 4 de dezembro de 1910, p.1
4 de dezembro de 1910	Did voluntário da Cruz Vermelha	Comédia	Ítala	<i>O Pharol</i> , 4 de dezembro de 1910, p.1
4 de dezembro de 1910	A filha do cego	Drama	Cines	<i>O Pharol</i> , 4 de dezembro de 1910, p.1
4 de dezembro de 1910	As célebres cascatas de Krimml (Tyrol)	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 4 de dezembro de 1910, p.1
4 de dezembro de 1910	O erro da avó	Comédia	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 4 de dezembro de 1910, p.1
4 de dezembro de 1910	Tontolini dentista	Comédia	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 4 de dezembro de 1910, p.1
8 de dezembro de 1910	A tomada de Zaragoza	-----	Ambrosio	<i>O Pharol</i> , 8 de dezembro de 1910, p.1
8 de dezembro de 1910	Augusta, imperatriz de Roma	Drama	Le Film d'Art	<i>O Pharol</i> , 8 de dezembro de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
9 de dezembro de 1910	A tomada de Zaragoza	-----	Ambrosio	<i>O Pharol</i> , 9 de dezembro de 1910, p.1
9 de dezembro de 1910	Augusta, imperatriz de Roma	Drama	Le Film d'Art	<i>O Pharol</i> , 9 de dezembro de 1910, p.1
11 de dezembro de 1910	Suplício de um pai	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de dezembro de 1910, p.1
11 de dezembro de 1910	Zaira	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de dezembro de 1910, p.1
11 de dezembro de 1910	Excursão ao Monte Branco	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de dezembro de 1910, p.1
11 de dezembro de 1910	O retrato da mamãe	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de dezembro de 1910, p.1
11 de dezembro de 1910	O ciclo da vida	Drama	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de dezembro de 1910, p.1
11 de dezembro de 1910	Os retratos enfeitados	Comédia	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de dezembro de 1910, p.1
12 de dezembro de 1910	O dia de Imaculada Conceição em Juiz de Fora	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 11 de dezembro de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
15 de dezembro de 1910	Vileza	Drama	Le Film d'Art	<i>O Pharol</i> , 15 de dezembro de 1910, p.1
15 de dezembro de 1910	O dia de Imaculada Conceição em Juiz de Fora	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 15 de dezembro de 1910, p.1
16 de dezembro de 1910	O dia de Imaculada Conceição em Juiz de Fora	Natural	-----	<i>O Pharol</i> , 16 de dezembro de 1910, p.1
17 de dezembro de 1910	O conde de Monte Cristo	Drama	Ambrosio	<i>O Pharol</i> , 17 de dezembro de 1910, p.1
17 de dezembro de 1910	Ordem de serviço	-----	Gaumont	<i>O Pharol</i> , 17 de dezembro de 1910, p.1
18 de dezembro de 1910	O conde de Monte Cristo	Drama	Ambrosio	<i>O Pharol</i> , 18 de dezembro de 1910, p.1
18 de dezembro de 1910	A gôndola negra	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 18 de dezembro de 1910, p.1
18 de dezembro de 1910	Justiça real	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 18 de dezembro de 1910, p.1
20 de dezembro de 1910	A gôndola negra	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de dezembro de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
20 de dezembro de 1910	Moderno filho pródigo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de dezembro de 1910, p.1
20 de dezembro de 1910	Bombardeio da Ilha das Cobras	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 20 de dezembro de 1910, p.1
22 de dezembro de 1910	Juiz e pai	Drama	Ítala	<i>O Pharol</i> , 22 de dezembro de 1910, p.1
22 de dezembro de 1910	A herdeira	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de dezembro de 1910, p.1
22 de dezembro de 1910	Um assalto a uma diligência	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de dezembro de 1910, p.1
22 de dezembro de 1910	Cachorro limpa chaminés	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de dezembro de 1910, p.1
22 de dezembro de 1910	História divertida	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de dezembro de 1910, p.1
22 de dezembro de 1910	Um dia ventoso	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 22 de dezembro de 1910, p.1
24 de dezembro de 1910	Milagres da vida do Nosso Senhor Jesus Cristo	-----	Pathé	<i>O Pharol</i> , 24 de dezembro de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
27 de dezembro de 1910	As proezas de Rocambole	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 27 de dezembro de 1910, p.1
28 de dezembro de 1910	A vida e a morte de São Paulo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 28 de dezembro de 1910, p.1
28 de dezembro de 1910	As proezas de Rocambole	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 28 de dezembro de 1910, p.1
29 de dezembro de 1910	A vida e a morte de São Paulo	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de dezembro de 1910, p.1
29 de dezembro de 1910	A escrava de Cartagena	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de dezembro de 1910, p.1
29 de dezembro de 1910	Dívida penosa	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de dezembro de 1910, p.1
29 de dezembro de 1910	Como a cobiça arruinou o Natal de Did	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 29 de dezembro de 1910, p.1
30 de dezembro de 1910	A escrava de Cartagena	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de dezembro de 1910, p.1
30 de dezembro de 1910	Dívida penosa	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de dezembro de 1910, p.1

Data de Exibição	Título	Gênero	Empresa Produtora	Fonte
30 de dezembro de 1910	Como a cobiça arruinou o Natal de Did	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 30 de dezembro de 1910, p.1
31 de dezembro de 1910	A escrava de Cartagena	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 31 de dezembro de 1910, p.1
31 de dezembro de 1910	Dívida penosa	-----	-----	<i>O Pharol</i> , 31 de dezembro de 1910, p.1

Esta jornada não teria sido possível sem o apoio de todos
que acreditaram no valor do conhecimento e na força da colaboração.

Obrigado!